



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM
JORNALISMO**

BIANCA MOREIRA SILVA CARNEIRO

**DE FREIRA A SANTA:
CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE SANTA DULCE DOS POBRES
PELO JORNAL A TARDE**

Salvador
2021

BIANCA MOREIRA SILVA CARNEIRO

**DE FREIRA A SANTA:
CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE SANTA DULCE DOS POBRES
PELO JORNAL A TARDE**

Monografia apresentada ao curso de graduação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação com habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Ivanise Hilbig de Andrade

Salvador
2021

Em memória de Irmã Dulce.

Tudo o que acontece no universo tem uma razão de ser; um objetivo. Nós, como seres humanos, temos uma só lição na vida: seguir em frente e ter a certeza de que apesar de as vezes estar no escuro, o sol vai voltar a brilhar.

Irmã Dulce

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pelos dons da vida, saúde e inteligência que me permitiram seguir até aqui, especialmente neste momento de pandemia que tem sugado as energias físicas, emocionais e espirituais de tantas pessoas.

À mulher mais forte e inspiradora que conheço, minha mãe Nívea Carneiro, por todo o amor, carinho e cuidado. Eu te amo, mãe.

À minha orientadora, professora Ivanise Andrade, por toda a dedicação em me guiar na realização deste trabalho. Obrigada, por sempre mostrar o melhor caminho, me acalmar nos momentos de dúvida e puxar a minha orelha, com muito afeto e paciência.

Ao professor Giovandro Ferreira por tão gentilmente aceitar o convite para a banca.

À Caio Nascimento, por me apresentar o mundo da pesquisa em comunicação e religião, indicar leituras importantes e participar da minha banca.

Ao meu ex-tutor do Programa de Educação Tutorial (PET), professor Fabio Sadao, responsável por despertar e apoiar o meu desenvolvimento no mundo acadêmico e profissional.

Aos meus irmãos Arielle e Michel Carneiro, que embora não entendessem porque eu passava horas e horas no computador, me ajudaram no que foi possível.

Aos meus *pets*: Havana, Psirico, Mel e Miminha, cuja simples existência colabora para o meu bem-estar, sobretudo nos dias mais difíceis.

Ao meu querido amigo Daniel Aloísio pela parceria e cumplicidade na vida pessoal, faculdade e religião.

Aos amigos do PET (meus Petanjos): Ana Paula Lacerda, Caroline Magalhães, Verena Guimarães, Thídila Salim, Daniel Brito, Elias Malê, Renato Meira, Levy Teles e Mateus “do CA”, que me mostraram que eu não estava sozinha na Facom, e mesmo fora dela, continuam deixando meus dias mais divertidos no grupo do whatsapp.

Às minhas grandes amigas: Amanda Fernandes, Brenda Brito, Graciele Gonçalves, Cibele Menezes, Geisa Dias, Daniela Reis, Luana Ribeiro, Milena Nascimento e Rosiele Barreto, fiéis escudeiras de vida.

Ao querido padre Paulo Roberto Reis, pela amizade e por me ajudar com algumas compreensões sobre a tradição católica relevantes para o trabalho, além de rezar por mim.

Ao Encontro de Jovens com Cristo (EJC) de São Cristóvão, pela importância fundamental para a minha vivência cristã católica.

Ao Grupo A TARDE, e de modo especial aos colegas e ex-colegas do Portal, pelas oportunidades de inserção no mercado de trabalho e contribuição nas jornadas profissional e pessoal.

Por fim, mas não menos especial, ao meu pai, Arnor Carneiro, que foi embora cedo, mas permanece em meu coração.

Senhor, fazei de mim um instrumento da Vossa paz.

Onde houver ódio, que eu leve o amor.

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.

Onde houver discórdia, que eu leve a união.

Onde houver dúvidas, que eu leve a fé.

Onde houver erro, que eu leve a verdade.

Onde houver desespero, que eu leve a esperança.

Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.

Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais:

consolar, que ser consolado;

compreender, que ser compreendido;

amar, que ser amado.

Pois é dando que se recebe.

É perdoando que se é perdoado.

E é morrendo que se vive para a vida eterna.

Oração de São Francisco

RESUMO

Um dos acontecimentos religiosos mais importantes da última década para o Brasil foi a canonização da baiana Irmã Dulce. Em outubro de 2019, a freira, que já era conhecida como beata, recebeu da Igreja Católica o título de Santa Dulce dos Pobres. Diante de um contexto de midiatização da religião cada vez mais complexo, este trabalho tem como objetivo analisar a construção discursiva da imagem da Santa Dulce dos Pobres pelo jornal A TARDE, a partir da série de reportagens intitulada “Para sempre, Dulce”, veiculada entre os meses de agosto e outubro de 2019, por ocasião da canonização. Por meio do aparato teórico-metodológico da Análise de Discurso de linha francesa, o estudo busca entender como as 20 publicações do impresso baiano construíram o sentido de santidade para a religiosa através das estratégias discursivas utilizadas e da articulação entre as matérias significantes.

Palavras-chave: Midiatização da Religião; Jornalismo; Análise de Discurso; Santa Dulce; Jornal A TARDE.

ABSTRACT

One of the most important events for Brazil in the last decade was the canonization of the Bahian Sister Dulce. In October, 2019, the nun, who was known as *beata*, received the title of Saint Dulce of the Poor from the Catholic Church. Given the increasingly complex context of media focus on religion, this study has as its aim to analyze the discursive construction of the image of Saint Dulce of the Poor by the newspaper A TARDE, based on a series of news articles entitled “Always, Dulce”, written between the months of August and October, 2019, on the occasion of her canonization. Through the theoretico-methodological apparatus of Discourse Analysis of the French school, the research seeks to understand how the 20 publications of the Bahian press constructed the sense of saintliness for the religious figure through the discursive strategies used and through the connections between the major articles.

Keywords: Media of Religion; Journalism; Discourse Analysis; Saint Dulce; Newspaper A TARDE.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Edição de A TARDE do dia 21 de junho de 1954, com texto "Não pode entrar na Coreia" sobre Irmã Dulce	56
Figura 2 - Edição de A TARDE do dia 31 de julho de 1979, com texto "Com São Francisco de Assis, ela é a própria caridade" sobre Irmã Dulce.....	57
Figura 3 - Edição de A TARDE do dia 25 de maio de 1984, com texto "Irmã Dulce faz 70 anos pedindo pelos pobres	58
Figura 4 - Capa de A TARDE do dia 25 de maio de 1984, com manchete "Morreu a santa Irmã Dulce"	59
Figura 5 - Edição de A TARDE do dia 15 de março de 1997, com texto "Fiéis e o clero querem Irmã Dulce beatificada"	60
Figura 6 - Logomarca da série de reportagens	63
Figura 7 - Matéria "Bahia é a terra que exerce atração para santos"	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tipos de fontes citadas nas reportagens 74

Tabela 2 - Exemplos de frases que fazem referência direta à ideia de santidade..... 77

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. VIDA E OBRA DE IRMÃ DULCE	16
1.1. IGREJA CATÓLICA E CANONIZAÇÃO	24
1.2. O JORNAL A TARDE E A COBERTURA DA CANONIZAÇÃO.....	27
1.2.1. “Para sempre, Dulce”	30
2. O DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE RELIGIÃO EM UMA SOCIEDADE MIDIATIZADA	32
2.1. MUDIATIZAÇÃO DA RELIGIÃO.....	35
2.2. RELIGIÃO EM PAUTA: CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E DISCURSO JORNALÍSTICO	39
2.3. O JORNAL IMPRESSO E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO	43
2.4. ANÁLISE DE DISCURSO: QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO DO DISCURSO MEDIÁTICO	46
2.5. PERCURSO ANALÍTICO DA SÉRIE DE REPORTAGENS “PARA SEMPRE, DULCE”	51
3. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE SANTA DULCE DOS POBRES PELO JORNAL A TARDE	54
3.1. DESCRIÇÃO DO <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE.....	61
3.2. ANÁLISE IMAGÉTICA DE “PARA SEMPRE, DULCE”	62
3.3. ANÁLISE TEXTUAL DE “PARA SEMPRE, DULCE”	73
3.4. A SANTA DULCE DOS POBRES DE A TARDE.....	84
3.4.1. Uma Santa que se doava totalmente ao próximo	84
3.4.2. Uma Santa admirada	85
3.4.3. Uma Santa que operou diversos milagres	86
3.4.4. Uma Santa canonizada pelo povo	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90

REFERÊNCIAS	93
APÊNDICE A – DESCRIÇÃO DAS REPORTAGENS ANALISADAS.....	98
ANEXOS	118

INTRODUÇÃO

Presentes desde os primórdios da humanidade, as crenças religiosas sempre estiveram fortemente ligadas às sociedades, de forma a influenciarem a conduta dos indivíduos e provocarem transformações na ordem social em suas mais diversas esferas como política, economia e cultura. Tal incorporação da religiosidade como um elemento participante do pensamento humano continua persistindo nas sociedades modernas, onde os valores, princípios éticos e tradições advindas da crença religiosa ganham espaço em áreas decisivas para a convivência em comunidade, entre as quais, a mídia.

Embora pesquisas apontem que as diversas correntes religiosas vêm perdendo adeptos ao redor do mundo nas últimas décadas, o fenômeno religioso não desapareceu da contemporaneidade e as mídias constituem uma forma de provar tal fato, já que além de servirem como fonte de informações sobre a religião, como é o caso dos noticiários, elas também se apoiam em ideias religiosas para construir conteúdo próprio. Um exemplo disso está na variedade de produtos midiáticos voltados ao entretenimento e que possuem raízes na religião, a exemplo de filmes, novelas e livros que abordam universos bíblicos, mágicos ou sobrenaturais.

De população majoritariamente religiosa – metade dos brasileiros, por exemplo, se declara católica, enquanto 31% da população é adepta a religiões protestantes e 7,3% a outras religiões¹ – a sociedade, no Brasil, recebe, em termos políticos e sociais, forte influência de líderes e fiéis pertencentes aos variados discursos religiosos presentes no país. Tal conjuntura acaba influenciando a seleção e o destaque de fatos envolvendo o tema da religião como produto noticioso e garantindo o seu valor-notícia nas publicações impressas.

Em 2019, a canonização da freira baiana Maria Rita de Sousa Brito Lopes Pontes, a Irmã Dulce (1914-1992), foi um dos fatos religiosos mais noticiados no Brasil, sendo destaque até na imprensa internacional. Ela ficou conhecida a partir dos anos 30 pelo seu intenso ativismo social, do qual resultou a fundação de um dos maiores centros de saúde e educação do país. Após o reconhecimento, pelo Vaticano, de dois milagres que teriam sido realizados por ela depois da sua morte, a religiosa se tornou a primeira pessoa legitimamente brasileira a ganhar o título de santa pela Igreja Católica. O processo de canonização foi o terceiro mais rápido da

¹Segundo pesquisa do Instituto Datafolha realizada em dezembro de 2019 e publicada em janeiro de 2020 pelo portal de notícias G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2021.

história, ficando atrás apenas da canonização do Papa João Paulo II (1920-2005) e de Madre Teresa de Calcutá (1910-1997).

Porém, para além de apenas acompanhar a cerimônia de canonização, os veículos de comunicação se dedicaram antecipadamente a produzir diversos materiais sobre Irmã Dulce, de forma a explorar sua vida e obra. Tal conteúdo, construído principalmente pelo destaque à gestão das Obras Sociais Irmã Dulce (Osid), e pelo resgate de memórias da religiosa e de seus devotos, muitas vezes, parecia reafirmar o merecimento do seu reconhecimento enquanto santa e legitimar os milagres atribuídos a ela.

Entre os veículos que noticiaram exaustivamente a ascensão da freira ao título de santa, está o jornal A TARDE, o mais antigo impresso baiano em circulação e, também, um dos mais antigos do Brasil. De propriedade do Grupo A TARDE de Comunicação, o impresso produziu uma série de reportagens composta de 20 matérias, intitulada “Para sempre, Dulce”, publicada às terças-feiras e em alguns domingos, entre os dias 13 de agosto de 2019 e 21 de outubro de 2019.

Diante do exposto, esta pesquisa é guiada pelo seguinte questionamento: Como a série de reportagens “Para sempre, Dulce” construiu a imagem de Santa Dulce dos Pobres durante a cobertura da canonização em 2019? O ponto de partida é, que, ao construir discursivamente o processo de canonização de Irmã Dulce em suas reportagens, o jornal A TARDE contribuiu para que o leitor legitimasse o título de santa a ela atribuído.

Partindo da perspectiva da análise de discurso, o trabalho analisa o discurso de um veículo de comunicação impresso (jornal A TARDE) sobre a canonização de Santa Dulce dos Pobres. A intenção é mostrar como o jornal constrói e apresenta a santa em suas páginas. Compreende-se que mesmo que a publicação se considere informativa e não opinativa, a construção discursiva dela e de qualquer outro suporte, não está livre de deixar a marca de seu posicionamento institucional e discursivo.

Em meio a esta midiaticização frequente da religião e, no caso específico desta pesquisa, da canonização de Santa Dulce dos Pobres, buscou-se verificar como se processa o discurso empregado por veículos de comunicação acerca das crenças religiosas, ou seja, de que forma elas são retratadas e quais são os sentidos operados. Um dos tipos de discurso midiático, o discurso jornalístico, mesmo que siga certas regras quanto à apresentação dos fatos, também constrói sentidos próprios e posicionamentos que por sua vez, ajudam a formar opinião e interferem nas crenças e visões de mundo das pessoas. Uma das formas de se analisar os sentidos operados pelo discurso jornalístico é recorrer à área da Análise de Discurso, que pode

ser aplicada às mais variadas formas de veiculação de informações, com destaque para a linguagem escrita. Neste contexto, o formato de jornal impresso representa o objeto de estudo deste trabalho.

Sendo o catolicismo o segmento religioso com mais adeptos no Brasil até o momento, este trabalho possui, além de uma pertinência prática e teórica para o estudo de Religião e da Comunicação em suas diversas vertentes, uma importância sob o ponto de vista da escolha de um tema que faz parte do próprio cotidiano de grande parcela da população brasileira.

Outra questão a ser ressaltada é que a canonização é um acontecimento relativamente recente e envolve uma personalidade baiana cuja atuação ocorreu principalmente em Salvador e regiões adjacentes, o que torna o trabalho, não só viável de ser executado, como também, relevante para o próprio campo de conhecimento local. Após algumas pesquisas realizadas em repositórios voltados a trabalhos acadêmicos, percebe-se que a canonização de Santa Dulce dos Pobres ainda foi pouco explorada, o que pode tornar esta pesquisa uma das pioneiras sobre a temática.

É interessante citar, ainda, que o problema aqui colocado decorre de observação pessoal da pesquisadora. Através da própria vivência católica e profissional, como estagiária do Portal A TARDE, veículo online ligado ao jornal A TARDE, foi possível observar o aumento das demandas de conteúdos que exploravam a vida e a obra de Irmã Dulce, assim como acompanhar a repercussão da imagem construída entre colegas de trabalho e leitores. Além disso, tal aproximação entre os produtos do Grupo A TARDE (site e impresso) também favoreceu o conhecimento sobre a série de reportagens.

A presente monografia está organizada em três capítulos. No primeiro, realiza-se a apresentação da história de vida de Irmã Dulce, do nascimento até a efetiva canonização, trazendo questões como o início do ativismo social da religiosa, a sua opção por integrar o clero da Igreja Católica, a relação com os menos favorecidos e, com políticos e poderosos, que ajudavam na manutenção da filantropia. Em seguida, são discutidas algumas particularidades hierárquicas da Igreja Católica, como por exemplo, os requisitos para ser considerado um “santo” pela instituição e a diferença entre os outros títulos existentes, dos quais a baiana já obteve dois: os de “venerável” e “bem-aventurada”.

Na sequência, é apresentado o jornal A TARDE, com a disponibilização de informações relevantes sobre o veículo e a série de reportagens “Para sempre, Dulce”. O segundo capítulo é dedicado à revisão bibliográfica do aparato teórico-metodológico da pesquisa, em especial sobre os conceitos de midiatização e midiatização da religião, jornalismo

e a construção de acontecimentos e a análise de discurso. No terceiro, apresenta-se a análise empreendida sobre a construção da imagem da religiosa, pelo jornal A TARDE, por meio da análise da série de reportagens já citada.

1. VIDA E OBRA DE IRMÃ DULCE

“De hoje em diante não te chamarás mais Maria Rita Pontes e sim, Irmã Dulce” (ROCHA, 2019, p. 43). Proferida pelo sacerdote que presidia a missa solene de confirmação do noviciado na Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição, em Sergipe, a sentença consagrou o nome que se tornaria um dos mais conhecidos em todo o Brasil. Outrora pertencente à classe média-alta, a jovem de 19 anos renunciou ao seu *status* social e à sua antiga vida para se dedicar à fé. No entanto, seria, principalmente, fora das paredes da Igreja Católica que ela iria construir o seu legado marcado pelo ativismo social voltado aos menos favorecidos².

A soteropolitana, de nome completo Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes, veio ao mundo no dia 26 de maio de 1914, na Rua São José de Baixo, número 36, Barbalho. Segunda filha do dentista Augusto Lopes Pontes e da dona de casa Dulce Maria de Souza Brito Lopes Pontes, a religiosa era considerada uma criança animada, que adorava brincar de boneca, empinar arraia e, diferente de outras moças, torcer para um time de futebol, o Esporte Clube Ypiranga. Ela mesma se enxergava como “uma menina levada e ‘muito terrível. (ROCHA, 2019, p. 28).

Grande, a família de Irmã Dulce desfrutava de prestígio na capital baiana devido a ligações políticas e sociais estabelecidas especialmente pelo seu avô paterno, o coronel e ex-deputado estadual, Manoel Lopes Pontes. Ele foi o idealizador do obelisco em homenagem ao Dois de Julho localizado no Campo Grande, Centro. Além disso, ele também foi professor e fundou o Colégio Santo Antônio. O pai de Dulce, penúltimo filho do coronel, era considerado um homem inteligente, talentoso no trato social, e além de dentista e professor da Faculdade de Odontologia, foi redator e revisor de jornais. Sobre a mãe dela, Rocha (2019) cita que ela era filha de um médico, Manoel Joaquim de Souza Brito, e típica moça prendada da época: “cozinhas, costurava, bordava e tocava piano” (ROCHA, 2019, p. 22).

Além de Maria Rita, o casal teve mais cinco filhos: Augusto (1913-1966), Dulcinha (1915-2006), Aloysio (1918-1999), Geraldo (1919-1981) e Regina (junho de 1921-agosto 1921). O nome que a baiana escolheu para assumir na vida religiosa é uma homenagem à sua mãe, falecida aos 26 anos de idade vítima de uma hemorragia ocorrida durante o parto de Regina, que morreu poucos meses após o nascimento. Três anos após a tragédia, em novembro

²No dia 10 de dezembro foi lançada a biografia “Além da Fé – A vida de Irmã Dulce”, escrita pelo jornalista Valber Carvalho, membro do Conselho Consultivo da Associação Bahiana de Imprensa (ABI). Considerando o volume extenso de 624 páginas e a data tardia de lançamento em relação a produção deste trabalho, a obra acabou excluída da bibliografia.

de 1924, o pai da freira casou-se com Alice da Silva Carneiro e teve mais duas meninas: Terezinha (1925-1938) e Ana Maria (1940).

Pesquisadores e jornalistas que estudaram a trajetória de Santa Dulce atribuem à influência familiar dois dos seus maiores traços: o gosto por cuidar de pessoas carentes e a vocação religiosa. O ativismo, segundo reportagem do especial veiculado pelo jornal *Correio**³ “Pelos Olhos de Dulce”, teria começado com o avô da baiana, Manoel Lopes Pontes, e transmitido às demais gerações. O pai da freira, por exemplo, foi um dos fundadores do Abrigo Filhos do Povo, na Liberdade, e da própria Osid⁴ (Obras Sociais Irmã Dulce).

“Meu bisavô era uma pessoa bastante benevolente. Minha mãe [Dulcinha] contava que uma das maiores preocupações da minha avó é que no dia de receber salário ele chegasse em casa com algum dinheiro porque qualquer pessoa que ele encontrava na rua decidia ajudar, doando algo. Isso ficou na nossa família. Passou para meu avô e depois veio para minha mãe, minhas tias, como Irmã Dulce, e está em nós até hoje”, afirmou Maria Rita Lopes Pontes, 64 anos, sobrinha da freira e atual superintendente da Osid à equipe de reportagem do especial.

Embora Rocha (2019) pontue que a casa era “religiosa, mas não opressiva”, a mãe da freira mantinha uma rotina de orações dentro da fé católica “na qual se confessava e comungava ao menos uma vez por semana” (ROCHA, 2019, p. 22). Além disso, toda a família era devota de Santo Antônio, figura que continuou a ser alvo de veneração pela freira e cujo nome batiza o albergue e o hospital fundados por ela. Foi na Igreja de Santo Antônio Além do Carmo, situada no Largo de Santo Antônio, em Salvador, próxima à residência dos Lopes Pontes, que Augusto e Dulce Maria se casaram e a religiosa, batizada.

No entanto, com a morte precoce de Dulce Maria, uma das irmãs de Augusto Pontes, Maria Magdalena, a Magdaleninha, acabou desempenhando papel fundamental para o despertar do olhar solidário de Maria Rita sobre o próximo. Ao lado da tia, Irmã Dulce passou a realizar visitas nas comunidades carentes de Salvador.

“Um dia eu estava pintando muito e uma tia minha me disse ‘olha, você precisa conhecer o outro lado da vida’. E me levou pra visitar os doentes e os pobres. Aí, dessa hora

³GAUTHIER, Jorge. Do avô às sobrinhas, família de Irmã Dulce foi ‘obrigada’ a servir e ajudar o próximo, *Correio**, 11 out. 2019. Pelos Olhos de Dulce. Disponível em: <http://especiais.correio24horas.com.br/pelosolhosdedulce/portfolio-item/do-avo-as-sobrinhas-familia-de-irma-dulce-foi-obrigada-a-servir-e-ajudar-o-proximo/>. Acesso em: 08 jan. 2021.

⁴Segundo informações da própria Osid, as Obras Sociais Irmã Dulce foram criadas pela freira baiana no dia 26 de maio de 1959. Ao todo, 21 núcleos ligados à instituição prestam assistência à população de baixa renda nas áreas de Saúde, Assistência Social, Pesquisa Científica, Ensino em Saúde e Educação, além de promover a preservação e difusão da história de sua fundadora. Mais informações sobre a entidade foram disponibilizadas no decorrer das páginas.

em diante, mudou tudo”, contou Irmã Dulce (ROCHA, 2019, p. 33). Conforme o autor, a freira, que passava os finais de semana brincando com os irmãos ou frequentando os jogos do Ypiranga, passou a acompanhar Magdaleninha nas jornadas aos cortiços e lugares repletos de necessitados. Com apenas 13 anos, Irmã Dulce transformou a sua casa, na Rua da Independência, 61, em Nazaré, em um verdadeiro centro de acolhimento. O lugar ficou conhecido como “Portaria de São Francisco”, tamanha quantidade de moradores de rua e doentes que acolhia.

A dedicação ao trabalho social transmitida por Magdaleninha à Dulce era fruto, sobretudo, da sua vivência católica, cuja máxima é que “a fé sem as obras é morta”. Descrita como “igrejeira” por Rocha (2019), a tia da religiosa desempenhava diversas funções dentro da Igreja de Santo Antônio Além do Carmo. Conforme se aproximava dela, Dulce começava a cultivar a vontade de ser freira, o que se tornou ainda mais forte aos 15 anos de idade. Em um primeiro momento, a intenção de Dulce foi rejeitada pelo pai, que impôs uma condição na esperança de que ela desistisse: só iria entrar para o convento se antes se formasse como professora.

A então adolescente Maria Rita aceitou a condição e, com a ajuda do frei alemão Hildebrando Kruthaup (1902-1986), em 08 de fevereiro de 1933, logo após a sua formatura, ela entra para a Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, em São Cristóvão, no estado de Sergipe. No dia 13 de agosto de 1933, recebe o hábito de freira e adota, em homenagem a sua mãe, o nome de Irmã Dulce.

A transformação da identidade foi a ruptura definitiva com a sua existência passada. O pai e os irmãos nunca mais a chamaram de Maria Rita ou Mariinha. Só a tratavam por Irmã Dulce, mesmo nos momentos de intimidade. Os documentos pessoais também refletiram a mudança. (ROCHA, 2019, p. 43).

Um mês após se tornar freira, Irmã Dulce retorna à Salvador, onde, em vida, realizou seus maiores feitos. Sua primeira missão foi passar quatro meses no Sanatório Espanhol, onde atuou como auxiliar de enfermagem e sacristã. Logo depois, ela foi designada para ensinar em um colégio mantido pela congregação, no bairro da Massaranduba, na Cidade Baixa. O serviço, porém, não lhe cativara, como afirma Rocha (2019), porque ela não se considerava rígida com os estudantes mais “levados”.

De acordo com informações do site da Osid, em 1935, a freira se dividia entre dar assistência à comunidade de Alagados, conjunto de palafitas localizado em Itapagipe e atender os operários do bairro, criando então, um posto médico. Em 1936, ela funda a União Operária São Francisco, primeira organização operária católica do estado, e, em 1937, ao lado seu

mentor, o Frei Hildebrando Kruthaup, funda o Círculo Operário da Bahia (COB). O local, segundo Rocha (2019), tinha viés assistencialista e era diferente de um sindicato, ao oferecer benefícios como dentista, médico, remédio, recreação, cursos profissionalizantes e donativos às famílias carentes.

Além da simbólica mensalidade cobrada, a iniciativa era mantida principalmente com a arrecadação de três cinemas que os religiosos haviam construído através de doações – o Cine Roma, o Cine Plataforma e o Cine São Caetano – e dos contatos de Dulce e seu pai. Foi no Cine Roma, inclusive, que aconteceram as primeiras apresentações do músico baiano Raul Seixas, na época à frente do conjunto Raulzito e os Panteras. Conforme Rocha (2019), até o final da década de 40, o COB alcançou um ápice de 26 mil filiados. Seguindo os passos do avô, em maio de 1939, Irmã Dulce inaugura um colégio, também chamado de Santo Antônio, voltado para operários e filhos de operários, no bairro da Massaranduba.

O ativismo social da freira é marcado por episódios, no mínimo, curiosos. Diversos materiais a respeito da sua vida e obra exploram a figura de Dulce como uma samaritana totalmente dedicada ao bem-estar dos mais carentes, e que chega, até mesmo, a infringir a lei para isso. Um dos mais lembrados é a invasão de cinco casas na “Ilha dos Ratos”, Cidade Baixa, ocupadas por doentes que não tinham para onde ir. Passada a confusão com o proprietário, que acabou se compadecendo da situação, ela voltaria a invadir outras propriedades privadas, como um mercado público fechado e um viaduto, para abrigar quem estava morrendo na rua. Todos os doentes eram acompanhados pela freira, que passava o dia inteiro pedindo donativos como comida e remédios para poder confortá-los.

De expulsão em expulsão, e acompanhada por uma legião de pessoas pobres de quem cuidava, em 1949, ocorre a famosa ocupação do galinheiro no Largo de Roma, situado ao lado do Convento Santo Antônio, com os primeiros 70 doentes. Na instalação, que havia sido autorizada pela superiora da instituição religiosa, Dulce lidava, principalmente, com pacientes de tuberculose. Rocha (2019) diz que provavelmente a freira tenha sido acometida pela doença neste período, fazendo com que ela se tratasse no Ceará entre agosto e setembro de 1949. Paralelamente ao hospital/galinheiro, a futura santa ocupava-se ainda mais na comunidade de Alagados e passara a atender também, crianças órfãs.

Segundo Rocha (2019), além de recorrer a grandes doadores como políticos e empresários, Irmã Dulce percorria quase que diariamente as ruas de Salvador para tentar conseguir alimentos e remédios junto aos comerciantes, o que acabou lhe rendendo o apelido

pejorativo de “freira pidona”. Muitas vezes era maltratada no processo. O autor estima que o episódio da cusparada na mão tenha ocorrido entre 1949 e 1952, conforme ele narra:

Iraci Lordelo (uma das leigas que ajudava a freira) contou ter testemunhado um episódio que já faz parte do folclore. Segundo ela, Irmã Dulce levou uma cusparada na mão quando pedia donativos para seus pacientes. Com frieza, a freira limpou a mão em um lenço e estendeu-a novamente ao mal-educado: “Está certo. Isso foi para mim, agora eu quero saber o que o senhor vai dar para meus doentes” (ROCHA, 2019, p. 93).

Como se todo o acolhimento aos pobres já não fosse suficiente, outro episódio viria a contribuir com a imagem de santidade que passou a ser atribuída à Dulce. Em 1952, a freira ajudou no salvamento de populares que estavam dentro de um ônibus, cujo tanque de gasolina explodiu ao chocar-se contra um bonde. De acordo com Rocha (2019), contrariando suas já frágeis condições de saúde, a freira quebrou as janelas do ônibus em chamas e retirou algumas pessoas de dentro.

Outra marca comumente lembrada de sua biografia é a inclinação ao sofrimento. Por 30 anos, Dulce dormiu sentada em uma cadeira sem estofamento ao lado da cama como forma de penitência. Para Rocha (2019), ela acreditava “ter sido destinada por Deus ao sofrimento. O dela própria e o das demais pessoas: doentes abandonados, mendigos, favelados e crianças órfãs”. Em contrapartida, seu bom-humor, que rendia apelidos às autoridades e cativava doadores, também foi uma característica bastante explorada pelos veículos de imprensa, assim como o gosto musical. Uma reportagem da Folha de S. Paulo afirma que “Dulce não tinha formação teórica em música, mas tinha bom ouvido. Gostava de Beethoven e logo aprendeu a tocar harmônica e sanfona”⁵.

No ano de 1959, é instalada oficialmente a Associação Obras Sociais Irmã Dulce e em seguida é inaugurado o Albergue Santo Antônio. A iniciativa foi do pai da freira, Augusto Lopes Pontes, e de outros apoiadores como Norberto Odebrecht, fundador da antiga construtora Odebrecht. Apesar de Irmã Dulce não se posicionar politicamente e dizer que “seu partido é a pobreza”, como relembra Rocha (2019), sua relação com algumas das personalidades que detinham o poder era boa. Tal aspecto foi bastante ressaltado pelos veículos de comunicação e a reportagem da Veja chegou a dizer que ela mandava nos políticos⁶. Entre seus grandes

⁵PITOMBO, João Pedro. Lado B de Irmã Dulce teve paixão por futebol, piada e o primeiro 'toca Raul'. **Folha de São Paulo**. 12 out. 2019. Poder. [online]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/lado-b-de-irma-dulce-teve-paixao-por-futebol-apelido-piada-e-o-primeiro-toca-raul.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2021.

⁶LOPES, Adriana Dias. Irmã Dulce: como ela mandava nos políticos. **Veja**. 30 ago. 2019. Religião. [online]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/religiao/irma-dulce-como-ela-mandava-nos-politicos/>. Acesso em: 11 jan. 2021.

apoiadores estiveram os ex-governadores Antônio Carlos Magalhães, Luiz Vianna Filho e Lomanto Júnior e os ex-presidentes Eurico Gaspar Dutra, João Baptista Figueiredo e José Sarney - de quem recebeu seu número de telefone direto.

Em 1964, Irmã Dulce se vê diante de um impasse: ou deixa as obras ou abre mão da vida religiosa. O ultimato veio da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, que temia que as dívidas contraídas nas Obras Sociais fossem cobradas à entidade. A saída encontrada pelo arcebispo primaz na época, dom Eugênio de Araújo Sales, foi fazer a excomunhão, licença que conservava Dulce no catálogo de religiosas da Igreja, mas estabelecia que o voto de obediência seria diretamente a ele. Tal instrumento, utilizado também no caso de Madre Teresa de Calcutá, fez com que as irmãs de Congregação que a ajudavam deixassem o convento em 1964.

Sozinha, o período sem as colegas de ofício foi de muito sofrimento para Dulce, conforme a série de reportagens “Pelos Olhos de Dulce”, publicada pelo jornal *Correio*⁷. De acordo com Rocha (2019), durante os onze anos em que passou nesta situação, ela contou com a ajuda da família, representada por seu pai e a irmã Dulcinha, de voluntários e dos políticos à frente do governo estadual na época. A freira só voltaria a ser reintegrada à sua ordem religiosa no início de 1976, devido a uma ação do novo arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil, Dom Avelar Brandão Vilela. No mesmo ano, ela enfrentaria uma grande perda: a morte do seu pai.

Em 1979, ocorre um importante encontro entre Madre Teresa de Calcutá e Irmã Dulce, quando a religiosa albanesa vem à Salvador para receber um terreno do governo do Estado no qual seria instalado uma unidade da sua ordem, a Missionárias da Caridade. Na ocasião, Dulce ofereceu a gestão da sua Obra Social à Madre Teresa, mas ela negou. No dia 7 de julho de 1980, outro encontro marcante: Irmã Dulce recebe o então papa, João Paulo II, na sua primeira visita ao país, e ouve dele um incentivo para prosseguir com a sua obra: “continue, irmã, continue”. Tais acontecimentos foram bastante destacados na mídia durante a canonização, já que tanto Madre Teresa, quanto João Paulo II foram reconhecidos como santos. Com o passar dos anos, o ativismo da freira foi sendo cada vez mais reconhecido. O ápice ocorreu em 1988, ano em que o então presidente da República, José Sarney, indicou a baiana ao Prêmio Nobel da Paz com o apoio da Rainha Sílvia, da Suécia. No entanto, a religiosa não foi laureada.

Trabalhar exaustivamente em um hospital superlotado de pacientes doentes - muitos com enfermidades altamente infecciosas como tuberculose - somado a dormir pouco e se

⁷GAUTHIER, Jorge. Quando a Igreja virou as costas para Irmã Dulce. *Correio**. 10 out. 2019. Pelos Olhos de Dulce. [online]. Disponível em: <https://especiais.correio24horas.com.br/pelosolhosdedulce/portfolio-item/quando-a-igreja-virou-as-costas-para-irma-dulce/>. Acesso em: 11 jan. 2021.

alimentar mal, certamente é uma combinação perigosa para a saúde. Já idosa, Irmã Dulce começou a ter uma piora significativa dos pulmões - outrora debilitados na juventude - a partir de 1985. A freira, além de respirar com apenas um terço do órgão, lidava ainda com osteoporose e artrose. Ainda assim, Rocha (2019) conta que ela não deixou o trabalho de lado, tampouco o bom humor característico. “Ela chamava pulmões de ‘jamelengos’, as pernas de ‘mariquinhas’, e o coração de ‘Joãozinho’”, (ROCHA, 2019, p. 183). Sucessivas internações, acompanhadas de dores intensas, convulsões e perda da mobilidade, viriam em seguida.

Antes de falecer, a freira baiana recebeu novamente o Papa João Paulo II, no dia 20 de outubro de 1991, durante a segunda visita do Sumo Pontífice ao Brasil. Porém, desta vez, as circunstâncias foram diferentes do encontro anterior, no qual a religiosa havia sido ovacionada pela multidão de fiéis que os acompanhavam. Acamada em seu quarto, Dulce ganhou do papa um outro terço, depositado por ele em suas frágeis mãos.

A visita de João Paulo II durou poucos minutos. Curvado sobre o leito, o papa colocou um terço entre as mãos de Irmã Dulce. A freira se esforçou para pronunciar ‘papa’. Os lábios descreveram os fonemas, mas deles não saiu som algum. Só um barulhinho baixo, silvado. Ela repetiu a tentativa, mas se aquietou quando o papa acariciou a cabeça, consolando-a. ‘É o sofrimento dos inocentes, igual ao de Jesus’, murmurou João Paulo II a dom Lucas (cardeal-arcebispo Lucas Moreira Neves), quando ainda estavam ao lado do leito de Irmã Dulce. (ROCHA, 2019, p. 194).

O “Anjo Bom da Bahia”, como era conhecida, morreu em 13 de março de 1992, pouco antes de completar 78 anos. O velório, realizado na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, em Salvador (BA), foi marcado pela comoção coletiva de colegas, voluntários, pacientes, abrigados, amigos, conhecidos, políticos, empresários, artistas, entre outros, que formaram uma multidão no local.

Porém, Irmã Dulce continua viva no coração dos seus admiradores. Rocha (2019) pontua que a sua canonização é produto justamente desta devoção, que já fazia com que muitas curas registradas no país fossem atribuídas à futura santa e classificadas como milagres. Ele também diz que, embora a fé tenha sido matéria-prima, o processo de canonização era inicialmente um plano da Osid para superar as incertezas vividas pela instituição após a morte da fundadora. Sob forte influência de Norberto Odebrecht, Maria Rita Pontes, sobrinha de Dulce, acaba assumindo a gestão da entidade.

A trajetória da canonização começa no dia 12 de março de 1997, quando o cantor Roberto Carlos - um amigo de longa data de Dulce - lança a campanha pela sua beatificação, durante a missa de aniversário de cinco anos do falecimento da religiosa. Segundo informações

publicadas no site da Osid⁸, a validação jurídica foi emitida pela Santa Sé em junho de 2003. Em abril de 2009, o Papa Bento XVI reconhece as virtudes heroicas da Serva de Deus Dulce Lopes Pontes e autoriza a concessão do título de Venerável a ela. O voto favorável e unânime da Congregação para a Causa dos Santos, que levou ao título de Venerável, ocorreu antes disso, em 2008.

Ainda de acordo com a Osid, no *positio* - documento canônico que traz a biografia, as virtudes e os testemunhos do processo - os teólogos a definiram como a “Madre Teresa do Brasil”, pelas “semelhanças do seu testemunho cristão com a Beata de Calcutá”, sendo “um conforto para os pobres e um exame de consciência para os ricos”.

No ano de 2010, após votação unânime, a Congregação para a Causa dos Santos, reconheceu a autenticidade do primeiro milagre atribuído à Dulce, que possui total relação com um dos momentos mais tristes vividos por ela: a perda de sua mãe. Em Sergipe, terra onde a religiosa iniciou o noviciado, Cláudia Cristiane dos Santos quase morreu ao dar à luz seu segundo filho devido a uma forte hemorragia. O nascimento da criança correu bem, mas, após a retirada da placenta, Cláudia começou a sangrar incessantemente. Ao todo, três cirurgias foram feitas em um intervalo de 18 horas para tentar conter o sangramento. A primeira, consistia na retirada total do útero. Sem sucesso, houve uma segunda intervenção de limpeza da cavidade abdominal. Doze horas depois, Cláudia precisou passar por uma terceira cirurgia para retirar o excesso de sangue acumulado.

Nenhum procedimento conseguiu parar a hemorragia. Aos médicos, diante de um quadro gravíssimo e com recursos limitados, pois todo o sangue para transfusão já havia acabado, só restava esperar o óbito. Chamado pela família da miraculada para ministrar a unção dos enfermos, o padre José Almir decidiu, no entanto, fazer uma corrente de oração pedindo a intercessão de Irmã Dulce e a salvação de Cláudia. Pouco tempo depois das orações, Cláudia conseguiu suspender a hemorragia e escapar da morte. O fato aconteceu em 2001, na cidade de Itabaiana.

Com a aprovação deste primeiro milagre, se cumpria a penúltima etapa do processo de canonização: a beatificação. De Venerável, ela se tornou Beata e passou a ser reconhecida com o título de "Bem-Aventurada Dulce dos Pobres", tendo o dia 13 de agosto como data oficial de celebração da festa litúrgica.

⁸TRAJETÓRIA da Canonização, **Obras Sociais Irmã Dulce**. Disponível em: <https://www.irmadulce.org.br/portugues/religioso/canonizacao>. Acesso em: 11 jan. 2021.

José Maurício Moreira foi o segundo miraculado. Conforme texto sobre a trajetória da canonização disponível no site da Osid, o músico, natural de Salvador e morador de Recife, ficou totalmente cego por 14 anos devido a um glaucoma avançado que destruiu seu nervo óptico - responsável pela comunicação com o cérebro. A situação só mudou em 2014, quando, após sofrer fortes dores causadas por uma conjuntivite muito grave, pegou a imagem de Irmã Dulce que pertencia a sua mãe, colocou sobre os olhos e pediu a intercessão da freira. “Ao acordar, comecei a ver a minha mão. Entendi que Irmã Dulce tinha operado um milagre. Ela me deu muito mais do que eu pedi: eu voltei a enxergar”, relata José Moreira, em trecho publicado no site da Osid⁹.

Nove anos após a beatificação alcançada com o primeiro milagre, o Papa Francisco promulgou o decreto que reconhece o segundo milagre atribuído à Irmã Dulce. Em julho de 2019, o pontífice anunciou que Dulce se tornaria santa no dia 13 de outubro de 2019.

Com a aprovação do milagre, Irmã Dulce se torna oficialmente e institucionalmente a Santa Dulce dos Pobres. A cerimônia de canonização, celebrada no Vaticano pelo Papa Francisco, foi acompanhada por milhões de brasileiros nas mídias. A primeira celebração no Brasil em homenagem à baiana aconteceu uma semana após a cerimônia, no dia 20 de outubro de 2019. O evento reuniu milhares de pessoas na Arena Fonte Nova, em Salvador.

1.1. IGREJA CATÓLICA E CANONIZAÇÃO

O processo de canonização da Santa Dulce dos Pobres foi o terceiro mais rápido registrado até hoje na história, tendo ocorrido 27 anos após seu falecimento. Conforme informações publicadas no site das Obras Sociais Irmã Dulce (Osid), o reconhecimento da baiana está atrás apenas da santificação do Papa João Paulo II - 9 anos após a morte - e de Madre Teresa de Calcutá, que aconteceu 19 anos após o falecimento da religiosa.

Durante a pesquisa, foi possível verificar que a canonização da freira despertou o interesse de veículos de comunicação não apenas do Brasil como do mundo. As matérias da cobertura do acontecimento citaram os protocolos envolvidos em todo o processo como uma forma de legitimar o título de santidade. Para entender esta lógica, é importante saber como, e porque, alguém se torna santo pela Igreja Católica.

⁹TRAJETÓRIA da Canonização. **Obras Sociais Irmã Dulce**. [online]. Disponível em: <https://www.irmadulce.org.br/portugues/religioso/canonizacao>. Acesso em: 11 jan. 2021.

Um dos princípios fundamentais do catolicismo é que todas as pessoas têm vocação à santidade e que o alcance desta condição é o desejo de Deus, que já é santo e perfeito. Segundo o Catecismo da Igreja Católica¹⁰, o sentido da vida reside na busca por agradar ao Criador e ter com ele uma união íntima e mística que possibilite a participação em seus mistérios, ou seja, chegar ao patamar de santo.

Assim, conforme a publicação, santas são as pessoas “que, pela graça, estão unidos a Cristo morto e ressuscitado”. Alguns “são peregrinos na terra; outros, que já partiram desta vida, estão a purificar-se, ajudados também pelas nossas orações; outros, enfim, gozam já da glória de Deus e intercedem por nós” (CATECISMO...,1997, p. 268). Por já estarem mais intimamente unidos a Deus nos céus, os santos possuem a capacidade de interceder junto à Ele pelos que ainda estão na Terra e conceder milagres.

Além de serem importantes para os fiéis que os veneram, o Catecismo ressalta que a santificação é importante para a Igreja Católica visto que esta “aumenta, cresce e se desenvolve pela santidade dos seus fiéis” (CATECISMO...,1997, p. 538). Sendo assim, a instituição religiosa define critérios para elevar alguém à condição de santo, a serem provados no processo de canonização.

Ao canonizar certos fiéis, isto é, ao proclamar solenemente que esses fiéis praticaram heroicamente as virtudes e viveram na fidelidade à graça de Deus, a Igreja reconhece o poder do Espírito de santidade que está em si e sustenta a esperança dos fiéis, propondo-os como modelos e intercessores. “Os santos e santas sempre foram fonte e origem de renovação nas circunstâncias mais difíceis da história da Igreja”. Com efeito, “a santidade é a fonte secreta e a medida infalível de sua atividade apostólica e de seu elã missionário”. (CATECISMO...,1997, p.138, grifo da publicação).

Atualmente, a responsabilidade dos processos de canonização pertence à chamada “Congregação para as Causas dos Santos” no Vaticano, espécie de tribunal que avalia cada pedido. No entanto, apenas o papa tem o poder de decretar a santidade de um homem ou mulher. De acordo com reportagem publicada pela revista Super Interessante¹¹, a primeira pessoa canonizada por um papa - João XV - foi São Ulrich de Augsburg, no século 10.

Praticamente inexistente nos primeiros mil anos de igreja, o processo de canonização passou a ficar mais rigoroso com o tempo. Hoje, a normativa adotada é a decretada por João Paulo II, em 1983, que exige, na maioria dos casos, a comprovação de dois milagres para que alguém seja reconhecido oficialmente como santo. Porém, isso nem sempre se aplica, como foi

¹⁰Publicação da Igreja Católica de 1992 que contém a doutrina da instituição e serve como referência para os ensinamentos da fé católica.

¹¹RANGEL, Natália. Como é o processo de canonização na Igreja Católica?. **Super Interessante**. 08 jan. 2015. Mundo Estranho. [online]. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-e-o-processo-de-canonizacao-na-igreja-catolica/>. Acesso em: 11 jan. 2021.

o caso de João 23, que nomeou São Francisco com apenas um milagre reconhecido, ou dos "mártires" que, segundo a Igreja, "morreram como resultado de sua fé".

Conforme as normas da Igreja, qualquer pessoa pode ser canonizada, independentemente de origem, condição social ou raça. Para isso, é preciso que alguma pessoa, grupo ou entidade religiosa sugira o nome do candidato a santo para uma diocese - unidade territorial da Igreja Católica administrada por um bispo -, da cidade onde este morreu.

A partir da indicação do nome, a história do candidato é analisada por meio de documentos e depoimentos de pessoas próximas a ele. Depois, o bispo pergunta às outras dioceses do país se o caso deve ser aberto e, em caso afirmativo, a petição segue a Roma para receber o *nihil obstat*, um atestado de que não há obstáculos insuperáveis que tornem impossível o início do caso. Nesta etapa, normalmente, o postulante recebe o título de "servo de Deus".

Dando seguimento à ação, o bispo do local que indicou o nome para a canonização forma uma comissão de investigação para estudar a fundo a história da pessoa e o contexto em que viveu. Segundo reportagem da BBC News¹², em caso atual, de 30 anos para cá, é preciso citar testemunhas. Caso seja histórico, o processo se baseia em documentos históricos.

Finalizada esta parte, a documentação é transferida para o Vaticano, em Roma, que nomeia um relator para estudá-la e elaborar a *positio*, tese que demonstra que a pessoa viveu heroicamente as virtudes da fé, caridade e humildade. Essa fase inclui a revisão do caso por um tribunal médico e por peritos teólogos, antes que uma comissão de bispos e cardeais faça a avaliação. Se o candidato apresentar as virtudes necessárias, é proclamado "venerável".

Como já foi dito, normalmente o Vaticano pede a comprovação de dois milagres atribuídos ao candidato. Caso se prove um milagre por sua graça, a pessoa é beatificada e pode receber um culto restrito em sua diocese ou congregação, conforme aponta o site católico Canção Nova. A canonização, com a atribuição do título de santo, acontece com a comprovação de um segundo milagre ocorrido após a beatificação. Depois desta etapa final, o novo santo pode ser cultuado universalmente.

A publicação da Canção Nova¹³ lembra que um milagre, seja para a beatificação ou canonização "deve ser confirmado pelos médicos e observar três requisitos: a cura da pessoa

¹²VEIGA, Edison. Como são 'feitos' os santos da Igreja Católica. **BBC News Brasil**. Bled, Eslovênia, 18 maio 2019. Internacional. [online]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48280079>. Acesso em: 15 jan. 2021.

¹³FERNANDES, Padre Márcio Leandro. Como acontece a canonização de um santo?, **Canção Nova**. [s.d]. [online]. Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/como-acontece-canonizacao-de-um-santo/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

não podia ser conseguida pelo estágio atual da medicina; a cura foi imediata e não por um processo lento; a cura é permanente e o mal não voltou”.

País de forte tradição católica, o Brasil possui alguns santos. A primeira foi Santa Paulina, imigrante italiana que viveu em São Paulo e Santa Catarina, cujo nome de batismo era Amabile Lucia Visintainer (1865-1942), sendo canonizada pelo papa João Paulo II, em 2002.

Cinco anos depois, o papa Bento XVI canonizou o frade franciscano Antônio de Sant'Ana Galvão (1739-1822), o Frei Galvão. Ele se tornou o primeiro santo nascido no Brasil. Já o Papa Francisco tornou santos o jesuíta José de Anchieta (1534-1597), nascido nas Ilhas Canárias, além de Alfonso Rodriguez (1598-1628), Roque Gonzáles (1576-1628) e Juan de Castillo (1595-1628), mártires do Rio Grande do Sul. Os 30 Protomártires do Brasil - grupo formado por dois sacerdotes e 28 leigos mortos por invasores holandeses no estado do Rio Grande do Norte - foram reconhecidos em 2000 também pelo Papa João Paulo II.

Segundo reportagem publicada pelo jornal Folha de S. Paulo¹⁴, ao todo, o Brasil possui 37 santos - sendo Dulce a 37ª -, 51 beatos, 15 veneráveis e 68 servos de Deus, além de 130 processos em curso na Congregação para as Causas dos Santos. A Igreja Católica concede honras aos santos como a inscrição no cânone, direito de receber veneração pública, celebração de missa em seu nome e do Ofício dos Santos, representação da sua pessoa em foto, pintura ou estátua, invocação com orações públicas da igreja, fixação do dia da festa no Ano Litúrgico, construção de templos em sua memória e veneração pública de suas relíquias.

1.2. O JORNAL A TARDE E A COBERTURA DA CANONIZAÇÃO

A notícia de que Irmã Dulce seria canonizada pela Igreja Católica e se tornaria oficialmente Santa Dulce dos Pobres mobilizou veículos jornalísticos de todo o Brasil. A cerimônia e seus preparativos configuraram-se como um grande acontecimento jornalístico em 2019, culminando na produção de inúmeras matérias especiais e séries de reportagens. O Jornal A TARDE, de Salvador, objeto desta pesquisa, publicou, entre os dias 13 de agosto e 21 de outubro de 2019, uma série de 20 reportagens sobre a canonização da freira baiana. Assim, torna-se necessário compreender as condições de produção desse acontecimento enquanto fenômeno mediático e discursivo, fazendo algumas considerações sobre o veículo de

¹⁴TOLEDO, Marcelo. Com Irmã Dulce, Brasil tem 37 santos e 51 beatos; conheça alguns deles. **Folha de São Paulo**. 10 out. 2019. Poder. [online]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/com-irma-dulce-brasil-tera-37-santos-e-51-beatos-conheca-alguns-deles.shtml>. Acesso em: 15 jan. 2021.

comunicação baiano, como por exemplo, seu histórico, o contexto social e político no qual ele está inserido e a linha editorial adotada.

Fundado em 15 de outubro de 1912, o jornal A TARDE é o mais antigo ainda em circulação na Bahia, sendo considerado por Spannenberg (2012), um marco do “jornalismo moderno” no estado. Descrito como sendo o “maior e o mais importante jornal do estado da Bahia” pelo dicionário temático da FGV¹⁵, a publicação é tida como uma fonte segura de notícias, sendo apontada como um dos principais polos de informação da imprensa baiana.

Segundo Spannenberg, para criar o periódico, o jornalista e jurista Ernesto Simões Filho se inspirou no carioca A Noite, fundado por Irineu Marinho. Antes de A TARDE, Simões Filho, que nasceu em Cachoeira, no Recôncavo Baiano, produziu em 1886, seu primeiro jornal: O Carrasco, e trabalhou como redator no jornal Gazeta do Povo. A autora ressalta que Ernesto se dedicou intensamente ao A TARDE até sua morte, em 1957.

Diferente dos seus concorrentes mais contemporâneos, o A TARDE não teve seu capital aberto, sendo montado por Simões Filho apenas com ações herdadas do avô. Uma característica do seu lançamento foi a inovação, trazida principalmente em sua estrutura gráfica e na criação dos “populares”, precursores dos atuais classificados, que consistem na venda de espaço para publicação de informações de interesse privado.

As inovações já foram percebidas na edição de lançamento, que trazia, na primeira das quatro páginas, títulos com letras grossas e subtítulos explicativos. A quarta página era toda preenchida por anúncios, que também apareciam entre as notícias na segunda e terceira, porém cercados por grossas linhas pretas, diferenciando-os dos textos editoriais. Essas mudanças gráficas eram inovadoras, especialmente na diferenciação entre textos jornalísticos e publicitários, pois a mistura de ambos marcava os jornais do período. Outra inovação localizava-se na seção “Sport”, cujo texto de abertura trazia a assinatura de Hellenus, pseudônimo de Helena Simões, esposa de Ernesto, uma exceção na Bahia da época, onde os jornais dedicados às mulheres eram geralmente escritos por homens, com histórias morais, receitas e folhetins.

Para acompanhar as mudanças no consumo de notícias trazidas pela internet, em abril de 1998, o Grupo A TARDE, marca detentora do jornal, lança o A TARDE Online, atualmente, Portal A TARDE - disponível em <<https://atarde.uol.com.br>> -, site onde algumas matérias do

¹⁵**FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS CPDOC.** Verbete a respeito do Jornal A Tarde [colaboração especial de Consuelo Novais Sampaio]. [online]. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tarde-a>. Acesso em: 20 jan. 2021.

impresso são replicadas, mas que possui autonomia de produção e apresenta conteúdo multimídia como galerias de fotos e vídeos. Além do jornal e do Portal, fazem parte do grupo o Jornal Massa! e a Rádio TARDE FM.

Segundo dados apresentados pelo próprio Grupo, a edição impressa mais a digital possuem circulação média diária de 47.893 mil exemplares por dia, chegando a 49.958 mil aos domingos (dados de 2021). Nos dias úteis, incluindo-se capa, anúncios e cadernos, o jornal A TARDE tem uma média de 20 páginas e, aos domingos, 26. Em 2021, ano de elaboração desta pesquisa, a diretora de redação era a jornalista Mariana Carneiro, que por sua vez estava subordinada ao presidente do Grupo à época, João de Mello Leitão.

Dados da pesquisa “Potencial Pesquisa – Leitores de Jornal Impresso” de setembro de 2019 para uso exclusivo do Grupo A TARDE, utilizada na última versão do Mídia Kit do Grupo, do dia 26 de março de 2021, indicavam que os leitores do Jornal A TARDE eram, em sua maioria, homens (68%) - mulheres representavam 33%. Cerca de 48% tinham idades entre 31 e 55 anos, enquanto 43% tinham mais de 55 anos e 11% tinha até 30 anos. Do total de leitores, 67% tinham pelo menos, o ensino médio completo, e o restante, 33%, tinha o ensino superior completo.

O conteúdo, formado por pautas frias, informações de serviço e hard news está distribuído entre as editorias, colunas e cadernos: Opinião, Coluna O Carrasco, Coluna Tempo Presente, Espaço do Leitor, Editorial, Salvador e Região Metropolitana, Obituário, Clima, De Olho na Saúde, Política, Coluna do Levi Vasconcelos, Brasil, Mundo, Coluna Made In Bahia, A TARDE Municípios, Coluna ACB, A TARDE Esporte Clube, Oportunidades e Negócios, Agronegócio, Economia e Negócios, Imobiliário, Caderno 2, Muito, Anota Bahia, Ciência & Vida e Populares.

Conforme matéria veiculada no próprio A TARDE¹⁶, em 26 de outubro de 2020, o Instituto Verificador de Circulação (IVC) constatou que a publicação retornou ao posto de líder em audiência no mercado baiano de jornais sendo, mesmo em meio à pandemia do novo coronavírus, o maior jornal de tiragem impressa do Norte e Nordeste e da Bahia.

Durante as pesquisas, nenhum documento que especifique a política editorial do jornal A TARDE foi encontrado. Porém, na observação da publicação, é possível inferir que, por ser um dos veículos mais antigos da Bahia e possuir um leitorado composto, em sua maioria, por

¹⁶ LYRA, Osvaldo. “A TARDE hoje é líder em audiência”, diz presidente João de Mello Leitão. **A TARDE**. 26 out. 2020. [online]. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/2143490-a-tarde-hoje-e-lider-em-audiencia-diz-presidente-joao-de-mello-leitao>. Acesso em: 15 jan. 2021.

peessoas mais velhas, o impresso segue uma linha mais conservadora, com uma apresentação visual e textual que se aproxima de um modelo tradicional.

1.2.1. “Para sempre, Dulce”

Assim como diversas outras publicações nacionais e baianas, o A TARDE foi um dos que pautou a canonização de Irmã Dulce. O jornal fez parte de uma ação convergente do Grupo A TARDE intitulada “Para sempre, Dulce”, voltada a explorar a vida da freira. A iniciativa incluía, além de uma série de reportagens para o impresso, conteúdos especiais nas redes sociais e matérias no Portal A TARDE e A TARDE FM, acompanhadas de formatos multimídias como galeria de imagens, podcasts e vídeos.

Neste trabalho, foram analisadas apenas as reportagens veiculadas no jornal impresso A TARDE. Ao todo, foram publicadas 20 matérias, tendo como dia fixo de circulação as terças-feiras, com início no dia 13 de agosto de 2019 e término em 21 de outubro de 2019. No entanto, apesar de escolher as terças como padrão, o conteúdo também foi publicado em domingos e segundas-feiras específicas. A produção foi coordenada pela jornalista e doutora em Antropologia Cleidiana Ramos, que também escreveu reportagens em conjunto com a jornalista Susana Rebouças e outros integrantes da equipe do Grupo A TARDE.

Embora a análise da série de reportagens de “Para sempre, Dulce” esteja reservada aos próximos capítulos da pesquisa, é importante frisar um aspecto importante trazido em uma das primeiras matérias da reportagem: o de que o A TARDE busca construir uma relação de proximidade com a história da Santa. Para tanto, o veículo de comunicação, que é um dos mais antigos do Brasil, assume um papel de historiador e testemunha da trajetória de Dulce ao contar que possui um acervo de aproximadamente 300 fotografias e outros documentos relacionados a ela. Esse dado, por si só, revela-se como uma justificativa para a produção da série de reportagens, já que o jornal assume que possui bastante informação sobre a santa para contar.

Entre os elementos gráficos e de conteúdo trazidos na maioria das matérias, estão a seção “Eu conheci uma santa”, com depoimentos de pessoas que conviveram com Irmã Dulce, uma frase atribuída a ela e uma ilustração dela, vários pequenos textos em destaque com afirmações ou informações relevantes e a chamada para conteúdo multimídia no site e canais do Grupo A TARDE.

No entanto, apesar de constituir uma iniciativa integrada entre as diversas plataformas do Grupo, as reportagens da versão impressa de “Para sempre, Dulce” não foram disponibilizadas na íntegra nos outros meios. No Portal A TARDE, é possível encontrar um

canal denominado “Para sempre, Dulce”¹⁷, porém, a maior parte dos textos foram produzidos pela equipe do próprio site. As matérias do impresso também figuram no canal, mas o texto está apresentado de forma reduzida, com pouco mais de dois parágrafos.

Assim, tanto o site quanto a rádio do A TARDE, funcionam como um convite para o leitor conferir a reportagem do impresso, além de representar uma extensão destas matérias. Um exemplo da convergência entre site e impresso está na edição 36.682 do dia 24 de setembro de 2019 do jornal A TARDE, cuja matéria principal da série de reportagens é “Bahia é terra que exerce atração para santos”. No mesmo dia, o Portal A TARDE disponibilizou uma prévia da matéria do impresso e adicionou um quiz¹⁸, no qual o leitor poderia descobrir com qual dos santos citados matéria ele “poderia se parecer”. Atualmente, as matérias na íntegra do impresso só podem ser encontradas na versão digitalizada do jornal, disponível somente para assinantes.

É válido ressaltar que “Para sempre, Dulce” não foi o único conteúdo produzido por A TARDE focado em Irmã Dulce. Em consulta aos arquivos do jornal, foi verificada a existência de pelo menos dois cadernos especiais sobre a vida e obra da freira: um denominado “Um anjo”, veiculado no dia 13 de março de 2007 na ocasião do aniversário de 15 anos da morte dela, e outro intitulado apenas como “Especial Irmã Dulce”, publicado no dia 25 de março de 2014, em função do aniversário de 100 anos do jornal. Ambos contam com matérias também escritas por Cleidiana Ramos.

“Para sempre, Dulce” foi escolhido, frente a estes dois materiais, devido à atualidade da canonização na época de produção do trabalho, pela relevância da ocasião para a imprensa baiana e facilidade de se obter a versão digitalizada dos conteúdos. Também foi levado em consideração o formato de série, que permite uma melhor observação das narrativas, a relevância da publicação para a Bahia, já que a mesma é a mais antiga em circulação e a proximidade da pesquisadora para com o Grupo A TARDE.

¹⁷O canal pode ser acessado através do link: <https://atarde.uol.com.br/parasempredulce>.

¹⁸RAMOS, Cleidiana. Bahia exerce atração especial para santos; saiba com qual você se parece. **A TARDE**. 24 set. 2019. Para sempre, Dulce. [online]. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/parasempredulce/noticias/2094408-bahia-exerce-atracaao-especial-para-santos-saiba-com-qual-voce-se-parece>. Acesso em: 18 abr. 2021.

2. O DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE RELIGIÃO EM UMA SOCIEDADE MEDIATIZADA

A Análise de Discurso aplicada a produtos mediáticos requer a utilização de conhecimentos que estão além da sua área propriamente dita, mas que dialogam entre si. Nesta pesquisa, para entender o contexto no qual o discurso midiático sobre Santa Dulce surge e é construído, é preciso compreender que o jornal A TARDE produz determinados sentidos porque está imerso em um contexto de maior mediatização da religião, que por sua vez, é antecipado pelo processo de mediatização da sociedade em si, ou seja, de todos os campos sociais.

Diversos teóricos, sobretudo da Comunicação, desenvolveram a sua própria visão com relação ao conceito de mediatização e seu impacto. O dinamarquês Stig Hjarvard (2012) apresenta a mediatização como sendo um fenômeno não universal, fortemente associado à globalização, e que se acelerou nos últimos anos do século XX, especialmente em países altamente industrializados e ocidentais.

Por mediatização da sociedade, entendemos o processo pelo qual a sociedade, em um grau cada vez maior, está submetida a ou torna-se dependente da mídia e de sua lógica. Esse processo é caracterizado por uma dualidade em que os meios de comunicação passaram a estar integrados às operações de outras instituições sociais ao mesmo tempo em que também adquiriram o status de instituições sociais em pleno direito. Como consequência, a interação social – dentro das respectivas instituições, entre instituições e na sociedade em geral – acontece através dos meios de comunicação. (HJARVARD, 2012, p. 64).

Para Hjarvard, após passar por mudanças, a mídia desenvolveu uma certa autonomia e acabou se transformando uma instituição semi-independente em relação a outras áreas. Não só isso, ela também avançou sobre a sociedade, fazendo com que instituições sociais como política, família, trabalho e religião, buscassem se adaptar às suas características. Assim, o autor pontua que “um número cada vez maior das atividades destes domínios institucionais é realizado através tanto dos meios de comunicação interativos quanto dos meios de comunicação de massa” (HJARVARD, 2012, p. 53).

Segundo o pesquisador, a sociedade é cada vez mais dependente das mídias, de modo que as instituições sociais e os processos culturais alteraram, em maior ou menor grau, seu caráter, função e estrutura em função da chamada “lógica da mídia”. Este conceito, por sua vez, se refere “ao *modus operandi* institucional, estético e tecnológico dos meios, incluindo as maneiras pelas quais eles distribuem recursos materiais e simbólicos e funcionam com a ajuda de regras formais e informais” (HJARVARD, 2012, p. 64, grifo do autor).

Tal lógica influencia na forma como instâncias sociais, a exemplo da religião, são descritas pelos veículos de comunicação, ou seja, no discurso apresentado; e também impacta na natureza e na função das relações sociais. Hjarvard cita que a comunicação, antes condicionada à reunião física de indivíduos, hoje, também se apresenta pela comunicação mediada, na qual a relação entre emissor e receptor sofre alterações em importantes aspectos, uma observação ainda mais evidente na comunicação de massa, em que os “emissores geralmente mantêm o controle sobre o conteúdo da mensagem, mas têm muito pouca influência sobre como o receptor faz uso dela” (HJARVARD, 2012, p. 59).

É importante destacar que, ao mesmo tempo em que diz que a mídia se interpõe entre as instituições e coordena sua interação mútua, Hjarvard afirma que a realidade mediada não reina de maneira suprema. Sobre a interação, ele diz que a midiatização expandiu as oportunidades para os espaços virtuais e que influencia a interação social entre indivíduos dentro de uma determinada instituição, entre instituições e na sociedade em geral. No entanto, tal intervenção vai depender das características materiais e técnicas e das qualidades sociais e estéticas do meio de comunicação em questão, pois cada uma dessas tecnologias possui um “conjunto de *affordances que facilitam, limitam e estruturam a comunicação e a ação*” (HJARVARD, 2012, p. 76, grifo do autor).

Sobre meios de comunicação de massa que não permitem que o receptor responda imediatamente ao emissor, a exemplo de um jornal impresso, Hjarvard afirma que a interação social não implica necessariamente em uma distribuição igualitária entre as instâncias, porém, os modos de interação que esses meios de comunicação disponibilizam, afetam, sim, sua capacidade para se comunicar e agir.

Outro autor a pensar a midiatização foi Eliseo Verón (2014), cuja perspectiva alia concepções vindas da semiótica e da antropologia. Diferente de Stig Hjarvard, que associa midiatização a tecnologias surgidas com o processo de globalização e ao período da modernidade, o argentino teoriza que este processo é, na verdade, muito antigo, remontando há cerca de 2,5 milhões de anos, na era pré-histórica do Alto Paleolítico, quando os ancestrais dos seres humanos começaram a produzir ferramentas a partir de pedras.

Ele explica que, para transformar uma simples pedra na ponta de uma flecha, por exemplo, os antepassados tiveram que se voltar a uma produção de sentidos para perceber que aquilo poderia se tornar um instrumento de caça. Os fenômenos midiáticos mais importantes para compreender a midiatização historicamente, segundo ele, foram o surgimento e a ascensão da escrita, a criação do livro e dos jornais, o desenvolvimento de dispositivos técnicos que

reproduzem som e imagem, e a internet. Assim, o autor postula que “a midiatização é apenas o nome para a longa sequência histórica de fenômenos midiáticos sendo institucionalizados em sociedades humanas e suas múltiplas consequências” (VERÓN, 2014, p. 15).

Ao analisar como os discursos são concebidos e produzem sentido dentro de uma sociedade midiatizada, Verón utiliza as concepções semióticas da tríade: signo, objeto e interpretante – elaborada pelo teórico americano Charles Sanders Peirce – para afirmar que os discursos decorrem de fenômenos e práticas sociais. Conforme Andrade (2016), os sentidos são produzidos e reproduzidos no interior de uma semiose social, histórica e infinita. Por adotar uma perspectiva antropológica, Verón postula que essa semiose humana - produção de signos - ocorre antes mesmo do surgimento das linguagens e da internet.

Em linhas gerais, semiose é uma explicação triádica – primeiridade, secundidade e terceiridade – para todos os fenômenos da experiência. Uma rede significativa infinita, cultural, social e histórica, que abarca a dimensão significativa dos fenômenos sociais. (ANDRADE, 2016, p. 61).

Por esse entendimento, parte-se do pressuposto, nesta pesquisa, que a construção da imagem de Santa Dulce pelo A TARDE não aconteceu só com a ocasião da canonização, em outubro de 2019. Tal semiose em torno da religiosa veio sendo construída discursivamente, socialmente e culturalmente desde muito antes - e aqui é possível ressaltar que não só pelo jornal A TARDE. Porém, o contexto de midiatização acaba, conseqüentemente, fazendo com que esta imagem de santa ganhe mais visibilidade através de sua circulação nos meios de comunicação. Logo, para se alcançar as nuances de um discurso no impresso, é preciso ir além do texto e analisar as complexas interações com a produção, a circulação e o consumo deste.

Verón (2014) explica que a midiatização implica em pensar os processos de produção de sentido pela perspectiva triádica de autonomia, persistência no tempo e revolução do acesso. O primeiro aspecto se refere ao desenvolvimento dos meios de comunicação, fazendo com que as instituições se adaptem a eles e transformem práticas até então enraizadas. Por aí pode-se julgar que os dispositivos materiais que utilizam a escrita como suporte se tornaram mais estáveis. Um exemplo disso é que, hoje, a informação pode se desvincular para além de onde ela surgiu inicialmente - no A TARDE, a série de reportagens “Para sempre, Dulce” não ficou apenas nas páginas do impresso e foi para o site, redes sociais e outros suportes midiáticos.

A autonomia, por sua vez, confere uma maior persistência da enunciação no tempo, já que as revoluções tecnológicas dos *media* aumentam as possibilidades de arquivamento das informações, diferente de quando só havia a linguagem falada, logo, a memória fica guardada e persiste no tempo. No caso de “Para sempre, Dulce”, em que a memória é o fio condutor das

matérias, o A TARDE resgata fotos, arquivos, depoimentos, entre outros materiais para construir seus discursos, o que não seria possível se estes se perdessem.

Por fim, há a revolução do acesso referente à circulação da informação. Verón (2014) afirma que a semiose ocorre há muito tempo na humanidade, mas reconhece que os suportes tecnológicos intensificaram o processo de midiatização. O avanço dos *media* acabaram democratizando o acesso aos conteúdos, como é o caso da internet. Veículos de comunicação como o jornal A TARDE disponibilizam seus discursos como “Para sempre, Dulce” na imensidão da web, possibilitando que pessoas em diversos lugares do mundo possam acessá-los.

Esgotadas as considerações mais relevantes de Hjarvard e Véron sobre midiatização, é possível perceber que os dois divergem em diversos pontos, sendo os principais o tipo de abordagem utilizada e o surgimento do processo, já que, enquanto Hjarvard associa a midiatização ao avanço dos meios de comunicação, Verón afirma que esta é inerente à existência humana. No entanto, ambas as perspectivas são proveitosas para este trabalho, ao passo que evidenciam o contexto no qual veículos de comunicação como A TARDE estão inseridos. Verón (2014), com o olhar social e antropológico, e Hjarvard (2012), com o tecnológico.

2.1. MIDIATIZAÇÃO DA RELIGIÃO

Como já foi citado, a religião, área de interesse desta pesquisa, é uma das instâncias sociais afetadas pelo processo de midiatização. Hjarvard (2012) pontua que a mídia não só detém influência nas instituições e práticas religiosas, como também intervêm nas suas atividades. Por outro lado, pesquisadores das mais diversas áreas que estudam as relações entre comunicação, religião e sociedade, defendem que a articulação entre mídia e religião também é afetada pelo fenômeno da secularização.

Segundo o teólogo austro-americano Peter Ludwig Berger (2017), a ideia básica da secularização é de que a modernidade necessariamente provocaria um declínio da religião. O pesquisador brasileiro Luís Mauro Sá Martino (2003) acrescenta que, de acordo com esta corrente de pensamento, as instituições religiosas perderam algumas de suas prerrogativas para as autoridades laicas e o desenvolvimento da ciência, que interferiram na capacidade de estas determinarem sentido aos fatos sociais e atribuíram à religião a condição de “um acessório plenamente dispensável para a compreensão do mundo” (MARTINO, 2003, p. 25).

Nesta perspectiva de Martino (2003), o processo de secularização envolve dois aspectos: o primeiro, institucional, relativo à perda de controle institucional e jurídico por parte das religiões, sobretudo a Católica pelo seu histórico de dominação; e o segundo, cultural, decorrente da perda da representação do universo social, da legitimação de suas regras e mais contemporaneamente, da imposição de uma opinião dominante. Assim, o autor considera que a secularização se reflete nas práticas mediáticas fazendo com que os meios de comunicação questionem a validade de princípios religiosos e busquem contradições entre a teoria e a prática em suas abordagens. Logo, a religião se encontraria “parcialmente excluída” do contexto geral da sociedade e “dos critérios racionais que determinam os assuntos ditos ‘sérios’”, estando o fiel livre para expor sua fé “apenas no espaço da comunhão ideológica” (MARTINO, 2003, p. 27).

No entanto, tanto Martino quanto Berger reconhecem, em trabalhos mais atuais, que apesar da secularização ainda ser uma das ideias mais difundidas entre os estudiosos da área de religião, ela possui limitações que a tornam discutível. Berger, que por muitos anos foi um dos defensores dessa teoria, faz uma reflexão do próprio entendimento em “Múltiplos altares da modernidade: Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista (2017)”, onde acaba por afirmar que a teoria da secularização tornou-se empiricamente insustentável.

Sob a ótica do pluralismo, o qual ele define como sendo uma situação social na qual pessoas de etnias, cosmovisões e moralidades diversas convivem e interagem amigavelmente, o autor postula que o fenômeno religioso não desaparece das realidades sociais em detrimento da razão, mas se envolve em um movimento de renovação de si mesmo através das diversas formas de experiências religiosas presentes na contemporaneidade. Ou seja, há espaço para a religião assumir a sua faceta característica, mas também há coexistência de variados discursos religiosos adequados a esta realidade moderna plural e diluída.

Conforme a teoria de Berger, os meios de comunicação que não pertencem ao campo religioso, como o jornal A TARDE, não se interessariam em reforçar discursos religiosos ou reafirmar dimensões mitológicas para a sociedade em prol da racionalidade e da ciência.

Hoover (2014) pontua que teorias sobre secularização podem se tornar corretas futuramente, pois fatores como pressões culturais, sociais e na educação parecem enfraquecer aspectos que legitimam religiões tradicionais e consequentemente causando queda entre as adesões - ele cita o declínio no interesse em religião entre cristãos no Ocidente e na participação em religiões abraâmicas em muitos países. Por outro lado, o autor ressalta que eventos - entre os quais, o atentado do 11 de setembro nos Estados Unidos - “que mudaram o mundo em anos

recentes têm pelo menos algumas de suas origens na religião, e por meio de uma ampla variedade de contextos, questões e processos históricos a religião persiste e até mesmo domina” (HOOVER, 2014, p. 42).

Neste cenário, a mídia surge como fundamental para apresentar e abordar questões religiosas e construir um discurso que ajude a audiência a compreendê-las. Segundo o pesquisador, “as maiores questões e tendências religiosas que são tão importantes hoje não podem ser plenamente abordadas e compreendidas sem atenção às mídias” (HOOVER, 2014, p.45). Assim, como as mídias são uma importante fonte de informação sobre as religiões, suas ideias e tendências, o autor ressalta que “a religião está cada vez mais presente no noticiário, no entretenimento e na cultura popular” (HOOVER, 2014, p. 42).

É preciso deixar claro que, ao falar de mídia, Hoover não considera apenas a imprensa, mas também inclui a variedade de formas presentes no entretenimento - cinema, televisão e música -, publicidade e esfera digital, como sendo detentoras de rico simbolismo, oportunidades de fazer e refazer identidades e relacionamentos sociais, bem como, da discussão sobre o que é importante na modernidade. Ele aponta que as mídias e as religiões possuem uma relação “forte e complexa” pelo “fato de importantes tradições de expressões musicais, cinematográficas e literárias terem suas raízes na religião” (HOOVER, 2014, p.52).

Em um pensamento bastante similar ao de Hoover, Hjarvard (2014) afirma que o discurso apresentado pelas mídias afeta a interação das pessoas entre si no momento em que discutem religião. Baseando-se na própria premissa sobre midiatização, na qual pontua que os *media* interferem nas instituições, o autor considera que os meios de comunicação “influenciam e transformam diversos elementos da religião, incluindo sua autoridade como instituição, o conteúdo simbólico de suas narrativas, bem como a fé e as práticas religiosas” (HJARVARD, 2014, p.132). No entanto, essa influência vai depender de diversos fatores, entre os quais a localização geográfica, o contexto social e religioso, a natureza do veículo de comunicação, em si, e a maneira como a religião será retratada.

As influências da mídia sobre a esfera religiosa podem ser múltiplas e por vezes contraditórias, mas, de modo geral, os meios de comunicação, enquanto condutores, linguagens e ambientes, são responsáveis pela midiatização da religião. Tal processo acarreta uma transformação multidimensional da religião, influenciando seus textos, práticas, relações institucionais e, em última análise, a própria natureza da fé nas sociedades modernas. O resultado dessa transformação não é o surgimento de um novo tipo de religião propriamente dita, mas de uma nova situação social e cultural em que o poder de definir e praticar a religião foi alterado. (HJARVARD, 2014, p. 137).

Ainda sobre a relação entre midiaticização e religião, Martino (2012, 2017) pontua que as instituições religiosas não apenas passam por um momento de alteração em suas práticas, como também vivem uma reestruturação mais profunda dos significados do que é sagrado, religioso e do que constitui a experiência religiosa. Tudo isso reflete na percepção de que a presença dos discursos religiosos nos espaços técnicos dos meios de comunicação é fruto de uma adequação aos fundamentos da mídia como condição de circulação, e talvez, sobrevivência em uma sociedade cada vez mais midiaticizada. Martino (2017) afirma que a inserção no ambiente midiático vai ocorrer de diferentes maneiras e que, quanto maior for a articulação, maior será o sucesso da denominação religiosa em termos de visibilidade pública. Nesse sentido, a depender do grau de associação, irão existir denominações e instituições religiosas de “alta mediação” e de “baixa mediação” (MARTINO, 2017, p. 103).

Alguns exemplos práticos desta adaptação incluem a modernização de cultos, liturgias e doutrinas. Na Igreja Católica brasileira, já na década de 70, os shows em estádios do padre Zezinho começaram a substituir o estilo de composição litúrgica pelo popular. Porém, o catolicismo viveu a sua explosão na mídia nos anos 90, com a ascensão do padre paulista Marcelo Rossi que, como pontua reportagem da revista *Isto É* (2008)¹⁹, “levou a palavra de Deus aos programas de auditório da televisão, trios elétricos, shows de artistas leigos e cinema, abriu caminho para novos talentos católicos e fomentou uma vasta indústria de entretenimento religioso”. A missa festiva da canonização de Santa Dulce dos Pobres, também retratada na série de reportagens do jornal *A TARDE* analisada nesta pesquisa, constitui um destes exemplos. Realizada em um estádio lotado de fiéis, com a presença de grupos musicais e apresentações de teatro e dança incorporadas à liturgia tradicional da Igreja Católica, a celebração foi uma verdadeira “showmissa”, repleta de incrementos que se aproximam de um fazer midiático mais associado ao entretenimento.

Dada essa adequação, a constância do fenômeno religioso na mídia brasileira pode ser visualizada claramente na televisão, não só com a existência dos canais propriamente religiosos, como também através da cobertura jornalística e da produção de conteúdo sobre o assunto. Aguiar (2015) analisa que o ponto de virada dos meios de comunicação de massa no Brasil com relação à pauta religiosa ocorreu no final da década de 1980, com a compra da Rede Record pelo líder da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo, resultado da ação de um grupo de evangélicos cujo movimento foi denominado de “neopentecostalismo”. A emissora

¹⁹RABELO, Carina. O avanço dos católicos na mídia. *Isto É*. 17 set. 2008. Comportamento. [online]. Disponível em: https://istoe.com.br/7911_O+AVANCO+DOS+CATOLICOS+NA+MIDIA/. Acesso em: 09 mar. 2021.

configura-se, nos anos 2020, como uma das mais conhecidas por realizar, em rede aberta, a transformação de conteúdo religioso em midiático, sobretudo por meio de suas novelas. Gravada durante a pandemia do novo coronavírus, Gênesis se tornou a novela bíblica mais assistida do canal e a primeira lançada na TV aberta brasileira durante o período de crise sanitária – estreia ocorreu em fevereiro de 2021 -, conforme reportagem da *Veja*²⁰. Ainda de acordo com pesquisa divulgada pelo site Notícias da TV²¹, em dois meses de exibição, Gênesis se tornou o programa mais visto fora da Globo (emissora que detém maior audiência na TV aberta brasileira), alcançando mais do que o dobro da SBT.

2.2. RELIGIÃO EM PAUTA: CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E DISCURSO JORNALÍSTICO

Conforme debatido anteriormente a respeito da midiatização da religião, os meios de comunicação constituem-se como fontes importantes de informação sobre questões religiosas. Sendo assim, para analisar tal discurso midiático específico, é preciso conhecer a natureza do veículo de comunicação em questão, seu modo de atuação e práticas e processos produtivos que impactam na sua enunciação. Tomando como ponto de partida o objeto deste estudo, que é jornal impresso, ou seja, um veículo de comunicação informativo, se torna necessário compreender as condições de produção envolvidas na construção de uma notícia e o papel do jornalista nesse processo.

A essência do jornalismo está na transformação de fatos da realidade em notícia. Fatos estes que não são aleatórios, mas, sim, acontecimentos que, devido a uma dimensão simbólica, são considerados importantes para serem registrados pelo discurso jornalístico. Sobre esta escolha, Charaudeau (2013) afirma que “o acontecimento será selecionado e construído em função de seu potencial de “atualidade”, de “socialidade” e de “imprevisibilidade” (CHARAUDEAU, 2013, p. 101) e nunca será transmitido à recepção no seu estado bruto. A significação vai depender do jornalista que, a partir do seu olhar e de seu trabalho técnico, o torna inteligível.

²⁰CARNEIRO, Raquel. Machismo, dinossauros e gravidez surreal: a salada bíblica de ‘Gênesis’. *Veja*. 20 jan. 2021. Cultura. [online]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/tela-plana/machismo-dinossauros-e-gravidez-surreal-a-salada-biblica-de-genesis/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

²¹GÊNESIS mantém público fiel e se consolida como programa mais visto fora da Globo. *Notícias da TV*, por Daniel Castro. 15 mar. 2021. Audiências. [online]. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/genesis-mantem-publico-fiel-e-se-consolida-como-programa-mais-visto-fora-da-globo-53262?>. Acesso em: 18 mar. 2021.

Na escolha dos acontecimentos, Nóbrega e Bonfim (2016) apontam que o jornalista não se baseia apenas em seus critérios subjetivos e sim, em fatores objetivos em comum que “explicariam, por exemplo, a coincidência das notícias em mais de um jornal” (NÓBREGA; BONFIM, 2016, p. 08). Tais critérios de noticiabilidade - ou valor-notícia, como também são conhecidos - são aplicados, muitas vezes inconscientemente, pelo comunicador para saber quais fatos são importantes para serem noticiados.

Martino (2003, p. 113-114) enfatiza que os critérios de noticiabilidade foram alvo de pesquisa de diversos teóricos da comunicação, sendo os noruegueses J. Galtung e M. Ruge os pioneiros, em 1965. Para eles, existem 12 parâmetros fundamentais e o acontecimento se tornará mais noticioso quanto mais destes valores ele reunir. São eles: A frequência ou o momento do acontecimento; Magnitude do acontecimento; A clareza; A significação; A correspondência ou consonância; O inesperado; Continuidade; Composição; Notícias sobre países do chamado 1º mundo; Reportagens sobre as elites; Personalização; O negativo.

Traquina (2005) também apresenta alguns fatores que fazem com que um fato social se torne notícia. Ele contextualiza o assunto ao voltar aos séculos XVI e XVII e abordar o surgimento das “folhas volantes” na Europa, publicação precursora dos jornais modernos. O pesquisador afirma que os “primeiros valores-notícia” conhecidos eram os acontecimentos mais recorrentes nos impressos da época: os milagres - bastante utilizados por A TARDE na cobertura referente à Dulce -, as abominações, as catástrofes e tudo o que remetia ao insólito, isto é, “os acontecimentos que produziam o maior espanto, a mais profunda maravilha, a maior surpresa – e à notoriedade do ator principal – os atos e as palavras das pessoas importantes, as crônicas e as proezas de personalidades da elite” (TRAQUINA, 2005, p. 65).

Mauro Wolf define a noticiabilidade como “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos dentre os quais há que selecionar as notícias” (WOLF, 2003, p. 195). O autor categoriza os critérios de noticiabilidade: critérios substantivos - relacionados ao conteúdo e responsável pelo interesse da notícia -; relacionados ao produto informativo e sua especificidade; critérios relacionados ao meio de comunicação; critérios referentes ao público e critérios ligados à concorrência (WOLF, 2003, p. 202-228).

Traquina (2005, p. 79-88) elenca os nove valores-notícia trazidos por Mauro Wolf (2003), em termos de critérios substantivos. São eles: a “morte”, a “notoriedade”, a “proximidade”, a “relevância”, a “novidade”, o “tempo” (atualidade), a “notabilidade”, o “inesperado”, o “conflito” (ou controvérsia), a “infração” e o “escândalo”. Os contextuais são

cinco: “disponibilidade”, “equilíbrio”, “visualidade”, “concorrência” e o “dia noticioso”. Já os valores-notícia de construção, que vão tratar da seleção de elementos dentro do acontecimento que serão incluídos na elaboração da notícia são seis: a “simplificação”, a “amplificação”, a “relevância”, a “personalização”, a “dramatização”, e a “consonância”.

Andrade (2016) ressalta que os valores-notícia não se constituem apenas em critérios de importância de um fato, como também, apontam para o “interesse jornalístico do leitor” (ANDRADE, 2016, p.185), representando a visão do jornalista e do veículo de comunicação sobre o que a recepção precisa e deseja ser informada.

Os valores-notícia não orientam somente o que deve ser noticiado, mas também definem, no processo de produção discursivo, que aspectos do fato será eleito para o lead, que singularidade tem que emergir e que particularidades devem ser ressaltadas, isto é, como o assunto é enquadrado. (ANDRADE, 2016, p.185).

Os valores-notícia são importantes em pesquisas de análise do discurso jornalístico por constituírem “traços visíveis de classificação (intencionais e não intencionais)” dos fatos (ANDRADE, 2016, p. 185). Os parâmetros não se limitam a influenciar a escolha de pautas, mas também orientam, estruturam e organizam o discurso e conseqüentemente, a construção de sentido pelo jornal. Assim, questões como o que faz a canonização de Irmã Dulce ser pautada pelo A TARDE, quais fatos sobre a vida da religiosa merecem ganhar destaque, entre outras, são cruciais para entender de que maneira o impresso estrutura seu discurso para construir uma imagem de santidade para Dulce.

Voltando-se para a questão sobre como o jornalismo da grande mídia ou mídia laica atua produzindo notícias sobre religião, Hjarvard (2014) aponta que o enquadramento pelos veículos jornalísticos não é influenciado apenas pelos “valores profissionais do jornalismo, mas também por sua receptividade aos discursos predominantes na sociedade e pela demanda do público por histórias interessantes” (HJARVARD, 2014, p. 144). Partindo desta visão, é possível aferir que, para se tornar pauta, os assuntos religiosos precisam ser noticiáveis e atender aos anseios do público leitor.

Porém, se foi dito que as mídias afetam a religião, por outro lado também é preciso discutir como a religião, de certa forma, também exige uma adequação do jornalista aos seus ritos. Para Hoover (2014), que afirma que o 11 de setembro nos Estados Unidos fez com que a pauta religiosa ganhasse mais relevância nos noticiários, os veículos de comunicação não apenas cobrem ou acompanham os fatos, como também o seu discurso ajuda a dar forma à religião, ao passo que a caracteriza para pessoas que não a conhecem.

Quanto ao papel do jornalista, o autor afirma que o profissional precisa ter cuidado para não abordar a religião de forma rasa e esquecer as suas implicações nas dimensões social e política. O jornalismo tradicional não deve deixar de cobrir a religião, mas sim, entender as responsabilidades envolvidas e que sua forma de definir e representar a religião também impacta a própria religião. Ou seja, a mídia transforma a religião, mas o profissional de mídia também se transforma a partir da produção discursiva sobre religião.

Jornalistas e outros profissionais das mídias precisam ser ainda mais sofisticados na compreensão da religião. Não apenas devem entender as religiões históricas em mais detalhes, mas devem também entender as religiões na medida em que se desenvolvem em novas formas e formatos. Eles necessitam conhecimento especializado das religiões em termos formais, bem como uma compreensão de que crença, espiritualidade e doutrina estão se tornando mais fluidas. Eles também precisam ser capazes de analisar as religiões a partir das dimensões não religiosas dos movimentos e tendências contemporâneos e interpretar a relação que se desenvolve entre elas. (HOOVER, 2014, p. 66).

Nesse aspecto, evidencia-se a busca, pelo A TARDE, de uma profissional especializada em religião para coordenar a produção da série de reportagens “Para sempre, Dulce”²².

Limitando-se à relação entre Igreja Católica e grande mídia, é possível observar que a pauta católica nos noticiários se divide, na maioria das vezes, entre repercutir as movimentações do Papa Francisco, sobretudo com as questões da diplomacia entre países e atualizações da religião frente à modernidade, e as tradições sociais e culturais associadas às datas comemorativas dos principais personagens cultuados na sua liturgia: os santos.

A Bahia, fundada por colonizadores católicos que espalharam suas crenças durante a construção das cidades - em especial Salvador, que conta com mais de 370 igrejas -, é um dos territórios brasileiros cuja cobertura midiática constantemente esbarra em pautas católicas. Isto ocorre principalmente devido às festas populares surgidas no estado que já se tornaram famosas em todo o país como Senhor do Bonfim e Bom Jesus dos Navegantes. Porém, cabe ressaltar que, devido ao contexto histórico de miscigenação da população que faz da Bahia a porta de entrada das principais religiões do Brasil, a abordagem das festas relacionadas aos santos não é puramente católica, dividindo o espaço com outras denominações que compõem o sincretismo, sobretudo, as de matrizes africanas.

²²A jornalista Cleidiana Ramos é Doutora em Antropologia e Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia. A profissional, contratada especialmente para o projeto, possui experiência na produção de conteúdo ligado a diversas religiões. Seus trabalhos também evidenciam a experiência em materiais que tratam da memória, conceito que, como o próprio A TARDE afirma, foi o fio condutor das reportagens. Como foi citado anteriormente, ela já assinou matérias em, pelo menos, dois cadernos especiais sobre Irmã Dulce no jornal.

2.3. O JORNAL IMPRESSO E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO DISCURSO

Por entender que o discurso jornalístico se constitui a partir de suas condições de produção, a pesquisa se volta, neste tópico, a discutir as nuances do jornal impresso, dispositivo ou suporte de comunicação na qual a série de reportagens “Para sempre, Dulce” está inserida.

Um jornal impresso é composto por imagens (gráficos e infográficos, fotos, charges, ilustrações, entre outros) e textos dos diversos formatos e gêneros jornalísticos (título, subtítulo, linha de apoio, legendas, olho, destaque), articulados para formar um *layout*. Dentre as suas principais características está a periodicidade. Normalmente diária, a publicação precisa ser atualizada todos os dias com os fatos mais relevantes do período. Porém, o impresso não se resume a reportar apenas o cotidiano, como também apresenta notícias exclusivas, que requerem maior tempo de apuração, as chamadas pautas frias, sobre assuntos específicos e que independem de uma data para serem publicadas, além dos conteúdos especiais como é o caso de “Para sempre, Dulce”.

Andrade (2016) acrescenta que, historicamente, os jornais impressos organizam suas pautas em editorias que podem ser temáticas, territoriais ou segmentadas de acordo com o perfil da publicação. Maingueneau (2005) afirma que este tipo de publicação confere certa autonomia aos leitores pelo fato de a impressão possibilitar cópias idênticas e uniformes, remontando à característica da persistência no tempo evidenciada pela mediatização. Além disso, os leitores podem guardar e transportar mais facilmente um jornal impresso.

Pela ótica de Mouillaud (2012 *apud* ANDRADE, 2017, p. 04), muito mais do que um mero suporte no qual os textos estão inscritos, o dispositivo de enunciação jornal impresso constitui uma verdadeira matriz de sentido, ao passo que precede o texto e comanda sua duração e extensão.

O jornal seria uma espécie de aparato acolhedor que se dispõe a ordenar os acontecimentos à sua maneira própria e peculiar. O jornal não está solto no espaço, está, como produtor de operações, submetido ao encadeamento de formas que se encaixam umas nas outras, de cujas articulações resultam o acontecimento mediatizado. (ANDRADE, 2017, p. 04).

Para Véron (2004), que considera o jornal um “objeto complexo de análise”, de forma geral, o conteúdo de fotos, legendas, infográficos, títulos, textos, entre outros elementos discursivos, e a sua articulação entre si nas páginas do impresso constitui a “matéria significante” que vai determinar a construção de sentido. Outro determinante para o discurso é o próprio modo de produzir a publicação, sobre o qual Andrade (2017, p. 05) afirma que, além das questões como a configuração espacial de tamanho, formato de páginas, capa, cores,

tipologia e *layout* do impresso, “as práticas de produção e consumo a ele historicamente e culturalmente associadas” também contribuem para que o jornal carregue maneiras próprias de produzir sentidos.

Ao falar de jornal impresso na contemporaneidade, é necessário pensar, também, que o jornal impresso está dentro do contexto da midiatização e da emergência da globalização e suas tecnologias. Sendo assim, cada vez mais este dispositivo vai incorporar aspectos da cultura do audiovisual e do mundo digital, adotando, por exemplo, uma maior preocupação com a estética no que se refere ao uso de cores. Andrade (2017) cita a tentativa desse tipo de veículo de comunicação de se assemelhar à TV, com o uso de cores chamativas na capa, e a aproximação da linguagem verbal escrita a outras como a digital, fotográfica, gráfica e diagramática.

Outro ponto é a convergência midiática, que promove a associação do conteúdo do impresso a outras mídias existentes e ainda faz com que o conteúdo do jornal impresso não fique só nas folhas do papel, como é o caso da digitalização, que transporta o *layout* impresso para o meio digital. Tudo isso pode ser constatado em “Para sempre, Dulce” que, além de se apresentar nas páginas do impresso, foi veiculado, com complementos, seja de textos ou de mídias diversas (galeria digital de fotos, podcasts e vídeos) no site, no canal do YouTube e na rádio do Grupo A TARDE, além de digitalizado para o assinante. Assim, o impresso passa não apenas por mudanças de diagramação, como também na própria rotina produtiva, ao passo que o jornalista acaba mobilizando outras instâncias de conhecimento na forma e na apresentação da apuração.

No entanto, mesmo em meio às essas mudanças advindas do processo de midiatização, Andrade (2017, p. 04) afirma, a partir de Mouillaud (2012), que, enquanto dispositivo, o jornal está a montante e a jusante da enunciação, pois “tanto quem produz quanto quem consome está habituado às práticas e constrangimentos²³ de produção e de leitura que são por ele (e nele) engendrados”. Assim, o formato e as práticas de produção do impresso são entendidos como condição pré-existente à construção de sentidos.

²³Aqui, entende-se por constrangimento, as características de criação que vão interferir no produto final. No caso do impresso, um destaque especial é o espaço limitado da publicação, já que os formatos de texto e imagens, que juntos articulam a informação, precisam obedecer a limitações espaciais impostas pelas páginas. Para isso, é preciso, por exemplo, selecionar informações, excluir outras, considerar o espaço da foto e assim, optar pelo uso de imagem grande ou pequena - ou até mesmo, retirá-la, considerar o tamanho do título, lembrar do espaço do anúncio, entre outras questões. Tais constrangimentos, que regem e limitam, nesse sentido, o trabalho dos profissionais de mídia diretamente envolvidos na publicação - jornalista, redator, fotógrafo e diagramador - vão depender de inúmeros fatores, sendo o mais importante, a linha editorial do veículo de comunicação ao qual o jornal impresso pertence.

Por fim, é preciso considerar ainda a instância da recepção como outra importante condição para a produção de sentido operada por um dispositivo de enunciação. Como aponta Véron (2004), quem escreve sempre prevê quem é o leitor imaginado e o que ele deseja saber e, assim, conduz a sua produção discursiva para poder atingi-lo. Nessa linha de pensamento, por meio de uma comparação entre revistas francesas, o autor vai classificar o enunciador de acordo com as linguagens utilizadas para se relacionar com o leitor imaginado. O enunciador pode ser objetivo ao subentender que o seu leitor já possua conhecimentos anteriores que o tornem inteirado sobre determinado assunto, ou assumir uma postura mais pedagógica e explicativa, apoiada na suposta desigualdade e conhecimento entre a publicação e o leitorado.

Além disso, o enunciador pode se manter à distância do destinatário, conferindo-lhe uma maior autonomia na leitura de uma matéria/capa, ou criar uma relação de cumplicidade e aproximação, por meio de diálogo e interpelação. Tudo isso é definido pelo uso e exclusão de recursos linguísticos - escolha de pronomes pessoais, gírias, uso de linguajar popular, questionamentos ao leitor, jogos de linguagem, entre outros - e visuais - cores, ambiência, nitidez, tipo de foto, articulação dos títulos e legendas.

Deste modo, é possível observar dois aspectos do discurso de A TARDE: ele é construído a partir das complexas lógicas que determinam os dispositivos midiáticos, constituindo uma apresentação da leitura de mundo da publicação, mas também é regido pelos leitores, cujo perfil vai definir a posição da enunciação e o próprio caráter da publicação. O leitor do A TARDE é como o jornal: tradicionalista, conservador e o conteúdo não foge disso, com as matérias de “Para sempre, Dulce” adotando linguagem formal e uma diagramação pouco moderna, por exemplo²⁴.

Como discutido anteriormente, os veículos de comunicação trabalham a partir de uma imagem constituída do seu público leitor. Segundo Verón (2004), são, assim, as modalidades de dizer que constroem e dão forma ao que se chama de dispositivo de enunciação. Tal dispositivo comporta: 1) o enunciador, 2) o destinatário, que é definido também pelo produtor de discurso e 3) a relação entre enunciador e o destinatário, que é proposta no e pelo discurso.

²⁴O conhecimento acerca do leitorado, pelas publicações impressas, é obtido sobretudo pelas pesquisas de público realizadas pelos veículos de comunicação. Geralmente empreendidas pelos setores de marketing e publicidade, tais estudos se voltam a traçar o perfil do consumidor através do levantamento de dados como idade, estado civil, classe social, escolaridade, assuntos de interesse, opiniões, visão política e em alguns casos, religião. Como foi citado no tópico 1.3, após pesquisa do próprio jornal, foi apontado que a maioria dos assinantes de A TARDE são homens de idades que variavam de 31 a mais de 55 anos, com pelo menos, o ensino médio completo. Tais características acerca de quem consome a notícia influenciam diretamente o que será dito e como será dito, tanto visualmente quanto textualmente, pela publicação

Todo suporte de imprensa contém seu dispositivo de enunciação: este último pode ser coerente ou incoerente, estável ou instável, adaptado a seus leitores ou mais ou menos inadaptado. No caso da imprensa escrita, denominaremos esse dispositivo de enunciação o contrato de leitura²⁵. (VERÓN, 2004, p. 218, grifo do autor).

Produtor dos discursos, o jornal impresso se constitui, assim, como um dispositivo midiático de enunciação sendo dotado de elementos voltados a produzir efeitos de sentidos em seus discursos, assegurando seu lugar de construtor da realidade. Considerando a série de reportagens de A TARDE, temos que ela é construída para evidenciar, não todos, mas determinados aspectos da Santa Dulce. Ou seja, o discurso pode ser encarado como sendo um espaço repleto de atores e elementos, enquanto o ato de ler é fazer com que esse universo se movimente em torno de uma ou outra direção (sentido).

Diante do exposto, é possível afirmar que o jornal se relaciona discursivamente com seus leitores ao operar estratégias enunciativas segmentadas, porém, enquanto veículo de comunicação inserido no campo e nas funções do jornalismo, também adota um posicionamento institucional. “Para sempre, Dulce” se divide entre apenas informar, ao organizar as informações de maneira aparentemente factual e despretensiosa, e acionar sentimentos e adotar discursos que reforçam a imagem de Dulce como uma santa digna de admiração. Assim, o discurso no impresso é construído a partir de estratégias discursivas que levam em consideração a recepção, os fatores de produção e seus constrangimentos e as revoluções provocadas pela midiatização.

2.4. ANÁLISE DE DISCURSO: QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO DO DISCURSO MIDIÁTICO

A Análise de Discurso de linha francesa (AD), adotada como aparato teórico-metodológico nesta pesquisa é, segundo Maingueneau (2005), um produto da convergência de disciplinas diversas como Sociologia, Filosofia, Psicologia, História, Linguística e Antropologia. A AD emerge nos anos 1960, baseada no tripé Linguística, Materialismo Histórico e Psicanálise para estudar o discurso (ANDRADE, 2016). Assim, as contribuições de Dominique Maingueneau (2005), de Patrick Charaudeau (2013) e de Eliseo Verón (2004) mostram-se pertinentes para o estudo aqui proposto.

²⁵O conceito de contrato de leitura implica que o discurso de um suporte de imprensa seja um espaço imaginário onde percursos múltiplos são propostos ao leitor; uma paisagem, de alguma forma, na qual o leitor pode escolher seu caminho com mais ou menos liberdade, onde há zonas nas quais ele corre o risco de se perder ou, ao contrário, que são perfeitamente sinalizadas. (VERÓN, 2004, p. 236).

Este tópico destina-se a explorar, primeiro, as noções de discurso e de discurso midiático, em seguida detalhar os conceitos de AD que são utilizados na pesquisa, para, por fim, explicitar o percurso analítico do trabalho.

Segundo Maingueneau (2005), o termo discurso é empregado de diversas formas, podendo designar discursos solenes, realizados por autoridades, falas inconsequentes, de modo pejorativo (“é tudo discurso!”) ou quaisquer usos restritos da língua (exemplos: discurso islâmico ou discurso da juventude), sendo, nesse último caso, ambíguo, pois discurso pode se referir tanto ao sistema que permite produzir um determinado conjunto de textos quanto ao conjunto de textos produzidos, em si. Quando voltado às ciências da linguagem, o autor afirma que o discurso pode ser utilizado tanto no singular, quanto no plural, conforme se refira a atividade verbal em geral ou a um evento de fala específico. A concepção da linguagem e suas alterações são avaliadas a partir da noção discurso, uma mudança que vem da Pragmática, da forma em que a comunicação verbal é apreendida. Ao falar de mídia e considerar que o jornalismo reproduz fatos da realidade, Maingueneau afirma que o discurso jornalístico é marcado por uma enunciação sobre outra enunciação.

Para Maingueneau (2005, p. 52-56), o discurso possui oito características gerais. Trata-se de uma organização situada para além da frase, que mobiliza estruturas de uma outra ordem que as da frase e está submetido a regras de organização pertencentes a um grupo social. Um segundo ponto é que o discurso é orientado e assim, desenvolve-se no tempo de maneira linear, constrói-se em função de uma finalidade e é concebido em função de uma perspectiva assumida pelo locutor. O discurso é também uma forma de ação, pois falar não é apenas uma representação do mundo, e sim uma maneira de agir. Ou seja, afirmar e interrogar, por exemplo, são atitudes que visam modificar uma determinada situação. O discurso é ainda interativo, visto que, a atividade verbal é, na realidade, uma interação entre dois parceiros traduzida pelo binômio eu-você.

Continuando a perspectiva de Maingueneau (2005), o discurso é contextualizado pois o sentido do enunciado depende do seu contexto. No entanto, o contexto também é definido e modificado pelo discurso, ao longo da enunciação. Outra questão é que o discurso é assumido por um sujeito, ao passo que o discurso só é discurso enquanto remete a um sujeito. Este sujeito acaba se colocando como fonte de referências e indica que caminho está tomando em relação àquilo que diz. O discurso também é regido por normas devido ao fato de pertencer à instituição da fala, que é um comportamento, logo, cada ato de linguagem implica questões particulares. Por fim, o discurso deve ser considerado no bojo de um interdiscurso, já que o sentido está

inserido no universo de outros discursos. Ou seja, a interpretação de um enunciado depende da relação deste com outros enunciados já conhecidos. A própria inserção de um determinado discurso em um gênero discursivo já o relaciona a um conjunto de outros discursos de mesmo gênero.

Além de definir as características gerais do discurso, Maingueneau (2005, p. 34-37) postula também que o discurso está envolvido em um conjunto de leis, cruciais para o entendimento dos enunciados. Para ele, uma das principais é a lei da pertinência, que considera que o enunciado deve interessar ao seu destinatário. No caso da comunicação jornalística, por exemplo, parte-se do pressuposto de que o discurso midiático ajuda o leitor a enriquecer sua compreensão de mundo. Outra importante lei, conforme o autor, é a da sinceridade. Ela se refere ao engajamento de quem apresenta o discurso no ato de fala realizado, pois cada um desses atos implica o cumprimento de regras e condições. Por exemplo, quem afirma algo deve, antes de tudo, estar em condições de garantir que aquilo é verdade.

Da ordem do conteúdo, um terceiro ponto é a lei da informatividade, que diz que os enunciadores devem fornecer informações novas aos destinatários. Em seguida, Maingueneau fala em lei da exaustividade, que, em complemento à lei da informatividade, postula que o enunciador deve buscar garantir a informação máxima ao destinatário, além de defender que nenhuma informação importante seja escondida. Já as leis da modalidade, referentes aos gêneros de discurso, prescrevem clareza (da escolha de palavras e complexidade das frases, por exemplo) e economia.

Charaudeau (2013) complementa esta reflexão ao afirmar que a noção de discurso está separada da de língua, embora seja com ela que se produza o discurso e que o discurso, em um efeito de retorno, modifique a língua. Segundo o autor, a língua é “voltada para sua própria organização, em diversos sistemas que registram os tipos de relação que se instauram entre as formas (morfologia), suas combinações (sintaxe) e o sentido”, enquanto o discurso está voltado para além das regras de uso da língua, resultando da “combinação das circunstâncias em que se fala ou escreve (a identidade daquele que fala e daquele a quem este se dirige, a relação de intencionalidade que os liga e as condições físicas da troca) com a maneira pela qual se fala” (CHARAUDEAU, 2013, p. 40).

Ao pensar a informação como discurso, o autor diz que o ato de informar descreve, reporta e explica fatos. Neste processo de transformação do acontecimento em discurso, quem produz um ato de linguagem dá uma significação psicossocial que vai depender de um certo número de parâmetros relativos à identidade do destinatário como saberes, posição social e

interesses, além de questões como o efeito e o tipo de relação pretendida com o receptor. Assim, a partir destas considerações, Charaudeau (2013) considera que “todo discurso, antes de representar o mundo, representa uma relação, ou, mais exatamente, representa o mundo ao representar uma relação” (CHARAUDEAU, 2013, p. 42).

O sujeito informador, capturado nas malhas do processo de transação, só pode construir sua informação em função dos dados específicos da situação de troca. E, pois, inútil colocar o problema da informação em termos de fidelidade aos fatos ou a uma fonte de informação. Nenhuma informação pode pretender, por definição, à transparência, à neutralidade ou à factualidade. Sendo um ato de transação, depende do tipo de alvo que o informador escolhe e da coincidência ou não coincidência deste com o tipo de receptor que interpretará a informação dada. (CHARAUDEAU, 2013, p. 42).

Esse sujeito informador se encaixa na noção de instância de produção da comunicação midiática, definida por Charaudeau como sendo uma entidade repleta de atores responsáveis por fabricar discurso aparentemente homogêneo: a direção do veículo de comunicação, da ordem estrutural e econômica, os da programação, cuja função passa por fazer com que as informações escolhidas sejam apreciadas pelo público e os da redação das notícias e os operadores técnicos, que tratam a informação de acordo com a linha editorial. Nesta mesma visão, Andrade (2017) avalia que o discurso de um jornal impresso, como é o caso do A TARDE, é, “por excelência, polifônico”, sendo constituído por diversas vozes: “a do jornal enquanto instituição, a do jornalista (redator) e a das fontes de informação” (ANDRADE, 2017, p. 09).

Através do uso de determinadas modalidades discursivas, essas vozes vão se articular para produzir determinado sentido em um discurso midiático. Quando se é reproduzido, ou supondo ter se reproduzido, textualmente as palavras de alguém, o jornalista usa modalidade direta. Ao acionar as próprias palavras e ideias, a indireta, e ao utilizar elementos preposicionais como “de acordo”, “conforme fulano”, o discurso segundo. Em “Para sempre, Dulce”, o discurso direto aparece diversas vezes para conferir autenticidade às falas que exprimem felicidade e emoção por Irmã Dulce estar sendo canonizada. Maingueneau (2005) diz que o discurso direto não se satisfaz em eximir a responsabilidade sobre o que está sendo dito pelo enunciador, mas também simula reproduzir as falas citadas, caracterizando-se por dissociar diretamente as instâncias da enunciação: a do discurso citante e a do discurso citado. Assim, além de demonstrar autenticidade sobre a ideia que se deseja passar, a citação direta também pode indicar intenções de distanciamento, mostrar autoridade e seriedade, assim como, dar caráter oral à um determinado trecho.

Como trabalhado anteriormente, Verón (2004) explica que o discurso, incluindo o discurso mediático, é construído dentro de uma semiose histórica, social e infinita. Sendo assim, ele vai depender e mudar conforme o tempo e o contexto (cultural, social, filosófico, geográfico, etc.) no qual está inserido. Para o autor, o discurso midiático é dotado de matérias significantes, conforme discutido no tópico 2.3, cujos sentidos englobam diversos aspectos, a exemplo da linguagem em si, a fotografia, a formatação, e a paginação. Tais matérias significantes, segundo Verón, devem ser analisadas a partir de comparações, em uma perspectiva de análise dos discursos no plural.

Nesta perspectiva, a noção de discurso vai além do texto escrito: enquanto o texto constitui um conjunto signifiante, o discurso abarca uma quantidade de matérias significantes, entre as quais, o texto escrito. Assim, o discurso da informação não pode ser definido sem levar em conta as características do suporte, as normas que regem o trabalho do jornalista e o destinatário coletivo para o qual ele é direcionado. Ao falar especificamente de discurso na imprensa escrita, Verón (2004) pontua que o dispositivo jornal impresso comporta pelo menos três níveis fundamentais: a produção do leitorado e o posicionamento do suporte em face dos títulos concorrentes e a valorização dos leitores junto aos anunciantes.

A produção do leitorado se refere às características responsáveis por definir o conjunto dos leitores do dispositivo de enunciação - já apresentadas na parte de jornalismo impresso. O posicionamento do suporte em relação aos concorrentes está associado a esta produção dos leitores - e ao contrato de leitura -, sendo definido por uma situação de concorrência entre os veículos de comunicação que direcionam suas estratégias a fim de alcançar a representação acerca do seu destinatário. Por fim, a valorização dos leitores junto aos anunciantes, na qual a publicidade dos anunciantes é guiada pelo leitorado do jornal e conseqüentemente, acaba disputando espaço com o discurso em meio aos constrangimentos nas páginas do impresso.

Por fim, cabe ressaltar que diversos conceitos estão ligados à questão do discurso e conseqüentemente ao seu entendimento. Uma noção importante, conforme Maingueneau (2005) é a de enunciado, que pode assumir a noção de marca verbal do acontecimento, ser encarado como uma unidade elementar da comunicação verbal, de acordo com a visão de linguistas, ou ainda, se opor a condição de frase, quando inserido em um contexto particular. “Emprega-se também ‘enunciado’ para designar uma sequência verbal que forma uma unidade de comunicação completa no âmbito de um determinado gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2005, p. 57). Nesta última definição, enunciado terá um valor parecido com o de ‘texto’, produção estruturada para circular longe do seu contexto original.

A enunciação, por sua vez, constitui o ato de produzir o enunciado. Para Maingueneau (2005) todo ato de enunciação é assimétrico, pois a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes neste. Véron (2004) pontua que não se deve separar o conceito de enunciação do seu par enunciado/enunciação: “a ordem do enunciado é a ordem do que é dito e a enunciação diz respeito não ao que é dito, mas ao dizer e suas modalidades, os modos de dizer” (VÉRON, 2004, p. 217). O enunciador é o sujeito que produz o enunciado. Verón (2004) afirma que é preciso distinguir o emissor real do enunciador. Em um dispositivo de enunciação, formado pelas modalidades de dizer, o enunciador é aquele que fala e atribui a si mesmo.

Já o coenunciador é a instância de reconhecimento (recepção), mas não pode ser vista como passiva, ao passo que, no ato de produzir o seu próprio sentido a partir do enunciado, participa também do processo de enunciação e se torna um sujeito coenunciador. Maingueneau (2005) afirma que, em um jornal impresso com muitos leitores, o destinatário é uma imagem à qual o sujeito enunciador escreve e se destina.

Isso se relaciona com a noção de leitor-modelo, também citada por Maingueneau (2005). Segundo o autor, o conhecimento dos leitores, que vai além do saber linguístico, contribui para o alcance da interpretação plena do sentido construído pelo enunciador. É possível lembrar ainda da noção de contrato de leitura, já que o discurso do impresso é também organizado de acordo com o perfil dos seus leitores, gerando uma espécie de acordo entre as partes. O jornal A TARDE, por exemplo, conhece seu leitorado e, a partir disso, busca direcionar as matérias sobre Irmã Dulce para atingi-lo, mobilizando saberes e competências sobre a religiosa.

2.5. PERCURSO ANALÍTICO DA SÉRIE DE REPORTAGENS “PARA SEMPRE, DULCE”

A análise da série de reportagens “Para sempre, Dulce” seguirá um percurso analítico proposto por Verón (2004), que compreende o estudo das estratégias discursivas por três etapas, não necessariamente sequenciais: a busca pelas regularidades discursivas, as diferenciações e, por fim, a sistematização.

Considera-se regularidades as estratégias discursivas evidenciadas na análise do *corpus* e que se constitui do estudo das matérias significantes. Durante o processo de diferenciação, busca-se entender, de modo comparativo, quais as diferenças e similaridades entre as matérias e como se processa a construção discursiva de Santa Dulce. Na parte de sistematização das

propriedades, serão identificadas as invariantes discursivas, ou seja, aquelas estratégias que se mantêm mais ou menos variáveis no *corpus*.

Seguindo com a descrição da estratégia metodológica, a pesquisa se apoiará no mapa analítico desenvolvido por Andrade (2017), a fim de entender como o jornal A TARDE constrói sentidos em torno da canonização de Irmã Dulce, a partir da análise da série de reportagens “Para sempre, Dulce”. O *corpus* analítico da pesquisa é composto de 20 matérias principais, e suas coordenadas, reunidas, cada uma delas, em uma página e publicadas pelo jornal A TARDE no período de 13 de agosto de 2019 a 21 de outubro de 2019.

Tal material, que teve como dia fixo de circulação as terças-feiras, mas acabou sendo publicado em domingos e segundas-feiras específicas, foi escolhido devido ao formato de série, que permite uma melhor observação da narrativa empregada para a construção da figura discursiva da santa, a relevância da publicação para a Bahia, já que a mesma é a mais antiga em circulação e a proximidade da pesquisadora para com o Grupo A TARDE.

Conforme Andrade (2017), a análise deve mobilizar, enquanto operadores analíticos, as noções de dêiticos, ou embreantes - elementos textuais que marcam sentidos de tempo e de pessoa na enunciação - como vocabulário, advérbios, adjetivos, fontes mais citadas e suas características; além de analisar as relações que se estabelecem entre os títulos, o corpo textual das matérias e a parte visual composta por *layout*, cores e fotos. Segundo a autora, o texto escrito ocupa um lugar de destaque na análise do discurso do jornalismo impresso, uma vez que “o campo lexical evidenciado no enunciado nomeia, descreve, qualifica, provoca interpretações e julgamentos sobre o fato narrado”, possibilitando a identificação de “como os jornais nomeiam os acontecimentos, qualificam (adjetivam e descrevem) os implicados na notícia, o lugar do fato” (ANDRADE, 2017, p. 08).

Diante da complexa superfície discursiva que se constitui um jornal impresso, serão analisadas as fotografias - tamanho, legendas, tipo e composições -; os sentidos em torno da cor azul e da ilustração da Santa Dulce presente em todas as publicações; os títulos; os sentidos em torno da inserção das frases ditas pela Santa (que também estão presentes em todas as matérias); os textos e quais dados e fontes foram destacados, isto é, quais as vozes discursivas privilegiadas e a escolha dos textos que compõe os olhos²⁶.

Assim, a partir da análise das matérias significantes, como as cores, diagramação, imagens, manchetes, coordenadas, títulos e textos presentes na superfície discursiva das páginas

²⁶Recurso de edição empregado em textos jornalísticos para destacar trechos e frases relevantes. Geralmente, são escolhidas as falas mais polêmicas ou os aspectos mais importantes da notícia para compor o olho.

do jornal A TARDE, será possível verificar de que forma a publicação construiu a imagem de santidade para Irmã Dulce.

3. A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE SANTA DULCE DOS POBRES PELO JORNAL A TARDE

A canonização de Santa Dulce reúne diversos fatores que explicam a sua midiatização. Tomando como base os critérios de noticiabilidade elencados por Galtung e Ruge (1965, *apud* MARTINO, 2003), logo de início é possível identificar o da significação - “um acontecimento será noticiado se significar alguma coisa no contexto social de existência da notícia, ainda que não pela proximidade geográfica, mas sobretudo pela relevância e proximidade cultural” (MARTINO, 2003, p. 113). Dulce era baiana, assim como A TARDE, e conseqüentemente, a maioria dos seus leitores também são. O fato das suas atividades estarem concentradas no estado facilita a apuração dos fatos e, além disso, o legado da Osid persiste até hoje como uma importante atuação nas esferas de saúde, educação e cultura para a Bahia. Ou seja, este valor-notícia se apoia na premissa de que assuntos próximos ao leitor geram maior interesse do que os fatos ocorridos em lugares mais distantes.

Outro ponto é o da personalização - “quanto mais um acontecimento puder ser noticiado em termos pessoais, como resultado de uma ação individual, maior sua chance de ser pautado” (MARTINO, 2003, p. 113) - associado ao ineditismo: Irmã Dulce faz parte de uma seleta lista de cidadãos brasileiros que desafiou, em grande parte sozinha, o poder de governantes, órgãos públicos e da própria Igreja Católica para ajudar a população carente. A condição de mulher, fadada à opressão e ao machismo da época, também é um ponto a ser considerado, visto que ela esteve em posições de liderança normalmente ocupadas por homens, como era o caso do Círculo dos Operários e do próprio Hospital Santo Antônio.

Dentro do âmbito do ineditismo, é preciso lembrar ainda que a baiana se tornou a primeira mulher nascida no Brasil a ganhar o título de Santa pelo Vaticano, uma instituição celebrada pela grande população católica existente no Brasil e na Bahia, além de reconhecida até pelos não católicos pelo seu papel histórico e social. A devoção católica nacional e regional é outro aspecto que personaliza Dulce para o leitor que é religioso, provocando identificação. O último censo do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2010, mostrou que mais da metade da população baiana, cerca de 65%, é católica²⁷.

Porém, para além da questão religiosa, biografias sobre a freira baiana são unânimes ao afirmarem que o seu ativismo se estendia para além das instituições católicas, já que ela socorria

²⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico Brasileiro de 2010**. Amostra de religião. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. [online]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/pesquisa/23/22107?tipo=ranking&indicador=22423>. Acesso em: 01 mai. 2021.

pessoas independentemente de credo e condição social e econômica, o que provoca correspondência também com leitores pertencentes a outras crenças e diferentes classes sociais. A sua atuação demonstrou o quanto ela era acessível - vivia nas ruas com o povo carente, tocava em feridas, cuidava pessoalmente da educação e da saúde dos assistidos, entre outros gestos de aproximação com a população - e corajosa, ao desobedecer a própria Igreja, pedir dinheiro aos comerciantes e políticos e invadir propriedades para alojar doentes. Tudo isso contribuiu para o título de “Anjo Bom da Bahia”, que ela recebeu do jornal A TARDE na série de reportagens analisada.

A cobertura da canonização de Irmã Dulce também se encaixa no critério de consonância, quando a mídia prevê que algo pode vir a ocorrer, e de continuidade, pois a religiosa já havia passado pelas etapas anteriores do processo de canonização - quando recebeu os títulos de “bem-aventurada” e “beata” - que foram também noticiadas. Assim, verifica-se que a freira não se tornou pauta do jornal A TARDE apenas no período de sua canonização. O próprio veículo assume isso na segunda reportagem de “Para sempre, Dulce”²⁸, quando diz que o Centro de Documentação do jornal, o Cedoc, possui, entre as suas 100 mil pastas de fotografias e textos, um acervo especial com aproximadamente 300 fotografias e outros documentos sobre Irmã Dulce, e que a trajetória dela “conquistou um espaço considerável em plataformas de mídia de ampla circulação como A TARDE”.

Assim, Irmã Dulce e suas ações estiveram entre os critérios de noticiabilidade do jornal, desde a década de 1950, pelo menos, como ilustram as reportagens abaixo. Adicionando às etapas do processo de canonização da Igreja Católica, é possível entender que a religiosa já vinha sendo construída como Santa há algum tempo e a canonização foi o resultado de um processo de midiaticização que começou há anos pelo próprio jornal e por outros veículos de comunicação.

²⁸REBOUÇAS, Susana. Acervo especial conta história de Irmã Dulce. **A TARDE**, Salvador, ano 107, n. 36.647, 20 ago. 2019. Especial, p. A6.

Figura 1 - Edição de A TARDE do dia 21 de junho de 1954, com texto "Não pode entrar na Coreia" sobre Irmã Dulce



Fonte: Jornal A TARDE

Figura 3 - Edição de A TARDE do dia 25 de maio de 1984, com texto "Irmã Dulce faz 70 anos pedindo pelos pobres"

A TARDE — SEXTA-FEIRA, 25 DE MAIO DE 1984 CADERNO 2

Irmã Dulce faz 70 anos pedindo pelos pobres

José Augusto Berbert

fechado, sem funcionar, prejudicando doentes e estudantes. O Hospital Roberto Santos, da Secretária da Saúde, quase só interna acidentados e não tem 200 leitos em funcionamento. O Hospital Aristides Maltaix é uma lastima, vivendo às custas de convênios, doações orçamentárias e sempre falido.

Só o Hospital Santo Antônio, de Irmã Dulce, atende aos pobres, seja lá quem for, sem recusar doente e dando tratamento aos militares. O hospital não tem convênio com ninguém ("só com Deus" diz Irmã Dulce), às vezes amanece sem um leito, mas nunca faltou coisa alguma. Quando inaugurou o novo hospital, acharam que era exagero da santa-velhinha, mas hoje o hospital está lotado, com doentes até no chão, entre as camas, embora em colchões e bom tratamento. Hoje, nos dois hospitais, que representa quase a soma de todos os outros hospitais públicos de Salvador. E isso que ninguém pode esquecer e não esqueça. E por isso que o povo santificou Irmã Dulce em vida. Sem falar no seu orfanato, em crianças tão amparadas e aprendem profissões, isso sim, é milagre. Por isso Irmã Dulce merece todas as homenagens que vai receber.

ACANHADA

Entrevistar Irmã Dulce é uma dificuldade. Ela sempre se recusa e não quer falar, achando que não faz nada digno de nota, que a obra não é dela, é de Deus e do povo bom da Bahia. Não há nenhuma matéria publicada a seu respeito, nem mesmo as miríadas, que sou seu primo e sou seu amigo desde que me entendo. Irmã Dulce está escabrida, acanhada, até meio confusa com as homenagens que estão sendo programadas para ela depois de duas semanas". Entretanto ficará e assistirá a tudo. E nisso está uma prova de sua grandza. Sabe que tem de aceitar as festas e explica por quê: — Infelizmente sou obrigada a colocar meu nome na obra social e tenho de aparecer nessas ocasiões. Faço isso por obrigação, porque os doadores não desaperceberiam. Acanhada como sou, como você bem sabe, tenho de superar meu temperamento e enfrentar, porque vejo, antes de tudo, as necessidades do hospital e do

orfanato. Fico comovida com a bondade de meu povo e ele sabe que rezo por todos a noite inteira, quando fico sentada no cadeira onde descanso.

É isso aí, Irmã Dulce vai às festas porque sabe que a publicidade é indispensável. Quando a televisão conlucio sua vida foi levada, as doações aumentaram sensivelmente. De vez em quando tem de haver um estímulo como este agora do aniversário, para que tenha maiores doações.

OS BENEFÍCIOS

As Obras Sociais de Irmã Dulce têm uma parolada de benemeritos, de voluntários, de admiradores. Entre eles se destacam Angelo Sá, Norberto Odobrecht, Manoel Joaquim de Carvalho, Mamede Pass Mendonça e outros que dão auxílios econômicos, que sempre tem tempo para ouvi-la e auxiliá-la. Irmã Dulce tem centenas, talvez milhares, de voluntárias que trabalham ativamente para ela. Agora mesmo, a Sr. Marília Blower, esposa do almirante Bernard David Blower, está chefiando a campanha pela doação de lençóis e ficou admirado ao ver como senhoras da alta sociedade estão trabalhando ativamente nesse setor. Não meior importantes, são os pequenos comerciantes, que dão, de vez em quando, um saco de feijão, uma papa de pano etc., e as voluntárias humildes que passam um ou dois dias por semana trabalhando no hospital.

Os médicos são incomparáveis. O Hospital Santo Antônio tem tudo o que há de mais moderno e em instalações e igual aos melhores que temos, mesmo os pagos. São realizadas centenas de operações por mês, milhares de exames de doentes têm assistência permanente, não só dos médicos como de acadêmicos de Medicina. Também os dentistas, os nutricionistas, os assistentes sociais são incansáveis. E ninguém recebe coisa alguma. Não plênios guaxandeiros, trabalham com dedicação extraordinária e com a melhor boa vontade, porque estão servindo a Irmã Dulce. A prova disso é que em outros hospitais já não acontece.

FALTA DE RECURSOS

Mesmo assim, Irmã Dulce está sempre em dificuldade econômica e




financieira. Tem de alimentar, diariamente, três vezes ao dia, mais de mil pessoas, se contarmos também o orfanato. Isso enriqueceria qualquer um, mas não é só. Tem de dar remédio, roupa de cama, tratamento especializado, ensino, fazer limpeza, conservar o que se estraga, tudo enfim. Isso sem ter convênio com a Previdência, nem com ninguém, vale a pena repetir. E nunca um só doente voltou de sua porta, sem ser atendido. Se necessitar internamento, acaba no internado, seja lá como for.

A PROGRAMAÇÃO

Os festejos dos 70 anos de Irmã Dulce estão programados, sem muito rigor, porque qualquer programação oficial fracassaria. As festas começam hoje a partir das nove horas, quando todos os colégios de Roma e de Itapajipe desfilarão diante do seu hospital. A sua será fechada ao Hospital. O primeiro colégio será o Santa Rita de Cassia, que foi o primeiro a sair pelas ruas, cada aluno com um tijolo na mão, em ajuda a construção do hospital. Isso deverá levar a manhã inteira e muitos colégios de outros bairros estão aderindo. A tarde, no Raíza, Irmã Dulce receberá o título de "Mulher do Ano de 1984" esperando receber também suco dos comerciantes ali instalados.

Amanhã, pela manhã, as igrejas de Itapajipe repicarão seus sinos na alvorada. As nove horas haverá missa festiva na Matriz de N. S.ª da Conceição da Praia, celebrada pelo cardeal Bráulio Vilela que sócio convite feito por pessoas de destaque na sociedade. A Banda Marcial da Marinha tocará na porta da igreja e o Coral do Banco Econômico cantará músicas sacras. Na porta da igreja ficará os membros do orfanato que a esperam com rosas. O Banco Econômico promete uma surpresa que não diz qual seja.

A tarde, a festa será informal. As voluntárias estão fazendo bolos e doces e garantem que, quem for até lá, receberá um pedaço, a partir das 15 horas.

Qual presente deverá ser levado para Irmã Dulce? Ela mesmo responde: — "Qualquer coisa que sirva para o hospital. Levem quilos de alimentos, roupas, remédios, tudo que possa servir aos pobres. E isso que desejo e por isso acabo a festa". Essas as palavras de Irmã Dulce, mas meu conselho é outro: levem dinheiro, seja lá quanto for. Coloquem suas contribuições num envelope e entreguem a dia. E isso que ela realmente necessita. Dizem que "quem dá aos pobres, empresta a Deus", mas muito melhor que emprestar a Deus é dar diretamente a uma santa.

Do barracão onde iniciou sua cruzada pelos desamparados ao novo Hospital Santo Antônio, a mesma vocação de servir.

Fonte: Jornal A TARDE

Figura 4 - Capa de A TARDE do dia 25 de maio de 1984, com manchete "Morreu a santa Irmã Dulce"

Esta Edição
3 Cadernos — 41 Páginas
Capítulo — Cr\$700,00
Interior e Sergipe — Cr\$800,00
Jornais extintos — Cr\$1.400,00

Ano 79 • nº 56.672

A TARDE

Fundador: Ernesto Simões Filho (1886 — 1957)

Salvador, Bahia • Sábado • 14/3/1992

Morreu a santa Irmã Dulce

A TARDE
80 ANOS COM A BAHIA

Leia também

Collor vai punir os fraudadores
O presidente Fernando Collor disse ontem que nenhuma motivação pessoal o desviaria de cumprir as punições contra os envolvidos em fraudes, julgadas pela Justiça. Durante a 13ª reunião ministerial, ele fez um discurso exigindo o cumprimento de todos os auxílios no combate à corrupção e disse que não vai tolerar desvios, nem dar quando aos falosos (Pag. 12).

Revogado o reajuste dos ônibus
Tão logo desembarcou ontem em Salvador, o prefeito Fernando José revoçou o aumento dos preços das passagens de ônibus autorizado esta semana pelo prefeito em exercício, Walter Rêgo. Ele afirmou não entender o porquê de sua vice ter decretado o aumento, uma vez que reiteradas vezes disse que isso não aconteceria, mas assoprou o fato a uma tentativa de desintermediação com o governador (Pag. 7).

DIEESE diz que inflação caiu em fevereiro
O Departamento Interministerial de Estatística e Estudos Socio-Econômicos (DIEESE) informou ontem que a queda da inflação em fevereiro foi de oito pontos percentuais. Em janeiro, o índice foi de 29,28% e, em fevereiro, 21,86%, ficando próximo ao índice da Fipe — 21,57%. A previsão é que a taxa desça mais ainda em março (Pag. 16, Cad. 2).

"Draw back" pode baratear preço de carro
A indústria nacional de veículos está propondo ao governo o abatimento das cargas nacionais em cerca de 30%, mediante um "draw back" especial, o governo secretaria de impostos a importação de componentes e as indústrias vendem as máquinas para as montadoras com carga tributária zero. O setor que evitar ser prejudicado com a redução das alíquotas de importação (Pag. 16, Cad. 2).

Castro Alves e Glauber, um mesmo signo
O que levou em comum Antônio de Castro Alves (1817) e o poeta Glauber Rocha (1938). Além da generalidade de vida e criação, o mesmo o lado de dentro ambos nasceu no mesmo dia, 14 de março, 100 e 66 anos de idade, que em épocas diferentes. A TARDE Cultural, apresentando que acontece esta edição, traz ensaios e artigos sobre esses dois "cantos guerreiros", com-voivos, abolicionistas, libertários.



Sem semblante tranqüilo, humilde, mas decidido de Irmã Dulce permanecerá no coração dos baianos

Editorial
O apelo dos bispos
Bispos baianos pedem aos eleitores que não vendam o voto e escolham com cuidado os seus representantes nas próximas eleições (Pag. 6).

Ela morreu serenamente
"Ela morreu serenamente", declarou o médico pneumologista Almir Machado, que durante a doença de Irmã Dulce esteve à frente da equipe de médicos que dela cuidaram. Nesse instante, uma movimentação pouco usual tomou conta do Hospital Santo Antônio, onde funcionários, pacientes, jornalistas e autoridades se acotovelavam para constatar a dura realidade. Do lado de fora do hospital, uma multidão repetia preces: muitos não resistiram à emoção e choraram. Lágrimas de tristeza pela perda de um ser humano insubstituível. Presente no instante em que Irmã Dulce faleceu, o cardeal de Bahia e arcebispo primaz do Brasil, dom Lucas Neves, passou em seguida um telex ao papa João Paulo II, comunicando o ocorrido.

Continuidade da obra
Após a morte de Irmã Dulce, a preocupação agora é quanto à continuidade de sua obra assistencial, construída ao longo de várias décadas. Ela inclui, além do Hospital Santo Antônio, que ontem contava com mais de 1.000 pacientes internados, todos de origem humilde, a creche de Simões Filho, que atende a mais de 300 crianças pobres, as quais não teriam como ser mantidas de outra forma. Tudo isso significa um custo mensal superior a Cr\$300 milhões e, para intransigência de parentes, funcionários e pacientes, nos últimos meses as doações diminuíram assustadoramente. Empresários baianos prometem que ajudarão na manutenção do hospital e da creche.

Jogo e festa interrompidos
O tulo oficial de três dias decretado pelo governo do estado, por causa do falecimento de Irmã Dulce, provocou o adiamento do jogo Bahia x Guarani-SP, marcado para amanhã à tarde, na Fonte Nova. A CBF programou o encontro para quarta-feira à noite, no mesmo local. Pelo mesmo motivo, foi suspensa toda a programação esportiva na Bahia. Em Camacan, o prefeito José Tude interrompeu a Festa de Aterroços, marcada na quinta-feira, e que se realizaria até segunda-feira. Tude pediu o compreensão de barragoneiros, turistas, artistas e do povo que prestigiou o evento, um dos últimos do Verão baiano (Pags. 2, 3, 4, 5 e 16).

Terremoto mata 1.000 pessoas na Turquia
Quase metade da cidade de Erzurum, no leste da Turquia, foi destruída, ontem, por um terremoto que alcançou 6,8 graus na Escala Richter e provocou entre 300 e 1.000 mortos. A TV Nacional Turca, citando o vice-prefeito de Erzurum, revelou que centenas de pessoas estão feridas e que vários prédios da cidade ruíram, inclusive o hospital. O Instituto de Física do Globo, em Estrasburgo, França, informou que o terremoto ocorreu às 17h29min (local) e, além de Erzurum (300 mil habitantes), afetou também Erzurum (848 mil) e Bingöl (250 mil), todas no leste do País. As comunicações com Erzurum continuam difíceis (Pag. 13).

STF analisará a quebra do sigilo bancário
O presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Sidney Sanches, disse ontem que o STF examinará, nos próximos dias, o pedido da Polícia Federal de permissão para quebrar o sigilo bancário das contas do ex-ministro Rogério Magri. Sanches, que veio a Salvador participar do seminário "A Justiça em Debate", promovido pela OAB-BA, observou que casos de corrupção no poder sempre existiram, mas atualmente há uma preocupação maior em apurá-los. O STF, segundo ele, não recebeu ainda nenhuma denúncia formal contra os ex-ministros Alcei Guerra e Rogério Magri, condição fundamental para análise dos processos (Pag. 7).

Ucrânia não obedece ao acordo da CEI
A Ucrânia jogou por água abaixo um dos principais acordos concluídos pela CEI, ao anunciar, anteriormente à noite, a suspensão temporária da transferência de suas armas nucleares táticas para a Federação da Rússia. Mas os dirigentes disseram que essa decisão nada tem a ver com o compromisso, que será mantido por Kiev, de destruir essas armas. Manifestando desconfiança no governo russo e o vontade de não se dobrar às ordens de Moscou, o presidente ucraniano, Leonid Kravchuk, disse temer que as operações de transferência sejam feitas em más condições de segurança. Com uma litragem limitada de 100 mil exemplares, sairá hoje a edição final do Pravda, jornal do extinto Partido Comunista (Pag. 13).

DOMINGO
Na edição de amanhã, domingo, o leitor encontrará amplo noticiário local, nacional, internacional, político, policial, esportivo, Cad. 2 (com matérias especiais e classificadas), Revista da Têve, Lazer & Informação e mais:

- A falta de obediência aos sinais de trânsito é assustadora em Salvador: motoristas entram a toda hora pela contramão, estacionam em locais proibidos e trafegam à noite, muitas vezes, com o veículo completamente apagado. Esse "jelinho baiano" de dirigir tem provocado muitos acidentes. As vezes até fatais.
- Caso a Bahia seja atingida por um furacão de coléra, a Bahialarma tem em estoque grande quantidade de medicamentos para combater o mal. Segundo o diretor da empresa, Antônio Gomes do Nascimento, diariamente são produzidas 11 mil unidades de solução polieletrólita, para ajudar na hidratação de paciente com coléra.

+

NOTA DE FALECIMENTO

O Conselho Geral da Associação Obras Sociais Irmã Dulce e o Conselho de Administração da Fundação Irmã Dulce cumprem o doloroso dever de informar o falecimento da sua idealizadora e fundadora, Maria Rita Lopes Pontes — Irmã Dulce — ocorrido ontem, às 16h30min, nesta capital.

O corpo de nossa irmã está sendo velado na Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, onde será celebrada missa de corpo presente, amanhã, às 16 horas, seguindo-se o sepultamento.

ANGELO CALMON DE SÁ
Presidente do Conselho

Mantendo a esperança até o fim, a multidão rezava em frente ao Hospital Santo Antônio



Antonio Carlos e dona Arlete compareceram ao velório de Irmã Dulce



Figura 5 - Edição de A TARDE do dia 15 de março de 1997, com texto "Fiéis e o clero querem Irmã Dulce beatificada"



Fonte: Jornal A TARDE

Em consulta ao Cedoc, foi possível verificar como a midiática de Irmã Dulce foi sendo construída por A TARDE. A maior parte das reportagens encontradas sobre ela data da década de 1980, período em que sua obra social começou a ganhar mais destaque na mídia nacional e internacional. O quadro de saúde da freira foi acompanhado quase que diariamente pela publicação nos anos 1990, especialmente nos períodos que antecederam a sua morte. Após o falecimento, o jornal passou a noticiar fatos envolvendo a memória dela, como homenagens e chamadas de doações à Osid, além dos processos de beatificação e canonização. Como já foi citado anteriormente, o A TARDE produziu pelo menos dois cadernos sobre a freira: um na ocasião do aniversário de 15 anos da morte dela, em 2007, e outro em função do aniversário de 100 anos do jornal A TARDE, em 2014.

Martino (2003) afirma que existem casos particulares nos quais a religião ganha o mesmo espaço dos temas ditos laicos nas primeiras páginas do noticiário. No caso específico de Santa Dulce, o enquadramento feito pelo A TARDE sobre a sua trajetória como uma figura local amada pelo povo e responsável por uma das maiores redes assistencialistas do Brasil seriam questões definitivas para a compreensão da sua exposição midiática.

A constante problemática da precariedade do Sistema Único de Saúde (SUS) e da Educação no Brasil, áreas contempladas pela Osid; a importância do protagonismo feminino e o enfrentamento ao machismo na sociedade; a expansão do turismo religioso na Bahia - alavancado pela canonização -; a falta de políticas públicas que reduzam a desigualdade social; e o incentivo à solidariedade; são alguns dos fatores que colocam a religiosa como um exemplo a se seguir na contemporaneidade, mesmo após a sua morte, nas manchetes dos jornais.

3.1. DESCRIÇÃO DO *CORPUS* DE ANÁLISE

Tendo apresentado a trajetória de Irmã Dulce, as noções em torno da palavra “santidade” para a Igreja Católica, a estrutura do jornal A TARDE, o fenômeno da midiatização da religião, os motivos pelo qual a canonização foi noticiada e os conceitos fundamentais envolvendo a produção e análise de discurso, o trabalho se volta a responder o questionamento sobre como o jornal A TARDE constrói a imagem de Santa para a freira baiana na série de reportagens “Para sempre, Dulce”, produzida em decorrência da canonização de Irmã Dulce, em 2019.

O *corpus* de análise desta da pesquisa é composto pelas 20 matérias principais e suas coordenadas, publicadas na série de reportagens “Para sempre, Dulce”, do jornal A TARDE, no período de 13 de agosto de 2019 a 21 de outubro de 2019. Dispostas em meio aos outros conteúdos da publicação, as matérias estão alocadas na editoria sinalizada como “Especial”. Com relação às datas, foi estabelecido que a série seria publicada todas as terças-feiras, porém, também há edições no domingo da canonização, no dia 13 de outubro de 2019, e em duas segundas-feiras: em 14 de outubro de 2019 (após a canonização) e em 21 de outubro de 2019 (após a missa festiva celebrada em Salvador, no domingo dia 20 de outubro de 2019)²⁹.

É válido ressaltar que a análise considera apenas o conteúdo publicado no interior do jornal impresso que está sinalizado como pertencente à série, não considerando textos avulsos alocados em outras editorias que se referem à Irmã Dulce na mesma época.

De modo geral, as páginas da série de reportagens são compostas de matéria principal e em algumas edições, mais de uma coordenada. Além de abordar a vida e obra de Irmã Dulce através de categorias como trabalho na Osid, milagres e canonização, “Para sempre, Dulce” dá bastante destaque aos relatos de pessoas que a conheceram na seção intitulada “Eu conheci uma

²⁹Em 20 de outubro de 2019, data da missa festiva pela canonização, celebrada em Salvador, foi publicada uma matéria sobre o fato, mas sem a indicação de pertencimento a série de reportagens “Para sempre, Dulce”. Logo, o conteúdo não foi incluído na análise.

santa”, que aparece como box em diversas edições e ainda ganha uma matéria principal na edição 36.668 do dia 10 de setembro de 2019.

Com relação à identidade visual, “Para sempre, Dulce” segue um padrão com a logomarca da série posicionada no início das páginas. A logo é composta pelo título da série de reportagens escrito em duas fontes diferentes e por uma ilustração da freira baiana de olhos fechados. Ao lado dela, encontram-se frases atribuídas a Irmã Dulce sobre diferentes temáticas. As cores mais utilizadas na diagramação são o azul, o branco e o amarelo, além do preto usual de impressão.

Ao final dos textos ou das páginas, como um todo, existe uma chamada, uma espécie de convite ao leitor, para que ele acompanhe a extensão de conteúdo (fotos e textos) nos outros canais de informação do Grupo A TARDE: a rádio e o portal. Em algumas edições foi inserido o e-mail: parasempredulce@grupoatarde.com.br para que pessoas com alguma história com a freira pudessem enviar seus relatos. A questão da convergência midiática pode ser constatada também na versão digitalizada do impresso, que possui link clicável para direcionar o leitor ao Portal A TARDE e ao e-mail da série.

A análise que segue está organizada em duas partes: uma, referente aos aspectos visuais do material, e a outra, a parte textual. Por fim, a partir das análises e dos aspectos evidenciados por A TARDE, foi possível traçar uma espécie de perfil de Santa Dulce dos Pobres, a fim de facilitar a visualização sobre como o jornal construiu, discursivamente, a figura da Santa³⁰.

Baseando-se na metodologia proposta por Verón (2004) e compilada por Andrade (2017), a análise do discurso de “Para sempre, Dulce” considera toda a matéria significativa presente nas páginas, tais como imagens, textos e *layout* para entender de que forma ocorreu a construção da imagem de Santa Dulce dos Pobres. A análise está organizada em duas partes, sendo a primeira referente à parte visual e imagética (cores, logomarca, fotos e *layout*) e a segunda à parte textual (fontes utilizadas, lide, olhos).

3.2. ANÁLISE IMAGÉTICA DE “PARA SEMPRE, DULCE”

Entre as várias matérias significantes presentes na superfície discursiva da série de A TARDE, e que se articula para a construção do sentido de Santa, destaca-se a própria logomarca

³⁰A descrição de cada uma das reportagens que compõe a série e o corpus está disponível no Apêndice A. Nomeadas conforme o título de cada matéria principal, a lista as apresenta por ordem cronológica de publicação. Para facilitar a observação, foi adotado o itálico para especificar a escrita de A TARDE. As aspas só foram empregadas quando o próprio jornal as utilizou.

“Para sempre, Dulce”, que traz o nome, escrito em branco e rodeado de azul, articulado a uma ilustração de Irmã Dulce. Presente em todas as edições da série de reportagens, o símbolo não foi substituído. A única alteração ocorreu na capa da série O mundo abraça o anjo bom da Bahia, no qual ela foi aumentada, o fundo ficou branco e a sentença “Para sempre, Dulce” foi colorida em azul.

Figura 6 - Logomarca da série de reportagens



Fonte: Jornal A TARDE

A escolha do nome da série de reportagens ajuda na construção da figura discursiva de Santa Dulce dos Pobres. Ao adotar o termo “Para sempre, Dulce”, especialmente o advérbio de tempo “sempre”, o jornal confere uma qualidade de eternidade à religiosa, que pode ser interpretada de diversas formas: seja uma eternidade metafórica baseada no imaginário popular e na existência histórica de Irmã Dulce como uma figura que existiu no mundo; uma eternidade garantida pela fé dos devotos e pelos cultos a partir da canonização; ou, até mesmo, a imortalidade à qual os santos estão destinados, segundo as crenças da Igreja Católica.

A imagem da logomarca também possui um significado que remete à santidade. Na ilustração, cujo estilo de desenho lembra a aquarela, Irmã Dulce está sorrindo de olhos fechados. Parte do seu hábito de freira é retratado nas cores preto e branco e a sua cabeça é destacada por um círculo amarelo. O fundo da ilustração é azul.

Os olhos fechados de Irmã Dulce permitem várias leituras, tais como a transmissão de paz, tranquilidade e ternura. O fundo azul, por sua vez, lembra o céu, que está fortemente ligado aos santos. Por fim, a existência de um círculo amarelo posicionado na cabeça da freira lembra uma auréola, item bastante utilizado na representação de figuras sagradas como os anjos e os santos, ou até mesmo, o sol e a luz, cujas noções também remetem ao sagrado, à função de guiar as pessoas.

Com relação ao azul, percebe-se que a cor foi eleita como a oficial da série, sendo adotada em todas as 20 edições e escolhida para todos os olhos, a grande maioria dos intertítulos, a primeira palavra dos subtítulos, compor as molduras das fotos e integrar a logomarca. A cor também integrou principalmente as formas gráficas da composição de boxes, coordenadas e legendas, aparecendo de forma mais predominante na diagramação de *Bahia é terra que exerce atração para santos* (A TARDE, 24/09/2019, p.A6).

Uma das três primárias, a cor azul é a cor do céu, que, por sua vez, está totalmente ligado à qualidade da santidade. Muito embora o espaço visível que comporta os astros e ganha o tom de azul devido ao fenômeno óptico não seja efetivamente o mesmo céu, onde moram os santos, pregado pela igreja católica³¹, é possível perceber que um está relacionado ao outro devido a fatores como senso comum e interpretações bíblicas.

Assim, estando o céu dos católicos, a morada de Deus na qual Ele está com a Virgem Maria, Seus Anjos e Santos, associado ao céu azul, a cor acabou por ser também ligada à santidade. Outra ligação que se pode fazer do azul com o divino, é que a cor é bastante citada na bíblia: em Números é mencionada como a cor do povo de Israel, estando ligada à obediência aos mandamentos de Deus - “os levitas devem espalhar sobre [a Arca da Aliança] um pano de azul” (4:6). E ainda: “E sobre a mesa do pão da Presença eles devem espalhar um pano de cor azul” (4:7).

Também na bíblia tem-se que o azul está associado ao poder curativo de Deus, em fazer milagres nas doenças dos fiéis. Um dos exemplos está no livro de Mateus, que narra a história de uma mulher que tinha problema com sangue por 12 anos. Ela diz: “Eu serei inteira outra vez se eu tocar a bainha de sua roupa” (9:21). A bainha do vestuário era azul e a mulher ficou curada. Esse tocante a saúde configura uma ligação com a própria Irmã Dulce, que iniciou o ativismo no cuidado aos doentes e fundou o Hospital Santo Antônio, além de ter milagres ligados a cura de doenças.

Um dos ícones do catolicismo é a Virgem Maria cuja figura, em seus mais diversos títulos, está profundamente associada à cor azul. Na iconografia da santa, a tonalidade representa não só o céu como lugar espiritual no qual ela habita, como também, a sua transcendência, o milagre da concepção e o próprio divino.

Maria e seu azul característico são tão importantes para a religião católica que várias ordens religiosas utilizam a cor para homenagear a santa em suas vestes. Uma delas é a

³¹“Essa vida perfeita com a Santíssima Trindade, essa comunhão de vida e de amor com ela, com a Virgem Maria, os anjos e todos os bem-aventurados, é denominada ‘O Céu’. O Céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva” (CATECISMO..., 1997, p. 289).

congregação de Irmã Dulce, a Nossa Senhora da Conceição, que fez com que a freira utilizasse seu tradicional hábito azul e branco. Assim, a cor está ligada diretamente a ela, estando presente na imagem canônica oficial, e por isso, pode despertar conexões com sua figura.

Mais uma relação direta que se faz de Irmã Dulce e a cor é o fato de a freira ter ficado conhecida em Salvador como “Anjo Azul dos Alagados”. O apelido surgiu durante o assistencialismo prestado pela freira à comunidade e está incorporado em canções e orações dedicadas a ela.

Em “Para sempre, Dulce”, a associação da cor azul à noção de santidade fica bastante evidente na diagramação de matérias que destacam a atuação/relação dos santos da igreja católica com Santa Dulce dos Pobres e com a Bahia. Como por exemplo em matérias como *Canonização traz emoção a quem viu Irmã Dulce de perto* (A TARDE, 10/09/2019, p.A6), *Bahia é a terra que exerce atração para santos* (A TARDE, 24/09/2019, p.A6), *O mundo abraça o Anjo Bom da Bahia* (A TARDE, 13/10/2019, p. não identificada) e na foto central de *Bahia festeja 1ª missa de sua filha santa* (A TARDE, 21/10/2019, p. A4), que traz a Arena Fonte Nova iluminada pela cor azul. Destes recortes, *Bahia é a terra que exerce atração para santos* é a que melhor retrata tal associação, já que sua diagramação composta por grande parte da página em azul e letras em branco, remete ao céu.

de Irmã Dulce como santa por “Para sempre, Dulce”, especialmente pelo uso já ter começado nas matérias antes mesmo da canonização.

Na conjuntura visual de um jornal impresso, as fotos também constituem maneiras de construir sentidos, sobretudo, quando articuladas com as legendas, títulos e textos. Ao todo, 64 fotografias estamparam as 20 reportagens de “Para sempre, Dulce”, sendo a maioria produzida por fotógrafos de A TARDE. Porém, também há registros do arquivo do próprio jornal, fotos de divulgação de instituições como Osid, Vaticano e Governo da Bahia, de agências de notícias, e do arquivo pessoal das próprias fontes das matérias. As fotos de maior destaque são as das matérias principais, mas grande parte das coordenadas também são acompanhadas de fotografias.

Em mais de uma edição, a série de reportagens apresenta diversas fotos articuladas através de uma montagem. O tamanho das fotos não segue um padrão: enquanto algumas são muito pequenas, outras chegam a ocupar toda a página. Como já foi citado, o azul surge emoldurando as fotos e suas montagens, servindo ainda, para destacar as legendas.

Extraídas de arquivos sobretudo do A TARDE, todas as fotografias de Irmã Dulce estão em preto e branco. Nelas, a feira sempre aparece usando seu tradicional hábito. Nenhuma imagem dela na infância ou de antes da sua entrada na vida religiosa foi utilizada.

Ocupando a maior parte da página, a foto de maior destaque da freira é a da reportagem publicada na edição de número 36.701, veiculada no dia da canonização, em 13 de outubro de 2019. Em *O mundo abraça O Anjo Bom da Bahia* (A TARDE, 13/10/2019, p. não identificada), é possível verificar como título e imagem dialogam para fazer sentido: na foto, em preto e branco, Irmã Dulce aparece à frente de uma imagem de Jesus Cristo crucificado. Na figura, Jesus está de braços abertos, quase que de forma a realmente “abraçar” a religiosa, “o anjo bom da Bahia”, como diz o título. Além disso, o ângulo do rosto de Jesus sugere que ele está olhando para Irmã Dulce, cuja expressão facial é séria, mas também terna, perto de esboçar um sorriso. A própria associação de Irmã Dulce a Jesus Cristo, ícone maior da devoção cristã, já configura uma estratégia de tornar a baiana, santa, já que a coloca em um *status* de admiração e relevância próximo ao de Jesus.

Essa ideia é reforçada no subtítulo *CANONIZAÇÃO - Como Santa Dulce dos Pobres, a religiosa baiana passa a ocupar um status especial de modelo a ser seguido por todos os católicos* e, dentro do texto, que diz que o nome da freira “agora está no mesmo patamar” que o de santos como “Santo Antônio, de quem era devota e de São Francisco, de quem se aproxima pelo amor aos pobres”. Outro ponto trazido pela conjuntura textual que se complementa com a

imagem é a universalização do culto a Irmã Dulce. Se antes a freira era admirada apenas no Brasil e mais especificamente na Bahia e em Sergipe, onde atuou, ela agora está apta a ser cultuada em todo o mundo, assim como Jesus Cristo é:

A história da mulher que transformou o galinheiro de um convento na sede de impressionante obra social que dá assistência em várias especialidades médicas, mas também administra hospitais e tem ações na educação integral e profissionalizante, agora chega a um patamar universal. Irmã Dulce não é, a partir de hoje, o anjo bom apenas da Bahia. Seu exemplo de empatia e total entendimento de como é importante chamar a atenção para os invisíveis ou esquecidos – pobres e ainda por cima doentes – sai do âmbito local e ganha uma narrativa agora bem mais global. (RAMOS, 2019j, página não identificada).

Uma outra foto importante para a construção da figura discursiva de Irmã Dulce como Santa Dulce dos Pobres em A TARDE está em *Centenas de fiéis foram ao santuário acompanhar a cerimônia de canonização*, edição veiculada um dia após a canonização (A TARDE, 14/10/2019, p.A6). Destacada na página, a fotografia mostra o frei João Paulo “coroando” a imagem sacra em tamanho real da então beata com uma auréola no santuário. O momento, como o próprio jornal destaca no subtítulo da matéria: *FÉ - Símbolo exclusivo dos santos, a colocação da auréola na imagem foi um momento marcante da celebração realizada em Salvador para os devotos*, representa a transição da Bem-aventurada Dulce dos Pobres (beata) para a Santa Dulce dos Pobres.

Sobre o momento da coroação com a auréola, o jornal aciona a voz do Assessor de Memória e Cultura das Obras Sociais Irmã Dulce (Osid), Osvaldo Gouveia, para explicar o simbolismo: “É como se Deus a reconhecesse santa. É o símbolo principal de um santo, porque apenas santos podem ter auréola. Além disso, ela representa a luz que aquela figura carrega”. Sem apoiar-se em qualquer citação do sacerdote, no mesmo trecho, o A TARDE afirma que o Frei João Paulo ficou “emocionado” ao colocar a auréola. Na fotografia, ele aparece sorrindo enquanto estende os braços na direção da imagem, cuja expressão corporal, com a mão em cima da região “do coração”, parece representar a humildade, o merecimento, e sua alegria por ser canonizada.

Porém, Irmã Dulce já aparecia como santa nas fotos de algumas edições publicadas antes da canonização. A qualidade de santidade, nesses casos, foi construída, mais uma vez, pela associação dela com outros santos reconhecidos pela Igreja Católica e com os candidatos a santos. O primeiro caso aparece na segunda reportagem da série: *Acervo especial conta história de Irmã Dulce* (A TARDE, 20/8/2019, p. A6), na qual foram resgatadas duas fotos da freira em encontros com Santa Teresa de Calcutá e com São João Paulo II, ambas produzidas antes dos três serem canonizados.

Mais uma associação é encontrada na matéria *Bahia é terra que exerce atração para santos* (A TARDE, 24/09/2019, p. A6). Nela, a foto de Irmã Dulce (a única em preto e branco da página) aparece em uma montagem que inclui as imagens dos já canonizados Santo Antônio de Sant'Anna Galvão (o Frei Galvão), São João Paulo II e Santa Teresa de Calcutá. Além deles, também há fotos das candidatas à canonização, beata Lindalva Justo e Madre Vitória da Encarnação. Um ponto importante é que, embora a canonização ainda não tivesse acontecido até a data da publicação da reportagem, a legenda da foto de Irmã Dulce já diz que ela é santa.

Grande parte das fotos escolhidas para a série de reportagens abordam a devoção dos fiéis à figura de Irmã Dulce. Esse aspecto já é ressaltado logo na primeira reportagem: *Memorial registra os passos da nova Santa* (A TARDE, 20/08/2019, p. A6), na qual, das cinco fotos da montagem, três são de fiéis prestando algum tipo de culto no memorial e no santuário dedicados à então, beata, na data de publicação. Em uma delas, os fiéis estão assistindo a uma celebração, em outra, um grupo tira fotos ao lado de uma réplica de Irmã Dulce em tamanho real e em uma última foto, cujo tamanho é bem reduzido, duas mulheres aparecem ajoelhadas na representação do túmulo da religiosa presente na Capela das Relíquias. De forma semelhante, o culto ao túmulo da religiosa aparece mais uma vez na nona reportagem *Vigília e missas festejam a nova santa católica* (A TARDE, 08/10/2019, p. A6).

Outro exemplo pode ser visto na décima matéria *O Anjo Bom da Bahia é a Santa Dulce Dos Pobres* (A TARDE, 13/10/2019, p. A4), na qual a foto de uma das coordenadas mostra um enorme grupo de devotos ao redor da representação em tamanho real do corpo de Irmã Dulce dentro de uma urna de vidro ornamentada com flores, no santuário. De cabeça baixa e mãos tocando o vidro da urna, alguns parecem estar fazendo algum tipo de oração. É válido ressaltar que a foto, da própria Agência A TARDE, foi feita antes da Igreja Católica proclamar a freira como santa. A legenda *Movimento grande de fiéis na Osid ontem* e o título da coordenada *Fiéis ocupam santuário em vigília marcada pela devoção à freira* ajudam a operar o sentido de que o culto à religiosa é expressivo.

O ápice da devoção dos fiéis aparece nas fotos das três últimas matérias da série, que abordam a comemoração da canonização na Arena Fonte Nova, em Salvador, no dia 20 de outubro. Em *Bahia festeja 1ª missa de sua filha santa* (A TARDE, 21/10/2019, p. A4), uma foto enorme da Arena lotada e iluminada por azul e pequenos pontos brancos, que seriam as luzes dos celulares do público, destaca a quantidade de pessoas no evento. A legenda da imagem ressalta a participação e a interação dos presentes nas comemorações ao dizer que o público “deu show com luzes dos celulares em vários momentos da missa”, sendo reforçada pelo

subtítulo: *SANTA DULCE DOS POBRES - Um público formado por 52,6 mil pessoas cantou, dançou, acenou com lenços brancos em cerimônia ocorrida na Fonte Nova*. Assim, o sentido de que toda a Bahia festejou a canonização de santa, como supôs o título, foi construído pela conjuntura formada por foto, título e subtítulo.

Há uma outra imagem de devoção à Irmã Dulce na matéria seguinte: *Artistas cantam e encenam vida de Santa Dulce* (A TARDE, 21/10/2019, p. A5), na qual uma foto mostra um público animado pela apresentação musical conjunta do sanfoneiro Waldonys e dos cantores Margareth Menezes, Saulo e Tuca Fernandes na abertura do evento na Fonte Nova. A figura da freira está espalhada por todo o lugar: nas roupas e no cenário dos espetáculos dedicados a Irmã Dulce.

Além da devoção generalizada à Irmã Dulce, os textos, e conseqüentemente, as fotos, descrevem de forma íntima a fé na freira baiana pelas pessoas ouvidas nas reportagens. Além da fotografia do entrevistado ou entrevistada, em formato de retrato, parte das imagens utilizadas, seja em entrevistas ou na seção *Eu conheci uma santa*, buscam relacionar, de alguma forma, as fontes à Irmã Dulce. Essa associação imagética ocorreu principalmente através do uso da imagem canônica³² da religiosa ou por meio das fotos de arquivo pessoal, que traziam as fontes ao lado dela.

Na terceira reportagem, a entrevista com Maria Rita Pontes, sobrinha de Dulce e superintendente da Osid, intitulada *Amar e servir. Isso é intocável na obra* (A TARDE, 27/08/2019, p. A6), é utilizada uma foto de arquivo para caracterizar a relação entre as duas. Na foto, a freira aparece sentada em uma poltrona segurando as mãos de Maria Rita, que está ajoelhada ao seu lado. A imagem demonstra sentimentos de obediência, respeito e devoção, que são reforçados pela seguinte fala de Maria Rita, transformada em olho: *Irmã Dulce é a santa de todos nós, seja rico, seja pobre. Ela será a santa do nosso tempo*.

A foto de outro familiar de Irmã Dulce, a prima Terezinha Lopes, surge na página de *Convivi com uma santa* (A TARDE, 13/10/2019, p. 04), décima quarta matéria de “Para sempre, Dulce”. Na imagem, as duas, em idades mais jovens, posam uma ao lado da outra, mas dessa vez, em uma relação de igualdade. Na mesma edição, a coordenada *Irmã Dulce acolheu centenas de crianças nas ruas* traz uma foto do personagem do texto, Raimundo Araújo, coordenador de recursos humanos da Osid, de olhos fechados ao lado de Irmã Dulce, a quem

³²Representação tridimensional de um santo da Igreja Católica, feita com base na hagiografia (estudo biográfico) do indivíduo. Em sua imagem canônica oficial, Irmã Dulce é apresentada com seu tradicional hábito azul e branco da congregação de Nossa Senhora da Conceição, da qual fazia parte, um terço da Virgem Maria em uma das mãos e carrega no colo uma criança negra despida e descalça.

considerava sua mãe. A altura dele com relação à dela é discrepante, o que pode conferir uma certa ideia de fragilidade à freira.

O uso da imagem canônica na foto foi empregado especialmente no caso de fontes importantes que não conviveram diretamente com Irmã Dulce, como o ex-arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, Murilo Krieger. Na sexta reportagem, *Irmã Dulce via Jesus nos pobres* (A TARDE, 17/09/2019, p. A6), a figura dele aparece desfocada com relação à imagem canônica da freira posicionada atrás, quase como se ela estivesse protegendo-o. Algo parecido ocorre com o miraculado José Maurício Moreira, na quarta matéria da série, *Milagres validaram certeza entre os devotos* (A TARDE, 03/09/2019, p. A6), em que ele aparece segurando a imagem de Irmã Dulce sob os olhos, reproduz as circunstâncias em que teria sido contemplado pelo milagre de voltar a ver, após intercessão dela. Ao juntar foto e título, o jornal reforça a ideia de que, antes mesmo de ser reconhecida como santa, Dulce foi capaz de operar um milagre por meio de sua imagem canônica.

Por outro lado, a imagem canônica também foi utilizada para ilustrar a relação de amizade entre a baiana e a Irmã Olívia Lucinda da Silva na matéria de número 14, publicada em 13 de outubro de 2019, *Convivi com uma santa*, mesmo que elas não tenham se conhecido. No entanto, a fotografia de Irmã Olívia olhando para a imagem em tamanho real de Irmã Dulce dá a sensação de que a religiosa estava admirando a santa, principalmente pela forma como ela olha a imagem e como toca na redoma de vidro que a envolve. Essa ideia é reforçada pela seguinte fala de Olívia que foi transformada em olho: “*A gente já sabia que ela era diferente. Para mim, ela foi outro Cristo na Terra*”. O mesmo ocorre com a prima Terezinha Lopes, no mesmo texto. Além de ter uma foto dela ao lado de Dulce, ela também é mostrada próxima a uma mesa repleta de ícones católicos como Jesus Cristo, Santo Antônio e Irmã Dulce.

Para estabelecer relações entre Irmã Dulce e as fontes por meio das fotos, o A TARDE também utilizou outros objetos. Na primeira matéria *Acervo especial conta história de Irmã Dulce* (A TARDE, 13/08/2019, p.A7), por exemplo, a série utiliza a foto de um fanzine produzido com base no discurso da freira guardado pelo acervo do jornal para poder criar uma relação de intimidade com ela. Já em *Canonização traz emoção a quem viu Irmã Dulce de perto* (A TARDE, 10/09/2019, p.A6), quinta da série, um dos entrevistados, o economista Jairo Brito, mostra uma camisa customizada com a foto dele e da religiosa juntos. Na última matéria de “Para sempre, Dulce”, *Clima de devoção se espalha pelo entorno da Fonte Nova* (A TARDE, 21/10/2019, p.A6), o entrevistado, o empresário Altamiro Ribeiro, exhibe sua carteira de trabalho assinada por Irmã Dulce de quando ele trabalhou no almoxarifado do Hospital Santo Antônio

entre os anos de 1982 e 1983. Por fim, o próprio A TARDE construiu uma associação imagética entre a freira e o Ypiranga em *Ypiranga é agora o time que tem Santa torcedora* (A TARDE, 13/10/2019, p.2), décima segunda matéria, ao inserir um escudo do clube esportivo na foto do rosto dela.

Responsável por canonizar Irmã Dulce, a Igreja Católica e seus ritos também aparecem relacionados à freira baiana. Na reportagem de número 16, *Centenas de fiéis foram ao santuário acompanhar a cerimônia de canonização* (A TARDE, 14/10/2019, p. A6), a diagramação conta com a foto de uma missa celebrada em honra à Dulce no bairro do Uruguai, em Salvador. Na imagem, o pároco da Paróquia Nossa Senhora dos Alagados e São João Paulo II, padre Thomas Guist'hau, se curva perante o altar, que possui um quadro com a foto de Irmã Dulce em cima da uma toalha azul, enquanto segura um turíbulo, objeto utilizado na liturgia para incensar o altar e “elevar orações até o céu”. A intenção, conforme a legenda e o texto, é mostrar que a canonização foi comemorada entre os devotos.

Em *D. Murilo celebra 1ª missa de Santa Dulce* (A TARDE, 15/10/2019, p. B2), o registro é da liturgia eucarística, momento maior da missa católica. O ex-arcebispo aparece falando, de mãos erguidas e olhando para cima, próximo a um cálice coberto, o que sugere que ele estava fazendo algum tipo de oração ou ritual dedicado à já Santa Dulce. O Vaticano, sede da fé católica em todo o mundo e palco da canonização de Irmã Dulce, aparece em três diferentes edições da série de reportagens, sendo representado pela Basílica e Praça de São Pedro.

Na décima quinta matéria *Santa Dulce tem missa hoje um dia após a canonização* (A TARDE, 14/10/2019, p. A4), a fotografia é da basílica decorada com as imagens de Irmã Dulce e dos outros canonizados, bem semelhante a foto de *O Anjo Bom da Bahia é a Santa Dulce Dos Pobres* (A TARDE, 13/10/2019, p. A4). Devido ao posicionamento à esquerda e próxima do texto, a imagem da baiana na basílica é uma das primeiras a ser vista pelo leitor da página. Indo além de mera descrição do fato, a legenda da foto - *Marcada por forte emoção dos presentes, a missa da canonização da Santa Dulce dos Pobres, realizada pelo Papa Francisco, teve início às 10h15 (horário de Roma)* - utiliza o adjetivo “forte” para dizer que a cerimônia foi muito emocionante para quem assistiu, algo que representa na realidade, uma inferência do jornalista e não um fato comprovado. Outro ponto é que a legenda dá a entender que apenas Irmã Dulce foi canonizada ao se referir à celebração como a “missa da canonização da Santa Dulce dos Pobres”.

De modo geral, os ritos da igreja católica aparecem em outras edições, como em “*Irmã Dulce via Jesus nos pobres*” (A TARDE, 17/09/2019, p. A6), que mostra Murilo Krieger com suas vestes tradicionais de arcebispo e celebrando missas, sendo uma delas a do lava-pés, na qual ele reproduz o gesto de Jesus de lavar e beijar os pés dos discípulos.

Dentro desta parte imagética, apenas uma reportagem destaca a estrutura das Obras Sociais de Irmã Dulce (Osid). Em *Irmã Dulce fez de galinheiro uma grande obra social* (A TARDE, 13/10/2019, p.03), foram utilizadas três fotos das instituições filantrópicas fundadas pela freira. A foto principal é da parte da fachada do Hospital Santo Antônio, que possui a seguinte frase fixada na parede: “Missão: Amar e Servir ao próximo, oferecendo atendimento gratuito na saúde, educação e assistência social”, um lema muito associado à religiosa pelo seu empenho com a causa social e que expressa certa compaixão. Nas outras duas fotos da página, que mostram estudantes do Centro Educacional Santo Antônio (Cesa) e do Centro de Panificação do Cesa, é possível ver a imagem da freira estampada nos uniformes de ambas as instituições.

De modo geral, verifica-se que o *layout* de “Para sempre, Dulce” segue o perfil tradicional e conservador do jornal A TARDE. O azul é a cor predominante das páginas, estando articulado, principalmente, por meio de formas geométricas convencionais. As fontes gráficas utilizadas na diagramação são, também, bem tradicionais e comuns, recebendo pouco incremento na hora de destacar elementos textuais. A série de reportagens não utiliza arranjos de cores ou tipografia mais modernas para entregar um *design* mais arrojado. Toda a composição visual é muito séria e sisuda, posicionamento discursivo historicamente adotado pelo jornal A TARDE.

3.3. ANÁLISE TEXTUAL DE “PARA SEMPRE, DULCE”

O trabalho se volta, neste tópico, a considerar as questões textuais, que evidenciam sentidos operados pelos veículos de comunicação. Uma das primeiras são as fontes e suas características, já que estas constituem formas explícitas de se construir uma figura discursiva a depender da sua natureza e do que falam.

Outro ponto são as palavras e frases, cujas classes gramaticais e semântica, respectivamente, revelam determinadas impressões. Também foram observados aspectos como enquadramentos e vozes discursivas (“em nome de quem” o jornal fala). Foram considerados textos, o corpo das matérias, além de títulos, subtítulos, olhos e legendas.

As 20 reportagens que compõem a série “Para sempre, Dulce” trazem, ao todo, falas de 70³³ pessoas, além de informações obtidas em instituições como o próprio jornal, a Osid e a Arquidiocese de Salvador. Para conseguir relatos de pessoas que conheceram a freira baiana, o próprio jornal pediu aos leitores que enviassem enviem depoimentos por e-mail. As fontes estão divididas da seguinte forma:

Tabela 1 - Tipos de fontes citadas nas reportagens

Tipos de fontes	Quantidade
Familiares	4
Membros da Igreja Católica	9
Especialistas	6
Devotos, admiradores e supostos miraculados	45
Funcionários da Osid	4
Outros	2

Fonte: A autoria da pesquisadora

Como demonstra a tabela, nove fontes são identificadas como membros da Igreja Católica. São elas o ex-arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, Murilo Krieger, um bispo auxiliar, dois freis, uma freira, um noviço, dois padres e um missionário. Além deste grupo, algumas fontes são associadas apenas a devoção por Irmã Dulce e outras são vinculadas de forma geral ao catolicismo.

Alguns destes membros da igreja apareceram em mais de uma edição, como é o caso de Murilo Krieger. O ex-arcebispo foi utilizado como fonte em cinco matérias diferentes para falar sobre o significado da canonização de Irmã Dulce para a igreja e sua relação com as causas dela e de outros santos. O momento de maior destaque ocorreu na entrevista ping-pong, composta por sete perguntas e realizada apenas com ele: “*Irmã Dulce via Jesus nos pobres*” (A TARDE, 17/09/2019, p.A6). Outra figura recorrente na série é o frei Jorge Rocha, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e professor-doutor em Teologia pela Universidade Católica do Salvador (Ucsal), presente em quatro edições. A sua participação cumpre um papel mais didático ao

³³Soma da quantidade de pessoas que deram entrevistas ao jornal. Não foram incluídas fontes citadas apenas em fotos ou que não falaram diretamente com a publicação. O número não considera os casos em que as fontes apareceram mais de uma vez.

explicar certos ritos do catolicismo e refletir sobre as nuances teológicas da devoção em torno da figura de Irmã Dulce.

Para além de Murilo Krieger e de Jorge Rocha - responsáveis por fornecer algum embasamento teológico e social para a canonização, especialmente no âmbito da fé católica - outros estudiosos das Ciências Sociais também foram entrevistados pelos redatores da série de reportagens. A lista inclui os doutores em Antropologia e professores da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Jocélio Teles dos Santos e Vilson Caetano de Souza Júnior, o doutor em Educação, Jaime Sodré, o professor de História aposentado e ex-presidente do Ypiranga, Bernardo José Improta, e os jornalistas Graciliano Rocha e Valber Carvalho, ambos autores de biografias sobre Irmã Dulce. Todas essas fontes são citadas sem marcações religiosas e, com exceção de Graciliano Rocha, que aparece em duas matérias, estes últimos especialistas aparecem apenas uma vez em matérias distintas, cada um.

Quatro familiares de Irmã Dulce estão na série de reportagens: as sobrinhas Maria Rita Pontes e Maria Marta Lopes Pontes Caldas, a prima Terezinha Lopes Pontes e a prima em segundo grau da religiosa, Jana Lopes Pontes Simões Mota. O destaque maior é para Maria Rita, atual superintendente da Osid. Citada de modo indireto em diferentes momentos da série, suas falas aparecem em três diferentes matérias, sendo uma, a entrevista com ela - “*Amar e servir. Isso é intocável na obra*” (A TARDE, 27/08/2019, p. A6). Outras quatro pessoas ligadas a Osid, entre assessores e voluntários, foram utilizadas como fontes pelo A TARDE. Destas, apenas o assessor de Memória e Cultura da Osid, Osvaldo Gouveia, aparece mais de uma vez (duas no total).

Como Irmã Dulce já faleceu, a publicação se apoia bastante nos relatos de terceiros para contar seus feitos. Sobretudo através da seção *Eu conheci uma santa*, doze pessoas contaram, ao longo das páginas na série, momentos em que tiveram ao lado da freira. Há ainda aquelas que relatam milagres pela intercessão de Dulce, oito no total. Com relação a estas graças alcançadas, o jornal destacou os miraculados reconhecidos pela Igreja Católica, José Maurício Moreira, cujas falas aparecem em três matérias diferentes, e Cláudia Cristiane Araújo, entrevistada duas vezes.

Por fim, a publicação identifica artistas e políticos que disseram ter alguma admiração por Irmã Dulce e participaram da canonização e/ou do evento da Fonte Nova. Nesta categoria, quem mais foi utilizada como fonte foi a cantora Margareth Menezes (em três matérias), que conheceu a freira baiana e se apresentou nas cerimônias de canonização e da Fonte Nova, e a

atriz Bianca Comparato, entrevistada em duas matérias. Ela interpretou Dulce nos cinemas, e desde então se diz devota, comparecendo à canonização.

Diante do exposto, é possível fazer algumas inferências sobre a maneira pela qual o A TARDE construiu a figura discursiva da Santa Dulce através das fontes selecionadas. A primeira passa pela natureza das fontes escolhidas: a maioria das pessoas escolhidas para falar sobre a canonização de Irmã Dulce é membro da Igreja Católica ou está associada à instituição, logo, compartilham da mesma fé que a freira. A única fonte que a série de reportagens identifica, explicitamente, como não sendo católica está na décima quinta reportagem, *Santa Dulce tem missa hoje um dia após a canonização* (A TARDE, 14/10/2019, p.A4): um indígena que participava do Sínodo para a Pan-Amazônia no dia da canonização.

O texto atribui a ele a informação de que o culto a santos católicos não faz parte de sua cultura, mas por outro lado, as aspas selecionadas informam que ele considera a canonização algo bom pelo fato de ter destacado uma mulher brasileira: “É muito bom ver uma brasileira com tanto destaque” (A TARDE, 14/10/2019, p.A4). Por tais estratégias enunciativas, pode-se afirmar que a publicação escolheu, para a construção da imagem de santidade para Irmã Dulce, evitar opiniões conflitantes sobre a canonização ou dar voz a pessoas assumidamente pertencentes a outros credos ou sem religião.

A escolha de fontes que conheceram e gostavam dela, junto com as que se dizem miraculadas também contribui para a concepção desta ideia. Nenhum defeito de Irmã Dulce é citado nas páginas e, até mesmo, atitudes que poderiam ser consideradas questionáveis acabam suavizadas pelo seu intenso ativismo. Um exemplo disso está na quinta matéria de “Para sempre, Dulce, *Canonização traz emoção a quem viu Irmã Dulce de perto* (A TARDE, 10/09/2019, p.A6), na qual o desembargador Mário Albiani conta que uma mulher foi reclamar na justiça porque Irmã Dulce supostamente a devia pagamentos de salários e direitos trabalhistas e o juiz se voltou contra a sua defesa com a justificativa de que uma mulher “santa” como ela - na época deste episódio ela estava no início das suas atividades sociais - não podia ser processada. Logo, a escolha desta fala para integrar a matéria, mesmo que atribuída a outra pessoa, revela o posicionamento discursivo do A TARDE com relação à imagem da freira.

Outro ponto observado na questão da escolha de determinadas fontes é que boa parte delas reforça a ideia de que Irmã Dulce já havia sido canonizada pelo povo antes mesmo do Vaticano reconhecê-la. A exposição de dados de atendimento da Osid e as falas da família são aspectos que ajudam a estabelecer a veracidade do recorte sobre a vida de Irmã Dulce construído

pelo A TARDE: a imagem de uma mulher merecedora do título de santa, muito amada pelo povo e pela família, com pouco ou nenhum defeito.

Como já foi demonstrado anteriormente, o A TARDE atribui o título de santa à Irmã Dulce desde o início da série, antes mesmo da canonização. Seja no lide e nos parágrafos, ou em outros formatos textuais como títulos, subtítulos e olhos, frequentemente o jornal utiliza a palavra “santa” para se referir a ela, como demonstra a tabela abaixo com alguns exemplos retirados de parte das reportagens.

Tabela 2 - Exemplos de frases que fazem referência direta à ideia de santidade

Termo	Formato textual	Edição
Memorial registra os passos da <u>nova santa</u>	Título	Primeira matéria / Publicada no dia 13 de agosto de 2019
Inaugurado em 1993, o Memorial Irmã Dulce preserva legado sobre a vida e a obra da <u>nova santa</u>	Olho	Primeira matéria / Dia 13 de agosto de 2019
Na coleção destacam-se textos em que admiradores expressam respeito pela mais <u>nova santa</u>	Segundo parágrafo da coordenada <i>Artigo e fanzine são exemplos de como pesquisa pode ser valiosa</i>	Segunda matéria / Publicada no dia 20 de agosto de 2019
É possível definir o sentimento de ser parente e sucessora no trabalho de uma <u>santa</u> ?	Primeira pergunta realizada na entrevista <i>“Amar e servir. Isso é</i>	Terceira matéria / Publicada no dia 27 de agosto de 2019

	<i>intocável na obra”</i>	
<p>“Ela foi o milagre na minha vida. Eu não tinha como sobreviver”, afirma Cláudia Cristiane, que, como José Maurício, participa com protagonismo da história de canonização da <u>primeira santa brasileira</u></p>	<p>Quinto parágrafo da coordenada <i>Primeiro milagre</i></p>	<p>Quarta matéria / Publicada no dia 3 de setembro de 2019</p>
<p>Paulo Coelho recebeu da <u>santa</u> um bilhete salvador</p>	<p>Título de coordenada</p>	<p>Oitava matéria / Publicada no dia 1º de outubro de 2019</p>

Fonte: Autoria da pesquisadora

Apesar de diversas fontes reafirmarem uma santidade nata de Irmã Dulce, nestes trechos acima (e em outros também), o jornal falou em nome dele mesmo e não mobilizou as falas dos entrevistados para afirmar, antes da canonização, que Irmã Dulce era santa. Também é possível notar que as colocações se referem a uma santidade generalizada e não à religiosidade católica. Assim, pode-se perceber um sentido de que a freira era uma figura seguida por todos, sem distinção de credo. Ao empregar o adjetivo “nova”, o jornal atribui um frescor, uma novidade ao culto, e ao especificar que ela se tornaria a primeira santa brasileira, a publicação vai além da Bahia, e diz que a canonização é um acontecimento de importância nacional.

Esta questão da abrangência do culto à religiosa aparece mais vezes nos textos, através da palavra “universal”, empregada pela voz discursiva do jornal: “A história da mulher que transformou o galinheiro de um convento na sede de impressionante obra social que dá assistência em várias especialidades médicas, mas também administra hospitais e tem ações na educação integral e profissionalizante, agora chega a um patamar universal” (trecho de *O mundo abraça o anjo bom da Bahia*, publicada no dia 13 de agosto de 2019, sem página definida) e pelas fontes: “ela agora está inserida num sistema religioso universal” (fala do doutor em Antropologia e professor da UFBA Jocélio Teles dos Santos na coordenada *História local será agora lembrada em âmbito mais amplo* da matéria *Memorial registra os passos da nova santa* publicada no dia 13 de agosto de 2019, p. A7). A ideia de que Irmã Dulce poderá

ser cultuada universalmente, fora do Brasil, está relacionada ao poder, a sua potência como santa, que transcende as barreiras geográficas.

Outro termo empregado por A TARDE para caracterizar santidade é “Anjo Bom da Bahia”. A expressão aparece de maneira destacada em dois títulos das matérias principais publicadas no dia da canonização: *O mundo abraça o anjo bom da Bahia* (A TARDE, 13/10/2019, sem página definida) e *O anjo bom da Bahia é a Santa Dulce dos pobres* (A TARDE, 13/10/2019, p.4). A utilização deste termo pelo jornal se apoia em um apelido pelo qual Irmã Dulce ficou conhecida quando era freira. A composição da expressão se apoia em duas premissas sobre a vida da religiosa: “anjo bom”, se refere ao assistencialismo empreendido por ela, e “da Bahia”, ao local de atuação. Os usos de “anjo bom da Bahia” feitos por A TARDE têm o objetivo de não só evidenciar a universalização do culto à Irmã Dulce - *O mundo abraça o anjo bom da Bahia* -, como também, proclamar o reconhecimento da santidade dela, marcar a transição de freira para santa: *O anjo bom da Bahia é a Santa Dulce dos pobres*.

Uma das formas pela Igreja Católica para mensurar o poder de um santo e qualificá-lo como tal é a realização de milagres. Além de dedicar toda uma edição para falar sobre os dois atos reconhecidos pelo Vaticano durante o processo de canonização, “Para sempre, Dulce” traz, em outras páginas, relatos informais de pessoas que alegam ter recebido outros milagres de Irmã Dulce. Como aparecem, na maioria das vezes, relacionados a saúde, o termo “milagre” também aparece substituído por “cura”, como no trecho *Ligação errada virou certeza de auxílio para a cura* (olho do box *Eu conheci uma santa* presente na matéria *Vigília e missas festejam a nova santa católica* do dia 8 de outubro de 2019, p. A6). Também são utilizadas as palavras “graças” - *Registros atribuem mais de 10 mil graças a Santa Dulce dos Pobres* (título da coordenada da matéria *Milagres validaram certeza entre os devotos* do dia 3 de setembro de 2019, p. A6) e “bençãos” - *Neuza Lúcia conta que a família já foi agraciada com a bênção da santa* (décima sexta matéria, *Centenas de fiéis foram ao santuário acompanhar a cerimônia de canonização* do dia 14 de outubro de 2019, p. A6). É interessante observar que o jornal, enquanto enunciador, utiliza-se da sua própria voz discursiva antes de acionar a voz de quem relatou o milagre. Outro ponto é que nenhum termo que possa gerar sentido de suposição ou dúvida é utilizado pelo jornal.

Além dos milagres, outro ponto chave da santificação de Irmã Dulce pela Igreja Católica é o ativismo social da freira, expresso pelas Obras Sociais. Neste sentido, a Osid ganha mais destaque na matéria número treze da série, de título *Irmã Dulce fez de galinheiro uma grande obra social* (A TARDE, 13/10/2019, p. 03). Tanto o título, quanto o subtítulo,

EMPREENDEDORISMO - A habilidade em gestão da religiosa deu origem ao que hoje é uma das maiores obras sociais do Brasil, utilizam palavras como “grande” e “maiores” para caracterizar o conjunto das obras como importante para a Bahia e o Brasil.

Outra forma de expressar grandeza é através de dados como a quantidade de pessoas assistidas pelos serviços sociais. Dois números são apresentados nos olhos da matéria: *2,2 milhões de procedimentos realizados somente no Hospital Santo Antônio, em Salvador e 787 crianças e adolescentes atualmente atendidas no Centro Educacional Santo Antônio*. Destes, o relativo a milhões de procedimentos no Hospital Santo Antônio é o que mais chama atenção pela informação de que, sozinha, a unidade de saúde fundada pela religiosa, responde por tão grande número de atendimentos na capital baiana.

Um santo costuma ser associado a qualidades que contribuem para torná-lo admirável. Na construção da imagem de santa para Irmã Dulce, a série de reportagens elenca algumas ao longo de suas páginas. Ao falar da Osid, por exemplo, o A TARDE destacou o lado empreendedor. Com relação ao tratamento para com as pessoas, sentimentos como o amor, e qualidades como coragem, simplicidade e humildade também foram bastante citadas tanto pela voz de A TARDE, quanto das fontes. Outros elogios eram feitos de modo indireto, como é mostrado nos exemplos a seguir:

*Foi através de **coragem** e **amor** que a religiosa iniciou sua vida de empreendedorismo, fazendo questão de reiterar todo o tempo que sua obra era de Deus e que ela era apenas um instrumento* (A TARDE, 13/10/2019, p. 03);

***Vida de dedicação ao outro** inspira indústria cultural* (A TARDE, 01/10/2019, p. A6);

*Irmã Dulce sempre foi **dona de um carisma extraordinário*** (A TARDE, 01/10/2019, p. A6);

*Irmã Dulce tinha um **olhar que transmitia uma luz especial*** (A TARDE, 08/10/2019, p. A6);

*“Irmã Dulce **via Jesus nos pobres**”* (A TARDE, 17/09/2019, p. A6).

A religião, com todos os ritos e crenças, se liga de modo particular a emoção. O substantivo e suas variações também aparecem nos textos para demonstrar que a canonização provocou um misto de sentimentos nos devotos, membros da Igreja Católica, amigos e

familiares de Irmã Dulce: *Canonização traz emoção a quem viu Irmã Dulce de perto* (A TARDE, 10/09/2019, p. A6).

Para falar das pessoas que admiram a freira baiana, foram utilizados os termos fiel - *Centenas de fiéis foram ao santuário acompanhar a cerimônia de canonização*, título da décima quinta matéria do dia 14 de outubro de 2019, p. A6 - e devoto - *“Momentos inesquecíveis”*, *assim devotos descrevem os dias em Roma*, título de uma da coordenada da décima sétima reportagem da série, publicada no dia 15 de outubro de 2019, p. B2. No plural, e empregados sobretudo nas matérias que falam sobre os eventos relacionados à canonização, os termos remetem a um grande grupo de pessoas que nutrem devoção e fé pela santa: *RELIGIOSIDADE - A impossibilidade de entrar no espaço onde ocorreu a celebração não impediu vários fiéis de acompanharem a festa do lado de fora do estádio como forma de expressão de fé* (subtítulo da última matéria de “Para sempre, Dulce” no dia 21 de outubro de 2019, p. A6).

Pelo fato de a freira ter muitos devotos, a canonização de Irmã Dulce seria, então, algo esperado pela Bahia, segundo o A TARDE. Para expressar esta ideia, a publicação utiliza o verbo “festejar”, ligado ao ato de comemorar - *Relatos especiais festejam uma data que faz da Bahia a terra de origem de uma santa* (A TARDE, 13/08/2019, p. A7) e *Bahia festeja 1ª missa de sua filha santa* (A TARDE, 21/10/2019, p. A4) – e o substantivo conquista *“A canonização de Irmã Dulce é uma conquista de todos os baianos”* (A TARDE, 20/08/2019, p. A6). Como já foi destacado anteriormente, o A TARDE não especifica que parte da Bahia está “festejando” a canonização, dando a entender que toda a Bahia queria ver Irmã Dulce ser santificada pela Igreja Católica.

Por representar o valor-notícia da proximidade, as raízes baianas de Irmã Dulce são destacadas em diversas matérias de “Para sempre, Dulce”. O aspecto mais importante é a religiosidade do estado, conhecido pela diversidade de crenças. Assim, associar Santa Dulce à Bahia é colocá-la ao lado de outras figuras já consagradas pela fé do povo. *“A primeira missa em honra de Santa Dulce dos Pobres em sua terra natal, Salvador, correspondeu às expectativas em emoção e ambiente de grandes festas no âmbito da religiosidade que a Bahia sabe fazer”* (A TARDE, 21/10/2019, p. A4) / *Bahia é terra que exerce atração para santos* (A TARDE, 24/09/2019, p. A6).

Por fim, para além de pessoas falando em nome dela, Irmã Dulce também ganha seu momento de “falar” através da inserção das frases que seriam de sua autoria. Em cada reportagem da série, o jornal apresenta, ao lado da logomarca da série, um conselho ou reflexão sobre a vida atribuído à freira baiana. Em alguns casos, as sentenças são organizadas de modo

a se relacionarem com o tema da matéria principal e também algumas se repetem ao longo da série. As frases, acompanhadas da assinatura indicada pelo jornal e organizadas de acordo com as respectivas edições estão apresentadas abaixo:

1. “Quando nenhum hospital quiser aceitar algum paciente, nós aceitaremos. Essa é a última porta e por isso eu não posso fechá-la”, IRMÃ DULCE, (A TARDE, 13/08/2019, p. A7);
2. “O importante é fazer a caridade, não falar de caridade. Compreender o trabalho em favor dos necessitados como missão escolhida por Deus”, IRMÃ DULCE, (A TARDE, 20/08/2019, p. A6);
3. “Sempre que puder, fale de amor e com amor para alguém. Faz bem aos ouvidos de quem ouve e à alma de quem fala”, IRMÃ DULCE, (A TARDE, 27/08/2019, p. A6);
4. “No amor e na fé encontraremos as forças necessárias para a nossa missão”, IRMÃ DULCE, (A TARDE, 03/09/2019, p. A6);
5. “Foi o nosso povo, com a sua fé, sob inspiração de Deus, que construiu toda essa obra” IRMÃ DULCE, (A TARDE, 10/09/2019, p. A6);
6. “É preciso que todos tenham fé e esperança em um futuro melhor” IRMÃ DULCE, (A TARDE, 17/09/2019, p. A6);
7. “Procuremos viver em união, em espírito de caridade, perdoando uns aos outros as nossas pequenas faltas e defeitos” IRMÃ DULCE, (A TARDE, 24/09/2019, p. A6);
8. “A minha política é a do amor ao próximo” IRMÃ DULCE, (A TARDE, 01/10/2019, p. A6);
9. O que fazer para mudar o mundo? Amar. O amor pode, sim, vencer o egoísmo” IRMÃ DULCE, (A TARDE, 08/10/2019, p. A6);
10. “Sempre que puder, fale de amor e com amor a alguém. Faz bem aos ouvidos de quem ouve e à alma de quem fala” SANTA DULCE DOS POBRES, (A TARDE, 13/10/2019, p. A4);
11. “Sempre que puder, fale de amor. Faz bem aos ouvidos de quem ouve e à alma de quem fala” IRMÃ DULCE, (A TARDE, 13/10/2019, sem página);
12. “No coração de cada homem, há sempre uma semente de amor prestes a brotar” IRMÃ DULCE, (A TARDE, 13/10/2019, p. 02);
13. “A minha política é a do amor ao próximo” IRMÃ DULCE, (A TARDE, 13/10/2019, p. 03);
14. “Obra de Deus não se interrompe, porque Ele não permite” IRMÃ DULCE, (A TARDE, 13/10/2019, p. 04);

15. “O que fazer para mudar o mundo? Amar. O amor pode, sim, vencer o egoísmo” SANTA DULCE DOS POBRES, (A TARDE, 14/10/2019, p. A4);
16. “Foi o nosso povo, com a sua fé, sob inspiração de Deus, que construiu toda essa obra” SANTA DULCE DOS POBRES, (A TARDE, 14/10/2019, p. A6);
17. “Tudo se torna mais fácil quando se tem fé. Não uma fé oscilante, mas uma fé firme naquele que tudo pode e tudo nos concede” SANTA DULCE DOS POBRES, (A TARDE, 15/10/2019, p. B2);
18. “É preciso que todos tenham fé e esperança em um futuro melhor. O essencial é confiar em Deus. O amor constrói e solidifica” (sem assinatura pelo jornal), (A TARDE, 21/10/2019, p. A4);
19. “Sempre que puder, fale de amor e com amor para alguém. Faz bem aos ouvidos de quem ouve e à alma de quem fala” (sem assinatura pelo jornal), (A TARDE, 21/10/2019, p. A5);
20. “O amor supera todos os obstáculos, todos os sacrifícios. Por mais que façamos, é pouco diante do que Deus faz por nós” (sem assinatura pelo jornal), (A TARDE, 21/10/2019, p. A6).

Diferente do que acontece nos outros textos da série, que começam a chamar a freira de santa desde o início das publicações, as frases atribuídas a Irmã Dulce só têm a assinatura modificada para “Santa Dulce” após a canonização. Porém, o padrão não segue de forma linear. Talvez por um erro do jornal, as frases das quatro páginas das reportagens veiculadas no dia da canonização creditam apenas como Irmã Dulce, sem o título de Santa. A condição de santa aparece novamente nas três páginas publicadas após a cerimônia da canonização, até que nas últimas três matérias, o crédito não é informado.

Ao publicar frases ditas por Irmã Dulce, o jornal aciona a voz discursiva e a identidade da freira baiana para falar com o leitor em nome dela. É importante notar que as frases são espécies de conselhos de como viver idealmente a vida e cultivar a espiritualidade. A sua escolha para compor as matérias pode indicar intenções de mostrar que a freira baiana era uma pessoa sábia, que detinha conhecimento sobre como viver bem a vida e que, por isso, era merecedora do seu título de santa.

A observação da parte textual de “Para sempre, Dulce” demonstra que, assim como na parte imagética, o A TARDE manteve seu estilo tradicionalista com a adoção de linguagem formal, sem gírias. A conjuntura de toda a matéria significativa revela que o jornal constantemente se comporta como um enunciador pedagógico, disposto a repetir informações e explicar rituais específicos da Igreja Católica em seus textos, bem como estabelecer ligação afetiva ou profissional entre Irmã Dulce e as fontes entrevistadas, por meio das imagens,

evitando, assim, deixar algo subentendido. Ainda que tenha mobilizado sentimentos e emoções nos textos e imagens, a publicação assume uma posição de enunciação mais distante do seu leitor. A diagramação, no entanto, estabelece um percurso de leitura pré-definido e não confere, pois, muita autonomia para que o leitor escolha aleatoriamente qual parte do texto vai ler.

3.4. A SANTA DULCE DOS POBRES DE A TARDE

A partir da análise dos elementos discursivos utilizados para construir a imagem de Santa Dulce dos Pobres pelo jornal A TARDE, é possível identificar pelo menos quatro perfis de santidade. Através das escolhas das fontes, fotos, títulos, subtítulos, intertítulos, olhos, adjetivos e palavras organizadas para fazer sentido, percebe-se que o jornal categorizou alguns perfis de Santa, atribuindo-os à Irmã Dulce.

3.4.1. Uma Santa que se doava totalmente ao próximo

Segundo o A TARDE, Irmã Dulce acolhia todo o tipo de pessoa. Dos pobres e doentes, passando pelas crianças sem teto, até as pessoas ricas ou financeiramente estáveis, mas desesperadas e “sem espiritualidade” (A TARDE, 27/08/2019, p. A6), a freira nunca negou atendimento, nem que para isso tivesse de invadir lugares e encaixar os necessitados nas já superlotadas estruturas das suas obras. Irmã Dulce era pequena e “tinha saúde frágil, mas isto não foi um impedimento para fazer o bem” (A TARDE, 17/09/2019, p. A6).

Além de acolher centenas de crianças nas ruas, tocar nas feridas dos pacientes do hospital e fazer partos de emergência, a baiana também exercia seu papel de membro de instituição religiosa e fornecia “apoio espiritual dos doentes já desenganados” (A TARDE, 13/10/2019, p. 03). Diferente do restante das pessoas, que “estão sempre em velocidade”, Irmã Dulce “ouvia o próximo” (A TARDE, 27/08/2019, p. A6). Esse “próximo” também incluía a própria família, pois a “religiosa orientava e intercedia pela saúde e vida dos primos e sobrinhos” (A TARDE, 13/10/2019, p. 04).

Esta vida de dedicação total às pessoas fez com que Irmã Dulce trabalhasse para aumentar as suas obras sociais e garantiu que elas persistissem mesmo após sua morte. O Hospital Santo Antônio, o Centro Educacional Santo Antônio (Cesa) e o Centro de Panificação transformam a vida das pessoas atendidas: o Hospital trata milhões de doentes gratuitamente, tornando-se uma das mais necessárias unidades de saúde de Salvador, o Cesa atende, em tempo integral, quase mil crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, oferecendo qualificação profissional e oportunidades de emprego em outros continentes e o Centro de

Panificação colabora com a manutenção do Cesa ao vender seus produtos para cinco estados brasileiros.

Em alguns casos, a mudança de vida dos assistidos se estendia para um âmbito mais íntimo, como é o caso de um homem que considera Irmã Dulce sua mãe após ela tê-lo acolhido. A criação destes laços afetivos, evidenciada em A TARDE, mostra que a freira era uma pessoa acessível e que se envolvia completamente em suas obras.

3.4.2. Uma Santa admirada

Conforme a construção discursiva do jornal, Irmã Dulce era muito admirada pelos seus feitos. Se por um lado ela era frágil de saúde, por outro, era dotada de uma “força” (A TARDE, 10/09/2019, p. A6) que a impulsionava a trabalhar por quem precisava.

Por reunir qualidades como “simplicidade”, “trabalhar sem reclamar da vida” e não ter “nenhuma vaidade”, Irmã Dulce é um exemplo a ser imitado. De forma especial para os católicos, como Santa Dulce dos Pobres, ela passou a ocupar um “*status* especial” de modelo a ser seguido. A freira que, em vida, chegou a rir quando as pessoas a chamavam de santa porque não acreditava que poderia ser santificada, representa a ideia de que todo mundo é capaz de “fazer o que ela fez” e “almejar os altares” (A TARDE, 27/08/2019, p. A6).

Outro ponto é a sua visão com relação a questões como fé, amor, ativismo e comportamento humano, expressas nas frases utilizadas no início das páginas da série e tida como uma espécie de sabedoria. Esta força espiritual de Irmã Dulce impulsionou devotos, familiares e instituições a serem cada vez melhores. Um exemplo disso foram os artistas e a indústria cultural, que se inspiraram nas “histórias impressionantes da trajetória” da freira para criarem conteúdos nas mais variadas áreas (A TARDE, 01/10/2019, p. A6).

Irmã Dulce sempre foi dona de um carisma extraordinário. Antes mesmo da oficialização como santa, já era celebrada como tal entre o povo. Seus admiradores compõem um grupo bem diverso e a indústria cultural a absorveu como protagonista em variadas linguagens e produtos: livros, peças de teatro, documentários, música e até mesmo uma ópera (A TARDE, 01/10/2019, p. A6).

A direção da Osid continua se apoiando nos ideais da religiosa baiana, através do lema “Amar e servir” (A TARDE, 27/08/2019, p. A6), para garantir a espiritualidade do trabalho. Assim, estar associada a uma santa como Irmã Dulce, cuja conduta causa tanta admiração, é no mínimo “especial”, mais até do que estar associado a um papa (A TARDE, 13/10/2019, p. 02).

3.4.3. Uma Santa que operou diversos milagres

Para canonizar Irmã Dulce, a Igreja Católica precisou comprovar a existência de dois milagres que, como o próprio A TARDE afirma, foram instantâneos, perfeitos, permanentes e preternaturais. Estes mesmos milagres são abordados por diversas vezes na série, já que são condição fundamental do reconhecimento oficial da santidade da freira, porém, para continuar reafirmando a qualidade de santa, o jornal apresentou outros relatos, mas sem qualquer indicação de reconhecimento pelo Vaticano.

A primeira ligação de Irmã Dulce com o sobrenatural é estabelecida já na edição de número um, quando o museólogo Osvaldo Gouveia relata que foi aconselhado em sonho por sua mãe, falecida há 11 anos, um dia antes da criação do memorial que teve papel crucial na canonização. Nestes casos, o jornal recorre à fala das fontes, mas por muitas vezes, destaca tais afirmações em títulos, subtítulos e olhos sem que haja a indicação de que a afirmação foi dita pela fonte.

A partir daí, a imagem da freira baiana aparece frequentemente associada a acontecimentos místicos e misteriosos. Os relatos não se passam só após a morte dela. Segundo os supostos miraculados, os milagres também aconteciam quando ela era viva.

De acordo com a série de reportagens, em vida, Irmã Dulce conseguia o que queria por meio das orações. “Ela me pedia as coisas e eu não sabia como fazer. Mas ela rezava e as coisas aconteciam” (A TARDE, 13/10/2019, p. 04). Outro exemplo semelhante está em *Canonização traz emoção a quem viu Irmã Dulce de perto* (A TARDE, 10/09/2019, p. A6), na qual uma mulher conta que após a freira rezar pela obtenção da aposentaria da avó, o pedido, que já se arrastava há um bom tempo na justiça, foi aprovado. O uso da imagem canônica e até mesmo, a voz da religiosa ao telefone, são citados como meios pelos quais Irmã Dulce concedeu um milagre, o que confere uma certa noção de poder onipresente a ela.

Para reafirmar o quanto a santa é poderosa, o A TARDE utiliza dados da Osid para justificar que a entidade já contabilizou milhares de graças atribuídas a ela. Com o objetivo de provar a seriedade dos milagres reconhecidos pelo Vaticano, e conseqüentemente, o merecimento da canonização de Irmã Dulce, o jornal repete, em algumas matérias, os critérios de avaliação para cada caso, entre os quais, a existência de uma comissão científica. Isso pode revelar a intenção de mostrar que os milagres da santa estão além de simplesmente fé e podem ser tangíveis pela ciência e pessoas fora do catolicismo.

3.4.4. Uma Santa canonizada pelo povo

Por ter sido uma mulher que acolheu todas as pessoas necessitadas, despertou admiração e operou milagres ainda viva, o jornal admite que Irmã Dulce já era considerada santa antes de ser proclamada como tal. Esta ideia pode ser vista na escolha de algumas falas das fontes, ou sendo construída, principalmente, pelos relatos da seção “*Eu conheci uma santa*”, que reuniu a maior parte das pessoas selecionadas para falarem sobre a religiosa: devotos, amigos e miraculados.

Para o jornal, a obtenção do título de santa pela Igreja Católica foi apenas um reconhecimento de algo que já era estabelecido no imaginário popular. Um exemplo desta estratégia do jornal em mostrar que Irmã Dulce sempre foi tida como santa são afirmações feitas pelo próprio enunciador Jornal A TARDE: *Santidade já era uma certeza para quem a conhecia* (A TARDE, 01/10/2019, p. A6); ou pelas fontes citadas, como: “Eu fui, falei e beijei a mão dela. Eu beijei a mão de uma santa” (A TARDE, 03/09/2019, p. A6); “Irmã Dulce para minha família sempre foi sagrada” (A TARDE, 03/09/2019, p. A6); “A gente já sabia que ela era diferente. Para mim, ela foi outro Cristo na Terra” (A TARDE, 13/10/2019, p. 04); “Ao conduzi-la ao gabinete, Ernesto Wolfgang, gerente da firma, dizia-me: Renildo, esta é a Santa da Bahia” (A TARDE, 01/10/2019, p. A6); e “Naquele dia conheci o máximo do amor ao próximo e me perdi naquele olhar, que tinha uma luz especial, rara e única. Eu tinha certeza de que ela era uma santa desde aquele momento em que pude falar com ela pessoalmente” (A TARDE, 08/10/2019, p. A6).

Um ponto importante é que o A TARDE não restringe o culto precoce de Irmã Dulce às pessoas praticantes da religião católica, apesar de dar voz apenas a fontes ligadas a essa crença religiosa. A imagem está associada à da Bahia como um todo, e não a um grupo específico: “Irmã Dulce parece que faz parte de todas as famílias baianas” (A TARDE, 17/09/2019, p. A6) e “Irmã Dulce é a santa de todos nós. Seja rico, pobre, de qualquer religião, porque ela acolheu a todos. Irmã Dulce vai ser a santa do nosso tempo. Peço em nome dela que todos sigam o seu exemplo” (A TARDE, 27/08/2019, p. A6).

Como já foi citado anteriormente, o jornal acaba afirmando que a canonização de Irmã Dulce era esperada e festejada por todo o estado e utilizando a quantidade de pessoas presentes na primeira celebração na Bahia para reforçar essa ideia. Em outras matérias, o jornal afirma, ainda, que o culto à santa ultrapassa as fronteiras locais e internacionais para alcançar um patamar universal.

Assim, a análise revela que, além de ser canonizada pelas fontes, Irmã Dulce também é canonizada pelo próprio A TARDE, quando este começa a chamá-la de santa antes da

cerimônia oficial. O jornal de certa forma concorda com a qualidade de santidade da freira e tenta, quando possível, aproximar sua própria imagem à da Irmã Dulce. Isso fica evidente quando, em um dos textos, a publicação ressalta que seu acervo possui cerca de 300 documentos sobre ela, que a freira já esteve na sede do jornal, e considera a obtenção de um artigo contendo a reprodução do discurso feito por Irmã Dulce para uma cerimônia de formatura uma “preciosidade”.

Outra tentativa de aproximação entre as figuras discursivas de Santa Dulce e jornal A TARDE, está no fato da publicação escolher o dia 13 de agosto para iniciar a série de reportagens. Existe toda uma simbologia da freira em relação ao número 13: ela foi batizada no dia 13 de dezembro, revelou o interesse pela vida religiosa aos 13 anos de idade, recebeu o hábito e o nome religioso de Irmã Dulce no dia 13 de agosto, morreu no dia 13 de março, e foi proclamada Santa Dulce dos Pobres pela Igreja Católica, no dia 13 de outubro, tendo como data litúrgica o dia 13 de agosto. Outro ponto é que Santo Antônio, seu santo de devoção, possui como data litúrgica o dia 13 de junho. A intenção de se associar com Irmã Dulce por meio do número 13 é confirmada pelo veículo de comunicação, em matéria veiculada pelo Portal A TARDE³⁴.

Por fim, a análise empreendida nesta pesquisa evidenciou que o quanto a religião está relacionada a processos complexos de midiaticização. Para o jornal A TARDE, Irmã Dulce reunia, pelo menos desde os anos 1950, diversos critérios de noticiabilidade que a tornavam relevante para o seu leitorado. Duas Irmãs Dulces ressaíram neste percurso até a canonização: de um lado, a mulher extremamente caridosa que abdicou de viver uma vida de conforto e transformou um galinheiro em uma das maiores redes assistencialistas do Brasil, a partir das doações que conquistava; de outro, a santa católica capaz de curar e salvar a vida de pessoas, agilizar processos burocráticos e conseguir recursos materiais após rezar. As duas figuras, segundo o jornal, são capazes de despertar admiração pelo seu modo de viver e reunir multidões em seu nome, mesmo após a morte.

No discurso de A TARDE, pouco importa se o público é católico ou se só a Igreja Católica poderia decretar que Irmã Dulce é santa. O jornal aciona diversas vozes discursivas para isto, entre as quais: 1) da instituição histórica e tradicional do jornalismo baiano, que já recebeu a freira em suas dependências e possui mais de 300 arquivos sobre ela; 2) dos jornalistas, fotógrafos e diagramadores, que, a partir dos constrangimentos de produção

³⁴ RAMOS, Cleidiana. Grupo A TARDE terá cobertura especial para festejar Irmã Dulce como santa. **A TARDE**. Salvador, 11 ago. 2019g. [online]. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2082472-grupo-a-tarde-tera-cobertura-especial-para-festejar-irma-dulce-como-santa>. Acesso em: 08 mai. 2021.

vivenciados concebem o conteúdo final das reportagens; e 3) das fontes selecionadas para afirmar que ela sempre foi uma santa, ou no mínimo, “um anjo bom” para a Bahia.

Ao reafirmar tal noção de santidade em “Para sempre, Dulce”, o A TARDE constrói quatro perfis de santa para Irmã Dulce. Esta construção discursiva, que vive seu clímax no dia da canonização - quando foi registrado o maior número de matérias - culmina oficialmente na série de reportagens, mas começa bem antes do início do processo de canonização, o que revela o quanto o veículo de comunicação está inserido no contexto de mediação da religião.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Jornalismo é regido por normas voltadas a estabelecer padrões acerca da maneira pela qual são construídos discursivamente fatos e acontecimentos. O discurso operado por esse tipo de meio de comunicação, o noticioso, constrói efeitos de sentido, estabelece posicionamentos, e conseqüentemente, impacta a opinião e a concepção de visões de mundo do seu leitorado. Como cita Maingueneau (2005), todo discurso representa uma forma de ação, afinal, a fala não é apenas uma representação do mundo, e sim uma maneira de agir.

Cada vez mais midiaticizada, a religião segue sendo uma instituição ainda muito presente na sociedade. O fato de bilhões de pessoas ao redor do mundo declararem seguir alguma religião acaba abrindo espaço nos noticiários para que questões religiosas sejam abordadas. Na Bahia, reflexo de um Brasil colonizado por conquistadores católicos e cuja maioria da população se declara adepta ao catolicismo, é possível perceber que pautas sobre a religião costumam aparecer com certa frequência no noticiário.

Diante dessa problemática atual e instigante, este trabalho buscou demonstrar como um dos veículos de imprensa mais tradicionais e antigos do estado, o jornal A TARDE, construiu a imagem de santa para a freira baiana Irmã Dulce, durante a ampla cobertura realizada por ocasião da canonização da religiosa pela Igreja Católica, no dia 13 de outubro de 2019. Ou seja, foram analisadas as estratégias que foram utilizadas pelo veículo para produzir o discurso de que Irmã Dulce reunia condições para receber um título que remete à noção de santidade. O *corpus* de análise foi composto pelas 20 matérias que integram uma série de reportagens produzida pelo A TARDE e veiculada de forma semanal entre os dias 13 de agosto e 21 de outubro de 2019, intitulada “Para sempre, Dulce”.

Com o objetivo de evidenciar a metodologia, foram apresentados, na fundamentação teórica, os conceitos de midiaticização e midiaticização da religião, valor-notícia, discurso, discurso midiático. Utilizando a perspectiva da Análise do Discurso de escola francesa e suas aplicações no discurso midiático impresso, mais precisamente no suporte jornal, foi realizada a avaliação das articulações entre as matérias significantes presentes na superfície discursiva da série de reportagens, entre elas: cores, fotos, logomarca e diagramação, na parte visual; e legendas, títulos, subtítulos, olhos e textos das reportagens, na parte textual.

Durante a análise, identificou-se que os elementos foram articulados de forma a operar diversos sentidos associados à ideia de santidade de Irmã Dulce. Na parte imagética, o A TARDE utilizou fotos que estabelecem relações de proximidade, identificação e devoção à freira, por meio de fontes, fiéis, membros da Igreja Católica e santos já consagrados pela

mitologia da religião, como Jesus Cristo. Outro ponto é a composição da logomarca da série, que atribuiu uma noção de eternidade à religiosa. A diagramação também constituiu um fator relevante, visto que o suporte associou a cor azul, ligada ao hábito de Irmã Dulce e a noções de céu e pureza, para destacar informações e colorir as páginas, além de escolher destacar fotos que remetessem a freira em detrimento de imagens sem ela. Cabe ressaltar, no entanto, que o azul é a cor padrão do jornal, cujo *layout* não foge do seu estilo tradicionalista.

Com relação ao aspecto textual, onde é possível visualizar mais facilmente o discurso, verifica-se que o A TARDE, em diversos momentos, se antecipou à canonização pelo Vaticano e utilizou sentenças que se referiam a então Irmã Dulce, já como santa. Outro ponto é que a maior parte das fontes selecionadas para a produção das reportagens possuía algum tipo de relação íntima com a baiana, a exemplo de familiares, amigos e devotos (entre os quais, miraculados), ou era membro da Igreja Católica. Estas escolhas revelam o posicionamento do A TARDE em estabelecer uma imagem de santidade à freira, já que, possivelmente, nenhum dos entrevistados iria contradizer a ideia de que Irmã Dulce é uma santa, pelo contrário, essa ideia seria reforçada. Parte dos relatos, inclusive, foi situada em uma seção denominada “Eu conheci uma santa”.

O jornal utiliza ainda, adjetivos como “santa” e “universal”, substantivos como “amor”, “fé”, “emoção” e “devoção”, além do termo “anjo bom da Bahia”, para qualificar Irmã Dulce e descrever o culto em torno dela. Diversas matérias retratam os supostos milagres realizados por intercessão dela, assim como, os feitos sociais que resultaram na fundação das obras sociais que levam o nome da freira, a Osid. A quantidade de fiéis presentes nos cultos envolvendo Irmã Dulce também é apresentada de forma a mensurar a devoção em torno da figura dela. Por fim, outro recurso textual que fez parte da construção da imagem de santidade foi o emprego de frases sobre vida, fé e relação com o próximo atribuídas a ela, fazendo com que ela fosse vista como um modelo de sabedoria.

Diante da análise empreendida nesta pesquisa, foi possível identificar que o discurso de A TARDE construiu a imagem de santidade para Irmã Dulce edificada sobre quatro tipos de Santa:

- a) Uma Santa que se doava totalmente ao próximo e acolhia todos que a procuravam independente da condição religiosa, social e financeira;
- b) Uma Santa muito admirada pela dedicação ao próximo, que desafiava as próprias condições de saúde e fazia de tudo para conseguir doações;

c) Uma Santa poderosa que operou diversos milagres. Além de citar os dois milagres reconhecidos pelo Vaticano, A TARDE apresenta relatos de outras pessoas que teriam sido agraciadas e o número de registros do tipo, contabilizado pela Osid;

d) Uma Santa canonizada pelo povo. Segundo o discurso do jornal, a canonização de Irmã Dulce apenas formalizou uma ideia que já era defendida pelo povo de toda a Bahia: a de que a freira sempre foi santa. Apesar de acionar a voz discursiva das fontes, o próprio A TARDE defende essa ideia em suas várias matérias significantes.

Respondendo à pergunta que norteia a pesquisa, verificou-se que o A TARDE construiu a imagem de Santa Dulce dos Pobres através da articulação dos seus elementos imagéticos e textuais: cores, fotos, logomarca e diagramação, na parte visual, e legendas, títulos, subtítulos, olhos e textos das reportagens, na parte textual. Diferente de pelo menos duas ocasiões, quando produziu cadernos especiais sobre Irmã Dulce, o A TARDE optou por realizar uma construção discursiva de maneira progressiva, semanal, ao longo das 20 matérias veiculadas por pouco mais de três meses. Este percurso de construção da santa pelo jornal é repleto de simbologias, com o início na data da festa litúrgica da santa e o ápice no dia da canonização, com a divulgação de quatro reportagens e conteúdo especial.

A partir da análise do discurso de “Para sempre, Dulce”, foi possível inferir que Irmã Dulce foi, de certa forma, “canonizada” pelo A TARDE. Assim, a reflexão sobre a forma da publicação noticiar, permite observar que o pensamento secular, apresentado no segundo capítulo e ainda defendido por alguns pesquisadores da área de religião, não pode ser considerado totalmente hegemônico, pois, de acordo com esta premissa, o jornal – assim como outras publicações que noticiaram a canonização - deveria manter uma atitude menos engajada religiosamente. Porém, o suporte acabou, na verdade, construindo um ícone religioso. É uma situação que mostra a religião convivendo com a pluralidade descrita por Berger (2017) e a secularização disputando espaço com a religião.

REFERÊNCIAS

50% DOS brasileiros são católicos, 31% evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. **Portal G1**. 13 jan. 2020. [online]. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 27 abr. 2021.

AGUIAR, José Reginaldo. **Quando a Pauta é Religião: a cobertura jornalística da visita do Papa Francisco ao Brasil pelos portais G1 e R7**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Culturas e Tecnologias da Informação) – Departamento de Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/10587>. Acesso em: 20 out. 2020.

ANDRADE, Ivanise Hilbig de. **A Construção Discursiva da violência envolvendo crianças e adolescentes em jornais impressos brasileiros**: um estudo de caso dos jornais O Globo e Extra de 2000 a 2014. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016. [online]. Disponível em: http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/Tese_construcao-discursiva-da-violencia_IvaniseAndrade_revisadafinal.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

ANDRADE, Ivanise Hilbig de. Construção de sentido no Jornalismo: operadores e estratégias de análise do discurso da imprensa. *In*: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 40º., 4-9 set. 2017, Curitiba. *Anais*. São Paulo: Intercom, 2017. [online]. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1739-1.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

BERGER, Peter. **Múltiplos Altares da modernidade**. CIDADE: EDITORA, 2017. [E-book consultado pelo dispositivo Kindle].

BÍBLIA SAGRADA. Português. Edição Catequética Popular. 20ª ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2017.

CARNEIRO, Raquel. Machismo, dinossauros e gravidez surreal: a salada bíblica de ‘Gênesis’. **Veja**. 20 jan. 2021. Cultura. [online]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/tela-plana/machismo-dinossauros-e-gravidez-surreal-a-salada-biblica-de-genesis/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FERNANDES, Padre Márcio Leandro. Como acontece a canonização de um santo?, **Canção Nova**. [online]. Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/catequese/como-acontece-canonizacao-de-um-santo/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

GAUTHIER, Jorge. Do avô às sobrinhas, família de Irmã Dulce foi ‘obrigada’ a servir e ajudar o próximo. **Correio***. 11 out. 2019. Pelos Olhos de Dulce. [online]. Disponível em: <http://especiais.correio24horas.com.br/pelosolhosdedulce/portfolio-item/do-avo-as-sobrinhas-familia-de-irma-dulce-foi-obrigada-a-servir-e-ajudar-o-proximo/>. Acesso em: 08 jan. 2021.

GAUTHIER, Jorge. Quando a Igreja virou as costas para Irmã Dulce. **Correio***. 10 out. 2019. Pelos Olhos de Dulce. [online]. Disponível em: <https://especiais.correio24horas.com.br/pelosolhosdedulce/portfolio-item/quando-a-igreja-virou-as-costas-para-irma-dulce/>. Acesso em: 11 jan. 2021.

GÊNESIS mantém público fiel e se consolida como programa mais visto fora da Globo. **Notícias da TV**, por Daniel Castro. 15 mar. 2021. Audiências. [online] Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/audiencias/genesis-mantem-publico-fiel-e-se-consolida-como-programa-mais-visto-fora-da-globo-53262?>. Acesso em: 18 mar. 2021.

HJAVARD, Stig. Capítulo 4 - Mdiatização da Religião. *In*: HJAVARD, Stig. **A mdiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Editora UNISSINOS, 2014.

HJAVARD, Stig. Mdiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultura. **MATRIZES**, São Paulo, ano 5, n. 2, p. 53-91, jan./jun. 2012. [online]. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38327/41182>. Acesso em: 15 out. 2020.

HOOVER, Stewart. Mídia e religião: premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. **C&S**, São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 41-68, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229067344.pdf>. Acesso em: 17 fev. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico Brasileiro de 2010**. Amostra de religião. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. [online]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/pesquisa/23/22107?tipo=ranking&indicador=22423>. Acesso em: 01 mai. 2021.

LOPES, Adriana Dias. Irmã Dulce: como ela mandava nos políticos. **Veja**. 30 ago. 2019. Religião. [online]. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/religiao/irma-dulce-como-ela-mandava-nos-politicos/>. Acesso em: 11 jan. 2021.

LYRA, Osvaldo. “A TARDE hoje é líder em audiência”, diz presidente João de Mello Leitão. **A TARDE**. 26 out. 2020. [online]. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/noticias/2143490-a-tarde-hoje-e-lider-em-audiencia-diz-presidente-joao-de-mello-leitao>. Acesso em: 15 jan. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARINHO, Nilson. Clima de devoção se espalha pelo entorno da fonte nova. **A TARDE**. Salvador, edição 36.709, 21 out. 2019, p. A6.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Mediação e mdiatização da religião em suas articulações teóricas e práticas: um levantamento de hipóteses e problemáticas. *In*: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (orgs.). **Mediação & Mdiatização**. Salvador-Brasília: EDUFBA-Compós, 2012. [online]. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6187/1/MIDIATIZACAO_repositorio.pdf. Acesso em: 15 mar. 2021.

MARTINO, Luis Mauro Sá. Miatização da religião e secularização: pensando as práticas religiosas no ambiente das mídias. **Revista de Comunicação da FAPCOM**, v. 1, n. 1, p. 97-108, 2017. [online]. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/12/12>. Acesso em: 17 mar. 2021.

MARTINO, Luis Mauro Sá: Mídia e poder simbólico. São Paulo: Paulus, 2003.

MOULLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. In: MOULLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). O Jornal: da forma ao sentido. 3. ed. Brasília: UnB, 2012b.

NÓBREGA, Adilson Rodrigues da; BONFIM, Sírnia Mapurunga. Líder carismático ou diplomata: cobertura da mídia brasileira sobre atuação do papa Francisco na reaproximação EUA e Cuba. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 14^o., nov. de 2016, Palhoça. **Anais**. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2016. [online]. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2016/paper/viewFile/10/165>. Acesso em: 10 mar. 2021.

PITOMBO, João Pedro. Lado B de Irmã Dulce teve paixão por futebol, piada e o primeiro 'toca Raul'. **Folha de São Paulo**. 12 out. 2019. Poder. [online]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/lado-b-de-irma-dulce-teve-paixao-por-futebol-apelido-piada-e-o-primeiro-toca-raul.shtml>. Acesso em: 10 jan. 2021.

RABELO, Carina. O avanço dos católicos na mídia. **Isto É**. 17 set. 2008. Comportamento. [online]. Disponível em: https://istoe.com.br/7911_O+AVANCO+DOS+CATOLICOS+NA+MIDIA/. Acesso em: 09 mar. 2021.

RAMOS, Cleidiana. "Bahia é terra que exerce atração para santos". **A TARDE**. Salvador, edição 36.682, 24 set. 2019a, p. A6.

RAMOS, Cleidiana. "Amar e servir. Isso é intocável na obra". **A TARDE**. Salvador, edição 36.654, 27 ago. 2019b, p. A6.

RAMOS, Cleidiana. "Irmã Dulce via Jesus nos pobres". **A TARDE**. Salvador, edição 36.675, 17 set. 2019c, p. A6.

RAMOS, Cleidiana. Bahia exerce atração especial para santos; saiba com qual você se parece, **A TARDE**. 24 set. 2019d. Para sempre, Dulce. [online]. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/parasempredulce/noticias/2094408-bahia-exerce-atracao-especial-para-santos-saiba-com-qual-voce-se-parece>. Acesso em: 18 abr. 2021.

RAMOS, Cleidiana. Bahia festeja 1ª missa de sua filha santa. **A TARDE**. Salvador, edição 36.709, 21 out. 2019e, p. A4.

RAMOS, Cleidiana. D. Murilo celebra 1ª missa de Santa Dulce. **A TARDE**. Salvador, edição 36.703, 15 out. 2019f, p. B2.

RAMOS, Cleidiana. Grupo A TARDE terá cobertura especial para festejar Irmã Dulce como santa. **A TARDE**. Salvador, 11 ago. 2019g. [online]. Disponível em:

<https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/2082472-grupo-a-tarde-tera-cobertura-especial-para-festejar-irma-dulce-como-santa>. Acesso em: 08 mai. 2021.

RAMOS, Cleidiana. Memorial registra os passos da nova santa. **A TARDE**. Salvador, edição 36.640, 13 ago. 2019h, p. A6.

RAMOS, Cleidiana. O anjo bom da Bahia é a Santa Dulce dos Pobres. **A TARDE**. Salvador, edição 36.701, 13 out. 2019i, p. A6.

RAMOS, Cleidiana. O mundo abraça o anjo bom da Bahia. **A TARDE**. Salvador, edição 36.701, 13 out. 2019j, página não identificada.

RAMOS, Cleidiana. Santa Dulce tem missa hoje um dia após a canonização. **A TARDE**. Salvador, edição 36.702, 14 out. 2019k, p. A4.

RAMOS, Cleidiana. Ypiranga é agora o time que tem santa torcedora. **A TARDE**. Salvador, edição 36.701, 13 out. 2019l, p. 02.

RANGEL, Natália. Como é o processo de canonização na Igreja Católica?. **Super Interessante**. 08 jan. 2015. Mundo Estranho. [online]. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-e-o-processo-de-canonizacao-na-igreja-catolica/>. Acesso em: 11 jan. 2021.

REBOUÇAS, Susana. Acervo especial conta história de Irmã Dulce. **A TARDE**, Salvador, ano 107, n. 36.647, 20 ago. 2019a. Especial, p. A6.

REBOUÇAS, Susana. Artistas cantam e encenam vida de Santa Dulce. **A TARDE**. Salvador, edição 36.709, 21 out. 2019b, p. A5.

REBOUÇAS, Susana. Canonização traz emoção a quem viu Irmã Dulce de perto. **A TARDE**. Salvador, edição 36.668, 10 set. 2019c, p. A6.

REBOUÇAS, Susana. Centenas de fiéis foram ao santuário acompanhar a cerimônia de canonização. **A TARDE**. Salvador, edição 36.702, 14 out. 2019d, p. A6.

REBOUÇAS, Susana. Convivi com uma santa. **A TARDE**. Salvador, edição 36.701, 13 out. 2019e, p. 04.

REBOUÇAS, Susana. Irmã Dulce fez de galinheiro uma grande obra social. **A TARDE**. Salvador, edição 36.701, 13 out. 2019f, p. 03.

REBOUÇAS, Susana. Milagres validaram certeza entre os devotos. **A TARDE**. Salvador, edição 36.661, 03 set. 2019g, p. A6.

REBOUÇAS, Susana. Vida de dedicação ao outro inspira indústria cultural. **A TARDE**. Salvador, edição 36.689, 01 out. 2019h, p. A6.

REBOUÇAS, Susana. Vigília e missas festejam a nova santa católica. **A TARDE**. Salvador, edição 36.696, 08 out. 2019i, p. A6.

ROCHA, Graciliano. **Irmã Dulce, a santa dos pobres**. 2ª ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

CATECISMO da Igreja Católica, São Paulo: Edições Loyola, 1997.

SPANNENBERG, Ana. A história do jornal A Tarde: entre modernidade e conservadorismo. **Jornal Grande Bahia**. 15 out. 2012. [online]. Disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2012/10/a-historia-do-jornal-a-tarde-entre-modernidade-e-conservadorismo-por-ana-spannenberg/>. Acesso em: 16 fev. 2021.

TABELA de preços Jornal A TARDE. **Grupo A TARDE Comunicação**. 2021. [online]. Disponível em: <https://fw.atarde.uol.com.br/publicidade/2015/06/202142918247711.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS CPDOC. Verbete a respeito do Jornal A Tarde [colaboração especial de Consuelo Novais Sampaio]. [online]. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tarde-a>. Acesso em: 20 jan. 2021.

TOLEDO, Marcelo. Com Irmã Dulce, Brasil tem 37 santos e 51 beatos; conheça alguns deles. **Folha de São Paulo**. 10 out. 2019. Poder. [online]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/com-irma-dulce-brasil-tera-37-santos-e-51-beatos-conheca-alguns-deles.shtml>. Acesso em: 15 jan. 2021.

TRAJETÓRIA da Canonização. **Obras Sociais Irmã Dulce**. [online]. Disponível em: <https://www.irmadulce.org.br/portugues/religioso/canonizacao>. Acesso em: 11 jan. 2021.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, v. II, 2005.

VEIGA, Edison. Como são 'feitos' os santos da Igreja Católica. **BBC News Brasil**. Bled, Eslovênia, 18 maio 2019. Internacional. [online]. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48280079>. Acesso em: 15 jan. 2021.

VERÓN, Eliseo. Fragmentos de um tecido. São Leopoldo: Editora UNISSINOS, 2004.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **MATRIZES**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, jan./jun. 2014. [online]. Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111629.pdf. Acesso em: 11 nov. 2020.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação** – mass media: contextos de paradigmas. Novas tendências, efeitos a longo prazo, o newsmaking. [2003]. [online]. Disponível em: <https://www.inovaconsulting.com.br/wp-content/uploads/2016/09/teorias-da-comunicacao-by-mauro-wolf.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2020.

APÊNDICE A – DESCRIÇÃO DAS REPORTAGENS ANALISADAS

1. MEMORIAL REGISTRA OS PASSOS DA NOVA SANTA – Edição 36.640 de 13/08/2019 (A TARDE, 2019), página A7.

A primeira edição da série de reportagens traz a matéria principal *Memorial registra os passos da nova santa* acompanhada de duas coordenadas: *Relatos especiais festejam uma data que faz da Bahia a terra de origem de uma santa* e *História local será agora lembrada em âmbito mais amplo*. A página conta, ainda, com cinco fotografias articuladas em cinco diferentes tamanhos e três olhos.

Situada à esquerda da página, *Memorial registra os passos da nova santa* se apresenta de forma mais destacada em relação às coordenadas, com o título em negrito e letras maiores. Assinada por Cleidiana Ramos, a matéria apresenta o subtítulo *PRECIOSIDADE - Departamento cuida da guarda dos registros sobre Irmã Dulce, inclusive dos relatos que levaram à identificação dos milagres* e o intertítulo *Aprendizagem*.

Através da entrevista ao museólogo Osvaldo Gouveia, a matéria aborda a criação do memorial de Irmã Dulce, uma exposição permanente sobre a vida e obra da religiosa, localizada entre as dependências da Osid no bairro do Bonfim, em Salvador, e a importância da documentação dos arquivos diversos para o processo de canonização. Os três primeiros parágrafos trazem relatos de Gouveia sobre o convite de integrar os projetos do memorial e da canonização, enquanto o trecho com o intertítulo *Aprendizagem* foca na relação entre o memorial e a canonização e como a equipe da Osid lidou com as demandas do processo, além de citar as atrações do espaço e o crescimento das visitas provocado pelo anúncio da canonização.

Na coordenada também assinada por Cleidiana, *História local será agora lembrada em âmbito mais amplo*, localizada à direita na parte inferior da página, além de Osvaldo Gouveia, foram entrevistados o doutor em antropologia e professor da Universidade Federal da Bahia (Ufba), Jocélio Teles dos Santos e o frei, doutor em teologia e professor da Universidade Católica do Salvador (Ucsal), Jorge Rocha. Enquanto a perspectiva da memória é trazida novamente por Gouveia, que fala sobre os registros da oralidade, Santos e Rocha abordam o significado da canonização de Dulce para a crença católica em escala nacional: Santos com o olhar antropológico e Rocha, teológico, no intertítulo *Exemplo*.

Sendo a página a primeira da série de reportagens, a outra coordenada, cuja autoria não é revelada, explica como se dará a inserção de “Para sempre, Dulce” nos produtos

jornalísticos do Grupo A TARDE e apresenta, por meio de mais um relato do museólogo Osvaldo Gouveia, a seção *Conheci uma santa*, dedicada a reunir memórias de pessoas que tem alguma história com Dulce.

Quanto às fotos, a primeira é do museólogo Osvaldo Gouveia, personagem central das matérias desta primeira edição, segurando uma pequena imagem de Dulce. Três imagens são de fiéis no memorial e no Santuário dedicado a ela, assistindo a uma celebração, ajoelhados na representação do túmulo da religiosa presente na Capela das Relíquias e tirando fotos ao lado de uma réplica dela em tamanho real. Uma última foto traz várias pequenas imagens da freira que são comercializadas pela Osid. Há uma única legenda no centro das cinco fotos: *O museólogo Osvaldo Gouveia coordena o setor de cultura e memória da Osid articulado às ações para a divulgação da trajetória da religiosa*. Por fim, a diagramação da página se completa com três olhos: *Inaugurado em 1993, o Memorial Irmã Dulce preserva legado sobre a vida e a obra da nova santa; Hoje, às 9h, acontece uma missa solene em homenagem ao Dia de Irmã Dulce e O santuário dedicado à religiosa fica no largo de Roma, Cidade Baixa, ao lado da Osid*.

2. ACERVO ESPECIAL CONTA HISTÓRIA DE IRMÃ DULCE - Edição 36.647 de 20/08/2019 (A TARDE, 2019), página A6.

Na segunda edição da série de reportagens é focada na relação entre o A TARDE e Irmã Dulce com a matéria principal *Acervo especial conta história de Irmã Dulce*. Também há uma coordenada: *Artigo e fanzine são exemplos de como pesquisa pode ser valiosa*. Diferente da posição anterior na condição de intertítulo, desta vez, a seção *Eu conheci uma santa*, agora acompanhada do pronome “eu”, se apresenta como um box. Quatro fotografias compõem a diagramação junto com três olhos.

Em “Acervo especial conta história de Irmã Dulce”, a repórter Susana Rebouças apresenta o Centro de Documentação de A TARDE (Cedoc), que reúne registros de diversos momentos históricos da Bahia e do Brasil, incluindo documentos relacionados à Irmã Dulce. A matéria tem como subtítulo *PROTEÇÃO - O Centro de Documentação (Cedoc), espaço de memória mantido por A TARDE, tem coleção formada por fotografias, negativos e outros documentos importantes* e dois intertítulos: *Procura* e *Memórias*. No texto do intertítulo *Procura*, a jornalista coloca em evidência a rotina de trabalho dos funcionários do Cedoc, Valdir Ferreira e Rubem Coelho e diz que a canonização de Dulce provocou uma alta de solicitações de documentos sobre a freira ao setor. O trecho intitulado *Memórias* destaca alguns registros

específicos como a chegada do papa João Paulo II à Bahia, a morte de Irmã Dulce, registros da infância, do início da sua vida religiosa e cópias do estatuto de criação da Osid.

A coordenada *Artigo e fanzine são exemplos de como pesquisa pode ser valiosa*, que traz o intertítulo *Afeto*, foca nos arquivos de texto sobre Irmã Dulce também pertencentes ao Cedoc, entre os quais, um fanzine produzido por alunos da Faculdade de Comunicação da Ufba, a reprodução de um cartão postal em que a freira faz uma dedicatória escrita à mão para a sobrinha Maria Rita Pontes, e um discurso escrito e proferido por ela na condição paraninfa da cerimônia de colação de grau da turma de administração da Ufba em 1984, ao qual a publicação diz que é uma “preciosidade”. O texto também é escrito por Susana Rebouças e traz, além da pesquisa no arquivo, o jornalista Alan Rodrigues, um dos produtores do fanzine, como fonte.

Valdir Ferreira, auxiliar de arquivo do A TARDE que aparece na matéria principal, é também o personagem do box *Eu conheci uma Santa*, no qual ele relata ter conhecido Irmã Dulce em uma das visitas dela ao jornal. Uma de suas falas: “*A canonização de Irmã Dulce é uma conquista de todos os baianos*” foi transformada em olho.

Completam o layout da página mais dois olhos: *Os documentos disponíveis no Cedoc podem ser acessados pelo público, mediante solicitação* e *O Cedoc possui a coleção de todas as edições de A TARDE, que foram digitalizadas* e quatro fotos: uma da fanzine que foi citada na matéria - acompanhada da legenda: *Discurso de Irmã Dulce para formandos da Ufba* - outra da freira baiana ao lado de Santa Teresa de Calcutá, uma terceira dela de mãos dadas com o papa São João Paulo II, e a central, posada, dos funcionários do Cedoc em meios as estantes dos arquivos com a legenda *Cuidados de Rubem Coelho e Valdir Ferreira guardam memórias como o encontro de Irmã Dulce com Madre Tereza e com João Paulo II*. Destas, apenas a imagem de Rubem e Valdir é colorida, as demais são em preto e branco.

3. “AMAR E SERVIR. ISSO É INTOCÁVEL NA OBRA” - Edição 36.654 de 27/08/2019 (A TARDE, 2019), página A6.

Uma entrevista com Maria Rita Pontes, sobrinha de Irmã Dulce e superintendente da Osid, é o conteúdo da terceira matéria de “Para sempre, Dulce”. Assinada por Cleidiana Ramos, a matéria é composta por sete perguntas que abordam diferentes aspectos da vida e obra da religiosa baiana, como a sua relação com Maria Rita, a causa da canonização, a realidade atual da Osid e uma mensagem ao povo da Bahia. O título é uma fala da própria Maria Rita - “*Amar e servir. Isso é intocável na obra*” - e o subtítulo apenas explica o formato do texto jornalístico e quem é a fonte (*ENTREVISTA - Maria Rita Pontes, superintendente da Osid*).

Três fotografias de Maria Rita tiradas durante a conversa e uma antiga, em preto e branco, na qual ela está ao lado de Irmã Dulce, ilustram a entrevista. A legenda, posicionada no meio das fotos, destaca o legado deixado pela religiosa à sobrinha: *Maria Rita Pontes recebeu o mesmo nome de batismo da primeira santa brasileira. Ficou com ela a missão de gerir a Osid.* Dois olhos contendo falas da entrevistada - mas sem aspas - completam o layout. São eles: Irmã Dulce é a santa de todos nós, seja rico, seja pobre. *Ela será a santa do nosso tempo e estamos sempre em velocidade. Irmã Dulce ouvia o próximo.* Nesta edição não há a presença de coordenadas ou da seção *Eu conheci uma santa.*

4. MILAGRES VALIDARAM CERTEZA ENTRE OS DEVOTOS - Edição 36.661 de 03/09/2019 (A TARDE, 2019), página A6.

A quarta reportagem de “Para sempre, Dulce” explora os milagres atribuídos a Irmã Dulce que foram responsáveis pela sua canonização. Com o título *Milagres validaram certeza entre os devotos* e subtítulo *OFICIALIZAÇÃO - As curas de Cláudia Cristiane Araújo e José Maurício Moreira cumpriram exigência feita pela Igreja para reconhecer santos*, a matéria traz depoimentos dos miraculados Cláudia Cristiane Araújo e José Maurício Moreira, que segundo a mitologia da freira baiana, tiveram a saúde restaurada após clamarem pela sua intercessão. Cristiane teria escapado da morte por hemorragia durante o parto do segundo filho após um padre rezar para Irmã Dulce. Já José Maurício, que era cego, voltou a enxergar após colocar uma imagem da religiosa sobre os olhos. A história dos dois é distribuída entre os primeiros parágrafos e dois intertítulos: *Surpresa* e *Primeiro milagre.*

A quantidade de supostos milagres concedidos por Dulce é tema da coordenada *Registros atribuem mais de 10 mil graças a Santa Dulce dos Pobres*, que apresenta dados da Osid e as falas de uma aposentada que teria sido contemplada e do frei que é reitor do Santuário dedicado a Dulce - Reinadi Rodrigues e Giovanni Messias, respectivamente - para abordar as milhares de graças pelas quais a baiana seria responsável por distribuir.

O box *Eu conheci uma santa* traz o relato do auxiliar administrativo Rubimário Nascimento, que costumava ver e interagir com Irmã Dulce. O olho desta seção é: “*Eu fui, falei e beijei a mão dela. Eu beijei a mão de uma santa*”, uma das aspas da fonte. Outros olhos presentes na página são a fala de José Maurício - “*Até hoje me emociono. Irmã Dulce para minha família sempre foi sagrada*” - e a seguinte constatação sobre as condições de aceitação de um milagre para o processo de canonização: *Vaticano considera o milagre se for instantâneo, perfeito, permanente e preternatural.*

A matéria conta com três fotos: a primeira, logo ao lado do título da matéria principal é a de José Maurício segurando uma pequena imagem de Dulce próxima aos olhos, acompanhada da legenda *José Maurício Moreira recebeu o segundo milagre, que oficializou Irmã Dulce como santa*, a maior, no centro da página é de Cláudia Cristiane com os filhos junto com uma legenda explicativa *Cláudia Araújo com os filhos Gabriel (esquerda) e Francisco*, e a terceira, dentro do box, é de Rubimário, personagem de *Eu conheci uma santa*. Apenas a foto de José foi tirada pelo fotógrafo do jornal. As outras duas foram enviadas pelas próprias fontes.

5. CANONIZAÇÃO TRAZ EMOÇÃO A QUEM VIU IRMÃ DULCE DE PERTO - Edição 36.668 de 10/09/2019 (A TARDE, 2019), página A6.

Assinada mais uma vez por Susana Rebouças, a quinta reportagem da série, *Canonização traz emoção a quem viu Irmã Dulce de perto*, é, na verdade, uma extensão do conteúdo de *Eu conheci uma santa*, sendo composta apenas por depoimentos de pessoas que tiveram algum tipo de contato com a religiosa. O subtítulo é *EU CONHECI UMA SANTA - Confira as histórias de testemunhas que perceberam em um contato mais próximo a força da religiosa baiana*.

A pauta possui seis personagens principais: o desembargador aposentado Mário Albiani, que representou judicialmente Irmã Dulce em um processo trabalhista, o economista Jairo Brito, que trabalhou nas obras do Hospital Santo Antônio ao lado dela, a coordenadora Cláudia Reis, cuja avó rezou ao lado da freira pela regularização da aposentadoria e disse que foi atendida, o aposentado Evandro Jorge, que conheceu Dulce enquanto estudava no colégio que leva o seu nome, a médica pediatra Vaneide Blanco, que teve o filho batizado pela freira, e o aposentado Manuel Nemesio, fundador e presidente da entidade Caballeros de Santiago, Sociedad Cultural y Filantrópica que entregou doações à Osid diretamente nas mãos de Irmã Dulce. Novamente o frei Jorge Rocha, professor-doutor da Ucsal surge como fonte no trecho do intertítulo *Potencialização*. Neste compilado, ele fala que as tecnologias irão potencializar o alcance do conhecimento sobre os milagres e vivências relacionadas a Dulce, além de afirmar que ela possuía *“um carisma com forte apelo social”*.

Todos os relatos - exceto as afirmações do frei Jorge - são divididos em boxes. Jairo Brito e Mário Albiani tiveram um maior destaque com suas histórias ressaltadas em azul e as suas fotos - diagramadas em formato circular – sendo as únicas da página. As falas das demais fontes foram encaixadas também em boxes circulares de borda azul. Há apenas um olho: *“Irmã*

Dulce tinha saúde frágil, mas isto não foi um impedimento para fazer o bem”, retirado de uma das declarações do frei Jorge.

6. “IRMÃ DULCE VIA JESUS NOS POBRES” - Edição 36.675 de 17/09/2019 (A TARDE, 2019), página A6.

Mais uma entrevista na série de reportagens “Para sempre, Dulce”. Desta vez, a fonte é Dom Murilo Krieger, na época, arcebispo de Salvador e primaz do Brasil. O título é uma aspa do próprio entrevistado: “*Irmã Dulce via Jesus nos pobres*” e o subtítulo apenas explica de quem se trata: *ENTREVISTA - Dom Murilo Krieger, arcebispo de Salvador e primaz do Brasil*.

A entrevista redigida por Cleidiana Ramos conta com um breve lide que apresenta Murilo Krieger e resume os assuntos tratados na conversa. Foram temas das sete perguntas da jornalista, a particularidades do processo de canonização, a comprovação dos milagres, a importância dos santos para a religião católica, o impacto da canonização de Irmã Dulce, o culto à ela, e o sínodo dos bispos sobre a Amazônia³⁵.

Quatro falas de Murilo - mas sem o símbolo das aspas - são transformadas em olhos: *Quando uma pessoa imita um santo ou santa, se aproxima mais de Jesus Cristo; O Sínodo da Amazônia não vai tratar sobre riquezas. Ele vai tratar da realidade local; A Igreja coloca diante de nós pessoas que viveram o que o Evangelho nos apresenta; e Estamos podendo mostrar que a santidade está ao alcance de todos*. Cinco fotos de Murilo em diferentes ocasiões e tiradas apenas pelos fotógrafos de A TARDE ilustram a matéria.

Na fotografia mais destacada, ele aparece ao lado de uma imagem de Irmã Dulce, em uma outra, beija os pés de um fiel na missa do “lava-pés”, em uma terceira, está estendendo uma imagem do “santíssimo sacramento” na direção de alguns fiéis dentro de uma igreja e em outras duas, aparece trajando as vestes de bispo - em uma imagem ele veste um traje usual composto por violácea e solidéu e aperta entre os dedos a sua cruz peitoral. Na outra, ele usa a veste própria para celebrações litúrgicas composta por mitra e báculo.

7. "BAHIA É TERRA QUE EXERCE ATRAÇÃO PARA SANTOS" - Edição 36.682 de 24/09/2019 (A TARDE, 2019), página A6.

Na sétima reportagem da série, Cleidiana Ramos faz um apanhado de santos já consagrados pela religião católica que já moraram ou passaram pela Bahia. Em uma alusão ao

³⁵Reunião do Papa Francisco com bispos da Igreja Católica voltada a discutir a debater a evangelização dos povos da região amazônica, ocorrida no Vaticano entre 6 a 27 de outubro de 2019.

termo “Baía de Todos-os-Santos” pelo qual o estado também é conhecido, ela cita Santo Antônio de Sant’Anna Galvão (o Frei Galvão), São João Paulo II e Santa Teresa de Calcutá (a reportagem a chama de Santa Madre Teresa de Calcutá), além da beata Lindalva Justo e da Madre Vitória da Encarnação, cujas candidaturas à canonização seguem abertas no Vaticano. Irmã Dulce também é colocada como santa - seu nome aparece na legenda de uma das fotos como Santa Dulce dos Pobres - e o encontro dela com João Paulo II e Madre Teresa de Calcutá é destacado.

No intertítulo *Beata e candidata*, o texto conta a história da beata Lindalva, que trabalhou no Abrigo Dom Pedro II, em Salvador, onde foi assassinada a facadas em 1993 e da Madre Vitória, que ganhou destaque na coordenada *Irmã clarissa pode ser a nova baiana a alcançar a honra dos altares*. Já o trecho do intertítulo *Diversidade*, aborda a variedade de cultos religiosos presentes na Bahia e a quantidade de santos católicos que estiveram ou saíram do estado. A matéria tem como fontes novamente o ex-arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, Murilo Krieger, e o professor-doutor na Ucsal, frei Jorge Rocha, e introduz o doutor em antropologia e professor da Ufba, Vilson Caetano de Souza Júnior.

Murilo Krieger ganha mais destaque em dois momentos: no box *O bispo da causa dos santos*, que aborda as coincidências da sua atividade pastoral com as mais recentes canonizações da igreja católica - ele era arcebispo de Florianópolis, quando Madre Paulina, que morou em Santa Catarina, foi canonizada; Irmã Dulce foi beatificada e canonizada enquanto ele era arcebispo na Bahia e ele instalou a causa da canonização da baiana Madre Vitória da Encarnação - e na coordenada *Irmã clarissa pode ser a nova baiana a alcançar a honra dos altares*, que conta como o representante da igreja católica abriu a causa da Madre e a trajetória dela.

O design da página foi o mais diferente de “Para sempre, Dulce” até então. O texto principal ganhou mais evidência inserido em um grande triângulo azul. As fotos de Santo Antônio de Sant’Anna Galvão, São João Paulo II, Santa Teresa de Calcutá, Irmã Dulce, beata Lindalva Justo e Madre Vitória da Encarnação aparecem dispostas em uma grande montagem, mas desta vez, sem o contorno azul característicos das fotos das demais edições. Uma pequena foto de Murilo Krieger ilustra o box que fala sobre sua relação com os santos. Apenas as imagens dele e de Irmã Dulce são assinadas por fotógrafos do próprio A TARDE. As legendas apenas indicam quem é cada um.

8. VIDA DE DEDICAÇÃO AO OUTRO INSPIRA INDÚSTRIA CULTURAL - Edição 36.689 de 01/10/2019 (A TARDE, 2019), página A6.

Densa, a edição de matéria principal *Vida de dedicação ao outro inspira indústria cultural* apresenta três coordenadas e o box *Eu conheci uma santa*. O tema central do material escrito por Susana Rebouças são as adaptações de artistas, intelectuais e instâncias midiáticas sobre a vida e obra de Irmã Dulce.

Em *Vida de dedicação ao outro inspira indústria cultural*, o jornal relembra o episódio da série documental exibida pela Rede Globo “Caso Verdade”, no qual a atriz Yoná Magalhães interpretou a religiosa. A matéria segue com a fala do jornalista Graciliano Rocha sobre o processo de escrita do seu livro “Irmã Dulce, a santa dos pobres”, que inclusive, compõe a bibliografia deste trabalho, e cita a biografia de Dulce do também jornalista Valber Carvalho, lançado no final de dezembro do ano passado. Na parte do intertítulo *Vizinha*, a cantora baiana Margareth Menezes, que morava próximo ao Hospital Santo Antônio fala sobre seu contato com Irmã Dulce e a missão de ser embaixadora da Osid. O subtítulo da matéria é: *INSPIRAÇÃO - Histórias impressionantes da trajetória de Irmã Dulce para amparar pobres e doentes deixados à própria sorte têm sido um caminho para a criação de artistas das mais variadas áreas.*

A coordenada *Ópera de compositor baiano vai estrear na véspera da missa de canonização* trata do espetáculo escrito pelo maestro e compositor baiano Roberto Laborda que foi apresentado pela primeira vez no endereço da Embaixada Brasileira em Roma no dia 12 de outubro de 2019, e sua criação. O artista afirmou ao jornal que a composição foi criada a pedido da família que conhecia Irmã Dulce. A outra coordenada, *Biografia do Anjo Bom da Bahia chegou ao cinema*, referente ao filme de 2014 do diretor Vicente Amorim que possui a religiosa como enredo, traz uma entrevista da atriz Bianca Comparato, que deu vida à freira em sua versão jovem no longa. No intertítulo *Proximidade*, ela relata que após ter participado do trabalho, passou a admirar Dulce e vir à Bahia para visitar o túmulo, a igreja e o hospital da freira.

Na coordenada *Paulo Coelho recebeu da santa um bilhete salvador*, Graciliano Rocha relembra um dos episódios mais curiosos relatados em seu livro: quando o escritor Paulo Coelho fugiu de um sanatório, onde havia sido colocado pelos pais para tratar “rebeldia”, e, após algumas caronas acabou chegando faminto e perdido em Salvador. Na ocasião, Irmã Dulce conseguiu uma passagem de ônibus para que ele voltasse para casa. Por fim, o box *Eu conheci uma santa* traz a história do aposentado Renildo Ferreira, que conheceu Dulce quando

trabalhava em uma firma, onde, ela ia angariar recursos. O olho em destaque neste trecho é *Santidade já era uma certeza para quem a conhecia*.

Os conteúdos são ilustrados por uma grande montagem contendo as fotos de Margareth Menezes (legenda: *Margareth Menezes irá participar da canonização de Irmã Dulce no Vaticano*), Graciliano Rocha (legenda: *Graciliano Rocha lançou livro contando a trajetória de Santa Dulce*) e Roberto Laborda (legenda: *Roberto Laborda compôs uma ópera em homenagem à santa*). Também há uma foto de uma cena do filme sobre Irmã Dulce no qual Bianca Comparato aparece vestida como a freira, segurando uma criança, acompanhada de uma legenda explicativa - *Uma das cenas do filme Irmã Dulce, com Bianca Comparato no papel da religiosa*.

9. VIGÍLIA E MISSAS FESTEJAM A NOVA SANTA CATÓLICA - Edição 36.696 de 08/10/2019 (A TARDE, 2019), página A6.

A quatro dias da canonização, a matéria principal *Vigília e missas festejam a nova santa católica*, assinada por Susana Rebouças, apresenta um apanhado de informações sobre a cerimônia realizada no Vaticano, em Roma, e sobre a comemoração em Salvador, ocorrida uma semana depois da canonização, na Arena Fonte Nova. O subtítulo da matéria é *COMEMORAÇÃO - No Vaticano e em Salvador, os católicos celebram a elevação de Irmã Dulce a um patamar especial: a chamada honra dos altares* e o intertítulo *Festa* trata apenas da programação na capital baiana.

A coordenada *Ingressos já podem ser retirados em Salvador e no Vaticano* - cuja autoria não foi confirmada - trata especificamente da retirada dos ingressos e o acesso dos fiéis às celebrações no Vaticano e Fonte Nova. Todos os locais que estavam distribuindo os ingressos em Roma e em Salvador foram destacados separadamente, acompanhado das informações sobre horários.

Abaixo da coordenada, foram colocados três boxes da série intitulada *Eu conheci uma santa*, com um relato e um olho diferente cada. No depoimento da aposentada Josefa Mendonça, que conheceu Irmã Dulce ao levar um menino para ser matriculado na escola da freira, o destaque foi: *Irmã Dulce tinha um olhar que transmitia uma luz especial*. Já na fala do também aposentado, Cláudio Galvão, que disse ter se curado de uma febre após a religiosa ter ligado para ele por engano, o olho foi: *Ligação errada virou certeza de auxílio para a cura*. Por fim, o depoimento do professor Laurentino Freitas, que ligou para Irmã Dulce para conseguir

atendimento para o irmão tuberculoso, é acompanhado pelo seguinte olho: *A religiosa nunca negou atendimento aos doentes.*

Quanto às imagens, a página possui apenas três: a maior é da Praça de São Pedro, no Vaticano (sem legenda), a segunda, na Arena Fonte Nova (legenda: *Comemoração acontecerá na Arena Fonte Nova*), e a última, foto do túmulo de Dulce rodeado por fiéis acompanhada da legenda: *Santuário Irmã Dulce exibirá canonização em Roma*. Além das duas legendas, informações de locais e horários dos eventos relacionados a canonização, também foram posicionadas, próximas às fotos.

10. O ANJO BOM DA BAHIA É A SANTA DULCE DOS POBRES - Edição 36.701 de 13/10/2019 (A TARDE, 2019), página A4.

A primeira reportagem da série a ser publicada fora de uma terça-feira traz o ponto alto da trajetória de Irmã Dulce: a sua transformação em santa. Escrita por Cleidiana Ramos, cuja assinatura destaca que ela foi à Roma acompanhar a cerimônia de canonização, a matéria *O Anjo Bom da Bahia é a Santa Dulce Dos Pobres*, de subtítulo *ROMA - Irmã Dulce é canonizada às 10h (5h no horário de Brasília) em missa presidida pelo papa, que inclui declaração como santos de quatro beatos*, destacou, em um primeiro momento, informações sobre o evento (apuradas antes do dia propriamente dito) como horário, local, santos que foram canonizados junto com a freira, e detalhes do ensaio da celebração relacionados a Dulce, que contou com as presenças do ex-arcebispo, Murilo Krieger, da superintendente da Osid e sobrinha da religiosa, Maria Rita Pontes, da irmã de Dulce, Ana Maria da Silva Carneiro Lopes Pontes, do miraculado José Maurício Bragança Moreira e do presidente do Conselho da Osid, Angelo Calmon de Sá. O texto traz comentários de José Maurício e Murilo Krieger sobre a expectativa e a emoção provocada pela canonização da freira baiana.

No intertítulo *Devoção e música*, o texto aprofunda a participação dos artistas que se apresentaram nas missas dedicadas à Irmã Dulce na canonização, em Roma, como Margareth Menezes, o sanfoneiro Waldonys e o padre Antônio Maria. A história de Margareth Menezes, que era vizinha da religiosa na infância foi lembrada, e a cantora também falou sobre o significado da elevação de Dulce ao título de santa para a Bahia e o Brasil. A reportagem introduz ainda, a história de Waldonys e as suas relações com a religião católica e Irmã Dulce. Embora ele não a tenha conhecido, o sanfoneiro possui uma tia que é integrante da mesma congregação da qual Dulce fez parte: as Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição (IMIC), e um tio, já falecido, que foi franciscano. Foi a própria sobrinha da religiosa quem pediu para que

ele se apresentasse nas comemorações e foi com uma aspa dele - na qual diz que a canonização foi o evento mais importante da sua vida - que a matéria principal termina.

As particularidades do ritual da canonização são abordadas na coordenada *Celebração tem rito específico, que envolve vários detalhes litúrgicos*. O texto, cuja autoria não é indicada, fala das etapas da cerimônia que está inserida na celebração de uma missa normal: primeiro, há a apresentação dos beatos que serão canonizados, feita no início da missa pelo prefeito da Congregação para a Causa dos Santos - no ano de Dulce, foi o cardeal Giovanni Angelo Becciu -, seguida da ladainha de todos os santos. O ápice é a proclamação da fórmula de canonização, recitada em latim - novamente o frei Jorge Rocha, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e professor-doutor da Ucsal aparece como fonte para explicar o porquê da escolha da língua.

Na sequência, é feito um canto de comemoração, em ação de graças à Deus e depois, o cardeal prefeito agradece ao Papa pela decisão e pede que ele redija uma "carta apostólica", documento que formaliza a canonização. A partir daí, a missa continua normalmente, como uma celebração comum de domingo, com as leituras bíblicas, a homilia, a consagração do pão e do vinho, e a comunhão. No intertítulo *Descerramento*, a coordenada destaca o momento em que as imagens dos novos santos, que geralmente ficam cobertas, são descerradas e expostas na Praça de São Pedro desde o início da missa.

Na coordenada, *Fiéis ocupam santuário em vigília marcada pela devoção à freira*, repercute a devoção dos fiéis, que se reuniram no santuário dedicado à Irmã Dulce no Bonfim, para homenageá-la em uma vigília que começou na noite anterior à canonização e seguiu pela manhã de domingo, quando a freira foi canonizada. Dois fiéis: um pernambucano, que havia ido fazer pedidos à Santa, e uma voluntária da congregação de Irmã Dulce foram os entrevistados do texto assinado por Bruna Andrade e supervisionado por Rita Conrado.

A página possui, ao todo, quatro olhos: dois situados na matéria principal, sendo um relacionado a fala do miraculado José Maurício - *Músico José Maurício recebeu milagre que permitiu a oficialização da canonização* - e o outro, referente aos protocolos do ensaio da canonização - *Participação restrita a ensaio visou resguardar surpresas para a cerimônia* -, e os outros dois distribuídos entre as coordenadas: *Proclamação da fórmula de canonização é recitada em latim, que ainda é a língua oficial da Igreja*, próximo ao conteúdo sobre o ritual de canonização, e, *Baiana, a primeira santa nascida no Brasil terá como data litúrgica o dia 13 de agosto*, no trecho sobre a vigília dos fiéis no santuário.

Três imagens completam o conteúdo. A maior, cuja legenda é *Ensaio da cerimônia teve acesso limitado*, é da Basílica de São Pedro, que exhibe a imagem de Irmã Dulce ao lado

das dos outros canonizados. Logo abaixo, uma pequena imagem, de legenda descritiva, mostra Margareth Menezes, Murilo Krieger, Maria Rita e alguns fiéis juntos no Vaticano. No fim da página, há uma foto de diversos devotos ao redor da representação em tamanho real do corpo de Irmã Dulce em uma urna de vidro no santuário. *Movimento grande de fiéis na Osid ontem é* a legenda. Todas as fotos foram de fotógrafos a serviço da Agência A TARDE.

11. O MUNDO ABRAÇA O ANJO BOM DA BAHIA - Edição 36.701 de 13/10/2019 (A TARDE, 2019), sem página definida.

A edição de A TARDE do domingo da canonização foi a que mais reuniu conteúdos de “Para sempre, Dulce”. Com um intervalo de 28 páginas após a publicação de *O Anjo Bom da Bahia é a Santa Dulce Dos Pobres*, descrita no tópico anterior, a série de reportagens é apresentada novamente, desta vez, com quatro páginas seguidas.

Embora esteja posicionada depois de *O Anjo Bom da Bahia é a Santa Dulce Dos Pobres*, *O mundo abraça O Anjo Bom da Bahia* constitui a capa da série no miolo do jornal. A diagramação recebeu algumas modificações com relação aos demais materiais de “Para sempre, Dulce”, com uma grande foto em preto e branco de Irmã Dulce a frente de uma imagem sacra de Jesus Cristo crucificado, destacada pela moldura em azul. A ilustração da freira, posicionada no início da página, também foi aumentada e ficou mais colorida.

O texto, bem menor em comparação com as outras matérias, é assinado por Cleidiana Ramos, que faz uma breve reflexão sobre o sentido de uma canonização, a ligação com a memória, a história de Irmã Dulce e a relevância da sua elevação ao título de santa para o Brasil, a Bahia e as crenças populares.

O intertítulo da capa é: *CANONIZAÇÃO - Como Santa Dulce dos Pobres, a religiosa baiana passa a ocupar um status especial de modelo a ser seguido por todos os católicos.*

12. YPIRANGA É AGORA O TIME QUE TEM SANTA TORCEDORA - Edição 36.701 de 13/10/2019 (A TARDE, 2019), página 2.

Na sequência de matérias veiculadas no dia da canonização, Cleidiana Ramos escreve em Ypiranga é agora o time que tem santa torcedora, subtítulo FUTEBOL - O argentino San Lorenzo orgulha-se da paixão que o papa assume por ele. Mas o clube baiano desponta em uma categoria mais que especial, sobre o gosto de Irmã Dulce pelo futebol.

Em um paralelo com a torcida do Papa Francisco pelo San Lorenzo, o texto diz que o time baiano Ypiranga é o único no Brasil, e talvez no mundo, a ter uma torcedora declarada

santa e cita que o clube pretende transformar Irmã Dulce em sua padroeira. Sem assinatura, a coordenada *Em área onde a paixão é combustível, o apelo ao sagrado tem espaço sempre garantido* faz uma reflexão sobre o misticismo expresso na devoção de alguns times de futebol a santos católicos e outras entidades religiosas.

A página possui dois olhos: *O amor por futebol foi herança do pai, que levava os filhos para assistir a jogos aos domingos* - afirmação baseada nas biografias de Irmã Dulce como a de Graciliano Rocha - e *A religiosa era fã do jogador Apolinário Santana, conhecido como Popó* - sobre o famoso atleta do Ypiranga.

Para falar sobre a relação entre a santa e o futebol, são acionados o professor de história aposentado e ex-presidente do próprio Ypiranga, Bernardo José Improta, e novamente, o jornalista Graciliano Rocha, autor de: *Irmã Dulce, a Santa dos Pobres*. Para contextualizar o leitor acerca do Ypiranga e sua história no futebol baiano, as fontes escolhidas foram, além de Bernardo José, o presidente do clube, Valdemar Filho e o doutor em educação Jaime Sodré. A matéria também cita os outros torcedores famosos do time: Jorge Amado, Dorival Caymmi e mestre Pastinha.

Com relação às fotos, das quatro, apenas uma, em preto e branco ao centro, é de Irmã Dulce. A imagem da religiosa está acompanhada do escudo do Ypiranga e da seguinte legenda em azul: *A relação de Irmã Dulce com o futebol foi intensa durante o período de 1921 a 1927*. Duas imagens em preto e branco se referem a história do clube, sendo uma apresentando a formação antiga com a legenda *‘O mais querido’ era o time do povo no início do século XX*, e a outra, mostrando os jogadores erguendo o troféu de um dos seus 10 títulos baianos, com a legenda *O clube soma 10 títulos baianos, o último em 1951*. A única foto colorida é de Bernardo Improta, cuja legenda é autoexplicativa.

13. IRMÃ DULCE FEZ DE GALINHEIRO UMA GRANDE OBRA SOCIAL - Edição 36.701 de 13/10/2019 (A TARDE, 2019), página 3.

Ainda na edição da data de canonização, “Para sempre, Dulce” dedicou uma página inteira para destacar as obras sociais fundadas por Irmã Dulce, bem como a sua capacidade de empreendedorismo. Em *Irmã Dulce fez de galinheiro uma grande obra social*, Susana Rebouças destaca a transformação do galinheiro do convento onde a freira morava na estrutura que é hoje, o Hospital Santo Antônio. A matéria principal tem como subtítulo: *EMPREENDEDORISMO - A habilidade em gestão da religiosa deu origem ao que hoje é uma das maiores obras sociais do Brasil*.

Sem indicação de autoria, a coordenada *Hospital reúne hoje o maior núcleo da obra da santa* continua explorando a história do Hospital e apresenta dados sobre os procedimentos realizados na unidade de saúde. Além de citar dados institucionais e fatos históricos, o trecho conta com duas fontes: a prima de Dulce, Terezinha Lopes Pontes que relata o dia em que Irmã Dulce acabou fazendo um parto no jardim do hospital, e o assessor corporativo da Osid, que fala sobre a manutenção da gratuidade do atendimento.

Em *Cesa atende mais de 700 alunos em situação vulnerável*, também sem assinatura, o tema é o Centro Educacional Santo Antônio (Cesa). O texto explora a fundação da unidade de ensino e os serviços prestados à comunidade. A única entrevistada da coordenada é Iêda França, líder-geral da instituição. Na terceira e última coordenada, *Centro de panificação atende a 5 cidades do Brasil*, o tema é o Centro de Panificação fundado em 1991, cuja venda dos produtos ajudam na manutenção das demais obras sociais. Iêda França surge novamente como fonte para comentar sobre o espaço.

Três imagens em formato circular ilustram a página. Uma é do Hospital Santo Antônio com a legenda *Hospital engloba 21 das unidades das Obras Sociais Irmã Dulce*, outra é de estudantes trajando o uniforme do Cesa, cuja legenda é *O centro educacional funciona em tempo integral* e a última, de um funcionário do centro de panificação, com legenda *Produção de panetones aumentou em 50 mil este ano*. O layout conta ainda com dois olhos: *2,2 milhões de procedimentos realizados somente no Hospital Santo Antônio, em Salvador e 787 crianças e adolescentes atualmente atendidas no Centro Educacional Santo Antônio*.

14. CONVIVI COM UMA SANTA - Edição 36.701 de 13/10/2019 (A TARDE, 2019), página 4.

Em uma ideia semelhante ao quadro *Eu conheci uma santa*, a matéria *Convivi com uma santa* de Susana Rebouças, volta a trazer depoimentos de pessoas que conheceram Irmã Dulce. Desta vez, no entanto, a intenção é mostrar como era o comportamento da religiosa com a sua família, amigos e colaboradores das obras sociais. O subtítulo escolhido foi *LAÇOS DE AFETO - A religiosa contou com a parceria de família e amigos para a construção das Obras Sociais Irmã Dulce*.

A primeira entrevistada é a irmã de congregação de Dulce - Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, em Sergipe, onde ela iniciou a vida religiosa - Olívia Lucinda da Silva, que conta como conheceu a baiana e relembra momentos ao seu lado. No intertítulo *Conselheira*, o relato fica por conta da prima de Irmã Dulce, Terezinha Lopes Pontes

Simões, que fala sobre como a freira se comportava em família e a relação próxima das duas. Duas aspas das fontes foram utilizadas como olho: “*Ela me pedia as coisas e eu não sabia como fazer. Mas ela rezava e as coisas aconteciam*” - TEREZINHA LOPES, prima e “*A gente já sabia que ela era diferente. Para mim, ela foi outro Cristo na Terra*” - IRMÃ OLÍVIA, companheira nas obras e na religiosidade. Três fotos, duas de Terezinha Lopes, sendo uma ao lado de Dulce, e outra de Irmã Olívia junto a uma imagem de Santa Dulce em tamanho real.

Seguindo a linha do texto principal, a coordenada *Irmã Dulce acolheu centenas de crianças nas ruas* abordou o trabalho desempenhado pela religiosa baiana com crianças e adolescentes em situação de rua ou em vulnerabilidade social, aos quais ela encaminhava para o Centro Educacional Santo Antônio (Cesa). O personagem do texto é Raimundo Araújo, coordenador de recursos humanos da Osid, que foi acolhido por Irmã Dulce após a mãe falecer e diz se considerar filho da freira. Ele relata como a freira cuidou da sua educação e como ele assumiu um posto de trabalho na Osid. As duas fotos dele - uma ao lado de Irmã Dulce e outra no ambiente de trabalho - estão acompanhadas da legenda *Raimundo Araújo considerava Irmã Dulce a sua segunda mãe*. No olho relacionado à coordenada, ele é citado como filho: “*A santidade é um reconhecimento. Mas, para mim, ela é mãe*” - RAIMUNDO ARAÚJO, filho.

Na coordenada *A religiosa orientava e intercedia pela saúde e vida dos primos e sobrinhos*, é explorada mais uma vez, a relação de Irmã Dulce com sua família. Desta vez, as fontes escolhidas foram a sobrinha, Maria Marta Lopes Pontes Caldas, que quase virou freira igual a tia, e a prima em segundo grau da religiosa, Jana Lopes Pontes Simões Mota, que relatou ter sido curada por ela, informação colocada no olho: *A partir daí, a força espiritual dela passou a ser uma força de fé em mim*” - JANA LOPES, prima. A prima e a sobrinha de Dulce aparecem juntas em uma foto cuja legenda é *Jana Lopes e Marta Lopes se lembram da relação amorosa com Irmã Dulce*.

15. SANTA DULCE TEM MISSA HOJE UM DIA APÓS A CANONIZAÇÃO - Edição 36.702 de 14/10/2019 (A TARDE, 2019), página A4.

Também fugindo do dia habitual de publicação para trazer conteúdo factual, a matéria principal de “Para sempre, Dulce” publicada na segunda-feira, 14, um dia após a canonização, traz mais detalhes sobre a cerimônia e lembra que a partir de agora, a religiosa terá cultos dedicados a ela em Roma e em Salvador nos próximos dias.

Escrita mais uma vez por Cleidiana Ramos, cuja assinatura continua citando sua ida à Roma, *Santa Dulce tem missa hoje um dia após a canonização*, traz no lide a informação de

que a primeira missa em honra a Santa Dulce dos Pobres seria celebrada na manhã da segunda-feira, 14, na Igreja de Sant'Andrea dell Vale, em Roma, pelo então arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, Murilo Krieger. O texto segue explicando que a partir da canonização, a santa baiana pode ganhar cultos e pedidos para intercessão em todo o mundo e recorda que no primeiro domingo após a canonização, no dia 20, aconteceria a comemoração na Arena Fonte Nova.

Feita esta contextualização, detalha a cerimônia de canonização, descrevendo (mais uma vez) o rito da missa e citando algumas das personalidades que estiveram presentes: o vice-presidente da República, Hamilton Mourão, o então presidente do Senado, Davi Alcolumbre, o antigo presidente da Câmara, Rodrigo Maia, do ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), José Dias Toffoli, procurador geral da República, Augusto Aras, o governador da Bahia, Rui Costa, o ex-prefeito de Salvador, ACM Neto e o herdeiro do trono inglês, o Príncipe Charles, que acompanhou a canonização do cardeal Newman.

No intertítulo *Emoções e reencontros*, a matéria traz a participação da superintendente da Osid e sobrinha de Irmã Dulce, Maria Rita Lopes Pontes, na cerimônia de canonização e a sua afirmação de que a canonização da freira teria emocionado o papa Francisco pelo fato dela ser a primeira santa legitimamente brasileira. A participação do miraculado José Maurício Moreira foi citada, com destaque para o seu sentimento em ver Irmã Dulce sendo canonizada. Além destes dois personagens importantes para a trajetória da religiosa baiana, os comentários sobre a canonização feitos pela esposa de José Maurício, Marize Mendonça, por uma cuidadora de idosos brasileira residente em Roma e por um índigena que participava do Sínodo para a Pan-Amazônia, também ganharam espaço no texto.

O intertítulo da matéria, que evidencia a inscrição de Dulce no cânon dos santos da igreja católica, é *FÉ - A religiosa baiana passou a integrar a Ladainha de todos os santos com outros quatro beatos*. A foto da movimentação da missa de canonização na Basílica de São Pedro decorada com as imagens de Irmã Dulce e dos outros canonizados, tem a seguinte legenda: *Marcada por forte emoção dos presentes, a missa da canonização da Santa Dulce dos Pobres, realizada pelo Papa Francisco, teve início às 10h15 (horário de Roma)*. O olho, por sua vez, relembra o milagre de José Maurício: *Cego por 14 anos, o miraculado voltou a enxergar depois de um pedido a Dulce*.

A coordenada sem assinatura *Atriz que fez Irmã Dulce no cinema esteve na cerimônia*, destaca a presença da atriz Bianca Comparato, que interpretou a freira baiana no filme lançado em 2014, na canonização. O texto apresenta comentários de Bianca sobre o seu sentimento em

relação a canonização e detalhes sobre como a artista se preparou para viver Irmã Dulce no filme, revelados por ela mesma. A foto da coordenada é de Bianca em Roma, com a seguinte legenda: *Bianca Comparato interpretou a religiosa no filme Irmã Dulce. O olho é No filme de Vicente Amorim, Bianca Comparato vive os anos iniciais de Irmã Dulce.*

Por fim, há ainda um box de serviço contendo informações sobre a programação das celebrações pela canonização de Irmã Dulce em Roma e Salvador.

16. CENTENAS DE FIÉIS FORAM AO SANTUÁRIO ACOMPANHAR A CERIMÔNIA DE CANONIZAÇÃO - Edição 36.702 de 14/10/2019 (A TARDE, 2019), página A6.

“Para sempre, Dulce” ganhou outra página na edição de segunda-feira. Paralelamente ao acompanhamento da cerimônia em Roma, a matéria *Centenas de fiéis foram ao santuário acompanhar a cerimônia de canonização*, de Susana Rebouças, acompanhou a movimentação no santuário da freira baiana, em Salvador.

Uma das fontes do texto é o bispo auxiliar Dom Marco Eugênio Galvão Leite de Almeida, que anunciou que o santuário da freira, até então chamado de Santuário da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, passaria a se chamar Santuário Santa Dulce dos Pobres após a canonização e explicou as implicações da mudança de nome para o local. A matéria também traz uma fala de Cláudia Cristiane Araújo, a primeira miraculada de Irmã Dulce sobre o sentimento dela a respeito da canonização. Em seguida, o assessor de memória e cultura da Osid, Osvaldo Gouveia, explica o significado da auréola que foi colocada na imagem de Santa Dulce dos Pobres momentos antes da celebração da primeira missa realizada no santuário após a canonização. O texto se completa com depoimentos de três devotas e um noviço jesuíta, que falam sobre a fé em Irmã Dulce e a emoção de vê-la canonizada. Tanto o subtítulo, quanto a foto e a legenda, se referem ao momento em que a imagem sacra da freira baiana é “coroadá” com a auréola. Subtítulo: *FÉ - Símbolo exclusivo dos santos, a colocação da auréola na imagem foi um momento marcante da celebração realizada em Salvador para os devotos*. Legenda da foto que reproduz a colocação da auréola: *O Frei João Paulo colocou a auréola na imagem*.

A coordenada *Paróquia dedicada a São João Paulo II reuniu devotos para celebrar a nova santa*, assinada por Nilson Marinho, com colaboração de Tainá Cristina, abordou a comemoração de fiéis da Paróquia Nossa Senhora dos Alagados e São João Paulo II, localizada no bairro do Uruguai, por meio de falas do pároco da instituição e de fiéis. Também foi citada, no intertítulo, uma procissão luminosa, que segundo a reportagem, contou com cerca de 500

fiéis, em Brotas. A foto da coordenada é da missa no Uruguai, com a legenda: *A canonização foi comemorada na Igreja de Alagados.*

É de Cleidiana Ramos, a segunda coordenada da página: *Empresários e autoridades marcam presença na cerimônia.* O texto volta a citar nomes de autoridades presentes na canonização em Roma que já haviam sido colocados em *Santa Dulce tem missa hoje um dia após a canonização*, e destaca o grupo de empresários que também esteve por lá, como Ângelo Calmon de Sá, um dos gestores do grupo Econômico, que também é presidente do conselho da Osid e Marcelo Gentil, representante do antigo grupo Odebrecht (hoje, Novonor). O fundador do conglomerado empresarial, Norberto Odebrecht (1920-2014) tinha uma relação próxima com a religiosa.

17. D. MURILO CELEBRA 1ª MISSA DE SANTA DULCE - Edição 36.703 de 15/10/2019 (A TARDE, 2019), página B2.

A primeira missa celebrada em homenagem à santa baiana é descrita em *D. Murilo celebra 1ª missa de Santa Dulce*, assinada por Cleidiana Ramos. A celebração presidida pelo ex-arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, Murilo Krieger, ocorreu em Roma, na Igreja de Sant'Andrea dell Valle.

Apresentada na sétima matéria da série, a relação de Murilo Krieger com as causas dos santos (Madre Paulina, Irmã Dulce e Madre Vitória da Encarnação) é novamente lembrada no início do texto e no intertítulo (*ROMA - Arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Murilo Krieger tem uma trajetória marcada pela proximidade com novos santos*). Em seguida, o religioso comenta a associação e diz como se sentiu celebrando a missa em honra a Santa Dulce. A presença e a falta de algumas autoridades na missa são citadas.

A coordenada sem assinatura "*Momentos inesquecíveis*", *assim devotos descrevem os dias em Roma*, detalha alguns aspectos da celebração, comparando-os com a missa de canonização e descrevendo o cenário encontrado pelos fiéis. O trecho termina com um depoimento de uma devota brasileira que morava em São Paulo e foi até Roma para assistir a santificação de Irmã Dulce.

Esta edição foi a primeira em que as reportagens não ocuparam toda a página. O conteúdo do especial dividiu espaço com dois grandes anúncios. A foto utilizada em "Para sempre, Dulce" foi de Murilo Krieger erguendo as mãos durante a celebração da missa com uma legenda explicativa (*Missa em honra a Santa Dulce dos Pobres foi celebrada na Igreja de*

Sant'Andrea dell Valle, em Roma). O olho também destacou Murilo: “*Ali, eu era os bispos e o povo brasileiros, especialmente os baianos*” - *DOM MURILO KRIEGER, arcebispo*.

18. BAHIA FESTEJA 1ª MISSA DE SUA FILHA SANTA - Edição 36.709 de 21/10/2019 (A TARDE, 2019), página A4.

A matéria *Bahia festeja 1ª missa de sua filha santa* repercute a primeira celebração em homenagem à Irmã Dulce realizada na Bahia e no Brasil, ocorrida no dia 20 de outubro de 2019, na Arena Fonte Nova, em Salvador. Escrita por Cleidiana Ramos, a reportagem apresenta dados sobre o público presente, cujo número é destacado no subtítulo *SANTA DULCE DOS POBRES - Um público formado por 52,6 mil pessoas cantou, dançou, acenou com lenços brancos em cerimônia ocorrida na Fonte Nova*, e descreve o ritual da missa comemorativa. A foto, que ocupa a maior parte da página, é de um dos momentos da celebração, quando toda a Arena Fonte Nova ficou iluminada em azul, e ainda, pelas luzes dos celulares das pessoas no estádio. A legenda é: *Público deu show com luzes dos celulares em vários momentos da missa*.

Há uma única coordenada, assinada por Priscila Dórea e denominada *Fluxo no entorno do local da festa já era intenso desde o início da manhã*. O texto fala sobre a movimentação dentro e fora da Arena Fonte Nova, além da expectativa de fiéis. O olho “*A história dela veio com a prática. Para nós, foi mais um passo*” – *Judinara Brás, devota*, ressalta a fala de um dos quatro personagens sobre a emoção de ver Irmã Dulce canonizada. Uma das fontes afirma que conheceu a freira baiana e que a religiosa a impediu de se suicidar. Para ilustrar a coordenada foi utilizada a foto de um voluntário, vestido com uma camisa estampada com o rosto de Irmã Dulce, orientando um grupo de freiras. A legenda da imagem é: *Religiosos na região da Arena antes da celebração*.

19. ARTISTAS CANTAM E ENCENAM VIDA DE SANTA DULCE - Edição 36.709 de 21/10/2019 (A TARDE, 2019), página A5.

A segunda matéria sobre a primeira celebração em homenagem à Irmã Dulce na Bahia e no Brasil aborda a parte artística do evento, que contou com a participação de diversos artistas e apresentações de teatro, música e dança. O texto de Susana Rebouças traz declarações da superintendente da Osid e sobrinha de Irmã Dulce, Maria Rita Lopes Pontes, da cantora Margareth Menezes, do tenor lírico brasileiro Thiago Arancam e de uma voluntária que trabalhou na comemoração.

O subtítulo de *Artistas cantam e encenam vida de Santa Dulce* é *ARTE E FÉ - Bandas católicas e cantores baianos fizeram parte do início da programação da primeira missa na capital baiana*. O olho destacou a peça inspirada na trajetória de Irmã Dulce encenada pelas crianças do Centro Educacional Santo Antônio (Cesa), fundado por ela: *A peça O Império de Amor teve a atuação de 600 crianças do Cesa*.

A foto é dos artistas Waldonys, Margareth Menezes, Saulo e Tuca Fernandes em um palco, se apresentado para fiéis que estão de mãos erguidas. A legenda apenas descreve o momento.

Metade da página está ocupada por um anúncio e a matéria principal não possui coordenadas.

20. CLIMA DE DEVOÇÃO SE ESPALHA PELO ENTORNO DA FONTE NOVA - Edição 36.709 de 21/10/2019 (A TARDE, 2019), página A6.

A última reportagem de “Para sempre, Dulce” é, ainda, sobre a celebração na Arena Fonte Nova. O tema central do texto de Nilson Marinho é a devoção dos fiéis, mas não dos que estavam dentro do estádio, e sim, dos que não tiveram acesso à cerimônia, mas a acompanharam do lado de fora. Três personagens compõem a matéria: um empresário, que teve a carteira de trabalho assinada por Irmã Dulce, e duas devotas.

Na coordenada *Políticos comemoram sem descuidar das polêmicas e embates* assinada por Cleidiana Ramos, o assunto é política, com a repercussão dos políticos que estiveram presentes no evento e as declarações deles sobre assuntos da atualidade.

O empresário Altamiro Ribeiro e sua carteira de trabalho assinada pela freira baiana são destacados nas duas fotos da matéria. O subtítulo de *Clima de devoção se espalha pelo entorno da fonte nova* é *RELIGIOSIDADE - A impossibilidade de entrar no espaço onde ocorreu a celebração não impediu vários fiéis de acompanharem a festa do lado de fora do estádio como forma de expressão de fé*. A série divide espaço com o obituário e o clima na página.

ANEXOS

Todas as 20 reportagens da série “Para sempre, Dulce” publicadas pelo jornal A TARDE que compõem o *corpus* deste trabalho estão disponíveis nas páginas anexadas a seguir.

PARA SEMPRE,

“Quando nenhum hospital quiser aceitar algum paciente, nós aceitaremos. Essa é a última porta e por isso eu não posso fechá-la”

IRMÃ DULCE, frase-inspiração da Osid



DULCE

PRECIOSIDADE Departamento cuida da guarda dos registros sobre Irmã Dulce, inclusive dos relatos que levaram à identificação dos milagres

MEMORIAL REGISTRA OS PASSOS DA NOVA SANTA

Fotos João Souza / Ag. A TARDE



O museólogo Osvaldo Gouveia coordena o setor de cultura e memória da Osid articulado às ações para a divulgação da trajetória da religiosa

RELATOS ESPECIAIS FESTEJAM UMA DATA QUE FAZ DA BAHIA A TERRA DE ORIGEM DE UMA SANTA

A partir de hoje, A TARDE publica, semanalmente, reportagens especiais sobre Irmã Dulce em comemoração à sua canonização marcada para o dia 13 de outubro. Além do jornal, outros canais do Grupo A TARDE receberão conteúdo temático, como o Portal A TARDE e a rádio A TARDE FM.

Desta forma, os públicos dos mais variados canais receberão informação integrada, como é tendência em novos tempos de revolução digital. Textos, podcasts, vídeos, dentre outras linguagens, estão sendo produzidos para circulação em diferentes plataformas.

“Conheci uma santa”

Osvaldo Gouveia, assessor de cultura e memória da Osid, viu irmã de Dulce por duas vezes na condição de estudante do Colégio Antônio Calmon, situado na Baixa de Quintas.

“Mais tarde, estas memórias voltaram de uma forma vivida”, diz. Quem tem uma história semelhante pode fazer parte desta memória enviando seu relato e fotos com Irmã Dulce para o e-mail parasempredulce@grupoatarde.com.br.



CLEIDIANA RAMOS

Às 10h30 de 30 de maio de 1993, o museólogo Osvaldo Gouveia, 67 anos, dava o passo inicial para participar de um projeto único: integrar o setor, que se tornaria crucial no processo de canonização de Irmã Dulce. Mas naquele domingo de maio, esse detalhe sequer figurava na pauta. O assunto da reunião que teve nesse dia com a superintendente das Obras Sociais Irmã Dulce (Osid), Maria Rita Pontes, era a criação de um memorial em homenagem a Irmã Dulce.

No dia anterior, Gouveia havia sonhado com sua mãe, falecida há 11 anos. “No sonho ela estava em um lugar bonito e dizia: ‘Meu filho, esse é o seu caminho’”, narra, emocionado, Gouveia, assessor de memória e cultura da Osid. O setor esteve diretamente associado a todas as etapas que vão culminar na canonização: registros, inclusive dos relatos de cura por intercessão da religiosa, que levaram à identificação dos casos confirmados como milagres.

Após a conversa, o museólogo saiu convencido a aceitar a missão, mas só até a inauguração do espaço, em agosto de 1993. Estava em um excelente momento profissional, inclusive dedicado ao magistério. Foi ficando e participando de perto das etapas do processo de canonização, aberto em 2000. “O meu sentimento é de emoção e de dever cumprido”, diz.

Aprendizagem

Construir e entender um processo de canonização foi um desafio para os vários setores da Osid. “Era tudo muito novo, pois localmente



não tínhamos uma referência”, diz Gouveia.

O memorial tornou-se o centro para reunir as evidências da historicidade e materialidade em torno do imaginário sobre a religiosa. “Irmã Dulce é uma santa contemporânea. O que as pessoas próximas tinham era a intuição de ir guardando registros. Maria Rita, por exemplo, guardou muita coisa. Acho até que por conta da sua formação em jornalismo”, diz.

Mesmo com registros que poderiam ainda ser maiores – Gouveia calcula que a documentação disponível é 20% do potencial que poderia estar registrado –, o memorial é hoje uma estrutura que vai além da característica material.

O departamento registra e cataloga fotografias, objetos, gravações de depoimentos, mas também foi ampliado em outras direções: tem um núcleo voltado para o

turismo religioso e outro educativo, que recebe estudantes para conhecer a vida e o legado da religiosa.

Articulados ao memorial estão o Santuário da Bem-Aventurada Dulce dos Pobres e a Capela das Relíquias, onde está o túmulo da nova santa. Recentemente, um aconchegante café foi incorporado à estrutura.

A equipe do memorial também cresceu. Tem agora jornalista, pedagoga, museólogos e monitores. “Hoje fazemos a recepção dos visitantes que desejam conhecer de perto mais sobre Irmã Dulce”, completa Gouveia. Um exemplo: comparando o período de 14 a 21 de maio com o de 6 a 13 de junho o número de visitas no memorial cresceu 220%.

WWW.ATARDE.COM.BR



Confira conteúdo exclusivo no portal A TARDE: atarde.com.br/parasempredulce



Inaugurado em 1993, o Memorial Irmã Dulce preserva legado sobre a vida e a obra da nova santa

Hoje, às 9h, acontece uma missa solene em homenagem ao Dia de Irmã Dulce

O santuário dedicado à religiosa fica no largo de Roma, Cidade Baixa, ao lado da Osid

HISTÓRIA LOCAL SERÁ AGORA LEMBRADA EM ÂMBITO MAIS AMPLO

CLEIDIANA RAMOS

Bahiana, Irmã Dulce pasará de protagonista de uma história local a universal. “A canonização será uma reafirmação da história do catolicismo em terras brasileiras. Com estratégias e ações em curso, esta memória tenderá a ser menos local e mais global. Ela agora está inserida num sistema religioso universal”, analisa o doutor em antropologia e professor da Ufba Jocélio Teles dos Santos.

Este deslocamento, inclusive, mostra a complexidade da memória, inclusive em relação às narrativas. O assessor de cultura e memória da Osid, Osvaldo Gouveia, destaca, por exemplo, o cuidado que se tem no memorial com os registros que vêm da oralidade.

“Sobre aquele episódio em que Irmã Dulce pede uma doação e recebe em troca uma cusparada, temos

nove versões com variações”, aponta Gouveia.

Exemplo

Segundo o frei Jorge Rocha, doutor em teologia e professor da Universidade Católica do Salvador (Ucsal), tornar alguém santo oficialmente é levá-lo a esta esfera mais global de referência. “Outras Dulces estão caminhando por aí; outras a antecederam, mas agora ela se transforma nesta referência para lembrança de que é olhando para os bons que podemos nos tornar semelhantes a eles”.

De acordo com ele, o princípio da santidade deve ser algo buscado por todos os católicos. “Santidade é uma vocação. Não é uma excepcionalidade; alguns serão elevados à honra dos altares para que aquela memória vire uma referência e participação na santidade maior que é a de Deus”, explica frei Jorge Rocha.

PARA SEMPRE,

“O importante é fazer a caridade, não falar de caridade. Compreender o trabalho em favor dos necessitados como missão escolhida por Deus”

IRMÃ DULCE, sobre a sua missão de vida



DULCE

SUSANA REBOUÇAS

O Centro de Documentação de A TARDE (Cedoc) conta com cerca de 100 mil pastas que guardam registros fotográficos e de texto sobre os mais diversos temas. Dentre este material há um acervo especial: aproximadamente 300 fotografias e outros documentos relacionados a Irmã Dulce. É a trajetória da mais nova santa católica contada sob a perspectiva de um dos mais importantes jornais do Brasil, prestes a comemorar 107 anos de fundação e circulação diária ininterrupta.

O empenho da religiosa em busca de doações por meio das imagens de eventos e os encontros com autoridades aparecem ao lado de um artigo com uma precisidade: a reprodução do discurso feito por Irmã Dulce para a cerimônia de colação de grau da turma de formandos em administração da Universidade Federal da Bahia (Ufba), em 1984, da qual ela foi paraninfa.

Já estudantes de comunicação também da Ufba produziram um fanzine especial. O texto da publicação, lançada em 1990, trouxe relatos dos detalhes da trajetória de Irmã Dulce (veja ordenada abaixo).

Procura

Valdir Ferreira, 57 anos, e Rubem Coelho, 54, são auxiliares de arquivo no Cedoc há 40 e 25 anos, respectivamente. Eles estão completamente acostumados ao espaço de tal forma que conhecem onde fica cada pasta de arquivo quase sempre sem necessitar recorrer à ficha catalográfica. “Muita gente pensa que somos loucos, porque nem vamos mais no fichário ver onde a pasta está”, explica Ferreira.

As coleções são formadas, além de fotografias, por negativos e cópias de reportagens realizadas por A TARDE. Há também recortes de periódicos que até já deixaram de existir.

No caso de Irmã Dulce, o setor tem recebido diversas solicitações, especialmente para a produção de livros. “A TARDE tem um acervo de grande importância e valor inestimável, não apenas sobre Irmã Dulce, mas sobre a história da Bahia e boa parte do Brasil”, diz Ferreira.

Memórias

Para Rubem Coelho, alguns acontecimentos, como a chegada do papa João Paulo II à Bahia, as visitas do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao estado e a morte de Irmã Dulce, marcaram seu trabalho no Cedoc. Todos os três momentos foram registrados por profissionais de A TARDE em variadas formas de linguagem.

No acervo sobre Irmã Dulce estão registros interessantes, como uma imagem de quando ainda era pequena; registros do início da sua vida religiosa, sucessivas etapas da formação da Osid, suas internações e velório.

Na coleção também estão documentos, como cópias do estatuto de criação da Osid. Estas referências mostram também como a trajetória de Irmã Dulce conquistou um espaço considerável em plataformas de mídia de ampla circulação como A TARDE.

CONFIRA MAIS
CONTEÚDO SOBRE A MEMÓRIA DE IRMÃ DULCE NO CEDOC A TARDE EM A TARDE FM E PORTAL A TARDE

PROTEÇÃO O Centro de Documentação (Cedoc), espaço de memória mantido por A TARDE, tem coleção formada por fotografias, negativos e outros documentos importantes

ACERVO ESPECIAL CONTA HISTÓRIA DE IRMÃ DULCE

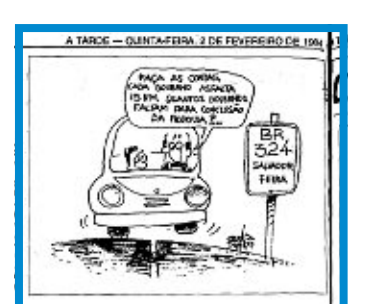
Joá Sousa / Ag. A TARDE



Cuidados de Rubem Coelho e Valdir Ferreira guardam memórias como o encontro de Irmã Dulce com Madre Tereza e com João Paulo II

ARTIGO E FANZINE SÃO EXEMPLOS DE COMO PESQUISA PODE SER VALIOSA

Um fanzine produzido por alunos da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom-Ufba) integra o grupo de descobertas interessantes e possíveis ao se analisar o acervo. O jornalista Alan Rodrigues, um dos produtores da publicação, conta que ela foi feita sob a supervisão do professor Robério Marcelo.



De acordo com ele, a escolha da história de Irmã Dulce foi ideia do colega Márcio Magno. A pesquisa foi realizada na coleção do Cedoc A TARDE. “Apesar de não existir uma devoção expressiva em nós dois, havia uma admiração pela figura de Irmã Dulce e pelo que ela representava socialmente”, completa Rodrigues.

Discurso de Irmã Dulce para formandos da Ufba

Além da pasta com fotografias que guardam algumas das histórias de Irmã Dulce, incluindo momentos marcantes durante a cobertura de sua morte, há as que acondicionam arquivos de texto. As coleções contam a história de resistência e assistência social da religiosa sob perspectivas variadas.

Na coleção destacam-se textos em que admiradores expressam respeito pela mais nova santa, mas também lembranças da rotina de Irmã Dulce, como registros de campanhas da Osid.

Um fanzine produzido por alunos da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom-Ufba) integra o grupo de descobertas interessantes e possíveis ao se analisar o acervo. O jornalista Alan Rodrigues, um dos produtores da publicação, conta que ela foi feita sob a supervisão do professor Robério Marcelo.

De acordo com ele, a escolha da história de Irmã Dulce foi ideia do colega Márcio Magno. A pesquisa foi realizada na coleção do Cedoc A TARDE. “Apesar de não existir

Os documentos disponíveis no Cedoc podem ser acessados pelo público, mediante solicitação

uma devoção expressiva em nós dois, havia uma admiração pela figura de Irmã Dulce e pelo que ela representava socialmente”, completa Rodrigues.

Afoto

Outra preciosidade no acervo é a reprodução de um cartão postal em que Irmã Dulce faz uma dedicatória escrita à mão para a sobrinha Maria Rita Pontes, que hoje dirige a Osid. Outra referência de autoria da religiosa é um artigo, publicado em A TARDE em 2 de fevereiro de 1984.

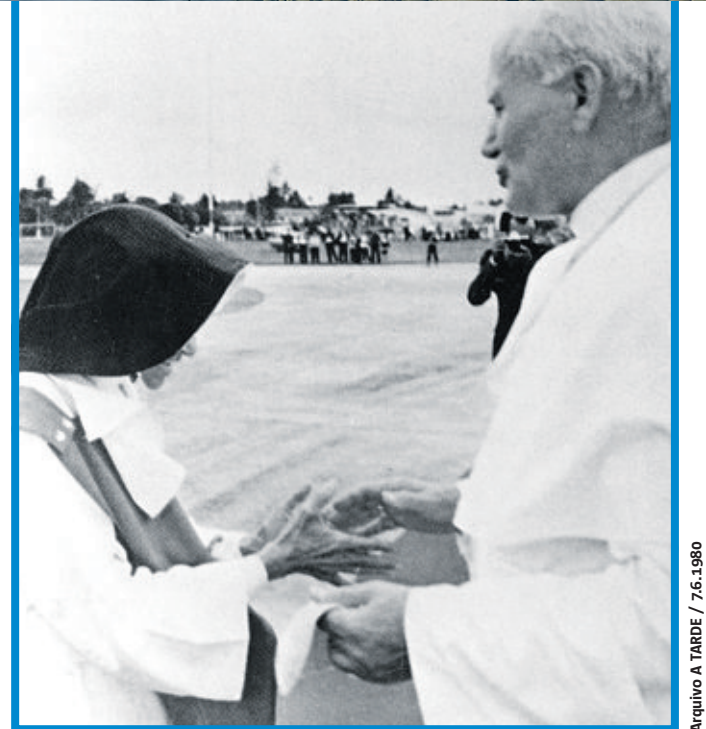
Intitulado “Todo homem tem direito ao trabalho”, o texto é a cópia do discurso proferido por Irmã Dulce na condição de paraninfa na cerimônia de colação de grau da turma de administração da Ufba naquele ano. No texto, ela aconselha os então filhos a incluírem Deus em seus planos, além de defender a dignidade humana. “Todo homem tem direito ao trabalho, não só no meio urbano e nas grandes concentrações industriais, mas também no meio rural”, escreveu Irmã Dulce.

SUSANA REBOUÇAS

O Cedoc possui a coleção de todas as edições de A TARDE, que foram digitalizadas



Arquivo A TARDE / 15.7.1979



Arquivo A TARDE / 7.6.1980

EU CONHECI UMA SANTA

VALDIR FERREIRA
Auxiliar de arquivo

Valdir Ferreira, auxiliar de arquivo do Cedoc A TARDE, conheceu Irmã Dulce quando ela fazia visitas periódicas à sede do jornal. “Estamos na expectativa da sua canonização, assim como imagino que todos os que conheceram Santo Antônio, de quem ela era devota, ficaram quando ele foi declarado santo”, diz.

Ferreira conta que, durante as visitas feitas por Irmã Dulce ao jornal, ele teve a alegria de acompanhá-la de perto. “Eu sempre oferecia o braço como apoio e ela aceitava”, relata.

Quem também conheceu Irmã Dulce de perto pode enviar texto e fotos para o e-mail parasempredulce@grupoatarde.com.br.

“A CANONIZAÇÃO DE IRMÃ DULCE É UMA CONQUISTA DE TODOS OS BAIANOS”

PARA SEMPRE,

Sempre que puder, fale de amor e com amor para alguém. Faz bem aos ouvidos de quem ouve e à alma de quem fala

IRMÃ DULCE, sobre a essência humana



DULCE

ENTREVISTA Maria Rita Pontes, superintendente da Osid

É possível definir o sentimento de ser parente e sucessora no trabalho de uma santa?

Eu prefiro não pensar nessas coisas dessa forma. É uma preocupação muito grande herdar o compromisso de dar continuidade a um trabalho tão importante para os mais carentes. Agora também sou sobrinha de uma santa. Então eu prefiro lembrar de Irmã Dulce como aquela pessoa simples, que sempre viveu para o próximo e seguir esse exemplo dela.

O papa João Paulo II, também oficializado santo, era um entusiasta da causa de santificação de Irmã Dulce. Ele costumava dizer que gostaria que a Igreja tivesse santos modernos, ou seja, pessoas que ainda estavam no imaginário coletivo.

Como diz dom Murilo, agora a gente não tem mais desculpas para dizer que não é possível ajudar o próximo. Irmã Dulce foi uma pessoa que viveu entre nós, de forma simples; que pisou neste solo, que fez todo um trabalho sem reclamar da vida; sem ter nenhuma vaidade. É possível mostrar que todos somos capazes de fazer o que ela fez; almejar os altares. Se bem que, quando alguém dizia: "Irmã, a senhora é uma santa", ela dava risada. Acho que jamais passou pela sua cabeça que isso pudesse acontecer.

Há uma característica de Irmã Dulce que a senhora destacaria de forma especial?

Uma que falta muito hoje em dia, exatamente porque vivemos na era digital: a capacidade de ouvir o próximo. Não temos tempo de ouvir. Estamos sempre em velocidade. Irmã Dulce ouvia. E não era só o pobre. Ela ouvia também as pessoas pobres de espírito; pessoas que tinham recursos mas em determinados momentos da vida precisaram de Irmã Dulce para ouvi-las porque estavam em depressão, porque tinham na família algum usuário de drogas ou porque tinham problemas no casamento. Irmã Dulce era uma excelente conselheira matrimonial. São faces que a gente não conhece. Pensam em Irmã Dulce como aquela freirinha que ajudou muito os pobres, mas ela também é Santa Dulce dos Desesperados, das pessoas que tinham tudo para estar bem na vida, mas que tinham problemas.

Como foi o processo do convite ou intimação para a senhora sucedê-la?

Na verdade ela nunca me convidou diretamente, nem nunca me intimou. Ela dizia por trás, para as pessoas mais próximas: "Ah seria tão bom se Maria Rita viesse pra cá, pra ficar mais perto da gente. Eu

“AMAR E SERVIR. ISSO É INTOCÁVEL NA OBRA”

CLEIDIANA RAMOS

Quando o papa Francisco oficializar a canonização de Irmã Dulce, no próximo dia 13 de outubro, a jornalista Maria Rita Pontes, 63 anos, estará em um patamar especial: sobrinha e sucessora na administração das obras sociais (Osid) fundadas pela primeira santa brasileira. "Eu prefiro não pensar nessas coisas dessa forma", diz Maria Rita Pontes. Isso porque, para a Igreja Católica, os santos são pessoas tão especiais que necessitam ter a memória eternizada. Essa celebração

universal da memória de Irmã Dulce, portanto, se estenderá à Osid, que, com certeza, ganhará ainda mais desafios: ampliar os serviços de saúde, que atendem, por ano, 3,5 milhões de pessoas, atualizar a estrutura educacional e de turismo religioso, pois haverá, por exemplo, mais devotos para visitar o santuário. Por outro lado, o fio condutor das obras sociais, na avaliação de Maria Rita estará mais forte: "Amar e servir. Isso é intocável", disse em um dos momentos em que mais se emocionou nesta entrevista concedida ao A TARDE. A emoção

é de alguém que viveu a atmosfera de afetividade familiar com a nova santa. Na sua formatura em jornalismo, em 1979, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Irmã Dulce fez questão de estar presente, afinal Maria Rita estava abraçando a mesma carreira do pai, Augusto Lopes Pontes, falecido três anos antes. Para isso, fez o trajeto de carro, pois tinha medo de viajar de avião. Como em tantas situações de sua vida, o que importava era estar próxima de quem precisasse mesmo que fosse apenas para dar um abraço.

Fotos: João Souza e Cedoc Grupo A TARDE / Ag. A TARDE



Maria Rita Pontes recebeu o mesmo nome de batismo da primeira santa brasileira. Ficou com ela a missão de gerir a Osid



sempre dizia pra ela: eu vou lhe ajudar na minha profissão, no jornalismo. Nos 11 anos que eu trabalhei na Odebrecht sempre tive a oportunidade de ficar muito próxima dela. Em 1989 eu ingressei no conselho de administração das Obras. E aí passei a conviver com os demais conselheiros e entender um pouquinho das dificuldades e como ela se posicionava. Ela era muito firme. Parecia uma pessoa frágil, mas era muito firme nas convicções dela. Quando colocava na cabeça que era importante a ela explicar, ela ia até o fim. E essa experiência eu acho que me ajudou bastante nestes dois últimos anos no conselho

das Obras. E por fim para chegar à pergunta: ela deixou uma carta-testamento de valor moral onde colocou o nome das três pessoas que gostaria que a sucedesse em caso de morte. Na lista eu aparecia em primeiro lugar, depois minha mãe, Dulce Maria de Souza Brito Lopes Pontes, que faleceu aos 91 anos em 2006, e minha tia, Ana Maria, que está com 79 anos.

Em várias fases do processo para a canonização, a senhora sempre reiterou que o principal motivo desta batalha era garantir a continuidade da Osid. A senhora entende a canonização como uma extensão da memória, é isso?

Irmã Dulce é a santa de todos nós, seja rico, seja pobre. Ela será a santa do nosso tempo

Estamos sempre em velocidade. Irmã Dulce ouvia o próximo

Com certeza. Garantir a espiritualidade do trabalho de Irmã Dulce, para mim, é o pilar mais importante: "Amar e servir". Isso é intocável. Com todas as dificuldades que a obra venha a passar ela jamais pode fugir dos nossos princípios. Essa sempre foi a minha preocupação (Maria Rita Pontes não consegue segurar as lágrimas). Eu me emociono. Acho que a partir de outubro a gente garante isso. A presença dos capuchinhos também. Eles estando lá é uma garantia de que a obra não vai mudar. Dificuldades financeiras a obra deverá passar, mas acho que a canonização traz mais visibilidade, tanto nacional quanto internacional. Acho que o mais importante é garantir que a filosofia e os princípios se mantenham. Ou seja: uma obra sempre voltada para as pessoas pobres.

Tem um setor específico da Osid que a senhora prevê ou deseja ver ampliado?

Tem vários. Tem a unidade de oncologia que logo vamos ter uma ampliação, a depender dos recursos. Queremos expandir o serviço de oftalmologia. Estamos fazendo uma campanha que tem a ver com o milagre para canonização de Irmã Dulce: a cura de José Maurício foi de um problema de visão. Temos a sala de ressonância magnética com o aparelho que foi doado pelo governo federal. Em breve teremos que resolver e outros tantos sonhos que passam pela requalificação da nossa panificação, que garante parte da sustentabilidade do Centro Educacional Santo Antônio (Cesa). Na área de turismo religioso, temos a requalificação do Memorial Irmã Dulce, que encontra o problema sério de estrangulamento de tráfego. Com as romarias, com a chegada de novos devotos e admiradores de Santa Dulce, o espaço se tornou pequeno. As pessoas chegam e a gente precisa acolher bem. Salvador, aliás, a Bahia sempre teve essa marca de oferecer bom atendimento a quem chega.

A senhora poderia deixar uma mensagem de agradecimento aos baianos?

Irmã Dulce é a santa de todos nós. Seja rico, pobre, de qualquer religião, porque ela acolheu a todos. Irmã Dulce vai ser a santa do nosso tempo. Peço em nome dela que todos sigam o seu exemplo. Como ela dizia: "Ajudar o próximo não é dar uma esmola". É ouvir a pessoa, dar uma palavra de carinho. Não temos mais desculpas para dizer que a santidade é uma coisa muito difícil.

WWW.ATARDE.COM.BR



Confira mais da entrevista com Maria Rita no portal A TARDE e em A TARDE FM.

PARA SEMPRE,

“No amor e na fé encontraremos as forças necessárias para a nossa missão”

IRMÃ DULCE, sobre elementos que devem ser a inspiração



DULCE

OFICIALIZAÇÃO As curas de Cláudia Cristiane Araújo e José Maurício Moreira cumpriram exigência feita pela Igreja para reconhecer santos

MILAGRES VALIDARAM CERTEZA ENTRE OS DEVOTOS



José Maurício Moreira recebeu o segundo milagre, que oficializou Irmã Dulce como santa

Joá Souza / Ag. A TARDE / 14.8.2019

SUSANA REBOUÇAS

O reconhecimento da cura de Cláudia Cristiane Araújo ratificou a beatificação de Irmã Dulce, ocorrida em 2011. Oito anos depois, o papa Francisco oficializou o segundo milagre da religiosa: a cura da cegueira de José Maurício Moreira. A confirmação de ações que desafiam a racionalidade sob intercessão de candidatas a santo compõe a parte definitiva em processos de canonização.

José Maurício Moreira, 50 anos, é músico e tem trabalhado como maestro. Durante 14 anos, ele ficou sem enxergar devido ao glaucoma. Uma conjuntivite lhe trouxe dores fortes, especialmente na madrugada de 10 de dezembro de 2014.

A inflamação já havia deixado José Maurício sem dormir durante quatro dias. Foi então que ele resolveu pedir a intercessão de Irmã Dulce. Pegou uma imagem da religiosa, lembrança que guardava da mãe, e a colocou sobre os olhos.

“Eu pedi que as dores cessassem, já que a cegueira era irreversível. O nervo óptico, responsável pela comunicação do olho com o cérebro, tinha sido danificado pelo glaucoma”, explica.

Surpresa

Quando acordou, quatro horas após o pedido, José Maurício conseguiu enxergar as mãos. Sem acreditar no que acontecia, ele ligou para a esposa, Marise Araújo Jorge Mendonça, 54, e, em algumas horas, conseguiu voltar a vê-la.

Na época, o oftalmologista que o acompanhava não conseguiu explicar a cura e a recuperação da visão foi possível. “Em exames feitos na época, o nervo continuava danificado”, conta.

Em maio deste ano, cinco anos depois, o Vaticano reconheceu que houve um milagre. Para isso é necessário o atendimento aos seguintes critérios: instantâneo, perfeito, duradouro e sem explicação científica. Para ser validado, ele é avaliado tanto por teólogos como por comissões científicas.

Primeiro milagre

A recuperação imediata da pedagoga Cláudia Cristiane Araújo, 50 anos, de uma hemorragia após o parto que já não tinha possibilidade de cura, segundo os médicos, possibilitou a validação do milagre para a beatificação. A hemorragia ocorreu após



Cláudia Araújo com os filhos Gabriel (esquerda) e Francisco

Foto: arquivo pessoal

o nascimento de Gabriel Vinícius Araújo, segundo filho de Cláudia Araújo, em um parto que durou 18 horas.

“O obstetra que me acompanhou chegou a informar a minha família que eu precisava de ajuda divina”, explica Cláudia Araújo. Próximo à família, o padre José Almir fez uma corrente de oração por Cláudia sob a intercessão de Irmã Dulce.

Até então, a miraculada, como se chama quem recebeu o benefício da cura por um milagre validado, não conhecia a história de Irmã Dulce. A sua recuperação a aproximou da busca por conhecer detalhes da biografia da religiosa.

“Ela foi o milagre na minha vida. Eu não tinha como sobreviver”, afirma Cláudia Cristiane, que, como José Maurício, participa com protagonismo da história de canonização da primeira santa brasileira.

EU CONHECI UMA SANTA

RUBIMÁRIO NASCIMENTO
Auxiliar administrativo

Rubimário Nascimento, 52 anos, teve a oportunidade de conhecer Irmã Dulce. A primeira vez que a viu, no antigo supermercado Paes Mendonça, enquanto a freira estava pedindo doações para as obras sociais, ele beijou a mão dela. “Eu ainda comentei com meus amigos como eu queria ter feito uma fotografia”, conta Nascimento.

O segundo contato foi na Av. Sete de Setembro, enquanto ela caminhava pelo comércio, também pedindo doações. Ele ainda costumava vê-la quando frequentava o Hospital Santo Antônio para visitar amigos de Miguel Calmon, cidade situada no interior da Bahia, de onde Nascimento veio.

“EU FUI, FALEI E BEIJEI A MÃO DELA. EU BEIJEI A MÃO DE UMA SANTA”

REGISTROS ATRIBUEM MAIS DE 10 MIL GRAÇAS A SANTA DULCE DOS POBRES

“Até hoje me emociono. Irmã Dulce para minha família sempre foi sagrada”

JOSÉ MAURÍCIO MOREIRA, segundo miraculado de Irmã Dulce

O Vaticano considera o milagre se for instantâneo, perfeito, permanente e preternatural

O processo de canonização validou apenas dois milagres, como determina a legislação canônica, mas milhares de outros têm sido atribuídos a Irmã Dulce. Uma destas certezas é da aposentada Reinadi Rodrigues, 68 anos, que mora no município de Cruz das Almas, a 150 km de Salvador. Ela afirma ter sido curada após complicações em uma cirurgia para remoção de hérnia epigástrica.

Atendida em Santo Antônio de Jesus, cidade vizinha a Cruz das Almas, Reinadi teve que ser transferida para o Hospital Santo Antônio, unidade das Obras Sociais Irmã Dulce (Osid), em Salvador. Seu irmão José Sérgio Rodrigues queria transferi-la do hospital, mas, ao ver uma fotografia de Irmã Dulce, Reinadi decidiu ficar para a segunda cirurgia. “Foi ela que intercedeu na minha cirurgia. Eu tenho certeza”, afirma a aposentada que coleciona objetos com a imagem da religiosa como forma de agradecimento.

Graças

Segundo dados da Osid, desde a abertura do processo de canonização já foram recolhidos mais de 10 mil relatos de graças atribuídas à religiosa. Os registros são lançados no chamado “Livro de Graças”, e há os relatos que também chegam por e-mail.

No mês de agosto, as visitas ao Memorial Irmã Dulce cresceram cerca de 200% em relação ao mesmo período do ano passado. O frei Giovanni Messias, reitor do Santuário da Bem-Aventurada Dulce dos Pobres, costuma ouvir as histórias de graças atribuídas à religiosa. Dentre as muitas que ouviu, ele afirma ter sido marcado, de forma especial, pela história de uma mulher estéril que conseguiu engravidar em menos de um ano após o pedido.

Segundo o frei Giovanni, a história de Irmã Dulce com a questão da maternidade é muito forte. “O primeiro milagre reconhecido foi ligado à maternidade. Além disso, Irmã Dulce dormia sentada para cumprir uma promessa que fez por intercessão divina pela vida de sua irmã Dulcinha, após um aborto espontâneo”, destaca frei Giovanni.

WWW.ATARDE.COM.BR



Confira vídeo sobre os milagres de Irmã Dulce no Portal A TARDE e áudio sobre o tema em A TARDE FM



Foto: arquivo pessoal

PARA SEMPRE,

“Foi o nosso povo, com a sua fé, sob inspiração de Deus, que construiu toda essa obra”

IRMÃ DULCE, sobre fé



DULCE

SUSANA REBOUÇAS

Com a proximidade da canonização de Irmã Dulce, no próximo dia 13 de outubro, pessoas que conviveram com ela estão, cada vez mais, se dando conta de que compartilharam a rotina com alguém especial. Criada como parte da cobertura do Grupo A TARDE sobre a oficialização da santificação da religiosa baiana, a seção “Eu conheci uma santa” tem recebido dezenas de depoimentos.

São histórias como a do desembargador aposentado Mário Albiani, que representou judicialmente Irmã Dulce em um processo trabalhista – relato que está em seu livro *Minha vida pelo Direito*; e a do contato próximo com a religiosa mantido pelo economista Jairo Brito, 63 anos, que trabalhou nas obras do Hospital Santo Antônio.

“Ela tinha uma creche em Simões Filho. Às vezes ela me pedia ajuda. Não tinha como dizer não”, diz Brito. Já a história da coordena-

EU CONHECI UMA SANTA Confira as histórias de testemunhas que perceberam em um contato mais próximo a força da religiosa baiana

CANONIZAÇÃO TRAZ EMOÇÃO A QUEM VIU IRMÃ DULCE DE PERTO

dora administrativa Cláudia Reis tem como protagonista a sua avó, Maria Moreira Rocha. Agradecida por ter conseguido ajuda para ace-

ler aposentadoria com as orações da religiosa, dona Maria cumpriu a promessa de usar, sempre, uma parte do benefício para ajudar as Obras Sociais Irmã Dulce (Osid).

Potencialização

Professor-doutor na Universidade Católica do Salvador (Ucsal), o frei Jorge Rocha,

“Irmã Dulce tinha saúde frágil, mas isto não foi um impedimento para fazer o bem”

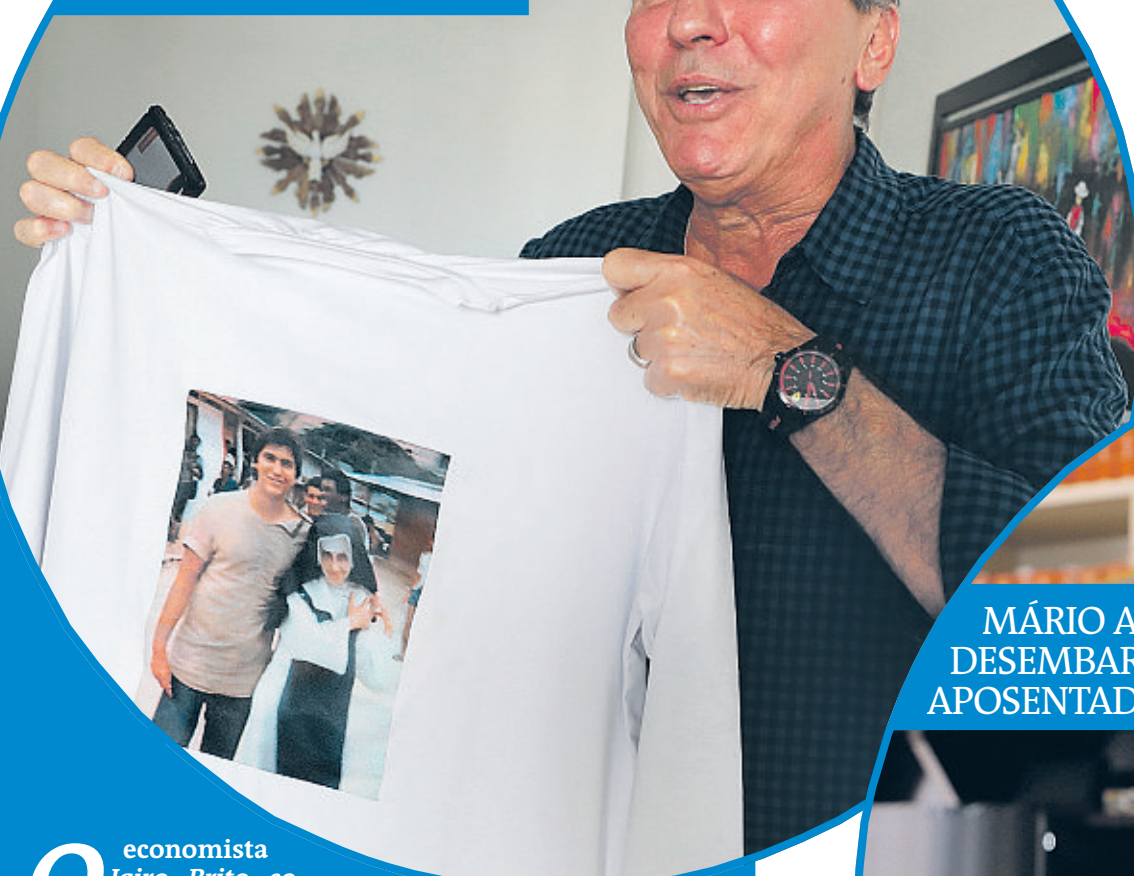
JORGE ROCHA, frei capuchinho

membro da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMCP) e espectralista em devoção popular, diz que estas histórias relacionadas a Irmã Dulce ganharão um status ainda mais especial. “As novas tecnologias e possibilidade de exposição que elas trazem, por meio das mídias digitais, irão potencializar os milagres relacionados a Irmã Dulce”, diz o religioso, que é reitor do Santuário Arquidiocesano Nossa Senhora da Piedade, localizado em Salvador.

De acordo com frei Jorge Rocha, Irmã Dulce tem um carisma com forte apelo social. “Irmã Dulce era uma pessoa que tinha saúde frágil, mas isto não foi um impedimento para que pudesse fazer o bem. O elemento especial é, também, a proximidade com o pobre, ao dar carinho, afeto. Isso a faz muito popular”, explica.

Confira detalhes dos depoimentos de quem conheceu Irmã Dulce de perto. Se você tem uma história parecida, envie o relato para o e-mail parasempredulce@grupoparade.com.br.

JAIRO BRITO GUARDA FOTO QUE TEM COM A SANTA



Fotos Jô Souza / Ag. A TARDE

O economista Jairo Brito conheceu Irmã Dulce quando trabalhou nas obras do Hospital Santo Antônio. Ele foi escalado pela Odebrecht para cuidar da logística da construção. “Ela conseguia o material e a empresa entrava só com o pessoal. Foi o acordo”, explica. Na época, Brito ainda ajudava a religiosa em obras fora do hospital. “Ela tinha uma creche em Simões Filho. Às vezes ela me pedia ajuda e eu ia. Não tinha como dizer não”, conta. Conhecido pelos empresários baianos como “o rapaz da freira”, ele visitava as empresas a pedido de Irmã Dulce para solicitar doações. “Muitas vezes eu não conseguia nada com os empresários e ela voltava no lugar comigo. Da primeira vez, ela me pediu para encostar o caminhão e, como ela era frágil, eu acabei pegando-a no colo para subir. Nunca passou pela minha cabeça que eu estaria carregando uma santa”, disse.

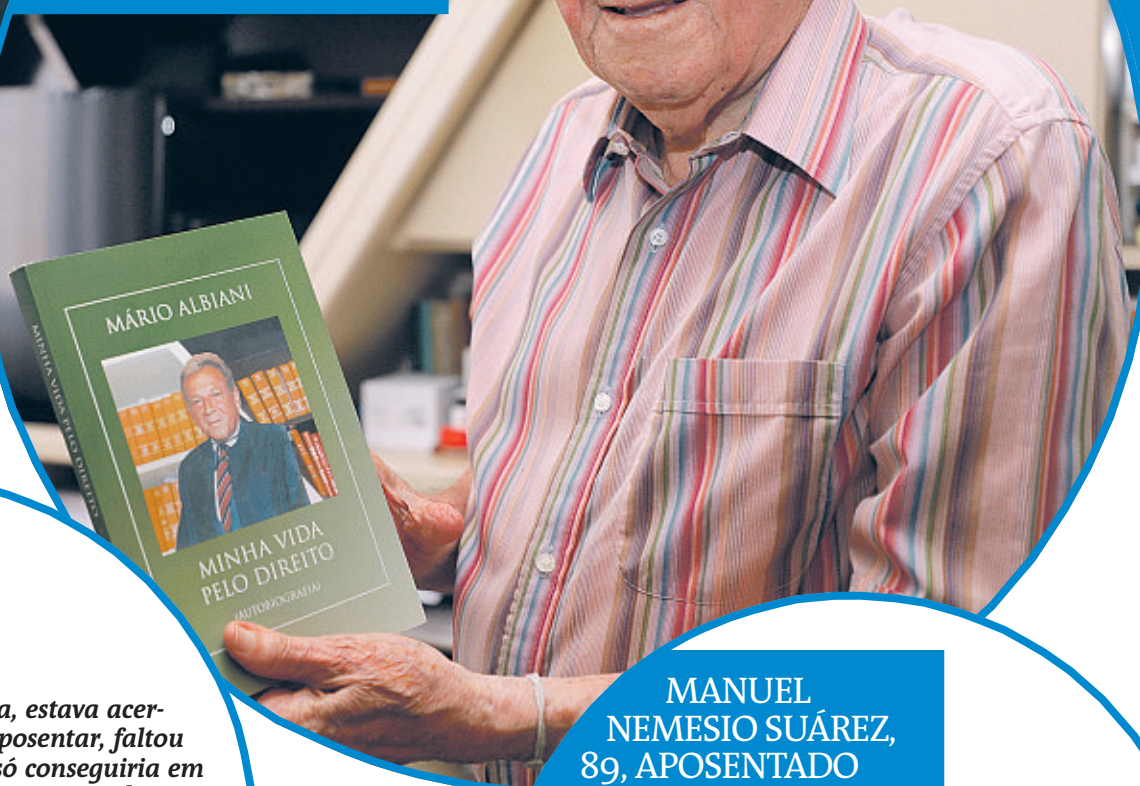
CLÁUDIA REIS, 57, COORDENADORA ADMINISTRATIVA

Quando minha avó, Maria Rocha, estava acertando a documentação para se aposentar, faltou uma parte do documento que ela só conseguiria em Caldeirão Grande [a 333 km da capital baiana]. Então ela foi comigo pedir a Irmã Dulce que rezasse para que Deus intercedesse para conseguir os papéis necessários e ela disse: “Fique tranquila, minha filha, rezo sim”. O processo, que se arrastava há meses, logo foi resolvido, e com o primeiro salário recebido compramos lençóis e fomos entregar pessoalmente a Irmã Dulce, que, mesmo cansada de um dia de trabalho, disse: “Como posso deixar uma senhora que me esperou o dia todo sair sem ser atendida”.

EVANDRO JORGE DO ESPÍRITO SANTO, 69, APOSENTADO

Conheci Irmã Dulce quando estudei no Colégio Irmã Dulce. Ela costumava frequentar a nossa sala de aula e nos levar para assistir a filmes no Cine Roma, onde hoje é sua capela. Ela cuidava de uns meninos em situação de rua, que nós da escola costumávamos chamar de “capitães de areia” e éramos reprimidos por ela. Uma vez, Irmã Dulce organizou para eles irem ao cinema. Os alunos do colégio não iam. Eu me escondi entre os meninos e, no meio do caminho, deu a maior confusão, pois eles me descobriram e queriam me bater. A minha salvadora correu, mais que depressa, repreendeu os meninos e me perguntou: “Quer vir assistir ao filme, é isso?”. Quando disse que sim, ela me levou junto. Fiquei muito feliz.

MÁRIO ALBIANI, DESEMBARGADOR APOSENTADO



MANUEL NEMESIO SUÁREZ, 89, APOSENTADO

Fui idealizador, fundador e presidente da entidade Caballeros de Santiago, Sociedad Cultural y Filantrópica. Dentro das programações culturais, fizemos, em 1962, apresentação da zarzuela: “La Berbenes de la Paloma”, com ingresso gratuito. Teve tanto êxito que, após duas apresentações, pediam-nos mais. Falei para os companheiros de diretoria: “Vamos fazer nova apresentação, mas com ingresso pago a benefício das obras da Irmã Dulce”. A equipe foi entregar-lhe o valor com o grupo de Gaiteiros Galegos, para completar a homenagem. Santa Dulce nos agradeceu emocionada e conversamos muito a respeito das suas obras. É a grata lembrança de ter compartilhado algo com uma santa.

MARIA VANEIDE BLANCO, MÉDICA PEDIATRA

Em 1974 eu estagiei no Hospital Santo Antônio. Eu me lembro que todo sábado ela calçava suas botas de borracha e fazia, junto com suas funcionárias, a limpeza geral do hospital. Certa vez ela me pediu: “Não deixe nenhuma criança morrer sem ser batizada. Dê um nome e batize em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo jogando um pouco de água. Deus vai entender o ato”. Ela foi ao meu casamento, e o que a fez ir, eu nunca soube. Ela também batizou o meu primeiro filho, Bruno. Eu o levei para ser batizado na Capela do Convento Santo Antônio. Ela estava com gripe, acamada, e nós fomos visitá-la. Foi quando ela pegou meu filho e disse que seria a sua madrinha.

WWW.ATARDE.COM.BR



Accesse mais conteúdo no portal A TARDE e na rádio A TARDE FM

PARA SEMPRE,

“É preciso que todos tenham fé e esperança em um futuro melhor”

IRMÃ DULCE, sobre a importância de acreditar



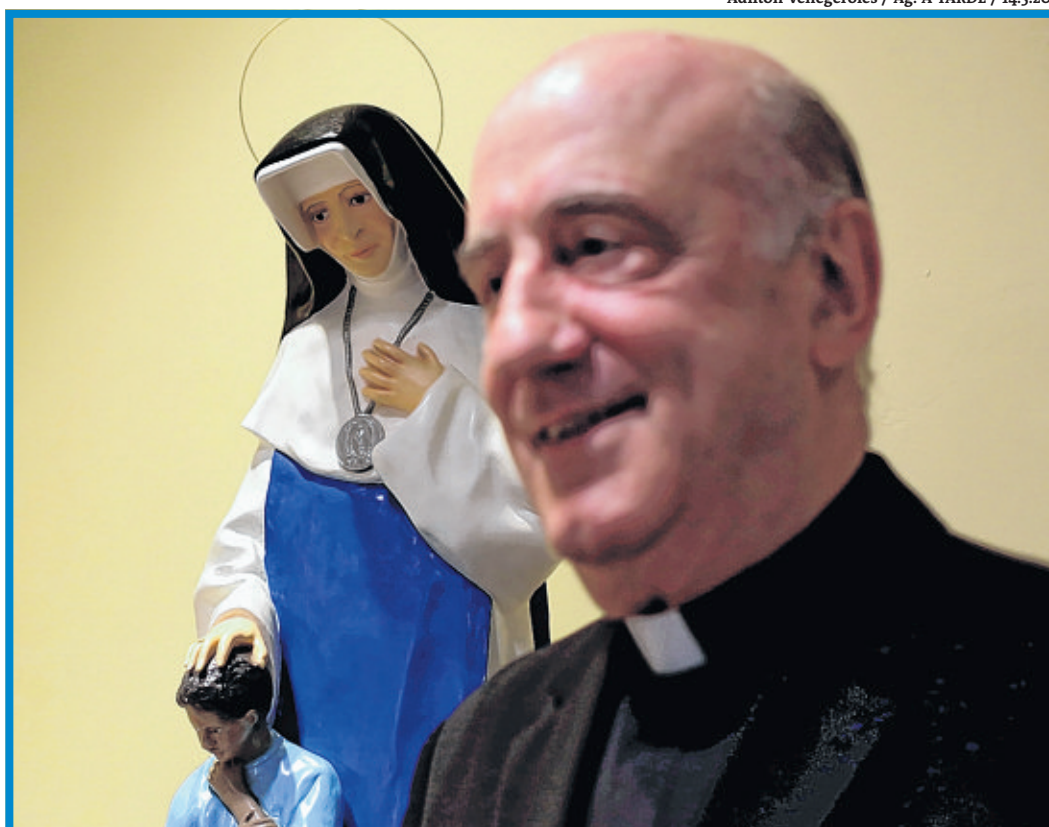
DULCE

ENTREVISTA Dom Murilo Krieger, arcebispo de Salvador e primaz do Brasil

“IRMÃ DULCE VIA JESUS NOS POBRES”

CLEIDIANA RAMOS

O arcebispo da Arquidiocese de Salvador, primaz do Brasil, dom Murilo Krieger, 75 anos, tem percebido um aumento de entusiasmo nas comunidades católicas de Salvador, desde o anúncio da canonização de Irmã Dulce. Para dom Murilo, este é o momento de apontar que a santidade é algo ao alcance de mulheres e homens comuns. “Estamos podendo mostrar que o programa do evangelho, que é de santidade, está ao alcance de todos”. Ex-vice-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), autor de livros, comunicador em programas de rádio e televisão e articulista de A TARDE, dom Murilo avalia que a ênfase na simplicidade será a marca do culto a Santa Dulce dos Pobres. “Era uma irmãzinha pequena, frágil, magérrima, que dormia duas, três horas e meia por noite, nos últimos anos de vida, mas que tinha uma força interior que ninguém ficava indiferente diante dela”, diz. Nesta entrevista, ele explica as fases de um processo de canonização e o sínodo que vai reunir bispos em Roma para debater questões sobre a Amazônia. É um compromisso da Igreja que traduz a ideia de responsabilidade com as questões para além dos seus muros, assim como fez Irmã Dulce.



Adilton Venegeroles / Ag. A TARDE / 14.5.2019

marca de Irma Dulce é a simplicidade. Eu acho que ela é encantadora justamente nisso. Era uma irmãzinha pequena, frágil, magérrima, que dormia duas, três horas e meia por noite, nos últimos anos de vida, mas que tinha uma força interior que ninguém ficava indiferente diante dela. Irmã Dulce nos lembra dos pobres. Ela via Jesus nos pobres. Penso que é um grande incentivo para todos nós. Por isso, ela já é tão popular no Brasil. Em sua simplicidade, ela conseguiu uma ligação com Jesus que é admirável e merece ser imitada.

Ao falar da atenção dedicada por Irmã Dulce aos mais pobres, notamos que

Quais as transformações que o senhor tem observado nas comunidades católicas de Salvador a partir do anúncio da canonização de Irmã Dulce?

Eu tenho notado em nossas comunidades uma grande alegria, uma expectativa vibrante. Quando se fala em santos, pensa-se na Europa, em séculos passados. De repente estamos diante de uma santa que milhares de pessoas conheceram. As pessoas podem dizer: ‘Ela fez um carinho na minha cabeça; ela arrumou um lugar para meu pai no hospital que estava desesperado porque precisava de uma operação urgente’. Irmã Dulce parece que faz parte de todas as famílias baianas. Quando eu celebrador tenho perguntado: ‘Quem aqui conheceu Irmã Dulce?’. Das pessoas que têm mais de 40 anos, eu sou a única, talvez, que não pode levantar a mão porque não a conheci pessoalmente. Conheço os frutos de sua obra. Estamos podendo mostrar que o programa do evangelho, que é de santidade, está ao alcance de todos.



Uendel Galter / Ag. A TARDE / 18.4.2019

Quando uma pessoa imita um santo ou santa, se aproxima mais de Jesus Cristo

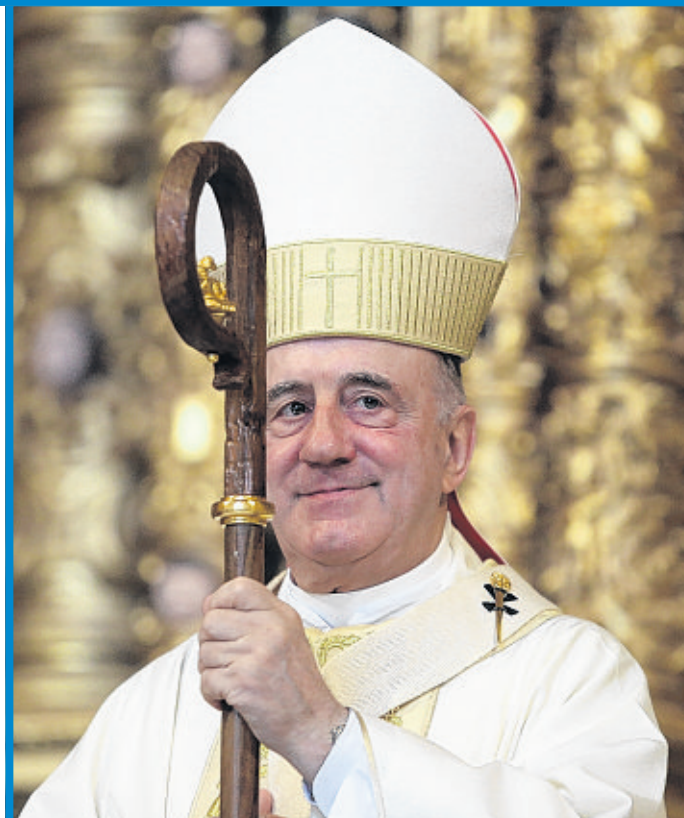
O Sínodo da Amazônia não vai tratar sobre riquezas. Ele vai tratar da realidade local

Muitas pessoas pensam que um processo de declaração de santidade é bem simples. Mas há todo um cuidado, inclusive a Igreja chega a dialogar com a ciência, como no caso dos milagres. O senhor poderia explicar quais são os principais pontos desse processo?

Quando o bispo está diante de alguém que morreu com fama de santidade e essa fama permanece, com pessoas indo visitar o túmulo, por exemplo, após cinco anos da morte pode-se começar um processo. Mas, geralmente, demora muito mais. Começa a se fazer levantamentos, ouvir testemunhos para averiguar se a pessoa tinha virtudes em um grau elevado. Se houver um consenso, o bispo encerra o processo e o envia para Roma. Lá se analisa o fundamento. Se houver aprovação, a pessoa pode ser venerada com muito respeito no nível particular, mas não público. Pode-se pedir a beatificação e canonização. Esse processo demora décadas e às vezes

A Igreja coloca diante de nós pessoas que viveram o que o Evangelho nos apresenta

Estamos podendo mostrar que a santidade está ao alcance de todos



Raul Spinassé / Ag. A TARDE / 19.9.2018

séculos. A partir dos pedidos de intercessão a esse santo ou santa começam as análises de milagres.

Esta fase de análise do milagre é bem criteriosa.

Sim. Se foi algo mais interior, sem documentos ou nenhum médico atesta, como ocorre com uma maioria, o processo para. Mas há alguns fatos que se impõem, vão sendo estudados, analisados, como o caso de José Maurício, do segundo milagre da Santa Dulce dos Pobres. Ele era comprovadamente cego há 14 anos e pediu a intercessão nem para ser curado, diga-se de passagem, mas para passar uma dor. Ele foi curado. Se hoje ele for ao oftalmologista, o

médico vai dizer que diante da situação física não há condições de que ele enxergue, mas ele está vendo. Uma vez tendo o processo do milagre terminado na diocese, ele vai para Roma. Lá uma comissão de sete médicos especialistas estuda o caso. Cinco deles têm que aprovar. No caso de Irmã Dulce, os sete médicos verificaram que era um milagre. Em seguida, os teólogos vão fazer a análise. Eles são muito exigentes. Tanto que nasceu a expressão “advogado do Diabo”, pois eles vão tentar provar que não houve o milagre, buscar argumentos. Só que em certas situações não os encontra, não tem nada contra. O milagre segue então para a



Joá Souza / Ag. A TARDE / 13.8.2019



Gilberto Junior / Ag. A TARDE / 18.11.2018

a Igreja da América Latina tem a característica de se aproximar das questões sociais, como as lutas por terra, em defesa das crianças, dos indígenas. A Igreja está se preparando para um sínodo sobre a Amazônia, que vai acontecer em Roma no próximo mês e reunir bispos do mundo inteiro. O que se pode esperar deste encontro?

Ao contrário do que muita gente fala desse sínodo, ele não vai tratar de minérios da Amazônia ou outras riquezas. Ele vai tratar da realidade da Amazônia. São nove países que fazem parte dela, embora a maior parte esteja no Brasil. A verdade é que tem muita gente com o olhar voltado para a Amazonia, mas não para melhorar a vida de quem está em uma situação tão precária ou para ajudar os indígenas. A Igreja quer lembrar que quem mora ali são pessoas que merecem respeito e atenção. A Igreja está na Amazônia desde o descobrimento do Brasil. Os missionários que atuam lá não ficaram mais ricos. Ao contrário, a maioria morreu por doença ou vítima de violência.

Como a arquidiocese recebeu a escolha de Irmã Dulce para a condição de protagonista do cartaz da Campanha da Fraternidade de 2020?

Quando eu vi o cartaz, disse: “Oh, como foram felizes por ligar o tema (*Fraternidade e vida: dom e compromisso*) a Irmã Dulce. A escolha de Irmã Dulce em lugar de destaque no cartaz me deu alegria redobrada.

análise dos cardeais. Eles os examinam e os apresentam ao papa. O papa estuda e dá o seu veredito se houve realmente o milagre. No caso da decisão pela comprovação, ele marca a data da canonização, que, normalmente, é em Roma. Uma das raras vezes que ocorreu fora foi a do nosso frei Galvão, que foi canonizado na vinda do papa Bento XVI a São Paulo, em 2007.

Por que os santos são importantes para a Igreja?

A Igreja coloca diante de nós pessoas que viveram o que o evangelho nos apresenta. Os primeiros santos eram mártires, pessoas que na perseguição aos cristãos, em Roma, resistiram às pressões e ao sofrimento. Depois, outros que haviam professado a sua fé começaram a ser declarados santos. Quando uma pessoa imita um santo ou santa, se aproxima um pouco mais de Jesus Cristo.

Em sua avaliação quais serão as marcas do culto a Santa Dulce dos Pobres?

Eu penso que uma grande

WWW.ATARDE.COM.BR



Veja mais conteúdo no portal A TARDE e na rádio A TARDE FM

PARA SEMPRE,

“Procuramos viver em união, em espírito de caridade, perdoados uns aos outros as nossas pequenas faltas e defeitos”

IRMÃ DULCE, sobre a relação com o outro

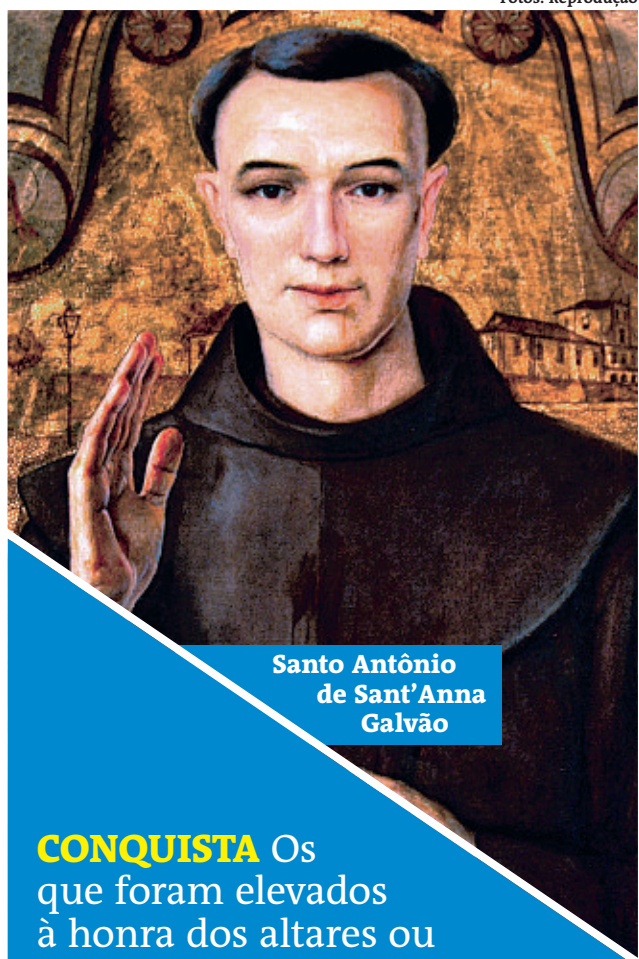


DULCE

Fotos: Reprodução

Massimo Sambucetti / AE / 10.4.2003

Manfred Ferrari / Divulgação / 19.9.2005



Santo Antônio de Sant'Anna Galvão



São João Paulo II

Abmael Silva / Ag. A TARDE / 6.10.1987



Santa Dulce dos Pobres



Santa Madre Teresa de Calcutá



Beata Irmã Lindalva Justo

CONQUISTA Os que foram elevados à honra dos altares ou estão próximos têm histórias ligadas ao estado

BAHIA É A TERRA QUE EXERCE ATRAÇÃO PARA SANTOS

CLEIDIANA RAMOS

A Kirimurê dos índigenas, reentrância de águas tranquilas e belas, foi rebatizada na expedição que a revelou para outros mundos como Baía de Todos-os-Santos. O nome ficou tão forte que virou a denominação de uma reunião de localidades que formam hoje um estado marcado pela diversidade religiosa e que recebeu visitas ou foi o endereço de santos: a Bahia.

Da lista, a protagonista é Santa Dulce dos Pobres, que no próximo dia 13 será oficializada como a primeira brasileira, na história contemporânea da Igreja, a entrar numa categoria mais que especial para os católicos.

Os recentemente canonizados São João Paulo II (2014) e Madre Teresa de Calcutá (2016) visitaram a capital baiana e, inclusive, tiveram encontros marcantes com Irmã Dulce.

O primeiro santo brasileiro, Antônio de Sant'Anna Galvão, também conhecido como Frei Galvão, viveu em terras baianas pouco antes de iniciar os estudos para se tornar um religioso. Natural de Guaratinguetá, São Paulo, ele estudou no Colégio de Belém, município de Ca-

choeira, de 1752 a 1756. Em Belém fica um santuário dedicado à sua devoção.

Beata e candidata

A lista inclui ainda a beata Lindalva Justo. Integrante da Congregação Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo e natural de Açú, no Rio Grande do Norte, Irmã Lindalva chegou a Salvador para trabalhar no Abrigo Dom Pedro II, onde foi assassinada no feriado de Sexta-feira da Paixão, em 1993, com 44 perfurações de faca.

E agora há mais uma so-

teropolitana prestes a ser formalizada como candidata à honra dos altares: Madre Vitória da Encarnação. Membro da Ordem de Santa Clara, as chamadas clarissas, Madre Vitória viveu no Convento de Santa Clara de Desterro, localizado no bairro de Nazaré. Ela morreu aos 54 anos, em 1715, e já com a chamada "fama de santidade". O processo de Madre Vitória vai ser aberto, na fase diocesana, oficialmente, em novembro deste ano.

"Salvador teve e tem uma graça e um privilégio, pois aqui praticamente pode-se dizer que começou o Brasil. Como é uma história longa e muito rica, nós sempre tivemos a graça de ter muitos missionários aqui atuando e também no interior da Bahia", analisa o arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Murilo Krieger.

Diversidade

Professor-doutor na Universidade Católica do Salvador (Ucsal), frei Jorge Rocha aponta que a Igreja não trabalha com a ideia de

coincidência. "Nós acreditamos no desígnio de Senhor. Não é uma previsão de tudo que vai acontecer, mas uma cumplicidade amorosa. Então nós temos algo de mística do estado, a religiosidade, a espiritualidade que o baiano tem, o que de certa maneira é atrativo mesmo. O cristão deve mesmo ser uma atração para o outro", diz frei Jorge Rocha.

Ele destaca a diversidade não apenas do ponto de vista de várias religiões presentes no estado, mas a riqueza de devoções, como a de Bom Jesus da Lapa, no município homônimo; em Milagres (Nossa Senhora dos Milagres); Bom Jesus da Passagem, em Pojuca; e tantas outras. Esta avaliação está em harmonia com a análise do doutor em antropologia e professor da Universidade Federal da Ba-

hia (Ufba) Wilson Caetano de Souza Júnior.

"Os cultos aqui são muito peculiares, como o de São Cosme e São Damião", afirma Souza Júnior. Ele destaca as igrejas distribuídas pelo estado em que é muito forte a presença de romarias – como em Bom Jesus da Lapa –, mas também de templos devotados aos milagres. É o caso da fonte que, de acordo com os devotos, cura as doenças dos olhos e fica na Igreja de Nossa Senhora do Pilar e Santa Luzia em Salvador. "A própria Igreja do Bonfim é um grande ex-voto", diz.



Madre Vitória da Encarnação



O BISPO DA CAUSA DOS SANTOS

Dom Murilo Krieger tem uma atividade pastoral marcada pela proximidade com a causa dos santos. Era arcebispo de Florianópolis, em 2002, quando Madre Paulina, que morou em Santa Catarina, foi canonizada; na beatificação de Irmã Dulce, em 2011, já era arcebispo de Salvador. Este ano vai acompanhar a canonização do Anjo Bom da Bahia e instalar a causa de outra baiana: Maria Vitória da Encarnação

Raul Spinassé / Ag. A TARDE



IRMÃ CLARISSA PODE SER A NOVA BAIANA A ALCANÇAR A HONRA DOS ALTARES

Longo que assumiu a Arquidiocese de Salvador, dom Murilo Krieger ouviu que havia um processo aberto para a beatificação de madre Vitória da Encarnação (1661-1715). Após consultar a Congregação para a Causa dos Santos, o arcebispo foi informado de que não havia ação de canonização em andamento, mas poderia instalá-la. Em novembro deste ano, o processo, na fase diocesana, será instalado.

"Os trabalhos estavam para ser iniciados quando as

irmãs clarissas me pediram para assumir a causa porque madre Vitória da Encarnação era dessa ordem. Elas têm 21 conventos no Brasil. Achei uma excelente ideia. Tudo indica que teremos mais uma futura bem-aventurada ou santa", afirma dom Murilo Krieger.

Caridade

Além de ser devotada à oração, madre Vitória da Encarnação era profundamente apegada à caridade. Durante uma epidemia de varíola,

conseguiu que três das suas irmãs de ordem ficassem sob os seus cuidados, sem se importar com o contágio. Todas sobreviveram.

A trajetória da religiosa impressionou dom Sebastião Monteiro da Vide (1643-1722), que foi arcebispo de Salvador. Cinco anos após a morte da religiosa, ele publicou o livro *História da Vida e Morte da Madre Soror Victoria da Encarnação – Religiosa Professora no Convento de Santa Clara do Desterro da Cidade da Bahia*.

WWW.ATARDE.COM.BR

Confira mais conteúdo sobre a relação entre a Bahia e santos no portal A TARDE

PARA SEMPRE,

“A minha política é a do amor ao próximo”

IRMÃ DULCE, sobre questões sociais



DULCE

SUSANA REBOUÇAS

Irmã Dulce sempre foi dona de um carisma extraordinário. Antes mesmo da oficialização como santa, já era celebrada como tal entre o povo. Seus admiradores compõem um grupo bem diverso e a indústria cultural a absorveu como protagonista em variadas linguagens e produtos: livros, peças de teatro, documentários, música e até mesmo uma ópera.

Em 1982, por exemplo, a atriz Yoná Magalhães interpretou a religiosa, já extremamente conhecida na Bahia por sua obra de assistência aos pobres e doentes em “Irmã Dulce”, episódio da série documental “Caso Verdade”. A produção exibida pela Rede Globo, durante as tardes, no período de 1982 a 1986, contava, em episódios de 25 minutos e em cinco capítulos, histórias reais, enviadas pelo público e que eram consideradas inspiradoras ou de superação.

“Irmã Dulce é uma unanimidade brasileira”, afirma o jornalista e editor do BuzFeed News, Graciliano Rocha, 42 anos. Rocha é autor do livro *Irmã Dulce, a santa dos pobres*, lançado no último dia 23 em Salvador.

Rocha passou oito anos se dividindo entre o trabalho como jornalista na Folha de S.Paulo e pesquisas sobre a trajetória de Irmã Dulce. Foram mais de 100 entrevistas realizadas para contar a história da religiosa.

A admiração por Irmã Dulce, de acordo com ele, surgiu quando foi cobrir a missa de beatificação da religiosa em 2011.

O livro conta a história da Santa Dulce com detalhes sobre a sua infância, o amor por futebol, o início da vida religiosa e como ela fez de um galinheiro a sede das Obras Sociais Irmã Dulce (Osid).

Outra biografia sobre a primeira santa brasileira contemporânea está sendo preparada pelo jornalista baiano Valber Carvalho, 59 anos. O livro será dividido em dois volumes: o primeiro será lançado em dezembro deste ano.

Ao longo de seis anos de pesquisa, Carvalho reuniu 12 mil documentos e realizou mais de 500 entrevistas. “Hoje eu me sinto mais espiritualizado e com a missão de trazer novos detalhes para uma história já bem contada”, explica.

Vizinha

Quando criança, Margareth Menezes foi vizinha do Hospital Santo Antônio, e o contato com Irmã Dulce era diário. “A gente pedia a bênção, mas não entendia muito bem quem ela era. Minha

INSPIRAÇÃO Histórias impressionantes da trajetória de Irmã Dulce para amparar pobres e doentes deixados à própria sorte têm sido um caminho para a criação de artistas das mais variadas áreas

VIDA DE DEDICAÇÃO AO OUTRO INSPIRA INDÚSTRIA CULTURAL

Divulgação / Ag. A TARDE

Joá Souza / Ag. A TARDE

Divulgação



Margareth Menezes irá participar da canonização de Irmã Dulce no Vaticano



Graciliano Rocha lançou livro contando a trajetória de Santa Dulce



Roberto Laborda compôs uma ópera em homenagem à santa

PAULO COELHO RECEBEU DA SANTA UM BILHETE SALVADOR

Um dos depoimentos recebidos por Graciliano Rocha para o livro “Irmã Dulce” foi do escritor Paulo Coelho. Após fugir de um sanatório, onde havia sido colocado para tratar “rebelia”, faminto e perdido em Salvador, ele foi orientado a procurar Irmã Dulce. Ela o ajudou a voltar para casa, entregando-lhe um bilhete, escrito à mão, que funcionaria como uma passagem de ônibus e uma quantia em dinheiro para que pudesse se alimentar. Mesmo não acreditando que o bilhete pudesse funcionar, Coelho foi até a rodoviária, onde embarcou de volta para o Rio de Janeiro.

mãe tinha mais consciência sobre a importância dela”, afirma Margareth.

Uma das histórias dessa aproximação que mais marcaram a cantora foi quando um dos doentes pulou o muro que separava a casa da cantora do hospital e acabou picado por uma cobra.

“Minha mãe impediu que eu e meus irmãos assistíssemos à morte do homem, mas vimos Irmã Dulce rezando por ele”, relata. Margareth também chegou a visitar Irmã Dulce, ao lado de sua mãe, durante um de seus períodos de internação hospitalar.

Agora, a cantora é embaixadora das Obras Sociais Irmã Dulce (Osid). “Ser embaixadora é propagar as obras, e eu sempre gostei de fazer isso”, explica Margareth Menezes, que irá participar da cerimônia de canonização da religiosa no Vaticano.

BIOGRAFIA DO ANJO BOM DA BAHIA CHEGOU AO CINEMA

Maria Rita Lopes Pontes abriu mão de uma vida confortável para entrar em um convento. Já religiosa, não suportou presenciar o drama de pobres, sobretudo os doentes, deixados à própria sorte.

Dotada de uma força de vontade fora do comum, invadiu casas abandonadas e foi perseguida pelos proprietários, desafiou o poder

público até que fez de um galinheiro o primeiro abrigo mais tranquilo para eles. A ação cresceu e se transformou em uma impressionante obra social.

Uma história como essa é ouro para uma produção cinematográfica. Assim o filme *Irmã Dulce*, dirigido por Vicente Amorim, chegou aos cinemas em 2014. As atrizes Bianca Comparato e

Regina Braga se revezaram na missão de interpretar a religiosa.

Proximidade

Bianca Comparato afirma que não conhecia detalhes da história de Irmã Dulce até interpretá-la. “Agora, todo ano eu vou à Bahia para visitar seu túmulo, sua igreja e seu hospital”, conta.

A atriz afirma que este é o melhor momento para que Irmã Dulce seja canonizada. “Na atual conjuntura da desigualdade que assola nossa população, receber essa notícia de que o Vaticano reconheceu o segundo milagre feito por Irmã Dulce traz inspiração e confiança no futuro”.

A atriz diz que o reconhecimento da religiosa é uma mensagem de que o amor, o investimento em saúde e as obras sociais são fundamentais para uma humanidade com futuro promissor.



Uma das cenas do filme *Irmã Dulce*, com Bianca Comparato no papel da religiosa

Divulgação / Ag. A TARDE

ÓPERA DE COMPOSITOR BAIANO VAI ESTREAR NA VÉSPERA DA MISSA DE CANONIZAÇÃO

A ópera *Irmã Dulce*, obra escrita pelo maestro e compositor baiano Roberto Laborda, 37 anos, em homenagem a Santa Dulce dos Pobres, será apresentada pela primeira vez em Roma no próximo dia 12. O espetáculo será sediado na Sala Palestrina, no Palazzo Pamphilli, endereço da Embaixada Brasileira em Roma.

A ópera está dividida em dois atos e gira em torno da luta de Irmã Dulce para fundar as obras sociais que levam o seu nome. O espetáculo mostra suas andanças para atender os doentes nas ruas de Salvador até o momento da sua morte. O espetáculo aborda também

um romance entre a sem-teto Gabriela do Rio Vermelho e o nobre Barão Lanat, simbolizando a mistura social e cultural do povo brasileiro.

Silva Sabater, soprano espanhola, que faz parte do Coro de Câmara da Europa, e Carlos Arturo Gómez, tenor colombiano do elenco Teatro Real de Madrid, serão atores do espetáculo.

Empenho

Foram quase dez anos para compor a obra sobre uma história que encanta o compositor. “A minha avó conheceu Irmã Dulce quando era pequena, porque o meu bisavô era amigo do pai dela. Então eu sempre escutei his-

tórias sobre ela. Quando ela morreu, a minha família me incentivou a escrever uma obra, porque eu já estava compondo. Então eu compus a ópera”, conta.

A ópera, que tem como principal a ária denominada *Ave Dulce*, deve chegar ao Brasil e em dezembro será executada em um concerto em Barcelona. “Eu espero que as pessoas possam sentir todo o amor que eu coloquei nela, pensando na grandiosidade de Irmã Dulce”, diz Laborda.

WWW.ATARDE.COM.BR



Confira mais conteúdo no portal A TARDE

EU CONHECI UMA SANTA

RENILDO FERREIRA
Aposentado, 90 anos

SANTIDADE JÁ ERA UMA CERTEZA PARA QUEM A CONHECIA

Tive o privilégio de conhecer pessoalmente a Santa Dulce dos Pobres. Eu trabalhava em uma firma de representação no Comércio aqui de Salvador, chamada Coreal, onde, pessoalmente, Irmã Dulce ia angariar recursos. Ela ficava aguardando em uma sala enquanto preparávamos a doação em forma de cheque. Ao conduzi-la ao gabinete, Ernesto Wolfgang, gerente da firma, dizia-me: Renildo, esta é a Santa da Bahia.

PARA SEMPRE,

O que fazer para mudar o mundo? Amar. O amor pode, sim, vencer o egoísmo”

IRMÃ DULCE, sobre amor



DULCE

COMEMORAÇÃO No Vaticano e em Salvador, os católicos celebram a elevação de Irmã Dulce a um patamar especial: a chamada honra dos altares

VIGÍLIA E MISSAS FESTEJAM A NOVA SANTA CATÓLICA

Paulo Pinto / 16.11.2014



SUSANA REBOUÇAS

A canonização de Irmã Dulce acontecerá no próximo domingo, no Vaticano, às 10h (horário de Roma), em cerimônia que será presidida pelo papa Francisco. Neste momento, ela passará a ser oficialmente chamada de Santa Dulce dos Pobres.

Pelo horário de Brasília, a cerimônia poderá ser acompanhada às 5h, no Santuário de Santa Dulce dos Pobres, localizado no Largo de Roma, em Salvador. Devotos

estarão em vigília desde a noite de sábado.

Festa

Além das celebrações realizadas no Vaticano, a canonização será comemorada na capital baiana no dia 20 de outubro, na Arena Fonte Nova, a partir das 12h30.

Tanto para a participação na cerimônia de canonização no Vaticano quanto para a celebração na Arena Fonte Nova, serão necessários ingressos, que já estão esgotados e tiveram distribuição gratuita.

A programação do dia 20 em Salvador terá apresentações de música e teatro. A missa na Arena Fonte Nova será presidida pelo arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Murilo Krieger.

Entre as atrações estão Margareth Menezes, Waldonys, Saulo, Tuca Fernandes e padre Antônio Maria. O espetáculo *Império de Amor* contará com 650 atores, sendo 550 crianças e adolescentes do Centro Educacional Santo Antônio (Cesa), núcleo de educação da Osid.

Elói Corrêa (Gov-BA) / Divulgação / 27.2.2013

CERIMÔNIA DE CANONIZAÇÃO

Dia 13 de outubro Praça São Pedro, Vaticano – Itália

Horário 10h (horário local, 5h pelo horário de Brasília). Os portões da praça serão abertos às 7h (local). A cerimônia será transmitida no Santuário

PRIMEIRA MISSA EM HONRA A SANTA DULCE DOS POBRES

Dia 14 de outubro Basílica Sant'Andrea della Valle, Corso Vittorio Emanuele II, Roma - Itália

Horário 10h (horário local) e 5h (horário de Brasília)

CELEBRAÇÃO PELA CANONIZAÇÃO

Dia 20 de outubro Arena Fonte Nova, Salvador – Bahia

Horário 12h30 (abertura dos portões às 12h)



Comemoração acontecerá na Arena Fonte Nova



Santuário Irmã Dulce exibirá canonização em Roma

Uendel Galter / Ag. A TARDE / 26.5.2019

INGRESSOS JÁ PODEM SER RETIRADOS EM SALVADOR E NO VATICANO

A oficialização da santificação de Irmã Dulce, realizada no Vaticano, e a primeira celebração em Salvador só poderão ser assistidas por quem adquiriu os ingressos disponibilizados gratuitamente pelas Obras Sociais Irmã Dulce (Osid). As entradas já estão esgotadas. Já para a primeira missa, que acontecerá no dia 14 de outubro, na Basílica Sant'Andrea della Valle, no Corso Vittorio Emanuele II, em Roma, às 10h (local), não é necessário ingresso para acesso.

Além disso, no dia 12 de outubro, devotos, admiradores e funcionários da Osid estarão em vigília no Santuário Irmã Dulce, aguardando a oficialização da ca-

nonização, que acontece no dia seguinte.

Acesso

Crianças a partir de 2 anos precisarão de ingresso para acesso ao evento na Arena Fonte Nova, no dia 20. Não será permitida a entrada de comidas e bebidas.

Para o acesso ao interior do estádio também estão proibidos objetos que possam cortar ou perfurar, substâncias tóxicas, fogos de artifício e inflamáveis em geral, armas de qualquer tipo, hastas de selfie, guarda-chuvas, cartazes, bandeiras, revistas, máquinas fotográficas com lentes intercambiáveis e filmadoras. Informações em <https://irma-dulce.org.br/>.

PRAÇA SÃO PEDRO

Para o evento do dia 13, na Praça São Pedro, no Vaticano, os ingressos poderão ser retirados nos seguintes locais:

CONSULADO GERAL DO BRASIL EM ROMA, NA ITÁLIA, até o dia 11 de outubro (sexta-feira), das 8h30 às 14h30, na Piazza di Pasquino, nº 8

IGREJA SANTA MARIA DELLA LUCE, EM ROMA, de hoje até o dia 12 de outubro (sábado), das 9h às 13h e das 15h às 19h, na Via della Luce, bairro de Trastevere

COLÉGIO PIO BRASILEIRO, EM ROMA, de hoje até o dia 12 de outubro (sábado), das 8h às 19h, na Via Aurelia, 527

LIVRARIA PAOLINE, EM ROMA, de 10 a 12 de outubro, das 9h às 13h e das 15h às 18h, na Via del Mascherino, 94

LIVRARIA EDITRICE VATICANA, NA CIDADE DO VATICANO, também de 10 a 12 de outubro, das 9h às 12h e das 14h às 18h, na Piazza Pio XII, 4

LIVRARIA ANCORA, EM ROMA, de 10 a 12 de

outubro, das 9h às 12h e das 14h às 18h, na Via della Conciliazione, 63

ARENA FONTE NOVA

Os ingressos para a celebração no dia 20, em Salvador, já podem ser retirados nas paróquias da Arquidiocese de Salvador.

WWW.ATARDE.COM.BR



Confira mais conteúdo no portal A TARDE

EU CONHECI UMA SANTA

JOSEFA MENDONÇA
Aposentada

Conheci Irmã Dulce nos anos 80, na escola que ela criou em Simões Filho. A obra já era grandiosa e seus feitos já se espalhavam pela Bahia. Eu fui lá levar um garoto rejeitado pela família. A mãe dele era uma amiga de infância que tinha outros filhos. Levei a criança e fui conversar com ela. Naquele dia conheci o máximo do amor ao próximo e me perdi naquele olhar, que tinha uma luz especial, rara e única. Eu tinha certeza de que ela era uma santa desde aquele momento em que pude falar com ela pessoalmente.

IRMÃ DULCE TINHA UM OLHAR QUE TRANSMITIA UMA LUZ ESPECIAL

CLÁUDIO GALRÃO
Aposentado

LIGAÇÃO ERRADA VIROU CERTEZA DE AUXÍLIO PARA A CURA

Estava deitado e com febre por causa de uma gripe quando o telefone tocou. Quando atendi senti algo diferente, uma voz meio rouca e frágil que me indagou: "Dr. Cláudio, o senhor pode vir aqui?" Fiquei sem entender, pois me chamo Cláudio, mas não sou doutor. Então eu perguntei: "Quem fala?" E ela respondeu: "Irmã Dulce". Eu deduzi que ela me ligou por engano e, após explicar sobre o erro, ela me pediu desculpas. Nunca mais esqueci daquele dia, pois logo depois senti que minha febre passou.

LAURENTINO FREITAS
Professor

A RELIGIOSA NUNCA NEGOU ATENDIMENTO AOS DOENTES

Em 1983 cheguei a Salvador com um familiar que estava com tuberculose. Ele foi rejeitado por diversos hospitais. Voltei a um dos hospitais e estava tão desesperado que invadi procurei o médico plantonista. Ele então sugeriu: "Por que não procura Irmã Dulce?" Liguei de um orelhão. A Irmã atendeu. A voz dela era tão serena que senti a sensação de que aquele som era muito mais que uma voz humana. Então, ela me disse para levar o paciente. Obrigada por existir, Irmã Dulce. Deus lhe pague.

PARA SEMPRE,

“Sempre que puder, fale de amor e com amor a alguém. Faz bem aos ouvidos de quem ouve e à alma de quem fala”

SANTA DULCE DOS POBRES



DULCE

CLEIDIANA RAMOS

Enviada especial do Grupo A TARDE a Roma

É hoje a grande festa que interessa especialmente aos baianos: a canonização de Santa Dulce dos Pobres. A cerimônia acontece às 10h, em Roma, equivalentes às 5h do Brasil. Presidida pelo papa Francisco, a missa inclui também a declaração como santos dos beatos John Henry Newman, inglês, fundador do Oratório de São Felipe Neri, na Inglaterra; Margarida Bays, suíça, terciária da Ordem de São Francisco de Assis; Josefina Vannini, italiana, fundadora das Filhas de São Camilo e Maria Teresa Chiramel Mankidiyan, indiana, fundadora da Congregação das Irmãs da Sagrada Família.

Ontem, foi dia de ensaio geral da celebração, mas com participação restrita, inclusive para profissionais de mídia. O objetivo foi resguardar algumas das surpresas preparadas.

Para a participação relacionada a Irmã Dulce estiveram presentes o arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Murilo Krieger; a superintendente das Obras Sociais Irmã Dulce e sobrinha da religiosa, Maria Rita Pontes; a irmã da nova santa, Ana Maria da Silva Carneiro Lopes Pontes; o presidente do Conselho da Osid, Angelo Calmon de Sá, e os artistas que irão se apresentar na cerimônia: Margareth Menezes, Waldonys e o padre Antônio Maria. O músico José Maurício Bragança Moreira participará de um outro momento da missa, pois foi o receptor do milagre que permitiu a oficialização da canonização ao ser curado de uma cegueira que durava 14 anos. “Não tem nem como explicar a emoção de estar aqui. Gratidão, alegria e fé são as palavras que eu tenho. Nunca percam a fé, porque eu sou um exemplo vivo de que a fé em Irmã Dulce e em Deus nunca deve acabar”, disse Moreira.

O arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Murilo Krieger, também destacou a emoção antecipada.

ROMA Irmã Dulce é canonizada às 10h (5h no horário de Brasília) em missa presidida pelo papa, que inclui declaração como santos de quatro beatos

O ANJO BOM DA BAHIA É A SANTA DULCE DOS POBRES



Walmir Cirne / Ag. A TARDE

Cleidiana Ramos / Ag. A TARDE



Margareth, d. Murilo, Maria Rita e fiéis no Vaticano

Ensaio da cerimônia teve acesso limitado

Músico José Maurício recebeu milagre que permitiu a oficialização da canonização

Participação restrita a ensaio visou resguardar surpresas para a cerimônia de hoje

CELEBRAÇÃO TEM RITO ESPECÍFICO, QUE ENVOLVE VÁRIOS DETALHES LITÚRGICOS

A liturgia é uma área especial da teologia católica. Repleta de detalhes, nada que ela indica é por acaso e o seu conjunto envolve de beleza os vários ritos. Em uma celebração onde ocorre a canonização de santos há vários detalhes litúrgicos que merecem atenção.

Após o início da missa, o prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, o cardeal Giovanni Angelo Becciu, irá apresentar dos beatos que serão canonizados. Em seguida vem a ladainha

de todos os santos. Logo após há a proclamação da fórmula de canonização, que é recitada em latim. “Quando o papa faz esta proclamação é o momento solene. Por que é feita em latim? Porque o latim ainda é a língua oficial da Igreja”, explica o frei Jorge Rocha, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFM Cap), e professor-doutor da Universidade Católica do Salvador (UCSal).

Após este momento, há um canto de comemoração, uma espécie de Te Deum, que é um

agradecimento a Deus. “Em seguida o cardeal-prefeito agradece ao papa e segue-se à formulação canônica jurídica, que é uma carta apostólica onde os santos são de fato reconhecidos”, completa frei Jorge Rocha.

Descerramento

O rito inclui o descerramento das imagens dos santos que, geralmente, começam cobertas. A partir daí a missa segue o seu rito rotineiro: leituras, sermão, ofertório e consagração da Eucaristia.

FIÉIS OCUPAM SANTUÁRIO EM VIGÍLIA MARCADA PELA DEVOÇÃO À FREIRA

BRUNA ANDRADE*

A freira conhecida “Anjo Bom da Bahia” se tornará hoje a primeira santa nascida no Brasil e passará a ser chamada de Santa Dulce dos Pobres, tendo como data litúrgica o dia 13 de agosto.

Em um país de forte tradição católica como o Brasil, a importância do acontecimento podia ser medido na quantidade de pessoas - baianos e turistas - que visitaram o memorial e santuário no Largo de Roma, Cidade Baixa, durante todo o sábado, com uma vigília programada para acontecer até a manhã de hoje.

O pernambucano Adalberto Souza, de passagem pela capital baiana, aproveitou o feriado para visitar o santuário. “Fiz meus pedidos e pretendo sempre recorrer a ela. A admiração por ser uma pessoa que só fez o bem e cuidou das pessoas doentes sem nenhum recurso”, afirma. Da mesma forma pensa Maria de Lurdes dos Santos, voluntária da congregação de Irmã Dulce há dois anos. “Pretendo continuar nesse trabalho e usar essa inspiração de amor e gratidão na minha vida”, diz,

* SOB A SUPERVISÃO DA JORNALISTA RITA CONRADO



Movimento grande de fiéis na Osid ontem

Proclamação da fórmula de canonização é recitada em latim, que ainda é a língua oficial da Igreja

Baiana, a primeira santa nascida no Brasil terá como data litúrgica o dia 13 de agosto

PARA SEMPRE,

“Sempre que puder, fale de amor. Faz bem aos ouvidos de quem ouve e à alma de quem fala”

IRMÃ DULCE

DULCE

A TARDE

www.atarde.com.br

BAHIA E SERGIPE: R\$ 3,50
OUTROS ESTADOS: R\$ 7,00

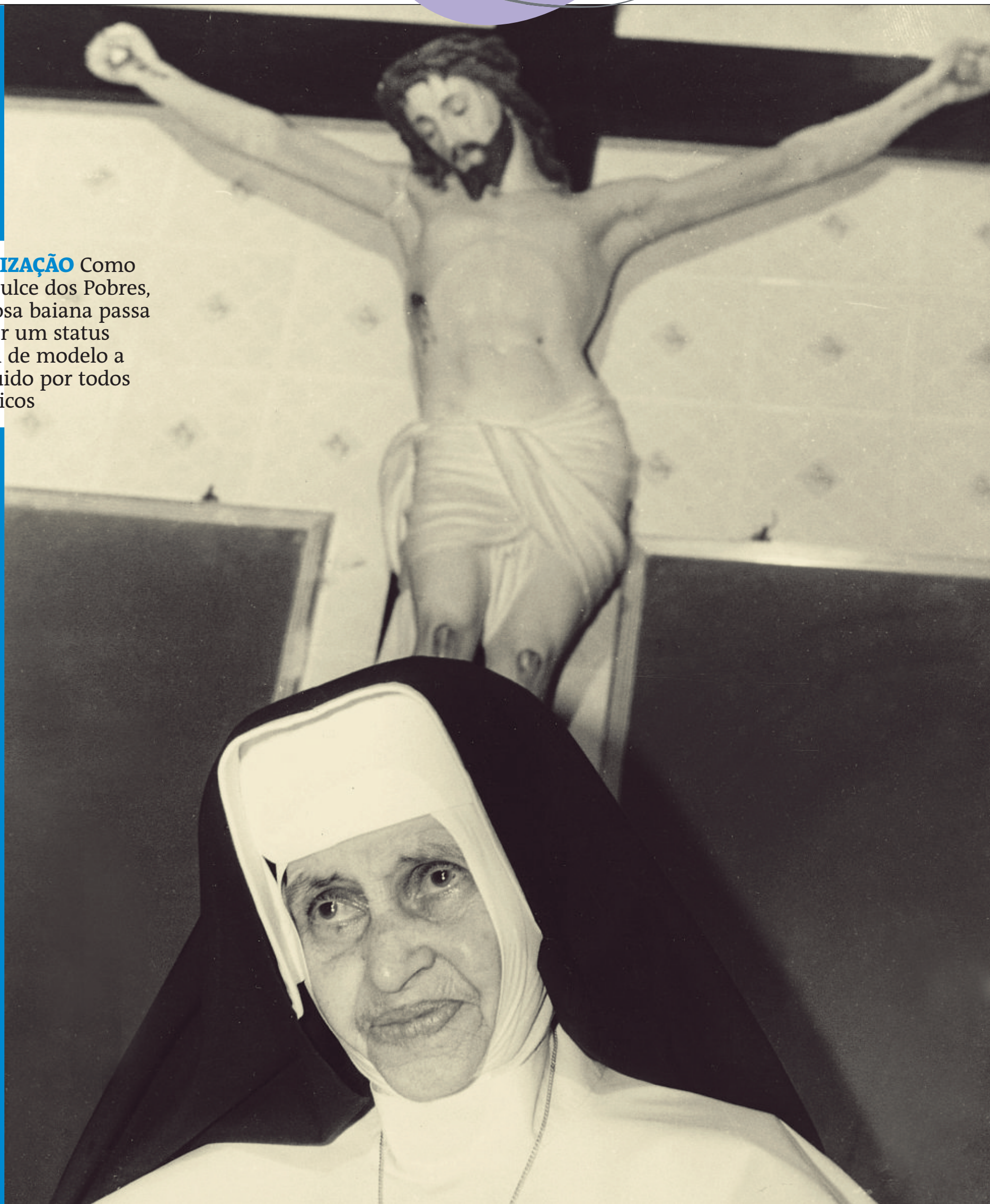
FECHAMENTO: 20h20

FUNDADOR: ERNESTO SIMÕES FILHO

Salvador, Domingo,
13 de outubro de 2019

ANO 107 / Nº 36.701

CANONIZAÇÃO Como Santa Dulce dos Pobres, a religiosa baiana passa a ocupar um status especial de modelo a ser seguido por todos os católicos



Arquivo A TARDE / 25.9.1989

O MUNDO ABRAÇA O ANJO BOM DA BAHIA

CLEIDIANA RAMOS

Canonização é uma celebração da memória. É por meio deste processo longo e cuidadoso – são várias fases nas dioceses locais e no âmbito da administração central da Igreja Católica, situada no Vaticano, Itália – que mulheres e homens são apontados como exemplos de vivência de fé a ser seguidos. Neste processo, a ciência também tem espaço garantido, afinal um dos requisitos para a declaração de alguém como santo é ter realizado a intercessão para um

milagre que, dentre outras características deve ser preteratural, ou seja, desafiar a racionalidade.

Hoje, Irmã Dulce entra para uma seleta lista de registro na memória de uma instituição que superou a marca de dois milhões. Seu nome está a marca de mesmo patamar que o de Santo Antônio, de quem era devota e de São Francisco, de quem se aproxima pelo amor aos pobres. Coincidentemente, é um papa que homenageou para o seu governo o santo de Assis que irá presidir a cerimônia de canonização que faz não apenas a Bahia, terra de origem, mas o

Brasil entrar de forma especial para a história do catolicismo.

A história da mulher que transformou o galinheiro de um convento na sede de impressionante obra social que dá assistência em várias especialidades médicas, mas também administra hospitais e tem ações na educação integral e profissionalizante, agora chega a um patamar universal. Irmã Dulce não é, a partir de hoje, o anjo bom apenas da Bahia. Seu exemplo de empatia e total entendimento de como é importante chamar a atenção para os invisíveis ou esquecidos – pobres e ainda por cima doentes – sai

do âmbito local e ganha uma narrativa agora bem mais global. Santa Dulce dos Pobres tem a biografia ideal, quando até no futebol é lembrada, para o projeto dos chamados santos modernos do agora também santo São João Paulo II: é muito próxima de homens e mulheres que caminham e ainda caminham no mundo, atuando nas causas que fazem da fé proximidade com o sagrado, mas também algo muito humano.

WWW.ATARDE.COM.BR



Confira mais conteúdo no portal A TARDE

PARA SEMPRE,

“No coração de cada homem, há sempre uma semente de amor prestes a brotar”

IRMÃ DULCE sobre amor



DULCE

FUTEBOL O argentino San Lorenzo orgulha-se da paixão que o papa assume por ele. Mas o clube baiano desponta em uma categoria mais que especial

YPIRANGA É AGORA O TIME QUE TEM SANTA TORCEDORA



‘O mais querido’ era o time do povo no início do século XX

Fotos: Arquivo A TARDE



A relação de Irmã Dulce com o futebol foi intensa durante o período de 1921 a 1927

CLEIDIANA RAMOS

O papa Francisco é torcedor confesso do San Lorenzo, time argentino. Campeão da Copa Libertadores na edição de 2014, o clube ficou conhecido como o “time do papa”. Mas o baiano Ypiranga é o único no Brasil, talvez no mundo, que tem uma torcedora declarada santa: Irmã Dulce. O clube já estuda transformá-la em sua padroeira, lugar que atualmente é ocupado por Santo Antônio, de quem Dulce dos Pobres era devota.

“Estamos estudando esta questão e vamos conversar com as Obras Sociais Irmã Dulce (Osid)”, diz o presidente do clube, Valdemar Filho, que tem mandato até 2020. Atualmente o Ypiranga está na segunda divisão do Campeonato Baiano.

A relação de Irmã Dulce com o futebol foi intensa durante o período de 1921 a 1927. Após a morte da esposa, o pai de Irmã Dulce, Augusto Lopes Pontes, transformou a ida ao Campo da Graça, onde aconteciam as partidas de futebol, em um programa de família.

“Esse foi o seu programa de infância. Depois, a partir dos 13 anos, começa a sua relação mais forte com a re-

ligião até a sua entrada no convento”, avalia o jornalista Graciliano Rocha, autor de *Irmã Dulce, a Santa dos Pobres*, uma biografia da religiosa lançada em setembro deste ano.

Mística

Para o professor de história aposentado e ex-presidente do Ypiranga Bernardo José Improta, é compreensível a escolha de Irmã Dulce ter recaído sobre o Ypiranga. “O time tem o carisma de ser um clube que tinha jogadores e torcedores de todas as camadas sociais. Era o time do povo”, aponta.

Conhecido como “O mais querido”, o Ypiranga foi fundado em 1906, na Rua da Ajuda. Alfaiates, barbeiros e trabalhadores da estiva estiveram envolvidos na cria-

O amor por futebol foi herança do pai, que levava os filhos para assistir a jogos aos domingos



O clube soma 10 títulos baianos, o último em 1951

ção do clube. “As cores eram o verde e o amarelo. Numas ocasiões em que se necessitou renovar o material esportivo, as camisas vieram em amarelo e preto, e assim estas ficaram como as cores do clube”, diz Improta.

Para o doutor em educação Jaime Sodré, a troca de cores veio para coroar uma tendência que já estava se consolidando na história do clube. “O Ypiranga é um clube com origem nas camadas populares. Sua identidade é operária e negra. Nada mais justo que ele se tornasse então um aurinegro, ou seja, o ouro negro”, destaca Sodré.

Além de Santa Dulce dos Pobres, o Ypiranga tem na sua lista de torcedores ilustres Jorge Amado, Dorival Caymmi e mestre Pastinha. Mesmo estando na segunda

divisão, são vários os torcedores que continuam a ter identificação com “O mais querido” por conta da sua história.

Foi no Ypiranga, por exemplo, que despontou o *center half*, como se chamava um médio-volante, mas que sabia fazer gols como um atacante: Apolinário Santana, conhecido como Popó. “Ele era o Pelé baiano”, diz Improta.

Para Sodré, andam faltando homenagens para Apolinário, um morador ilustre do hoje Engenho Velho da Federação, lembrança que está sedimentada apenas no empréstimo do seu nome para a rua principal. “E isso quando o povo já está esquecendo e chamando o local apenas de o ‘Engenho’”, acrescenta Sodré.

EM ÁREA ONDE A PAIXÃO É COMBUSTÍVEL, O APELO AO SAGRADO TEM ESPAÇO SEMPRE GARANTIDO

Torcer para um time de futebol significa também flertar com o ambiente místico. A escolha por um clube desafia a racionalidade, mesmo que no campo os técnicos se esforcem por esquemas táticos e estatísticas para evitar fracassos.

Mas para enfrentar o imponderável – o time que não era favorito pode ganhar um campeonato, por exemplo – a religiosidade se apresenta, geralmente por iniciativa da torcida. A identificação do Flamengo com São Judas Tadeu, seu padroeiro, é tamanha que o Dia do Flamenquista é comemorado no dia da festa do santo – 28 de outubro – e não na data de fundação do clube.

E na Bahia de diversidade mística, o Ypiranga tem muita força. “Santo Antônio é o padroeiro do clube”, conta Bernardo Improta, ex-presidente do clube. O santo é extremamente popular na Bahia. Improta também aponta que o time ganhou títulos em anos terminados em nove: 1919, 1929, 1939 e 1949. Em 2019 sua torcedora ilustre será canonizada. Vale também lembrar que 9 é o número de uma orixá muito popular: Iansã.

A religiosa era fã do jogador Apolinário Santana, conhecido como Popó

Joá Souza / Ag. A TARDE / 1º.10.2019



Bernardo Improta, ex-presidente do Ypiranga

PARA SEMPRE,

“A minha política é a do amor ao próximo”

IRMÃ DULCE



DULCE

SUSANA REBOUÇAS

Um grande hospital em Salvador e mais três unidades hospitalares sendo assistidas na Bahia. Um centro educacional que educa e leva cultura e empreendedorismo para mais de 700 crianças e adolescentes, uma panificadora que produz 54 toneladas de pães por mês, uma capela e um santuário contando toda a sua história.

O trabalho social de Irmã Dulce começou acolhendo pessoas desamparadas em um galinheiro, ao lado do Convento Santo Antônio, autorizada pela superiora Gaudência Fontes de Noronha. O pedido aconteceu depois de ser expulsa por três vezes de lugares abandonados pelos donos e de prédios da prefeitura.

Atualmente, as Obras Sociais Irmã Dulce (Osid) seguem a missão

EMPREENDEDORISMO A habilidade em gestão da religiosa deu origem ao que hoje é uma das maiores obras sociais do Brasil

IRMÃ DULCE FEZ DE GALINHEIRO UMA GRANDE OBRA SOCIAL

deixada por Irmã Dulce, que é “amar e servir ao próximo, oferecendo atendimento gratuito na saúde, educação e assistência social”.

Desde criança, quando incenti-

vada pela tia Maria Magdalena, que já era frequentadora assídua da Igreja Católica. Magdaleninha, como era conhecida, arrecadava donativos e distribuía roupas e comidas em bairros pobres de Sal-

vador. Quando Irmã Dulce, ainda Maria Rita Lopes Pontes, fez 13 anos, a tia decidiu levá-la para conhecer a pobreza existente nas casinhas aglomeradas do bairro do Tororó, nos arredores do dique. A

partir deste momento, a ainda menina Maria Rita decide abandonar as brincadeiras nas ruas da Rua da Independência, no bairro de Nazaré, onde cresceu, para iniciar seus cuidados aos pobres, fazendo da porta de sua casa um ponto de assistencialismo.

Mais tarde, quando retornou de Sergipe, Irmã Dulce iniciou suas andanças pela Cidade Baixa e seu trabalho com os pobres abandonados da comunidade dos Alagados, no bairro da Liberdade. Foi através de coragem e amor que a religiosa iniciou sua vida de empreendedorismo, fazendo questão de reiterar todo o tempo que sua obra era de Deus e que ela era apenas um instrumento.

WWW.ATARDE.COM.BR



Confira mais conteúdo no portal A TARDE

HOSPITAL REÚNE HOJE O MAIOR NÚCLEO DA OBRA DA SANTA

2,2

milhões de procedimentos realizados somente no Hospital Santo Antônio, em Salvador

787

crianças e adolescentes atualmente atendidas no Centro Educacional Santo Antônio

O hospital conhecido como Hospital de Irmã Dulce fica localizado na Av. Dendezeiros do Bonfim, no bairro do Bonfim, na Cidade Baixa, onde também está localizada a sede da Osid, ao lado da Capela e do Santuário Irmã Dulce. No local, ainda encontram-se o Memorial e o Dulce Café.

O hospital nasceu como hospital-albergue no galinheiro ao lado do Convento Santo Antônio, no Largo de Roma, depois de ter passado por inúmeros lugares abandonados de Salvador e depois de diversos embates entre governantes e a religiosa. Como contam relatos, Irmã Dulce, na maioria das vezes, tratava ela mesma dos ferimentos dos recém-chegados e do apoio espiritual dos doentes já desengana- dos. Prima da religiosa, Terezinha Lopes Pontes Simões, 88, lembra-se do dia em que Irmã Dulce fez um parto no jardim do hospital. “Uma moça chegou lá e ela informou que eles não tinham maternidade. Mas ela entrou em trabalho de parto e Irmã Dulce fez o parto dela ali, no jardim do hospital”.

Atualmente, o hospital conta com 954 leitos hospitalares, para o atendimento de patologias clínicas e cirúrgicas, além do Centro Geriátrico, o Hospital da Criança, Unidade de Alta Complexidade em Oncologia, Centro de Acolhimento à Pessoa com Deficiência, Centro Espe-



Hospital engloba 21 das unidades das Obras Sociais Irmã Dulce

cializado em Reabilitação e Centro de Acolhimento e Tratamento de Alcoolistas. São mais de 2,2 milhões de procedimentos realizados apenas no complexo de Roma, em Salvador. Além disso, as unidades de saúde do Hospital do Oeste, em Barreiras, do Eurídice Sant’anna, em Santa Rita de Cássia, e do Hospital Regional Dr. Mário Dourado Sobrinho, em Irecê, são geridas pela Osid.

São mais de 4,3 mil profissionais trabalhando em toda a Bahia. Em Salvador, são três mil funcionários, incluindo 300 médicos e cerca de 300 voluntários. Segundo Sérgio Lopes, 50, assessor corporativo da Osid, o fundamental é seguir o legado deixado por Irmã Dulce. “Todos os atendimentos precisam ser gratuitos. Atualmente, a gente tem o SUS [Sistema Único de Saúde], mas a conta não fecha, e são as doações que fazem a gente manter o leque de serviços não apenas vivo, mas também crescente”, explica.

Além dos atendimentos hospitalares, a Osid também conta com o Centro de Pesquisa Clínica e o Centro de Ensino e Pesquisa Professor Adib Jatene, unidades dedicadas às áreas de pesquisa e ensino em saúde. A entidade responde também pelo Centro de Convivência Irmã Dulce dos Pobres, no Centro Histórico de Salvador, que tem como foco a assistência às pessoas em sofrimento psíquico e em vulnerabilidade social.

CESA ATENDE MAIS DE 700 ALUNOS EM SITUAÇÃO VULNERÁVEL

O Centro Educacional Santo Antônio (Cesa) foi criado por Irmã Dulce em 1964. A religiosa começou a levar crianças e adolescentes para um galpão abandonado pelo governo do estado, criando o orfanato que mais tarde se tornou o Cesa.

O centro fica em Simões Filho e hoje funciona como uma escola em tempo integral, que recebe 357 crianças e 430 adolescentes em situação de vulnerabilidade social para os ensinamentos fundamentais I e II. “Esta é uma forma de acompanhar estas crianças e adolescentes durante o dia e perceber a necessidade de apoio psicossocial”, explica a líder-geral do Cesa, Iêda França, 50.

O centro também oferece oficinas no turno oposto, incentivando a iniciação profissional. “Essas oficinas servem como incentivo ao empreendedorismo. Nós temos casos de alunos que já foram para a Europa por causa da dança iniciada aqui”, afirma a líder do centro.

O Cesa conta com a colaboração de três funcionários que foram adotados por Irmã Dulce. Crispino dos Santos, que é auxiliar de cozinha; Cícero Flávio, auxiliar de classe; e Renato Batista, auxiliar administrativo.

CENTRO DE PANIFICAÇÃO ATENDE A 5 CIDADES DO BRASIL

Criado para ajudar na manutenção do Cesa, desde 1991, o Centro de Panificação produz variados produtos. Também localizado em Simões Filho, ele foi inicialmente pensado para o mantimento das crianças e adolescentes que eram acolhidos por Irmã Dulce, e o que sobrava era vendido para a comunidade. “Ela já tinha esse espírito empreendedor”, explica Iêda França.

Atualmente toda a renda obtida com a venda do panetone Irmã Dulce e dos produtos da linha Dulce Natura é revertida para as atividades do Cesa.

Os produtos são distribuídos no mercado de Salvador, Feira de Santana, Simões Filho e Alagoinhas. Este ano, com o aumento de 50 mil panetones na produção, os produtos também serão vendidos por supermercados em São Paulo, e há previsão que no próximo ano as vendas cheguem a Recife. Dentre os produtos estão pães dos mais variados tipos, os famosos panetones, broas, cookies e brownies. Com a produção aumentando cada vez mais, Iêda França se sente como um soldado que precisa continuar a missão. “A gente tem que ter braço para isso, porque ela tinha”.



Produção de panetones aumentou em 50 mil este ano



O centro educacional funciona em tempo integral

Luciano da Matta / Ag. A TARDE / 8.11.2018

Osid / Divulgação

PARA SEMPRE,

“Obra de Deus não se interrompe, porque Ele não permite”

IRMÃ DULCE, sobre as obras sociais



DULCE

LAÇOS DE AFETO A religiosa contou com a parceria de família e amigos para a construção das Obras Sociais Irmã Dulce

CONVIVI COM UMA SANTA

SUSANA REBOUÇAS

Depois de abdicar de tudo para se dedicar à religião, Irmã Dulce iniciou sua obra partindo de um galinheiro e do amor ao próximo, sentimento que moveu toda a sua vida, e construiu as Obras Sociais Irmã Dulce (Osid). Mas, mesmo dedicada aos seus pobres e enfermos, Irmã Dulce mantinha a preocupação com seus familiares, enviando cartas aos sobrinhos e irmãos e preparando, ela mesma, os cartões de Natal, já que esta era uma das datas comemorativas, que a religiosa já não compartilhava com a família.

A irmã Olívia Lucinda da Silva é da mesma congregação em que Irmã Dulce iniciou a sua vida religiosa e conheceu a santa quando tinha 20 anos, em 1963, numa viagem que fez, vindo de Aracaju com outras colegas de congregação, para conhecer as obras da religiosa. “Quando eu cheguei que eu a vi assim, cansada, parecia frágil, eu disse: eu quero ficar com Irmã Dulce. Eu não pude ficar naquele momento, mas um ano depois eu voltei”, Irmã Olívia continua ajudando a manter a Osid com o legado deixado pela companheira religiosa.

Dentro das inúmeras situações que as duas passaram juntas, irmã Olívia se lembra de quando chegaram dois paralíticos na porta do Hospital Santo Antônio e que Irmã



“Ela me pedia as coisas e eu não sabia como fazer. Mas ela rezava e as coisas aconteciam”

TEREZINHA LOPES, prima



Fotos: Joá Souza / Ag. A TARDE

Dulce pediu que descessem as cadeiras das enfermarias. Sem concordar, ela obedeceu, e em algumas horas chegou uma Kombi com outras duas cadeiras para doação. “A gente já sentia que ela era uma pessoa diferente”. Irmã Olívia acompanhou Irmã Dulce até o momento de sua morte.

Conselheira

Outra parceira foi a prima, Terezinha Lopes Pontes Simões, 88 anos, que aos 7 anos já ia esmolar com Irmã Dulce. Dona Terezinha se lembra de quando Irmã Dulce era adolescente e pedia para as tias para lhe dar meias de algodão no lugar das de seda, para que o troco fosse dado como esmola. “Eram poucos os momentos com a família, eu lembro que o meu pai, Afonso Lopes Pontes, irmão do pai de Irmã Dulce, reclamava dizendo: ‘Mariinha não vem aos aniversários’”, conta.

Uma das ocasiões lembradas por dona Terezinha foi de quando Augusto Lopes Pontes, o pai de Irmã Dulce, na tentativa de fazê-la desistir da vida religiosa, conseguiu um noivo para a filha. “Ela disse para ele: ‘Eu vou me casar com Cristo’”, explica a prima.

Irmã Dulce passou a ser conselheira de Terezinha. Quando a prima ligava para se queixar das ações dos filhos, a freira era compreensiva. “Ela sempre me dizia para ter paciência, que era coisa da idade”, relembra.

“A gente já sabia que ela era diferente. Para mim, ela foi outro Cristo na Terra”

IRMÃ OLÍVIA, companheira nas obras e na religiosidade

IRMÃ DULCE ACOLHEU CENTENAS DE CRIANÇAS NAS RUAS

Quando em 1960 o Hospital-albergue de Irmã Dulce foi inaugurado, além dos enfermos recebidos e amparados pela religiosa, ela passou a receber também os meninos excluídos que viviam pelas ruas de Salvador. Depois do jantar, a religiosa costumava circular pela cidade recolhendo crianças e adolescentes em situação de rua. Mas a hospedagem das crianças e adolescentes acabava em desordem no hospital-albergue, incomodando os doentes no local. Foi assim que, em 1964, Irmã Dulce criou o Centro Educacional Santo Antônio (Cesa), localizado em Simões Filho, para abrigar os órfãos, de quem, naquele momento, tor-

nou-se mãe. Esta é, entre tantas outras, a história de Raimundo Araújo, 50 anos, que hoje é coordenador de recursos humanos das Obras Sociais Irmã Dulce (Osid).

Araújo foi parar no orfanato de Irmã Dulce após a morte da mãe, Maria Creusa, que estava doente e pediu às irmãs que, após sua morte, levassem o filho para o orfanato de Irmã Dulce. “Minha tia já tinha oito filhos, não tinha como ficar comigo”, explica.

O filho de Irmã Dulce, como ele mesmo se considera, viveu no orfanato até os 17 anos, quando recusou o chamado da religiosa para cursar enfermagem e decidiu fazer um curso técnico em contabilidade. “Ela me deu justiça social e uma qualidade de vida que provavelmente eu não teria com a minha família”.

Orientadora

Para orientar seus filhos no orfanato, Irmã Dulce variava as oficinas nas mais diversas áreas. “De vez em quando ela levava um envelope ou um embrulho com o nome de cada um com um trocado. Era a forma de nos ensinar, desde cedo, que o trabalho dignifica o homem”, explica Araújo.

Quando Irmã Dulce morreu, Araújo se viu angustiado, pois, além da perda da segunda mãe, acreditava que as obras acabariam ali. No entanto, logo depois foi convidado por Maria Rita, a sobrinha sucessora da religiosa, para trabalhar no hospital, por onde passou por inúmeros setores até chegar ao núcleo de RH. “É cuidar de quem cuida”, explica.

A RELIGIOSA ORIENTAVA E INTERCEDIA PELA SAÚDE E VIDA DOS PRIMOS E SOBRINHOS

Jana Lopes e Marta Lopes se lembram da relação amorosa com Irmã Dulce



A partir daí, a força espiritual dela passou a ser uma força de fé em mim”

JANA LOPES, prima

“A santidade é um reconhecimento. Mas, para mim, ela é mãe”

RAIMUNDO ARAÚJO, filho

A sobrinha de Irmã Dulce, Maria Marta Lopes Pontes Caldas, 68, assistente social, quase seguiu os passos religiosos da tia. Quando tinha 11 anos, Irmã Dulce perguntou se ela queria ser freira, o que empolgou Maria Marta, que na adolescência abandonou a ideia, mas continuou seguindo os passos sociais da tia. Apesar de conhecer Irmã Dulce, na maior parte da vida, como freira, Maria Marta sempre a viu como tia. “Ela era uma tia muito presente e, mesmo dando conselhos a todos, não era opressora, nem de repreender. Acho que eu nunca vou chamá-la de santa, porque desde pequena que eu a chamo de tia Irmã Dulce”, explica Maria Marta. Sempre ao lado da religiosa,

ela se lembra de quando o Hospital Santo Antônio, onde hoje é voluntária como gerontóloga, foi inaugurado. “Eu ajudei a forrar os leitos, colocar as moringas e a mudar os objetos de lugar”, conta.

Jana Lopes Pontes Simões Mota, 55 anos, empresária, prima em segundo grau de Irmã Dulce, é uma das pessoas que relatam cura intercedida pela santa. Após 30 dias internada, sem um diagnóstico preciso, ela iria passar por uma cirurgia. Foi quando Irmã Dulce foi visitá-la, entregando-lhe a imagem de um Deus Menino, que levou para o centro cirúrgico e guarda até hoje. “Ela vai entrar e sair sem nada acontecer”, dizia a religiosa.



Raimundo Araújo considerava Irmã Dulce a sua segunda mãe



Arquivo pessoal

Arquivo pessoal

PARA SEMPRE,

“O que fazer para mudar o mundo? Amar. O amor pode, sim, vencer o egoísmo”

SANTA DULCE DOS POBRES



DULCE

CLEIDIANA RAMOS

Enviada especial do Grupo A TARDE a Roma

Hoje às 10 horas na Igreja de Sant'Andrea dell'Valle, em Roma, o arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Murilo Krieger, celebra a primeira missa em honra de Santa Dulce dos Pobres. Agora a religiosa baiana e primeira santa brasileira ocupa um lugar especial no catolicismo. O culto à sua memória e os pedidos para intercessão passam a ser possíveis em todo o mundo, devido à canonização em cerimônia realizada ontem, na Praça de São Pedro e presidida pelo papa Francisco. No próximo dia 20, será a vez dos baianos festejarem este momento tão especial na Arena Fonte Nova, em uma programação que inclui espetáculo artístico e missa também com a presidência de dom Murilo.

Ontem, por volta das 7h30 (horário de Roma) à frente dos portões da Praça de São Pedro já se formavam as filas para o acesso. Pontualmente às 10h15, como estava agendado, a missa de canonização começou. Após o início da cerimônia, foi instalado o rito específico com o pedido realizado pelo prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, cardeal Giovanni Angelo Becciu, para que os beatos John Henry Newman, inglês; Irmã Dulce, brasileira; Josefina Vannini, italiana; Maria Teresa Chiramet Mankidiyan, indiana; e Margarida Bays, suíça, fossem canonizados.

Com a anuência do papa, foi entoada a Ladainha de todos os santos, que os novos canonizados agora passarão a integrar. Em seguida, a fórmula jurídica de canonização foi anunciada por Francisco no momento mais emocionante da cerimônia e de maior manifestação do público. Tanto que, durante a oração eucarística, Santa Dulce e os demais já foram proclamados como intercessores, categoria exclusiva dos santos.

O vice-presidente da República, Hamilton Mourão participou da cerimônia acompanhado do presidente do Senado, Davi Alcolumbre (DEM-AP); do presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ); do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), José Dias Toffoli e do

FÉ A religiosa baiana passou a integrar a Ladainha de todos os santos com outros quatro beatos

SANTA DULCE TEM MISSA HOJE UM DIA APÓS A CANONIZAÇÃO

Alberto Pizzoli / AFP



Marcada por forte emoção dos presentes, a missa da canonização da Santa Dulce dos Pobres, realizada pelo Papa Francisco, teve início às 10h15 (horário de Roma)

Cego por 14 anos, o miraculado voltou a enxergar depois de um pedido a Dulce

procurador geral da República, Augusto Aras. O governador da Bahia, Rui Costa (PT-BA), também esteve presente assim como o prefeito de Salvador, ACM Neto (DEM-BA) e uma comitiva formada por deputados e se-

nadores brasileiros. Herdeiro do trono inglês, o Príncipe Charles participou da cerimônia devido à canonização do cardeal Newman.

Emoções e reencontros

“Agora a gente pode dizer com muito orgulho e alegria: Santa Dulce rogai por nós”, disse Maria Rita Lopes Pontes, superintendente das Obras Sociais Irmã Dulce (Osid) e sobrinha da nova santa. Durante a cerimônia ela entregou ao papa Francisco uma imagem de Santa Dulce dos Pobres. “Quando ele recebeu se emocionou e disse que era a primeira santa brasileira”, completou.

O músico José Maurício Moreira foi um dos inte-

grantes da procissão do ofertório. Ele entregou ao papa Francisco um dos recipientes com as hóstias para serem consagradas durante a missa. “Agora que a ficha está começando a cair. É um dia de muita emoção e agora é enaltecê-la sempre”, acrescentou o miraculado. Cego durante 14 anos, José Maurício voltou a enxergar depois de um pedido a Irmã Dulce em meio a uma crise de conjuntivite. O mais impressionante é que a volta da visão ocorreu sem a recomposição do nervo óptico.

“Ele não tem mais o nervo óptico. Os dons de Deus são assim mesmo, inexplicáveis”, afirmou Marize Mendonça, esposa de José Mau-

rício, que presenciou as horas iniciais do milagre decisivo para cumprir os requisitos da canonização de Santa Dulce. “No mesmo dia nós fomos ao médico e não havia explicação”, acrescentou Marize Mendonça.

Soteropolitana do bairro da Liberdade, mas residente em Roma há 10 anos, a cuidadora de idosos Ana Carla Santana Silva fez questão de estar presente para assistir a canonização de sua conterrânea. “Fiquei completamente arrepiada quando ouvi o papa fazer o anúncio. Agora é oficial”, disse.

Em meio à cerimônia, Ana Carla conheceu dois indígenas brasileiros que estão participando do Sínodo pa-

ra a Pan-Amazônia, iniciado no último dia 6 e que segue até 27 deste mês. Eles a presentearam com um cocar. Destacando que o culto aos santos é de uma cultura diferente da sua, Jeremias Oliveira, que é do povo Muru e mora no município de Carreiro da Várzea, no Amazonas, disse que ainda assim ficou emocionado com a canonização de Irmã Dulce. “É muito bom ver uma brasileira com tanto destaque”, disse Oliveira que está participando das atividades da chamada Casa Comum do sínodo. De acordo com ele, o povo Muru é formado por cerca de 20 mil pessoas, presentes, além do Amazonas, em Rondônia.

ATRIZ QUE QUE FEZ IRMÃ DULCE NO CINEMA ESTEVE NA CERIMÔNIA

No filme de Vicente Amorim, Bianca Comparato vive os anos iniciais de Irmã Dulce

Intérprete de Santa Dulce dos Pobres no filme Irmã Dulce, a atriz Bianca Comparato, que é também diretora e produtora, achou que não daria, mas conseguiu, em meio aos compromissos profissionais, chegar a Roma para assistir a canonização. Na produção dirigida por Vicente Amorim, lançada em 2014, a atriz vive a agora santa nos anos iniciais da sua ação social.

“Foi muito forte e lindo escutar a voz de Margaret Menezes, ouvir o que o papa falou sobre a Amazônia, a maneira que ele está olhando para o que Irmã Dulce fez, o legado dela e a inspiração que é. No final ainda consegui ver o papa de pertinho (Francisco desfilou no papamóvel após a cerimônia). Ele é realmente um papa conectado ao povo, o que Irmã Dulce também foi. Ela encontrava nas pessoas, falava com as pessoas”, afirma.

Para a interpretação, Bianca conta que ficou quase dois meses em Salvador,



Bianca Comparato interpretou a religiosa no filme Irmã Dulce

frequentou lugares por onde Irmã Dulce passava e encontrou pessoas que a conheceram. “Como eu fiz Irmã Dulce ainda jovem tem apenas um vídeo deste período que a mostra andando

pelas palafitas. É um vídeo em preto e branco e feito por americanos. Mas fiquei vendo muita coisa dela mais velha para entender como ela falava quando era mais jovem. Ela tinha uma condi-

ção respiratória e por isso andava mais curvada e isso afetava a voz. No dia que acertei isso, a construção da personagem estava feita”, relatou Bianca, que está em 3%, produção da Netflix.

SERVIÇO:

Confira a programação das celebrações pela canonização de Irmã Dulce

HOJE - 14/10 Às 10 horas-Primeira missa em honra de Santa Dulce dos Pobres- Igreja de Sant' Andrea dell Valle - Corso Vittorio Emanuele II, Roma, Itália.

20/10 - SALVADOR BAHIA A partir das 12h30 (os portões serão abertos ao meio-dia)- Missa em celebração à canonização de Santa Dulce dos Pobres- A entrada é gratuita, mas os ingressos foram distribuídos apenas em paróquias.

Cleidiana Ramos/ Ag. A TARDE

PARA SEMPRE,

"Foi o nosso povo, com a sua fé, sob inspiração de Deus, que construiu toda essa obra"

SANTA DULCE DOS POBRES



DULCE

SUSANA REBOUÇAS

Amãnhã de ontem foi histórica para os brasileiros, principalmente para os baianos. No antigo Santuário da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, centenas de fiéis esperavam ansiosos pela oficialização da canonização de Irmã Dulce no Vaticano. O anúncio oficial que aconteceu, no horário local, às 5h30, fez com que os devotos ovacionassem e pulassem em gritos de "Viva Santa Dulce dos Pobres".

Logo depois do anúncio, o bispo auxiliar Dom Marco Eugênio Galvão Leite de Almeida anunciou que, através do Decreto nº 05/2011, considerando a autoridade conferida pelo Código de Direito Canônico, o Santuário passou a se chamar Santa Dulce dos Pobres.

"Não muda nada. A gente apenas vai viver aquilo que a gente já viveu a vida toda. Este santuário foi colocado em nome de Nossa Senhora da Imaculada Conceição por uma questão de a gente não poder colocar o nome de uma beata. Só uma santa, universalmente conhecida, poderia dar o nome. Como aconteceu hoje, hoje este decreto é proclamado e aquilo que já era chamado como Santuário de Irmã Dulce, agora vai ser Santuário Santa Dulce dos Pobres.

Junto com centenas de pessoas que lotaram o santuário, estava presente Cláudia Cristiane Araújo, a primeira miraculada de Irmã Dulce. "É muito emocionante estar aqui hoje. E se não fosse ela eu não estaria aqui", disse a agraciada. Cláudia ainda revelou que nunca falou com o filho mais novo, Gabriel Vinicius Santos Araújo, sobre a he-

FÉ Símbolo exclusivo dos santos, a colocação da auréola na imagem foi um momento marcante da celebração realizada em Salvador para os devotos

CENTENAS DE FIEIS FORAM AO SANTUÁRIO ACOMPANHAR A CERIMÔNIA DE CANONIZAÇÃO



O Frei João Paulo colocou a auréola na imagem

Felipe Iruatã / Ag. A TARDE

morragia que teve durante o parto que o traria à vida e no qual, também, recebeu a graça de Irmã Dulce. "Ele ficou sabendo porque explicaram a ele na época da canonização, mas até hoje eu evito falar porque eu não sei o que se passa naquela cabecinha e eu sempre tive medo de que ele se sentisse culpado", explica.

Oswaldo Gouveia, assessor

de memória e cultura das Obras Sociais Irmã Dulce, que está a frente do Memorial Irmã Dulce, explica que a auréola, (também chamada de nimbo ou alo, quando é pintado na imagem), é o simbolismo de santidade. "É como se Deus a reconhecesse santa. É o símbolo principal de um santo, porque apenas santos podem ter auréola. Além disso, ela repre-

senta a luz que aquela figura carrega", explica. A auréola foi colocada minutos antes da missa, pelo Frei João Paulo, que ficou emocionado.

Neuza Lúcia, 58 anos, auxiliar fiscal, estava emocionada durante a celebração. Segurando forte um terço na mão e com os olhos cheios de lágrimas, ela conheceu Irmã Dulce quando frequentava, ainda criança a obra da

santa. No santuário, ela disse sentir não só a presença da Santa Dulce, mas também da falecida mãe, que sempre admirou a religiosa.

Neuza Lúcia conta que a família já foi agraciada com a bênção da santa, quando o marido, Antônio Bomfim, fez uma cirurgia na próstata e deixou uma imagem de Irmã Dulce na cabeceira da cama no hospital. "Não pre-

cisou fazer quimioterapia, nem nada, ele recebeu a biópsia e o resultado dizia que ele estava curado", afirma a admiradora.

A missa que acontece às 8h30 dos domingos foi iniciada com a música oficial da santa, "Doce Luz", seguida de uma apresentação em que a religiosa juntava voluntários e médicos para amparar os pobres. Foi a primeira missa celebrada no santuário após a mudança do nome.

As devotas Dilzete Santos, 71, e Áurea Lima, 68, estavam sentadas no primeiro banco do santuário em frente ao telão colocado para a exibição da celebração no Vaticano. Sem piscar os olhos cheios de água, elas assistiram ansiosas. Áurea Lima passou a noite no santuário, junto com outras pessoas, participando da vigília que iniciou às 22h de ontem, 12 de outubro. Dilzete Santos, voluntária no santuário, chegou pela manhã. "É uma emoção muito grande. A nossa expectativa era enorme. E a gente que já considerava ela santa, pelo legado dela, foi uma confirmação.

Diego Antunes, 25, noviço jesuíta da Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loyola, que está fazendo uma experiência no Hospital Santo Antônio, desde o dia 17 de setembro, se tornou uma espécie de mensageiro para colaboradores e pacientes no local. Ele levava os novos santinhos com a nova oração, que agora não é mais apenas a Bem Aventurada Dulce dos Pobres. "Irmã Dulce é inspiração enquanto religioso, enquanto consagrado, ela é o nosso modelo do seguimento de Jesus Cristo", declarou o noviço.

PARÓQUIA DEDICADA A SÃO JOÃO PAULO II REUNIU DEVOTOS PARA CELEBRAR A NOVA SANTA

A canonização foi comemorada na Igreja de Alagados

NILSON MARINHO

Às 5h33 de ontem, horário de Brasília, a boa-nova vinda do velho continente chegava em terras brasileiras. No bairro do Uruguai, em Salvador, em especial na Paróquia Nossa Senhora dos Alagados e São João Paulo II, fiéis viam o anúncio da canonização da agora Santa Dulce dos Pobres sendo transmitido através de uma pequena tela posta ao pé do altar do templo.

Um encontro modesto, assim como a vida da santa que, aliás, muito fez pelo bairro, dando comida aos que choravam de fome e tratando aqueles que padeciam de enfermidades. Pouco antes das 5h, os moradores chegavam à paróquia vestindo camisetas estampadas com o rosto da, àquela



Rafael Martins / Ag. A TARDE

altura, Irmã Dulce.

O momento de maior emoção foi quando o Papa Francisco disse o nome da brasileira entre outros quatro santos que oficialmente foram reconhecidos pela Igreja Católica. Às 8h, foi realizada uma missa campal ao lado da paróquia. Em Salvador, cinco celebrações foram feitas para acompanhar a santificação.

"Ela soube acolher a caridade de Deus no coração, transmitindo essa caridade no dia a dia em atos concretos, principalmente para as pessoas mais fracas e abandonadas. Nós somos herdeiros disso. O que ela nos transmite lá do céu é o seu amor", comentou o padre Thomas Guist'hau.

Dinaci da Conceição, 45 anos, não conseguiu segurar a emoção. Não havia como,

de acordo com ela, esconder o sentimento que lhe tomava durante o início da manhã. O amor pela santa começou a ser cultivado ainda pequena, aos 9 anos, quando, durante sua primeira Eucaristia, vestiu-se como a Irmã numa forma de homenagem-lá.

Por volta da década de 40, Dulce dos Pobres passou a oferecer sua caridade à comunidade dos Alagados, onde, à época, um amontoado de palafitas servia de morada para operários e retirantes.

Procissão

As homenagens à santa prosseguiram durante a noite, com a realização de uma Procissão Luminosa, reunindo cerca de 500 fiéis, em Brotas. Sustentando velas personalizadas com ora-

ções e imagens de Santa Dulce e Nossa Senhora de Fátima, os religiosos iniciaram a caminhada de fé, por volta das 18h20, com uma queima de fogos de artifício.

Após a procissão, os católicos foram agraciados com uma missa solene, presidida pelo pároco, padre Walter Ruy, na Igreja Nossa S. de Fátima. "Ela chega com uma doce luz para clarear e dizer que com a santidade dela, podemos melhorar a nossa vida em Deus", frisou o pároco, sobre a santa brasileira.

O católico Joilson Cerqueira, 52 anos, ressalta que o dia da última aparição de Nossa Senhora de Fátima combinou com a beatificação da Santa Dulce, algo simbólico para o mundo e a Bahia.

COLABOROU TAINÁ CRISTINA

EMPRESÁRIOS E AUTORIDADES MARCAM PRESENÇA NA CERIMÔNIA

CLEIDIANA RAMOS

Enviada especial do Grupo A TARDE a Roma

Para uma platéia composta também por chefes de estado, como o vice-presidente do Brasil Hamilton Mourão, além do príncipe Charles da Inglaterra, o papa Francisco conclamou os católicos a rezar pela Síria e pelo Equador.

Francisco disse que ele e os participantes do Sínodo da Pan Amazônia acompanham com preocupação os conflitos no país sul americano, que está sob o toque de recolher e militarização devido aos protestos contra um pacote fiscal do governo de Lenin Moreno. O papa confiou o Equador aos novos santos canonizados ontem.

O governador da Bahia, Rui Costa, e o prefeito de Salvador, ACM Neto, também estiveram presentes na cerimônia. A comitiva oficial do Brasil teve ainda a participação do presidente do Senado Davi Alcolumbre (DEM-AP); do presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ); do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Dias Toffoli, e do procurador geral da República, Augusto Aras. Deputados federais, como o baiano Daniel Almeida (PCDoB-BA), também foram ao evento.

Apoio empresarial

Representantes dos grupos empresariais que sempre apoiaram as Obras Sociais Irmã Dulce (Osid) estiveram presentes à cerimônia de canonização. Exemplo disto foi a participação de Angelo Calmon de Sá, um dos gestores do Grupo Econômico, no ofertório da celebração de ontem. Ele é o presidente do conselho da Osid. "Foram 12 anos de convivência diária. Ela era grande administradora", disse ontem.

Outro grupo empresarial próximo a Irmã Dulce foi o Odebrecht. O empresário Norberto Odebrecht (1920-2014) tinha uma grande admiração pela religiosa, a ponto de considerá-la sua "mãe profissional". De acordo com a memória deixada por Norberto Odebrecht foi no Círculo Operário da Bahia (COB), onde Irmã Dulce também atuou, que ele começou a exercer engenharia para melhor atendê-la.

Devido a esta ligação, a Odebrecht enviou representação para a cerimônia. "Nossa relação com Irmã Dulce é longa e representa parte fundamental de nossa história, o poder da ação e da temperança, uma grande esperança", destacou Marcelo Gentil, responsável por Comunicação e Relações Institucionais Nordeste da Odebrecht.

PARA SEMPRE,

“Tudo se torna mais fácil quando se tem fé. Não uma fé oscilante, mas uma fé firme naquele que tudo pode e tudo nos concede”

SANTA DULCE DOS POBRES



DULCE

ROMA Arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Murilo Krieger tem uma trajetória marcada pela proximidade com novos santos

D. MURILO CELEBRA 1ª MISSA DE SANTA DULCE

CLEIDIANA RAMOS

Enviada especial do Grupo A TARDE a Roma

O arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, dom Murilo Krieger, tem uma trajetória marcada pela proximidade com novos santos. Quando Madre Paulina, italiana que desempenhou uma obra social no Brasil, foi canonizada, em 2002, ele era o titular da Arquidiocese de Florianópolis, capital do estado onde a santa mais atuou. Ele assumiu a Arquidiocese de Salvador no ano da bea-

tificação de Santa Dulce dos Pobres, em honra de quem, ontem, presidiu a primeira missa após a canonização.

A celebração ocorreu em Roma, na Igreja de Sant'Andrea dell Valle. Além disso, em novembro deste ano dom Murilo deve estar à frente da instalação da fase diocesana do processo que pode levar à canonização de outra baiana: Madre Vitória da Encarnação (1661-1715).

“Eu penso que Deus coloca pessoas santas no meu caminho para tentar me fazer santo, porque essa é a fina-



Walmir Cirne / Ag. A TARDE / 14.10.2019

Missa em honra a Santa Dulce dos Pobres foi celebrada na Igreja de Sant'Andrea dell Valle, em Roma

“Ali, eu era os bispos e o povo brasileiros, especialmente os baianos”

DOM MURILO KRIEGER, arcebispo

lidade da vida cristã: seguir o caminho de Jesus e buscar a santidade”, disse D. Murilo.

Para ele, presidir a primeira missa em honra de Santa Dulce foi uma forma de estar representando os bispos brasileiros e, especialmente, o povo baiano na ocasião histórica.

“Fiz com o coração, lembrando que ali eu era os bis-

pos do Brasil e o povo brasileiro, especialmente os baianos. A missa foi acompanhada pelo vice-presidente da República, Hamilton Mourão, e pelo prefeito de Salvador, ACM Neto. Em outro compromisso oficial, o governador Rui Costa não conseguiu chegar a tempo para participar da cerimônia.

“MOMENTOS INESQUECÍVEIS”, ASSIM DEVOTOS DESCREVEM OS DIAS EM ROMA

Para o público da missa realizada ontem, o momento era de menos formalidade e restrições em relação ao que aconteceu no último domingo. A entrada foi livre, sem a revista e horários rígidos para entrar e sair da cerimônia na Praça de São Pedro. Além disso, houve também o conforto do retorno do português como língua usada na celebração. No final da missa, a concentração dos grupos nas escadarias da Igreja de Sant'Andrea dell Valle parecia a saída das celebrações no Santuário de Santa Dulce, no bairro de Roma, em Salvador, na Bahia.

Mas devotos de outros estados também marcaram presença. Rosimeire de Oliveira, 60, viajou de Cubatão, no estado de São Paulo, para acompanhar a canonização. “Quando ela foi beatificada, uma excursão da minha paróquia seguiu para Salvador. Não pude ir. Quando saiu o anúncio da canonização eu me organizei porque não podia faltar a esse momento mais que especial”, disse.

BOAS NOTÍCIAS E COMPROMETIMENTO COM A VERDADE.

ISSO A ADEMI-BA TAMBÉM TRAZ PRA VOCÊ.

Assim como esse jornal, a gente trabalha para trazer sempre as melhores informações sobre o mercado imobiliário baiano, as construções, o crescimento e, sobretudo, a inovação, sendo reconhecida pela nossa credibilidade e confiança.

Parabéns ao **JORNAL A TARDE** pelos seus 107 anos na busca incansável por esses mesmos ideais.

ADEMI BAHIA
ASSOCIAÇÃO DE DIRIGENTES DE EMPRESAS DO MERCADO IMOBILIÁRIO DA BAHIA



Nestas páginas, o empreendedorismo tem espaço há 107 anos.

O Sebrae parabeniza o **A TARDE** por mais de um século de compromisso com a sociedade e com o desenvolvimento do empreendedorismo no Estado.

((S)) ASN
Agência Sebrae de Notícias BA

SEBRAE

www.ba.agenciasebrae.com.br

PARA SEMPRE,

“É preciso que todos tenham fé e esperança em um futuro melhor. O essencial é confiar em Deus. O amor constrói e solidifica”



DULCE

CLEIDIANA RAMOS

A primeira missa em honra de Santa Dulce dos Pobres em sua terra natal, Salvador, correspondeu às expectativas em emoção e ambiente de grandes festas no âmbito da religiosidade que a Bahia sabe fazer. Um público formado por 52,6 mil pessoas cantou, dançou, acenou com lenços brancos e deu um show com luzes dos celulares em ação semelhante às torcidas de clubes, em vários momentos da missa, afinal a celebração aconteceu no grande palco do futebol baiano: a Arena Fonte Nova.

Presidida por dom Murilo Krieger, arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, condecorada por dezenas de bispos, como os auxiliares da arquidiocese, dom Hélio Pereira dos Santos, dom Estevam dos Santos Silva Filho e dom Marco Eugênio Gal-

SANTA DULCE DOS POBRES Um público formado por 52,6 mil pessoas cantou, dançou, acenou com lenços brancos em cerimônia ocorrida na Fonte Nova

BAHIA FESTEJA 1ª MISSA DE SUA FILHA SANTA

rão Leite de Almeida, além de padres e diáconos, a cerimônia marcou o encontro dos católicos baianos com o novo status da religiosa baiana, após a sua canonização pelo papa Francisco.

Em uma homilia com um tom fortemente emocional, dom Murilo, interrompido várias vezes por aplausos, disse que o dia era de festa. “Hoje só poderíamos estar muito alegres. Quem é a causa de nossa alegria e emoção? É a senhora Santa Dulce dos

Pobres que agora é irmã não apenas dos soteropolitanos e baianos, mas a partir do histórico 13 de outubro de 2019 é uma irmã universal”.

O arcebispo também destacou que, o palco da missa em que Santa Dulce era festejada, tinha a ver com sua biografia, afinal ela foi uma apaixonada por futebol. “A senhora gostava de futebol, do Ypiranga e do jogador Popó”.

Segundo dom Murilo, o domingo foi dia também de aprender com as lições de

solidariedade de Irmã Dulce e a sua capacidade de ver Jesus em cada pobre e doente que acolhia, além da sua confiança no poder de resolver desafios com a força da fé a partir da crença na divina providência.

Antes da missa, o público saudou a entrada das relíquias de Santa Dulce, uma das provas materiais da sua existência, seguida pelas imagens em andores de Santo Antônio, de quem Irmã Dulce era devota; de Nossa

Senhora da Conceição, padroeira da Bahia e do Senhor do Bonfim, uma das mais fortes devoções da Bahia e que é cultuado na Basílica do Bonfim, a apenas alguns metros da sede das Obras Sociais Irmã Dulce (Osid).

Foi o reitor da Basílica do Bonfim, padre Edson Menezes da Silva, que realizou os comentários da cerimônia.

A cerimônia contou com a participação da superintendente da Osid, Maria Rita Pontes, Claudia dos Santos,

miraculada na fase da beatificação, e José Maurício Moreira, miraculado para a canonização, além de diversas autoridades, como o cardeal dom Orani Tempesta, arcebispo do Rio de Janeiro; do governador da Bahia, Rui Costa (PT-BA); do prefeito de Salvador, ACM Neto (DEM-BA). O anúncio apostólico no Brasil, que é o representante do Vaticano no país, dom Giovanni d’Aniello enviou carta justificando que devido a um problema de última hora não pôde comparecer, mas destacou sua alegria pela canonização da religiosa brasileira.

No final da missa, as luzes do estádio foram apagadas para que a imagem de Santa Dulce dos Pobres, em um andor conduzido pelos cadetes da Polícia Militar da Bahia, desfilasse no entorno do altar. A procissão foi iluminada apenas pelas luzes dos celulares do público.

Raul Spinassé / Ag. A TARDE



Público deu show com luzes dos celulares em vários momentos da missa

Joá Souza / Ag. A TARDE

FLUXO NO ENTORNO DO LOCAL DA FESTA JÁ ERA INTENSO DESDE O INÍCIO DA MANHÃ

PRISCILA DÓREA*

Os portões da Arena Fonte Nova só iriam abrir às 12h, mas as filas para a primeira celebração da Canonização de Irmã Dulce no Brasil começaram a se formar bem cedo na manhã de ontem. “A semente foi plantada há anos. A história dela veio acompanhada da prática. Então, para nós, católicos, foi mais um passo e viemos celebrar”, contou Judinara Brás da Silva.

Judinara faz parte da Paróquia Nossa Senhora das Graças, da Arquidiocese de Feira de Santana e veio com mais outros 140 fiéis em três ônibus. Com camisas estampadas com a foto da Santa Dulce dos Pobres e cartazes, a animação do grupo não diminuiu nem mesmo sob um calor que ultrapassou os 30°.

Com 55 mil ingressos distribuídos, o orgulho pela 1ª santa baiana estava estampado nos rostos de todos que chegavam. “Esse orgulho é

imenso também porque muita gente conheceu ela pessoalmente”, explicou Eliana Santos Lopes, da Capelania de São Paulo Apóstolo, da diocese de Ilhéus.

O momento, para ela, também foi para buscar fortaleza, saúde, luz e rezar pelo país, pela família e pelos jovens. “E achamos tudo isso com a Santa Dulce dos Pobres, que representa amor e carinho”, completou. Mas até mesmo aqueles que não conseguiram ingressos foram prestar suas homena-

“A história dela veio com a prática. Para nós, foi mais um passo”

JUDINARA BRÁS, devota



Religiosas na região da Arena antes da celebração

gens, e uma delas foi a Comunidade Emanuel.

Vieram membros da França, Costa Rica, Nicarágua, Chile, Colômbia e Brasil, que estão há cerca de nove meses na Bahia. “É uma alegria muito grande estar aqui, tanto por poder celebrar numa grande festa, quanto por ter a oportunidade de fazer isso com amigos missionários de tantos países diferentes”, disse José Ismael Co-reu, que veio da Nicarágua.

Vestida com bandeiras do Brasil, rosto pintado e cartazes, Tia Dourçada aproveitou o evento para falar sobre a necessidade de campanhas de prevenção ao suicídio. “Conheci Irmã Dulce e, na época, ela perguntou meu nome e disse que eu iria longe. Anos depois, na madrugada do dia em que eu ia me suicidar, ela apareceu e disse que ainda era necessária aqui”.

*SOB A SUPERVISÃO DA EDITORA MEIRE OLIVEIRA

PARA SEMPRE,

“Sempre que puder, fale de amor e com amor para alguém. Faz bem aos ouvidos de quem ouve e à alma de quem fala”



DULCE

ARTE E FÉ Bandas católicas e cantores baianos fizeram parte do início da programação da primeira missa na capital baiana

ARTISTAS CANTAM E ENCENAM VIDA DE SANTA DULCE

SUSANA REBOUÇAS

Primeira celebração pela Santa Dulce dos Pobres no Brasil foi aberto com a apresentação das bandas católicas Missão Paráclito, Missão Divina Face, Ministério Agnes, Banda Recomeçar e da cantora Patrícia Ribeiro, além da participação de integrantes da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus da qual Irmã Dulce fez parte.

Maria Rita Lopes Pontes, a superintendente das Obras Sociais Irmã Dulce (Osid) e sobrinha da santa, falou sobre responsabilidade. “É grande, mas eu divido com a família Osid, com todos os profissionais da casa, que respondem tão bem a esse chamado e a prova está aqui,

neste evento, que nós fizemos sem nenhuma grande produção, com nossos próprios braços”, explicou.

O espetáculo

A peça O Império de Amor teve a atuação de 600 crianças do Centro Educacional Santo Antônio (Cesa) e contou com a participação de Margareth Menezes, que en-

A peça O Império de Amor teve a atuação de 600 crianças do Cesa

trou caracterizada de religiosa, além de Saulo Fernandes e padre Antônio Maria, que entrou emocionado cantando a música *Nossa Senhora*. Também participaram da apresentação, Tuca Fernandes e o sanfoneiro, que também esteve na celebração no Vaticano, Waldonys, vestido de anjo.

Os miraculados Cláudia Cristiane Araújo e José Maurício também participaram da apresentação. O filho de Cláudia, Gabriel Araújo, entrou emocionado ao lado da mãe, que recebeu o primeiro milagre de Santa Dulce dos Pobres reconhecido pela Igreja Católica, após uma hemorragia pós-parto.

Margareth Menezes relembrou a ida à Roma no dia de seu aniversário para a canonização da Santa Dulce.



Waldonys, Margareth, Saulo e Tuca cantam na abertura de evento na Fonte Nova

Sobre a caracterização, ontem, ela conta que foi um pedido do espetáculo. “É diferente, mas foi divertido”, disse. Para ela, as apresentações no Vaticano e em Salvador foram emocionantes. “Se trata de uma celebração do mais alto nível espiritual da Igreja Católica. E nós somos testemunhas do traba-

lho de Irmã Dulce”.

O tenor lírico brasileiro Thiago Arancam chegou cedo à Arena Fonte Nova, reverenciou as imagens no local. “É uma emoção enorme está aqui celebrando Irmã Dulce na casa dela. Eu vou guardar este momento para o resto da minha vida”. Ele cantou o Hino ao Senhor do

Bonfim durante procissão com a imagem do santo, que foi levada pelos cadetes da Polícia Militar da Bahia.

A estudante de relações públicas Vanessa Rosendo foi voluntária no evento. “A todo momento eu me arrepio, me emociono e agradeço por estar aqui contribuindo para este evento lindo”.

HOJE, FUNCIONAREMOS NORMALMENTE.

Tá fácil ter um Ford. VEM PRA INDIANA!

Ranger XLS Diesel 4x2 Automática 2020 (CAT. JIDO)

DE ~~R\$ 129.351,00~~

POR **R\$ 123.990,00**

À VISTA

5 ANOS GARANTIA

Ranger XLT 3.2 Diesel 4x4 Automática 2020 (CAT. JMC0)

DE ~~R\$ 179.540,00~~

POR **R\$ 154.405,00**

À VISTA



IGUATEMI | 71 3340 3400
em frente ao DETRAN | 99263 9500

PARALELA | 71 2102 2000
em frente da UNIJORGE | 98825 2000

LAURO DE FREITAS | 71 3283 3900
em frente à Comercial Ramos | 98667 4433

ITABUNA | 73 3214 8700
Av. José Soares Pinheiro - Centro



facebook.com/indianaveiculos | indiana_ford
No trânsito, a vida vem primeiro.

Aproveite e faça um TecnoDrive!



INDIANA
A Ford melhor para você.

Ranger XLS 2.2L Diesel Automática (cat. JIDO) a partir de R\$ 123.990,00 à vista. Ranger XLT 3.2L Diesel 4x4 Automática (cat. JMC0) a partir de R\$ 154.405,00 à vista. Cadastro sujeito à aprovação por parte da instituição financeira. TAC, IOF não inclusos. Estoque de 01 unidade de cada oferta. Condições para veículos em pintura sólida, exceto para veículos na cor branca, que terão seu valor acrescido em R\$ 750,00. Promoção válida até 21/10/2019 ou enquanto durar o estoque, o que ocorrer primeiro. Reservamo-nos o direito de corrigir qualquer falha gráfica e/ou eventuais erros de digitação ou revisão. Imagens meramente ilustrativas.

